



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE
CASCABEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

AMANDA MARIA ELSNER MATHEUS

**FIGURAÇÕES DE UMA HEROÍNA INVISÍVEL:
RESSIGNIFICAÇÕES DE BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA PELA LITERATURA**

**CASCABEL – PR
2021**

AMANDA MARIA ELSNER MATHEUS

**FIGURAÇÕES DE UMA HEROÍNA INVISÍVEL:
RESSIGNIFICAÇÕES DE BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA PELA LITERATURA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Coorientador: Prof. Dr. Marcio da Silva Oliveira

CASCADEL – PR
2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Matheus, Amanda Maria Elsner

Figurações de uma heroína invisível : ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura / Amanda Maria Elsner Matheus; orientador(a), Gilmei Francisco Fleck; coorientador(a), Marcio da Silva Oliveira, 2021.

220 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Beatriz Enríquez de Harana. 2. Literatura Comparada. 3. Romance histórico tradicional. 4. Romance histórico contemporâneo de mediação. I. Fleck, Gilmei Francisco . II. Oliveira, Marcio da Silva . III. Título.

AMANDA MARIA ELSNER MATHEUS

**FIGURAÇÕES DE UMA HEROÍNA INVISÍVEL: RESSIGNIFICAÇÕES DE BEATRIZ
ENRÍQUEZ DE HARANA PELA LITERATURA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Phelipe de Lima Cerdeira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Estadual do Oeste do
Paraná (UERJ/UNIOESTE)
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Luiza Helena de Oliveira Silva
Universidade Federal do Tocantins (UFTO)
Membro Efetivo (convidado)

Prof. Dr. Marcio da Silva Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Coorientador

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 29 de abril de 2021.

À minha filha, Lavínia, razão da minha vida. Ao meu esposo, Ricardo, por todo o amor, compreensão, paciência e apoio para que meu sonho se realizasse.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, por acreditar em minha capacidade, pela orientação dedicada e competente.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pelas contribuições essenciais para esta pesquisa e para meu aprimoramento intelectual.

Aos professores Dr. Phelipe de Lima Cerdeira e Dra. Luiza Helena de Oliveira Silva, pela leitura atenta deste trabalho, bem como pelas valiosas orientações.

Ao professor Dr. Marcio Oliveira da Silva, pela sua disponibilidade e pelo seu apoio como coorientador da pesquisa.

Aos companheiros do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, pelo conhecimento compartilhado, e, principalmente, às colegas Beatrice Uber e Leila Shaí Del Pozo González, pelas traduções do resumo desta dissertação.

À minha mãe, meu pai e meus irmãos, pelo apoio e carinho em todos os momentos da vida.

À Paula Maria Lucietto Dylbas dos Santos, pela amizade e pelos conselhos.

À Fabiana Buff Antunes, pelos cuidados que dedicou à minha filha enquanto estive ausente nas incontáveis horas de estudo e trabalho.

À Rosangela Alves da Silva e à Jucélia Hurtiah de Oliveira Pires, por serem as melhores colegas e amigas nos anos de mestrado.

Ao Ricardo Delgado Matheus, meu marido, por me encorajar a seguir meu sonho, pela compreensão em tempos difíceis e, principalmente, pelo seu amor.

À Lavínia Elsner Matheus, minha filha, por sua sensibilidade em entender esse processo, pelo seu carinho e amor.

E, acima de tudo, agradeço a Deus, pois todas as coisas acontecem de acordo com o plano e a permissão d’Ele.

Her eyes shone with tears of sympathy for the man who had been despised and misunderstood, derided and neglected. She would console him for the past, and inspire him with strength for the future. (1892, p. 38-39)

Constance Goddard DuBois

Primero su aventura, después sus hijos y sus hermanos y seguidamente los reyes y quienes ayuda pudieran prestarle. Y más atrás, yo misma. (2000, p. 101).

Pedro Piqueras

MATHEUS, Amanda Maria Elsner. *Figurações de uma heroína invisível: ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura*. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMO

Com base nos pressupostos da Literatura Comparada e da imbricada relação entre literatura e história, no que tange à temática do “descobrimento” da América, este estudo oferece uma leitura sobre as ressignificações ficcionais da personagem histórica Beatriz Enríquez de Harana, companheira de Colombo e mãe do seu segundo filho, Fernando Colombo. Ao investigarmos a narrativa histórica tradicional acerca do espaço a ela concedido, deparamo-nos com um profundo e inquietante silenciamento. Portanto, o objetivo central deste estudo é verificar como a literatura, em seu exercício de ressignificação do passado, reconstrói e amplifica as vozes “ex-cêntricas” (HUTCHEON, 1991), incluindo-se a subalterna, anulada e esquecida de Beatriz Enríquez de Harana. A partir do discurso ficcional, ela ganha protagonismo nas obras *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras. Esta é uma pesquisa de revisão bibliográfica, de análise documental, interpretativa e de ordem qualitativa. Assim, buscamos, em primeira instância, evidenciar as confluências entre o discurso histórico e o ficcional, discorrer sobre a literatura como via de visibilidade às personagens marginalizadas pela oficialidade, tendo como aporte teórico pressupostos de Milton (1992), Mata Induráin (1995), Pesavento (2000), García Gual (2002), Fernández Prieto (2003) e Fleck (2017). Em seguida, estabelecemos um diálogo entre os historiadores que, de alguma forma, mencionam Beatriz, dentre eles, Wassermann (1930), De la Torre y Del Cerro (1933), Madariaga (1947), Manzano Manzano (1964) e Heers (1992). Passamos a uma breve leitura das obras *El arpa y la sombra* ([1979]1994), de Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Marlowe; *Vigília del Almirante* (1992), de Roa Bastos; e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Cifuentes, para identificar a presença de Beatriz em diferentes modalidades de romances históricos, como personagem secundária. Refletimos sobre a realidade vivenciada pela mulher na sociedade espanhola renascentista, com base em Fernández Álvarez (2002), e, enfim, debruçamo-nos naquilo que norteia a pesquisa: a recriação ficcional de Beatriz Enríquez de Harana nas obras de DuBois (1892) e Piqueras (2000). Nas análises, discutimos as ressignificações da personagem pela literatura, bem como sua participação nos eventos do “descobrimento”. Revelar essa dimensão escamoteada pela historiografia, do interior do universo ficcional, faz-se necessário a fim de extrair das margens a voz feminina que, durante séculos, foi negligenciada nas versões da história escrita pelo patriarcado. Tais propósitos estão em pauta, também, nas ações do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”.

Palavras-chave: Beatriz Enríquez de Harana. Literatura Comparada. Romance histórico tradicional. Romance histórico contemporâneo de mediação. *Columbus and Beatriz*. *Colón a los ojos de Beatriz*.

MATHEUS, Amanda Maria Elsner. *Figures of an invisible heroine: remeanings of Beatriz Enríquez de Harana in literature*. 2021. 220 p. Dissertation (Master in Literature) - Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel.
Adviser: Gilmei Francisco Fleck, PhD

ABSTRACT:

Based upon the Comparative Literature assumptions and the interwoven relationship between literature and history, on the subject of the “discovery” of America, this study offers a reading about the fictional redefinitions of the historical character called Beatriz Enríquez de Harana, Columbus’ significant other and mother of his second child, Fernando Colombo. When we investigate the traditional historical narrative about the space given her, we run into a deep and disturbing silence. Therefore, the main objective of this master’s thesis is to verify how literature, in its own exercise of reshaping the past, rebuilds and reconsiders “ex-centric” voices (HUTCHEON, 1991), including the subaltern, null and left aside Beatriz Enríquez de Harana. In the fictitious discourse, she becomes the protagonist in the literary pieces *Columbus and Beatriz* (1892), by Constance Goddard DuBois, and *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), by Pedro Piqueras. This is a bibliographical review, a documental analysis, and an interpretative and qualitative research. Consequently, we aim, in a first moment, to highlight the confluences of the historical and the fictional discourse, talk about literature as a means of visibility to the characters marginalized by the official discourse, and to do that, we rely on the theoretical support of Milton (1992), Mata Induráin (1995), Pesavento (2000), García Gual (2002), Fernández Prieto (2003) and Fleck (2017). In the sequence, we establish a dialogue among the historians that, in some way, mention Beatriz, such as Wassermann (1930), De la Torre y Del Cerro (1933), Madariaga (1947), Manzano Manzano (1964) and Heers (1992). We move on to a brief reading of the literary pieces *El arpa y la sombra* ([1979]1994), by Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), by Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), by Roa Bastos; and *La ruta de las tormentas: diario de bordo de Hernando Colón* (2005), by Cifuentes, to identify Beatriz’s presence in different historical novel modalities like a secondary character. We reflected about the reality experienced by the woman in the renaissance Spanish society, based on Fernández Álvarez (2002), and, finally, returned to the fictional recreation of Beatriz Enríquez de Harana in the books by DuBois (1892) and Piqueras (2000). In the analysis, we discussed the redefinitions of the character in literature, just like her participation in the “discovery” events. Revealing this dimension hidden by historiography, from the interior of the fictional universe, is necessary in order to extract from the margins the female voice that, for centuries, was neglected in the history versions written by the patriarchate. Such purposes are also on the agenda of the Research Group “Remeanings of the past in America: the processes of reading, writing and translation of hybrid genders of History and Literature”.

Keywords: Beatriz Enríquez de Harana. Comparative Literature. Traditional historical novel. Mediation contemporary historical novel. Columbus and Beatriz. Colón a los ojos de Beatriz.

MATHEUS, Amanda Maria Elsner. *Figuraciones de una heroína invisible: resignificaciones de Beatriz Enríquez de Harana por medio de la literatura*. 2021. 220 f. Disertación (Maestría en Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMEN

Con base en los supuestos de la Literatura Comparada y en la imbricada relación entre literatura e historia, en lo que respecta a la temática del “descubrimiento” de América, este estudio ofrece una lectura sobre las resignificaciones ficcionales del personaje histórico Beatriz Enríquez de Harana, compañera de Colón y madre de su segundo hijo, Hernando Colón. Al investigar la narrativa histórica tradicional acerca del espacio que se le concede a ella, nos deparamos con un profundo e inquietante silencio. Por lo tanto, el objetivo central de este estudio es verificar cómo la literatura, al ejercitar la resignificación del pasado, reconstruye y amplifica las voces “excéntricas” (HUTCHEON, 1991), inclusive la subalterna, anulada y olvidada de Beatriz Enríquez de Harana. A partir del discurso ficcional, ella consigue protagonismo en las obras *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, y *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras. Esta es una investigación de revisión bibliográfica, de análisis documental, interpretativa y de orden cualitativa. Así, buscamos, en primera instancia, hacer evidentes las confluencias entre el discurso histórico y el ficcional, tratar sobre la literatura como vía para visibilizar los personajes marginalizados por la oficialidad, teniendo como aporte teórico los presupuestos de Milton (1992), Mata Indurain (1995), Pesavento (2000), García Gual (2002), Fernández Prieto (2003) y Fleck (2017). Seguidamente, establecemos un diálogo entre los historiadores que, de alguna forma, mencionan a Beatriz, entre ellos, Wassermann (1930), De la Torre y Del Cerro (1933) Madariaga (1947), Manzano Manzano (1964) y Heers (1992). Pasamos por una breve lectura de las obras *El arpa y la sombra* ([1979]1994), de Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), de Roa Bastos; y *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Cifuentes, para identificar la presencia de Beatriz en diferentes modalidades de novelas históricas, como personaje secundario. Reflexionamos sobre la realidad vivenciada por la mujer en la sociedad española renacentista, con base a Fernández Álvarez (2002), y, finalmente, nos volcamos a la recreación ficcional de Beatriz Enríquez de Harana en las obras de DuBois (1892) y Piqueras (2000). En los análisis, discutimos las resignificaciones del personaje por medio de la literatura, así como su participación en los eventos del “descubrimiento”. Revelar esa dimensión ignorada por la historia desde la literatura es necesario para extraer de los márgenes la voz femenina que, durante siglos, fue negligenciada en las versiones de la historia escrita por el patriarcado. Dichos propósitos están en pauta, también, en el Grupo de Investigación “Resignificaciones del pasado en América: lectura, escritura y traducción de géneros híbridos de historia y ficción - vías para la descolonización”.

Palabras clave: Beatriz Enríquez de Harana. Literatura Comparada. Novela histórica tradicional. Novela histórica contemporánea de mediación. *Columbus and Beatriz*. *Colón a los ojos de Beatriz*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: RETRATOS HISTÓRICOS E FICCIONAIS	26
1.1 ESCRITAS À MARGEM: UMA SOMBRA DE COLOMBO	49
1.2 RETRATOS LITERÁRIOS: FIGURAÇÕES DE UMA HEROÍNA INVISÍVEL....	64
1.2.1 <i>Imagens de Beatriz Enríquez de Harana sob o desconstrucionismo do novo romance histórico latino-americano: El arpa y la sombra (1979), de Alejo Carpentier.....</i>	<i>65</i>
1.2.2 <i>Beatriz Enríquez de Harana sob a ótica da metaficção historiográfica plena: The memoirs of Cristopher Columbus (1987), de Stephen Marlowe.....</i>	<i>76</i>
1.2.3 <i>Lembranças de Beatriz Enríquez de Harana evocadas pela metaficção historiográfica em Vigilia del Almirante (1992), de Augusto Roa Bastos</i>	<i>88</i>
1.2.4 <i>Retratos mediadores de Beatriz Enríquez de Harana em La ruta de las tormentas: Diario de a bordo de Hernando Colón (2005), de Paula Cifuentes... </i>	<i>95</i>
2 BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: A MULHER NO RENASCIMENTO ESPANHOL – RELEITURAS FICCIONAIS DA TRADIÇÃO À MEDIAÇÃO	106
2.1 <i>COLUMBUS AND BEATRIZ (1892), DE CONSTANCE GODDARD DUBOIS: VISÕES DE UMA ESCRITORA SOBRE UMA MULHER INVISÍVEL.....</i>	<i>116</i>
2.2 <i>COLÓN A LOS OJOS DE BEATRIZ (2000), DE PEDRO PIQUERAS: O PASSADO DE COLOMBO NUMA PERSPECTIVA ESPANHOLA CRÍTICA/MEDIADORA</i>	<i>152</i>
2.3 <i>ENTRECRUZAMENTOS DISCURSIVOS: OS CAMINHOS DA TRADIÇÃO À MEDIAÇÃO – IMAGENS RESSIGNIFICADAS DE BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA</i>	<i>185</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS.....	215

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as mulheres estiveram relegadas às sombras e ao silenciamento histórico. Em *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), a historiadora francesa Michelle Perrot mergulha na história das mulheres, escrevendo sobre a trajetória de suas lutas, conquistas, sofrimentos e, principalmente, seus silêncios ao longo dos séculos. O papel do agente feminino, segundo a autora, era o de escutar, esperar, conformar-se e, sobretudo, submeter-se e calar-se: “Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária.” (PERROT, 2005, p. 10). Nesse sentido, as mulheres tiveram seu passado negligenciado ao serem excluídas dos registros históricos que, em sua maioria, estão ocupados por homens brancos e cristãos. O acesso aos livros e à escrita foi-lhes, por muito tempo, recusado ou cedido parcimoniosamente, pois poderia perturbar a disciplina do mundo.

Para a sociedade patriarcal¹, desse modo, era interessante que as mulheres permanecessem em suas casas, cuidando dos filhos e dos serviços domésticos, com a finalidade de não desequilibrar a ordem social de domínio masculino. Uma das principais formas de manutenção desse sistema foi negar a escolarização às mulheres, o que implica a ausência da escrita e da leitura em sua vida. Consequentemente, “[...] a impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele.” (PERROT, 2005, p. 10).

As mulheres sofreram um profundo aniquilamento histórico, suas memórias, assim como das grandes massas da humanidade, foram tragadas pelo esquecimento. Conforme assegura Perrot (2005, p. 33),

[...] no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra. A narrativa histórica tradicional lhes dá pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra – onde elas aparecem pouco.

¹ Segundo Joan Scott (1995, p. 77), “[...] as teóricas do patriarcado têm dirigido sua atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na ‘necessidade’ masculina de dominar as mulheres”. Ou seja, nesse sistema de organização social, há a supremacia masculina e a desvalorização da mulher.

Dessa forma, por atuarem em espaços confinados, como o convento e a casa, submetidas aos serviços domésticos e ao zelo familiar, as mulheres são menos vistas no espaço público, são quase invisíveis e, porque são pouco vistas, pouco se fala delas.

Nos relatos históricos constituídos pelos observadores, cronistas e historiadores homens, a atenção dispensada às mulheres é, na maioria das vezes, reduzida ou ditada por estereótipos, marcadas como o “sexo frágil” ou, como menciona a teoria de Simone de Beauvoir (1980)², “o segundo sexo”, incapazes de pensarem e agirem por si próprias, muito menos participarem de decisões políticas e dirigirem suas vidas, condicionadas a se sentirem inferiores aos homens durante seu processo de socialização.

Essa realidade não se concretiza somente nas narrativas históricas, em que faltam informações precisas e circunstanciadas sobre a figura feminina, mas se estende, também, à criação literária. Subjugada ao ponto de vista masculino pelo acesso sempre limitado à escrita, por muito tempo, a representação da mulher esteve atrelada a uma configuração maniqueísta, ora santa/angelical, ora pecaminosa/demoníaca. Nos moldes patriarcais, ela tem o poder de salvar ou de destruir o homem.

Aos poucos, as mulheres conseguiram romper com o silêncio que se circunscreve à sua existência e conquistaram maior visibilidade, e os fatores para que isso ocorresse foram, entre outros, o trabalho, o movimento operário e o feminismo. No século XIX, com o avanço das lutas operárias, as mulheres tiveram suas vozes ouvidas a nível público. Esta tomada de consciência da importância de sua voz faz-se relevante, visto que lhes era negado, até então, o direito à palavra pública (PERROT, 2005).

Já no século XX, após a denúncia de sua situação enquanto trabalhadoras, as mulheres passaram a reivindicar seu direito ao voto, ou seja, sua participação nas

² Na obra *O Segundo Sexo*, publicada em dois volumes entre maio e outubro de 1949, Simone de Beauvoir aborda questões do mundo da filosofia e, com maior ênfase, a posição/papel da mulher na sociedade, questionando sua constante condição submissa, de “segundo sexo”. Sua teoria busca compreender como o homem tomou para si a definição de ‘ser humano’, relegando à mulher uma posição secundária, um papel coadjuvante na história. Discute, além disso, como a mulher ocupou, ou a fizeram ocupar, essa posição de “segundo sexo”, sem, no entanto, questionar o modo como ela mesma se coloca no mundo, não raramente contribuindo para essa configuração social.

decisões políticas enquanto cidadãs. Essa luta foi longa e uniu mulheres de todas as classes, o que demandou muita organização e paciência. Sucessivamente, as mulheres começaram a cobrar pela presença não apenas nas escolas, mas, também, nas universidades, e suas lutas estenderam-se a vários âmbitos da vida social, intelectual e política.

Os movimentos feministas não só permitiram que as mulheres lutassem por seus direitos civis, mas abriram um espaço à palavra feminina. Dessa forma, corroborando as palavras de Michelle Perrot (2005, p. 323), “o feminismo desde a origem, é tomada de palavra e vontade de representação das mulheres.” Em todas as suas formas, ele tem sido um poderoso incentivo para a produção do saber e para a incorporação das mulheres no mundo da escrita. Foi o que, de fato, promoveu uma mudança de olhar sobre suas próprias experiências, que inaugurou uma leitura e uma escrita de resistência, as quais procuram desconstruir os estereótipos relacionados à mulher.

O feminismo impactou sobre muitas concepções juntamente com os debates sobre descolonização no âmbito dos estudos da história. A partir dos ensaios editados pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1929), surge a “Nova História”, isto é, “[...] a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional.” (BURKE, 1992, p. 10). Dentre os paradigmas tradicionais que a nova história quer contestar está o relato dos feitos dos “grandes” heróis. Por conseguinte, com a percepção da necessidade de perspectivas alternativas à “história das elites”, emerge o movimento da história “vista de baixo” (SHARPE, 1992), difundida a partir de meados do século XX, no qual os historiadores buscam “[...] explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.” (SHARPE, 1992, p. 41).

As novas teorias da história conectam-se diretamente às discussões feministas. Nessa perspectiva, sabendo-se que a narrativa histórica tradicional dá pouco espaço às mulheres, inicia-se, então, uma jornada para inscrevê-las na história, pois havia um desejo de reaver suas memórias, de reencontrar seus traços, as figuras, os acontecimentos, os textos. Passou a existir uma vontade de, pelo

questionamento do saber constituído, fazer crítica a diversos parâmetros, entre eles “[...] o universal, a ideia de natureza, a diferença dos sexos, as relações do público e do privado, o problema do valor, o da neutralidade da linguagem, etc.” (PERROT, 2005, p. 17).

No que se refere à posição da mulher no universo literário, após o ano de 1970, salienta-se, essencialmente por meio da escrita de autoria feminina, a condição e o papel da mulher na busca por repensar as coordenadas do sistema sociocultural vigente. De acordo com Zolin (2009), uma série de críticas feministas tem debatido acerca do papel da mulher na sociedade bem como das consequências e reflexos dele para o âmbito literário. De modo amplo, a pesquisadora brasileira afirma que houve uma transformação na condição de subjugada da mulher:

Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. [...] Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta [...]. (ZOLIN, 2009, p. 182).

O aproveitamento de figuras históricas femininas pela ficção, nesse sentido, tem a capacidade de revelar a participação e o papel da mulher na história, resgatando-a da marginalidade. O considerável número atual de romances históricos de autoria feminina sinaliza as mudanças no contexto histórico-social ocorridas nas últimas décadas, revelando, assim, que “[...] na medida em que a mulher se torna agente no mundo de ação, e não objeto passivo do desejo do outro, é natural que ela deseje transmitir sua experiência na ficção” (LOBO, 2002, p. 110). Em outras palavras, a participação das mulheres no mercado de trabalho, somada aos movimentos feministas e à crescente produção intelectual feminina, fez com que mudassem as exigências e as necessidades das escritoras e leitoras.

Ao buscar integrar temas antes ignorados pela ficção e pela história, o romance histórico contemporâneo, de autoria feminina ou masculina, indica o

surgimento de um novo viés para ressignificar³ o passado pela literatura. Tal conduta questiona as ideologias patriarcais e critica a repressão sofrida pela mulher ao longo dos tempos. Assim, a história unívoca e hegemônica passa a ser reescrita, partindo de seus vazios e silêncios, demonstrando que é por meio do universo ficcional que as mulheres ganham o protagonismo em eventos marcantes e cruciais do passado em papéis que lhes foram, muitas vezes, negados.

Desse modo, ao partirmos, nesta pesquisa, das relações entre literatura e história, em especial no que tange à temática do “descobrimento”⁴ da América, propomo-nos a elucidar as representações ficcionais de uma mulher, cuja participação ativa ao longo do período em que o marinheiro Cristóvão Colombo buscava o apoio dos reis católicos espanhóis – Fernando e Isabel – a seu projeto de navegação é inegável. Trata-se da jovem judia-conversa Beatriz Enríquez de Harana, que residia em Córdoba, no sul da Espanha, e que foi companheira de Colombo e mãe do seu segundo filho, Fernando Colombo.

Muito embora tenha sido ignorada pelo discurso histórico, a personagem é ressignificada pela literatura, como figura secundária, em várias obras, como veremos ao longo deste texto, e como protagonista nas obras *Columbus and Beatriz* (1892), da autora estadunidense Constance Goddard DuBois – primeira mulher a escrever um romance sobre o “descobrimento” da América – e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), do romancista espanhol Pedro Piqueras.

³ No âmbito do grupo de pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, os termos “ressignificar” e “ressignificação” ultrapassam o sentido da ressemantização, pois são conceitos que incluem desde a afirmação da identidade histórica do sujeito latino-americano até a compreensão dos processos de territorialização (geográfica e cultural) dos colonizadores à desterritorialização e reterritorialização desses espaços, empreendidos pelos povos antes colonizados ao longo da história, que têm gerado um sentimento de “pertencimento” ao passado e ao presente como sujeitos históricos ativos.

⁴ Usamos as aspas no termo “descobrimento” a fim de esclarecer que esse signo – com o teor que ele representa – caracteriza-se em um discurso colonizador, pois não se “descobre” a América em 1492, segundo nossa ideologia, pois, à época, ela é invadida, dominada e colonizada. Essa escolha justifica-se, portanto, em teóricos como Beatriz Pastor (1983), que, em seus estudos sobre os discursos narrativos da conquista da América, ressalta que houve um processo de ficcionalização da realidade americana efetuada pelos conquistadores. Já Celia Fernández Prieto (2003), de forma mais rigorosa, afirma que, no caso específico de Colombo e Cortés, não houve ficcionalização, houve fraude, mentira. Por sua vez, o teórico Edmund O’Gorman (1984), na obra *La invención de América*, trabalha com dois conceitos que se contrapõem – o de descoberta e o de invenção –, ressaltando as várias dualidades que se estabeleceram ao longo dos tempos ao se configurar a América nos registros históricos no continente europeu.

Revelar o passado no qual se deu o “descobrimento” da América a partir de uma personagem “ex-cêntrica⁵” (HUTCHEON, 1991), ou seja, pela resignificação de uma mulher que vivenciou, de muito perto, todos os eventos desse fato, permite-nos rever certas “verdades”⁶ registradas pela historiografia tradicional que consignou as perspectivas unicamente masculinas e colonizadoras desse evento que transformou a existência humana de forma substancial.

Para a efetivação desta pesquisa, fomos motivados pela necessidade de analisar e discutir como a ficção é capaz de resignificar a personagem histórica Beatriz Enríquez de Harana, e quais os recursos estruturais e narrativos empregados pelos autores mencionados a fim de efetuar a sua releitura da personagem e da história por ela vivenciada.

Vale ressaltar que o renascimento – período no qual viveu Beatriz – foi, especialmente para as mulheres da sociedade espanhola, bastante opressor, segundo registra Fernández Álvarez (2002). Além disso, de acordo com o autor, esse foi um tempo no qual o coletivo das mulheres encontrava-se dividido em grupos bastante rígidos que delimitavam suas ações sociais bem como a valorização que a sociedade lhes concedia.

Beatriz Enríquez de Harana, cordobesa humilde e de ascendência judaica, embora pertencente a uma família respeitada, acaba por integrar o grupo de mulheres discriminadas pela sociedade de sua época, pelo fato de se unir, sem os atos formais requeridos pela igreja, ao estrangeiro Cristóvão Colombo, com quem teve um filho. Isso lhe imputa mais uma mácula: a de mãe solteira.

⁵ Linda Hutcheon (1991) entende a personagem ex-cêntrica como aquela que foi excluída dos registros históricos hegemônicos: mulheres, negros, nativos, europeus subalternos, degredados, fugitivos, pessoas com deficiências, rebeldes, anti-heróis, etc. São personagens que representam as classes periféricas, marginais, silenciadas ou menosprezadas pela historiografia. Portanto, o objetivo da ficção ao dar-lhes espaço nas diegeses é explorar novas perspectivas dos acontecimentos desde uma visão fora do centro que, primeiramente, registrou os fatos.

⁶ Quanto ao uso de aspas no termo “verdade(s)”, entendemos que esse signo não integra em sua essência o âmbito das artes, contudo, por muito tempo, ancorou o discurso da historiografia tradicional com base nas concepções fundamentais do historiador Leopold Ranke (1795 – 1886), para quem a tarefa do historiador está em registrar somente aquilo que realmente aconteceu. Ressaltamos que o conceito de *verdade*, de acordo com Fernández Prieto (2003), perdeu seu valor ontológico e absoluto na contemporaneidade. Desse modo, deve esta ser entendida como uma categoria pragmática e relativa aos marcos culturais, aos tipos de discurso e aos sistemas de crenças vigentes em diferentes culturas. Há, portanto, verdades, no plural, parciais, sujeitas a controvérsias porque partem de visões subjetivas de sujeitos pertencentes às distintas esferas que compõem uma sociedade.

Desse modo, Constance Goddard DuBois (1892) e Pedro Piqueras (2000), ao valerem-se da visão e voz dessa mulher para recuperar o passado de Cristóvão Colombo, revelam uma intenção desmistificadora dos registros feitos pela historiografia tradicional, que ignora a importância da participação de Beatriz nos episódios que antecederam a “descoberta” da América, bem como aos acontecimentos que a esse fato se sucederam.

Ambas as literaturas aqui apresentadas – a estadunidense, do final do século XIX, e a espanhola, da fase contemporânea –, apesar de não serem altamente críticas e desconstrucionistas em sua ressignificação do passado pela ficção, buscam dar à presença de Beatriz Enríquez de Harana na vida de Colombo uma atenção especial. Expressam, assim, uma vontade consciente de reinterpretar o seu passado, estando esse atrelado ou não às amarras da tradição europeia e da visão hegemônica com a qual o discurso historiográfico do colonizador registrou os eventos da “descoberta”, conquista e colonização do continente americano.

A fim de verificar os estudos pré-existentes sobre romances históricos e representações femininas no banco de teses da Capes, encontramos algumas pesquisas como, por exemplo, a dissertação *Representações femininas no romance histórico escrito por mulheres: um estudo comparativo entre dois textos do século XX* (2008), de Ludmila Giovanna Ribeiro de Mello (UNESP), a tese *Romance histórico contemporâneo: com a palavra, a mulher* (2011), de Maria Eloisa Rodrigues Nunes (PUCRS), bem como a tese de Gisele Thiel Della Cruz (UFPR), *Negras, índias e outras mulheres: representações femininas na ficção histórica brasileira contemporânea* (2014).

Em relação aos estudos do Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste, *Campus* de Cascavel, destacam-se, nesse contexto, as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto e do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, realizadas pelas pesquisadoras Bruna Otani Ribeiro, com a dissertação *Cativas, degredadas e aventureiras: mulheres na conquista da América* (2013); Leila Shaí Del Pozo González, com a dissertação *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl* (2017); Marina Luisa Rohde com a dissertação *Anita Garibaldi: de heroína à mulher: a trajetória das*

imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro (2017); Beatrice Uber, com a pesquisa A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo mundo” – perspectivas literárias (2017); Adriana Aparecida Biancato, na dissertação A escrita híbrida de história e ficção de María Rosa Lojo – Amores Insólitos de nuestra historia (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados (2018); Patrícia de Oliveira e seu texto dissertativo Entre mulheres, uma história: um olhar literário à colonização brasileira em A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas (2002) – a mediação na releitura ficcional do passado (2019); Gislaíne Gomes, com a dissertação Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992): um romance histórico contemporâneo de mediação (2019).

As referidas pesquisas, entre outras equivalentes, apontam para uma tendência contemporânea de a ficção representar perspectivas marginalizadas pela historiografia tradicional, numa reação às criações literárias canônicas que sempre privilegiaram as representações realizadas ou referentes ao homem branco, descendente do europeu colonizador.

No entanto, ao nos direcionarmos especificamente à temática aqui proposta, das representações ficcionais de Beatriz Enríquez de Harana, podemos citar os estudos iniciais referentes a nosso Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Letras Português/Espanhol, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste/Cascavel, realizado em 2009, também orientado pelo professor Gilmei Francisco Fleck, intitulado *Colón a los ojos de Beatriz (2000), de Pedro Piqueras: uma visão feminina da história*. Encontramos, em nossas pesquisas, também, a dissertação intitulada *La representación de la feminidad en dos novelas históricas españolas: un análisis histórico-literario de la imagen de Beatriz Enríquez de Arana, amante de Cristóbal Colón, en La ruta de las tormentas (2005) de Paula Cifuentes y Colón. A los ojos de Beatriz (2000) de Pedro Piqueras (2013)*, do pesquisador holandês Wouter Van Wiele (Universiteit Gent).

Dessa forma, pretendemos, com a realização desta pesquisa, dar continuidade aos estudos referentes às visões “ex-cêntricas” (HUTCHEON, 1991), que descontroem a história hegemônica, privilegiadas pelo romance histórico⁷,

⁷ Neste texto, na seção 1.2, abordamos as obras *El arpa y la sombra (1994)*, de Alejo Carpentier, *The memoirs of Christopher Columbus (1987)*, de Stephen Marlowe, *Vigilia del Almirante (1992)*, de Augusto Roa Bastos, e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón (2005)*, de

ampliando, assim, o *corpus* de análise que traz representações de uma “heroína invisível”, como denominamos a cordobesa Beatriz Enríquez de Harana, ao considerarmos os registros historiográficos sobre o período em que se deram as negociações, a efetivação e as consequências da “descoberta” da América por Cristóvão Colombo, em 1492.

Poderíamos acrescentar, também, como justificativa deste estudo, o fato de que analisar as figurações da personagem Beatriz Enríquez de Harana, também importante na história da humanidade, é uma tentativa singular capaz de agregar às visões já existentes, tanto em um quanto em outro campo de saber – literatura e história –, novas contribuições proporcionadas pela literatura comparada.

As perspectivas sobre o passado daí decorrentes serão significativas, em especial, por revelar a importância da presença da mulher no contexto dos eventos históricos relevantes, registrados pelo discurso da história tradicional apenas com foco nas personagens masculinas e nos seus grandes feitos. Nesse contexto, as alusões às mulheres pela historiografia estavam restritas àquelas poucas que estavam no poder, como foi o caso da rainha Isabel de Castela, que financiou a empresa de Colombo. Contudo, o destaque dado à rainha no discurso histórico tradicional não se dá essencialmente por sua condição de gênero, mas pelo fato de sua figura pautar todo o processo de formação de um dado campo de poder que será responsável pelo projeto colonizador, ou seja, sua presença e justifica-se muito mais por uma circunstância política do que pela sua condição humana e partícipe do discurso histórico.

A ficção, assim, busca dar à mulher o seu lugar de destaque também na história, aspecto que esta pesquisa busca evidenciar ao se voltar às representações da companheira de Colombo no primeiro romance histórico escrito por uma mulher sobre o “descobrimento” da América, no final do século XIX – *Columbus and Beatriz*

Paula Cifuentes, das quais uma é novo romance histórico latino-americano, duas são metaficções historiográficas e uma é romance histórico contemporâneo de mediação, sendo secundária a presença da personagem Beatriz Enríquez de Harana em todas elas. Já nas obras que compõem o *corpus* central da pesquisa, ou seja, *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, a primeira é, segundo as diferentes modalidades de romances históricos propostas por Fleck (2017) das quais nos valem neste estudo, um romance histórico tradicional e a segunda um romance histórico contemporâneo de mediação. Nelas, a personagem de extração histórica foco de nossa pesquisa aparece como protagonista.

(1892), de Constance Goddard DuBois –, e a uma obra contemporânea, de autoria masculina, do universo literário espanhol – *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras – que, aos poucos, começa a lançar olhares críticos sobre o seu passado colonizador.

Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa é a verificação das perspectivas de abordagem que fazem os mencionados autores aos registros históricos e a fruição que dão à arte imaginativa da ficção para compor suas obras num exercício de ressignificação do passado narrativizado por meio de vozes ex-cêntricas, incluindo-se a subalterna, anulada e esquecida de Beatriz Enríquez de Harana que, a partir do discurso ficcional, consegue mostrar as condições existenciais da mulher no período renascentista da Espanha dos reis católicos – Isabel e Fernando.

Como esta pesquisa insere-se no atual contexto das relações entre literatura e história, como aporte teórico, voltamo-nos, pois, às confluências entre esses discursos, que encontram no romance histórico um espaço privilegiado de existência. Seleccionamos entre os estudiosos do tema a pesquisadora brasileira Heloísa Costa Milton (1992), que trata de ressaltar como essas duas instâncias organizam-se, de que forma elas se assemelham e se distinguem.

Da mesma maneira, abordamos os aspectos teóricos apontados por Gilmei Francisco Fleck (2017), o qual busca compreender a construção discursiva sobre o passado, traçando um panorama geral da escrita híbrida entre história e ficção, desde os tempos do romantismo à atualidade. Além desses pesquisadores, embasamo-nos em pressupostos de Fernández Prieto, expressos em sua obra *Novela y Historia: poética de la novela histórica* (2003), para quem a história se configura como estrutura narrativa, selecionando os eventos e lhes conferindo sentido. Destacamos as propostas de Hayden White (2001) nas quais trata a história não como uma ciência exata, mas a partir de seu cunho poético, similar aos fundamentos da literatura, ou seja, da questão da narrativa. Seguindo tal pensamento, ressaltamos, ainda, as contribuições teóricas de Pesavento (2000), para quem história e literatura são interpretações de um mesmo passado.

Conseqüentemente, da aproximação entre a narrativa histórica e a ficcional resulta o romance histórico, gênero de caráter híbrido, o qual abordamos de modo

breve na primeira seção e, mais profundamente, em conjunto com as obras literárias analisadas a seguir.

Com relação ao nosso propósito de fundamentação teórica, faz-se necessário citar os estudos de Georg Lukács em *La novela histórica* ([1937]1977), o primeiro teórico a escrever sobre esse gênero. Ademais, a contribuição de Mata Induráin (1995) também é significativa acerca desse gênero romanesco, pois descreve, em parte, a trajetória do romance histórico. Não menos importantes são as contribuições do crítico espanhol García Gual (2005), que apresenta algumas possíveis definições para o romance histórico.

São importantes, também, as contribuições de Amado Alonso (1987), o qual aponta alguns elementos que definem os paradigmas tradicionais dessa forma de narrativa, bem como o escritor venezuelano Alexis Márquez Rodríguez (1991), uma vez que acrescenta outros aspectos do romance histórico tradicional além dos já mencionados por Amado Alonso.

Conforme avançamos no estudo do gênero romance histórico, deparamo-nos com as transformações que ocorreram principalmente na produção latino-americana. Para tanto, citamos o crítico uruguaio Fernando Aínsa, que, em seu artigo *La nueva novela histórica latinoamericana* (1991), apresenta as dez principais características que diferenciam a escrita crítica de romances latino-americanos dos demais expoentes do gênero. Já o estadunidense Seymour Menton (1993) sintetiza as características do novo romance histórico em seis aspectos fundamentais⁸, e, seguido desse crítico, temos os estudos da pesquisadora espanhola Celia Fernández Prieto (2003), que reduz as características do novo romance histórico latino-americano a apenas duas.

Ainda com relação às transformações do gênero, mencionamos a metaficção historiográfica, que, conforme expõe a canadense Linda Hutcheon (1991), é uma modalidade da escrita híbrida na qual a autorreferencialidade constitui-se num nível de sentido global do texto, determinando sua estrutura e as opções narrativas. Na

⁸ De acordo com Phelipe de Lima Cerdeira (2015), a proposição de “aspectos fundamentais” atende à perspectiva crítica do próprio Menton. Referências da recepção crítica como Marilene Weinhardt (2006) irão questionar o fato de esses seis aspectos não serem uma exclusividade do novo romance histórico e, portanto, não justificariam certa personalidade, pois são aspectos que podem ser considerados “novos” no plano ficcional contemporâneo e não apenas do novo romance histórico latino-americano.

atualidade, contudo, há estudos que revelam uma nova modalidade, a do romance histórico contemporâneo de mediação, cuja teoria é proposta por Fleck (2007, 2017). Nela, há uma tendência de “mediação” entre as características mais tradicionais do gênero e aquelas desconstrucionistas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica.

Por conseguinte, ao constatar que a reconstrução ficcional de uma personagem histórica e suas vivências implica, inevitavelmente, uma releitura de suas imagens pré-concebidas por outros discursos, debruçamo-nos sobre os escritos de Colombo e algumas biografias sobre ele, com o propósito de encontrar nelas as possíveis menções à Beatriz. Para tanto, recorreremos aos historiadores Jacob Wassermann (1930), José De la Torre y Del Cerro (1933), Salvador de Madariaga (1947), Juan Manzano Manzano (1964) e Jacques Heers (1992).

A fim de analisar as projeções da personagem Beatriz na ficção e relacioná-las às diferentes modalidades de romance histórico, serão analisados, brevemente, os romances: *El arpa y la sombra* (1994), de Alejo Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes.

Além disso, faz-se relevante para esta pesquisa o estudo acerca das condições vivenciadas pela mulher na sociedade renascentista espanhola. Com relação a essa temática, valemo-nos da teoria exposta pelo historiador espanhol Fernández Álvarez (2002), em sua obra *Casadas, Monjas, Rameras y Brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento*, numa tentativa de explicar os motivos histórico-sociais que levaram ao obscurecimento de Beatriz Enríquez de Harana na história tradicional.

Tendo em vista que esta pesquisa caracteriza-se pela obtenção de argumentos teóricos sólidos a fim de contribuir com os trabalhos sobre a ressignificação do passado pela ficção, faz-se necessário, de acordo com o exposto, um constante trabalho de observância das etapas de leitura, compreensão e diálogo crítico com o material bibliográfico. Em suma, esta pesquisa possui uma perspectiva metodológica de revisão bibliográfica, de análise documental e interpretativa, visto que se fundamenta numa prática teórica de busca contínua. Ou seja, trata-se de um

intenso processo de reflexão crítica sobre o objeto em questão.

Tais estudos teóricos, aliados à análise comparada, possibilitam compreender os recursos estruturais e narrativos empregados pelos autores dos romances, a fim de configurar discursivamente a personagem Beatriz Enríquez de Harana e revelar o teor do discurso que emana das obras. Em vista disso, para a realização deste estudo, optamos por dividi-lo em duas seções principais.

A primeira, “Beatriz Enríquez de Harana: retratos históricos e ficcionais”, oportuniza uma introdução geral sobre as escritas da história tradicional, em especial, e suas seleções, as relações entre literatura e história, seus mecanismos estruturais e suas semelhanças e diferenças pragmáticas, bem como o modo como a literatura pode dar visibilidade a personagens excluídas na história.

São revistos, na primeira seção, ainda, alguns pontos da biografia de Beatriz, na subseção “Escritas à margem: uma sombra de Colombo”, partindo dos escritos de Colombo e de seus posteriores biógrafos. E, com a finalidade de juntar as possíveis menções à personagem na ficção, buscamos analisar, brevemente, algumas produções literárias sobre o “descobrimento” da América, na subseção “Retratos literários: figurações de uma heroína invisível”, que apresentam configurações da personagem Beatriz, mesmo que de forma secundária.

Na segunda seção, “Beatriz Enríquez de Harana: a mulher no renascimento espanhol – releituras ficcionais da tradição à mediação”, refletimos, primeiramente, sobre a realidade vivenciada pela mulher na sociedade espanhola do século XV e início do século XVI, conforme registra Manuel Fernández Álvarez (2002), procurando estabelecer um método de leitura comparada entre seus estudos e os romances de DuBois (1982) e de Piqueras (2000).

Ao partirmos dessas primeiras discussões, procedemos, nas duas primeiras subseções desta seção, às análises das obras escolhidas como *corpus*, compondo, assim, o final da segunda seção. Nela, voltamo-nos à recriação ficcional da imagem de Beatriz Enríquez de Harana, primeiramente na subseção “*Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois: visões de mulher escritora sobre uma mulher invisível”, na qual realizamos nossa análise do primeiro romance histórico escrito por uma mulher sobre a temática do “descobrimento” da América, enfocando essa personagem que acompanhou, de muito perto, a trajetória do marinheiro

imortalizado pelo discurso historiográfico.

Na segunda subseção, “*Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras: o passado de Colombo numa perspectiva espanhola crítica/mediadora”, nossa análise volta-se à contemporaneidade, em uma produção de autoria masculina, oriunda do espaço histórico, social e geográfico da metrópole colonizadora, para revelar como, na atualidade, a literatura já lança olhares críticos ao passado colonizador.

Focalizamos, também nessa instância do texto, na subseção “Entrecruzamentos discursivos: os caminhos da tradição à mediação – imagens ressignificadas de Beatriz”, a posição da literatura com relação à personagem histórica e sua participação ativa nas ações que conduziram Colombo à realização da travessia ao Atlântico, em 1492, e a se deparar, assim, com as terras da América, desconhecidas dos europeus à época, buscando evidenciar, também, em que modalidades do romance histórico se filiam as obras analisadas. Nela, apontamos os processos de aproximação e de distanciamento nas produções do século XIX e do XXI, que dão espaço protagônico a Beatriz Enríquez de Harana.

Por último, apresentamos algumas possíveis considerações, partindo das reflexões teóricas e dos resultados alcançados nas análises feitas, sobre o modo peculiar de a literatura ressignificar o passado das mulheres. Desse modo, nossa expectativa é a de revelar que, por meio da ficção histórica, é possível se fazer uma releitura do passado dando voz aos grupos sociais esquecidos, oprimidos e silenciados na história oficial. Assim, efetuamos a nossa contribuição com o labor que tem executado o Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização” para evidenciar meios e formas pelos quais a literatura, em especial o romance histórico, pode se constituir em vias, ainda necessárias, de descolonização em nossa realidade latino-americana.

1 BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: RETRATOS HISTÓRICOS E FICCIONAIS

Certos estamos de que o romance histórico constitui-se, como a própria nomenclatura evidencia, de dois elementos paradoxais, mas complementares. A expressão “romance” refere-se à ficção, enquanto “histórico” ao acontecimento do passado. No entanto, para a compreensão desse fenômeno, faz-se necessário recuperar as diferentes relações entre literatura e história, a fim de elucidar seus movimentos de construção e seleção, bem como discorrer sobre a literatura como via de visibilidade às personagens marginalizadas pela versão histórica tradicional.

Partimos da concepção atual que tanto a literatura quanto a história, mesmo pertencentes a modalidades de comunicação⁹ específicas, mantêm vínculos que as conectam. Para Fleck (2017, p. 27), “[...] são produtos de linguagem, narrativas construídas a partir de uma visão influenciada por todo um contexto sócio-histórico e cultural determinado.” No entanto, embora possuam uma base comum, história e ficção são orientadas por paradigmas específicos que estabelecem limites entre uma área e outra. Sobre essas duas formas narrativas e suas relações, Milton (1992) afirma que

[...] a ficção literária e a história guardam entre si estreita solidariedade, como instâncias que são de representação da experiência humana e pela natureza basicamente narrativa de seus respectivos discursos, que encontram na categoria do tempo o grande eixo estruturador. Da mesma forma, distinguem-se radicalmente pelo tipo de convenção que as organiza, isto é, a da veracidade para o campo historiográfico e a da verossimilhança para a narrativa literária. (MILTON, 1992, p. 09).

⁹ Fernández Prieto (2003) afirma que história e literatura são sistemas de modalização secundários que existem segundo um conceito básico que as configura. Trata-se de modalidades de comunicação que se definem e se reconhecem por sua função sócio-cultural, construídas com base em um duplo código, o linguístico e outro com o qual a comunidade cria, define, interpreta e usa esses discursos. A atribuição que se faz a um texto como “histórico” ou “literário” é, segundo a autora, uma sanção pragmática, relativa ao contexto cultural em que ela se aplica, passível de transformação ao passar dos tempos. A esse respeito, ainda, Mata Induráin (1995) ressalta que historiador e romancista refletem sobre a natureza do homem e compartilham uma mesma preocupação pelo tempo, mas seu trabalho é distinto. O resultado de seus esforços é, em ambos os casos, a narração de uma história, contudo, a história desenvolve um discurso realista, ao passo que o romance histórico, um discurso fictício. O primeiro precisa mostrar em que se fundamentam suas afirmações, estando atrelado à objetividade, aos conceitos de veracidade e passividade; o segundo não, pois lhe é lícito transpor ao passado os pensamentos de seu próprio tempo, atendo-se à subjetividade, atendendo aos critérios da imaginação, da fantasia, do imaginário e do verossímil.

Nesse sentido, observamos que as relações entre a história e a ficção são estreitas, ambas são associadas à construção discursiva e à manipulação da linguagem, ao passo que ocupam espaços diferentes na estrutura organizacional do conhecimento. Embora não haja consenso entre os teóricos, à história ainda cabe o rigor, o método, a busca pela fidelidade e a exatidão, pois é considerada uma ciência; e à literatura competem os exercícios da fantasia, da imaginação, da criatividade, da invenção, já que ela é vista como arte. O vínculo da primeira ao método, que a constituiu como ciência, e a liberdade expressiva e criativa da segunda, com expressão artística, não deixou de existir ao longo do tempo.

Contudo, os intercâmbios entre a história e a literatura remontam a uma longa tradição. Conforme registra Mata Induráin (1995, p. 14),

[...] la frontera que separa los territorios de la historia y la literatura ha sido, pues, permeable a lo largo de los tiempos y, así, pese a la conocida distinción aristotélica de historia y poesía – se han producido frecuentes incursiones de un género en el otro: la savia de la historia vivifica la literatura, y viceversa, la literatura es una fuente – si bien indirecta o secundaria – para el conocimiento histórico.¹⁰

Vale lembrar que as primeiras manifestações épicas da cultura ocidental como, por exemplo, os poemas homéricos, a *Eneida* (I a.C.), de Virgílio, ou o *Cantar de mio Cid* (séc. XIII), de autor anônimo, *Os Lusíadas* (1572), de Camões, são obras que, ao mesmo tempo em que exaltam heróis e povos juntamente a elementos imaginativos, cantam um sucesso com base histórica comprovada. A esse respeito, Mata Induráin (1995) menciona que, nesse passado mais remoto,

[...] no existía una conciencia histórica plena, rigurosamente científica, que permitiera deslindar claramente lo cierto y lo fabuloso, lo histórico y lo legendario, de ahí que la frontera entre verdad y

¹⁰ Nossa tradução livre: [...] a fronteira que separa os territórios da história e da literatura tem sido, pois, permeável ao longo dos tempos e, assim, apesar da conhecida aceção aristotélica de história e poesia – produziram-se frequentes incursões de um gênero no outro: a seiva da história vivifica a literatura, e vice-versa, a literatura é uma fonte – se bem indireta ou secundária – para o conhecimento histórico.

*poesía se presente en estas obras difuminada.*¹¹ (MATA INDURÁIN, 1995, p. 28).

Na Antiguidade, a mescla entre a essência da poesia e os elementos da realidade, em um mesmo texto, era plenamente aceitável, pois não havia, nem de parte do escritor nem do leitor-ouvinte, uma preocupação por traçar as fronteiras entre o real e o inventado. As histórias de gregos e troianos, por exemplo, eram, pela tradição oral, via aedos e rapsodos, representadas ao público com o objetivo de deixar impressos na memória coletiva os grandes feitos das guerras e de seus protagonistas e, para provocar admiração, os autores recriavam os fatos com grande dose de invenção. Houve um tempo, portanto, em que a convivência entre o discurso histórico e o discurso ficcional foi harmoniosa. Porém, aos poucos, foram surgindo rupturas, acentuando-se, assim, os traços mais autênticos e singulares de cada área, em direção a uma possível separação.

Para entender melhor como se construiu essa contraposição, é preciso recobrar as antigas determinações de Aristóteles em sua obra *Poética*, escrita entre 335 a. C. e 323 a. C., na qual afirma que a história trata das “verdades” particulares e não das universais, do que aconteceu, ao mesmo tempo em que a poesia alude às “verdades” possíveis ou desejáveis ou àquilo que poderia ter acontecido. Nessa perspectiva, é ele quem, a princípio, estabelece a gênese da antítese entre os dois paradigmas. Lembremo-nos de que, à época da afirmação de Aristóteles, a literatura não estava, ainda, constituída pelos mesmos gêneros que hoje a configuram.

Entretanto, essa oposição aristotélica não se mostra tão nítida como parece e isso se confirma quando vislumbramos a grande conexão historiográfica e ficcional nos escritos gregos, bem como nos da Idade Média. De acordo com Fernández Prieto (2003), durante os séculos XIII a XVI, os gêneros de ficção em prosa chamados “novelas pastoris”, “novelas de cavalaria” ou as “novelas bizantinas” tinham sua ação centrada em um único sucesso, próximo ao tempo de seus leitores, sendo, portanto, considerados supostamente “realistas”.

Apenas no século XVI, segundo Fernández Prieto (2003), que assistimos uma

¹¹ Nossa tradução livre: [...] não existia uma consciência histórica plena, rigorosamente científica, que permitisse demarcar claramente o certo e o fabuloso, o histórico e o legendário, daí que a fronteira entre verdade e poesia nestas obras se apresente de forma difusa.

crescente preocupação entre os humanistas por delimitar os terrenos do histórico e do inventado. Ao problematizar as novelas de cavalaria, tais humanistas buscavam distanciar a história dos elementos fantásticos, propiciando o abandono da literatura imaginativa em favor de modalidades de registros escriturais mais atentas à realidade.

Nesse contexto, as polêmicas entre a fatualidade e o verossímil ocorreram à raiz das traduções e comentários da obra *Poética*, de Aristóteles. Ao longo dos séculos, o dilema entre a narrativa ficcional e a história permanece, bem como os esforços dos historiadores em elaborar, em suas escritas, marcas de veracidade que diferenciem claramente seus discursos do literário imaginativo.

Com os avanços científicos dos séculos XVII e XVIII, desvincula-se a conexão entre conhecimento e percepção, dominante na Idade Média. Essa mudança abre uma via para a elaboração de técnicas e métodos que pudessem garantir a “veracidade” do narrado pelos historiadores, como análises de documentos e de fontes, uma vez que faltavam provas, argumentos e dados que demonstrassem que suas afirmações eram “verdadeiras”.

Durante o racionalismo moderno, em consequência, essa diferenciação acentuou-se ainda mais. Pontualmente no século XVIII, historiadores como Jean Bodin¹² irão propor a ruptura entre os discursos histórico e ficcional, afastando-se do preceito aristotélico de “testemunha ocular” para o processo de acúmulo de informações a partir de um saber enciclopédico.

Para o teórico boliviano, radicado em Ohio, Fernando Unzueta (1996), a configuração da literatura e da história como disciplinas específicas e independentes ocorre, de fato, em princípios do século XIX, momento no qual se identifica a história com a realidade e, graças ao historicismo, converte-se em discurso hegemônico ao qual as demais disciplinas recorrem para adquirir maior racionalidade e justificar sua validade como ciência.

A literatura, por outro lado, institucionaliza-se entre os autores e críticos

¹² Jean Bodin (Angers, 1530 - Laon, 1596) foi um jurista, filósofo, economista, historiador, cientista político, advogado, demonologista e escritor francês, reconhecido pelos seus estudos que foram de suma importância para o avanço dos conceitos de soberania e absolutismo dos Estados. Além disso, destaca-se pela exposição de seus pensamentos a respeito da personificação de uma história como ciência, a qual se difundiu pela Europa majoritariamente no século XVIII, estendendo-se até tempos pós-modernos. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/jean-bodin/>. Acesso em: 13 abr 2021.

românticos e segue desde o princípio nos rumos da arte que aspira ao belo e mantém sua autonomia e independência com respeito à realidade e sua representação mimética, ou objetiva, podendo, assim, transitar entre as múltiplas possibilidades de representação por meio do discurso.

Mediante essa dicotomia, pode-se conceber a história como a criação de um discurso distinto e até mesmo oposto ao da ficção, mas isso sem incorrer em ignorar seu caráter de construção discursiva com base na manipulação da linguagem ao considerá-la uma disciplina científica que descreve, com exatidão, os fatos do passado. A literatura, assim, pode se referir à fatualidade, mas é vista como um produto da imaginação, quando muito, próximo do verossímil, ou, nas produções metaficcionalis da atualidade, como reveladora da construção discursiva.

Com o romantismo e o pensamento positivista, história e literatura passam a ter papéis diferenciados. Nesse sentido, cabe ressaltar que o positivismo, conforme Barros (2010), é uma corrente filosófica criada pelo francês Auguste Comte (1798-1857), em sua obra *Curso de Filosofia Positiva*, escrito entre 1830 e 1842. O autor destaca que o positivismo do século XIX herda seus traços centrais do iluminismo¹³ do século XVIII, ou seja, uma perspectiva universalista e a busca por leis gerais que estariam por trás do desenvolvimento das sociedades humanas.

No entanto, Barros (2010) menciona que a essência do pensamento positivista envolve uma reapropriação conservadora do modelo de progresso iluminista. O que explica essa mudança é o assentamento da burguesia pós-revolução industrial, que, com o objetivo de regular as classes industriais, acrescentou o conceito de “ordem” ao ideal de “progresso” do iluminismo.

Desse modo, estabelecendo uma linha tênue entre o avanço moral e o progresso científico, o positivismo passou a postular a equiparação entre os métodos das ciências naturais e sociais, afirmando a rigorosa neutralidade do cientista social na busca das leis gerais e invariáveis. A história, enquanto estudo das realizações da humanidade, portanto, não poderia ficar de fora da teoria positivista.

¹³ Movimento intelectual do século XVIII que se fundamenta na centralidade da ciência e da racionalidade crítica para indagar os preceitos filosóficos - de maneira empírica e utilizando a razão - recusando quaisquer dogmas, principalmente, os relacionados às doutrinas religiosas e/ou políticas. Fonte: <https://www.dicio.com.br/iluminismo/>. Acesso em: 13 abr 2021.

Segundo Fonseca (2009), o historiador alemão Leopold von Ranke (1795 – 1886) é o mais representativo autor daquilo que chamam de “história positivista”, pois, em meados do século XIX, ele trouxe um novo padrão metodológico à historiografia. A “história tradicional” (história positivista ou história rankeana) está pautada na imparcialidade do historiador frente ao fato histórico e ao tratamento rigoroso das fontes. Estas deveriam ser unicamente oficiais, documentais (estatais, públicos, cartorários), de modo que o historiador passa a ser visto, academicamente, como aquele que busca a “verdade histórica”.

Desse modo, literatura e história passam a ocupar espaços distintos na estrutura organizacional do conhecimento: a história é ciência; e a literatura, arte. A esse respeito, Milton (1992) tece as seguintes considerações:

À história compete reconstituir fatos e feitos do passado, buscando apreender seus significados. E isso é tarefa da imaginação do presente que, ao lançar-se ao gesto interpretativo desses fatos e feitos, tem por força que se submeter ao primado das fontes documentais. Na história, portanto, a imaginação está *sitiada* pelo critério da ‘verdade’. (MILTON, 1992, p. 08).

Observamos que a história rankeana, aliada a um discurso legitimador, pretende conquistar sua especificidade e independência em relação à literatura que, do mesmo modo, constitui-se de linguagem manipulada. Ancorada no pressuposto da veracidade, ao registrar os fatos do passado, a historiografia tradicional positivista reveste-se de um caráter científico, separando-se, assim, da ficção. Com a pretensão de criar uma narrativa absolutamente objetiva, a história, nesse contexto positivista primeiro, opõe-se à livre invenção romanesca. A intenção que as move se distingue totalmente, de modo que

[...] *la historia quiere explicarse los sucesos, observándolos críticamente desde fuera y cosíéndolos con un hilo de comprensión intelectual; la poesía quiere vivirlos desde dentro, creando en sus actores una vida auténticamente valedera como vida, gracias al acto poético de instalarse el autor en cada uno de sus personajes, identificándolos alternativamente con ellos, viviéndolos intensa y profundamente con una conciencia lúcida que le permite sentir y expresar con nitidez, presentativa y no explicativamente, hasta las*

*más pequeñas raicillas de cada movimiento.*¹⁴ (ALONSO, 1984, p. 12).

Em oposição a essa mentalidade divergente, Unzueta (1996) afirma que, a partir do século XX, discutem-se as dificuldades epistemológicas da história em reconstruir a realidade, o que leva à confirmação de que: “[...] *la Historia se transmite únicamente a través de historias, de textos que contienen necesariamente ciertos procesos de selección de datos, ciertas pautas interpretativas y ciertas “reglas” propias del discurso escrito narrativo.*”¹⁵ (UNZUETA, 1996, p. 48). Fica claro, portanto, que os aspectos textuais e interpretativos são inerentes à construção do discurso histórico, pois o historiador seleciona e ordena certos eventos em uma narrativa para, assim, conferir-lhes sentido.

Apoiando-se em tal constatação, seguiu-se outra fase nas relações entre literatura e história, de modo a destacar não apenas os seus limites, mas suas aproximações e semelhanças. A partir de então, o movimento assertivo dos historiadores positivistas passa a ser contestado, porque as “verdades” que constituem o passado evocado são diferentes para cada uma das parcelas que a vivenciou, podendo gerar, inclusive, diferentes e diversas versões.

Essa aproximação entre as duas áreas e a perspectiva múltipla do passado tornou-se possível com o advento da nova história, associada à Escola dos *Annales*, a partir do século XX. Segundo Peter Burke (1992), em sua obra *A escrita da História: novas perspectivas*, diferentemente da história tradicional, preocupada essencialmente com a política e com os acontecimentos, a nova história abre-se para temas antes silenciados e, para tanto, recorre a outras fontes históricas além dos registros oficiais. Seus defensores, inclusive, consideram a existência de um relativismo cultural, afirmando ser irrealista a tarefa do historiador em apresentar os fatos de modo objetivo, uma vez que é impossível evitar um olhar condicionado a

¹⁴ Nossa tradução livre: [...] a história quer explicar os acontecimentos, observando-os, criticamente, de fora e costurando-os com um fio de compreensão intelectual; a poesia quer vivê-los de dentro, criando em seus atores uma vida autenticamente válida como vida, graças ao ato poético de se instalar o autor em cada um de seus personagens, identificando-se, alternativamente, com eles, vivendo-os intensa e profundamente com a consciência lúcida que lhe permite sentir e expressar com nitidez, apresentando e não explicando, até a menor raiz de cada movimento.

¹⁵ Nossa tradução livre: [...] a História se transmite unicamente mediante histórias, de textos que contêm, necessariamente, certos processos de seleção de dados, certas pautas interpretativas e certas “regras” próprias do discurso narrativo escrito.

partir de um ponto de vista particular.

Ao partir dessa proposição, a nova história passou a abranger toda a atividade humana, pois, em suas concepções, tudo tem um passado que pode ser reconstruído. Assim,

[...] nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma construção cultural, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (BURKE, 1992, p. 11).

As transformações ocorridas no âmbito da nova história permitem frutíferos diálogos nas relações entre literatura e história, de modo que García Gual (2002) ressalta o fato de que

[...] *también la nueva historiografía ha advertido la necesidad de flexibilizar sus relatos y aprovechar los testimonios más diversos para construir una narración más atenta a aspectos de la vida cotidiana, la vida privada, o el mundo marginal, a los que ya antes, y a su manera más frívola, había prestado su atención la novela.*¹⁶ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 25).

Hayden White, na década de 1970, a partir de seus estudos sobre a influência do texto ficcional nas narrativas do século XIX, acabou por revelar que os textos históricos são, igualmente, narrativas. Para o teórico, os historiadores constroem versões para o passado; a história, por sua vez, passa a ser considerada uma construção de linguagem. Assim, historiadores e ficcionistas aproximam-se, visto que constroem, em seus textos, possíveis versões para um determinado acontecimento. White (2001, p. 98) enfatiza que as narrativas históricas são “[...] ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com seus

¹⁶ Nossa tradução livre: [...] também a nova historiografia advertiu a necessidade de flexibilizar seus relatos e aproveitar os testemunhos mais diversos para construir uma narração mais atenta a aspectos da vida cotidiana, a vida privada, ou o mundo marginal, aos que já antes, e a sua maneira mais frívola, havia prestado sua atenção o romance.

correspondentes nas ciências.”

Segundo Weinhardt (1994), em vista das novas abordagens da história, tornou-se claro que as duas áreas são constituídas de material discursivo e que “todas as formas de resgate do passado são permeadas pela consciência de que a construção verbal não é o fato e não é ingênua.” (WEINHARDT, 1994, p. 49).

Houve, no passado, historiadores que abordaram temas além do que diz respeito essencialmente à política. Contudo, o discurso historiográfico atual, após o advento da nova história, fundamenta-se na multiplicidade de variáveis que incidem sobre cada acontecimento. Nesse sentido, ao se relativizar a “verdade”, nas últimas décadas, também se reconhece que a história possui um território comum com a ficção ao confrontar opiniões, dúvidas e ambiguidades e, em especial, por ser constituída de linguagem, que sempre é manipulável, intencional e ideológica.

Para Fleck (2006), já se aceita sem maiores dificuldades o fato de que literatura e história nutrem-se do passado o qual buscam registrar através de seus discursos próprios, diferenciando-se apenas nos âmbitos da pragmática. Tais discursos podem ser considerados, na hipótese da inexistência de uma completa imparcialidade e objetividade, conforme defende Barthes (1988), como sendo frutos da interpretação particular dos fatos desse passado, filtrados pelo historiador ou pelo romancista. São, portanto, construções de linguagem, vistas sob óticas diferentes, com finalidades e objetivos distintos, mas que apontam para uma mesma direção: manter vivas as experiências humanas e as transmitir às gerações futuras.

Consoante com essa posição, Esteves (1998), quando reflete sobre o texto narrativo ficcional e o histórico como construções discursivas, comenta que

[...] por mais objetividade que tenha, o homem acaba sempre fazendo uma releitura dos fatos que, para serem transmitidos, sofrem uma interpretação de acordo com determinados pontos de vista, dentro de certo espaço e de acordo com a visão do tempo em que vive. Assim, a história e a literatura têm algo em comum: ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que produz uma infinita proliferação de discursos. (ESTEVES, 1998, p. 125).

Diante dessa perspectiva, história e literatura consomem seus objetivos e seguem suas normas e instrumentos. Porém, analisam, estudam e dissecam um

material em comum, expressando, à sua maneira, os resultados obtidos, que podem ser parecidos, mas nunca serão iguais, visto que a intenção que as impulsiona não é a mesma (FLECK, 2017).

Benedito Nunes (1988) registra que a narrativa histórica e a ficcional interpenetram-se pelo manejo do tempo e pelas técnicas narrativas que utilizam; desse modo, acabam interagindo e se entrosando por serem formas de linguagem. Já de acordo com Hutcheon (1991), são práticas discursivas que possuem nas atividades humanas o seu objeto. Nessa concepção, compreende-se que “[...] o caráter científico da narrativa histórica não suprime a sua base narrativa, seu nexos com a ficcionalidade. Já a narrativa ficcional, pela recriação artística dos fatos, permeia o conhecimento da história.” (FLECK, 2017, p. 31).

Para Pesavento (2000), as fronteiras entre as áreas – literatura e história – sempre acabam por se diluir, tendo em vista que ambas são, essencialmente, narrativas. Sendo assim, pode-se dizer que são uma sequência articulada de ações representadas pela escrita em um relato organizado. Ainda que a narrativa histórica esteja atrelada ao “real acontecido”, não pode ser considerada, inquestionavelmente, “verdadeira” ou o “fato” em si, pois nesse relato ordenado das ações há sempre a “presença de um narrador que mediatiza aquilo que viu, vê ou ouviu falar e que conta e explica a terceiros uma situação não presenciada por estes” (PESAVENTO, 2000, p. 34), a fim de criar uma “versão” daquilo que o acontecimento passado possa ter sido.

Logo, ao se entrecruzar as prerrogativas das duas áreas do conhecimento, verifica-se esse discurso articulado que se coloca no lugar do fato ocorrido, pois em ambas as representações é inegável que “há uma atividade da voz narrativa que organiza o acontecido, ordena os acontecimentos, apresenta os personagens, dispõe as temporalidades e apresenta o conjunto dos dados para o leitor/ouvinte.” (PESAVENTO, 2000, p. 34).

A questão da construção discursiva ancorada nos princípios da veracidade, da factualidade, por um lado, e da ficcionalidade ancorada na imaginação, na fantasia ou na verossimilhança, dos textos histórico e romanesco dá-se, justamente, porque nessas apresentações do passado por meio da linguagem há um processo de diluição entre as fronteiras da literatura e da história ao se abrirem as portas da

interdisciplinaridade. Sobre a imaginação histórica como forma de ficção, Pesavento (1999) destaca que

[...] o texto histórico comporta a ficção, desde que o tomemos na sua acepção de escolha, seleção, recorte, montagem, atividades que se articulam à capacidade da imaginação criadora de construir o passado e representá-lo. Há, e sempre houve, um processo de invenção e construção de um conteúdo, o que, contudo, não implica dizer que este processo de criação seja de uma liberdade absoluta. A História, se a quisermos definir como ficção, há de se ter em conta que é uma ficção controlada. (PESAVENTO, 1999, p. 820).

Evidencia-se, dessa forma, o caráter de construção discursiva da escrita, seja no âmbito da história ou da literatura. Assim sendo, a escrita sobre o acontecido pela história vai ser sempre mediada pela construção discursiva na qual, sem dúvida, atua um narrador que faz recortes e articula as palavras, ou seja, há “[...] na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa.” (FLECK, 2017, p. 29).

Conforme Fernández Prieto (2003), as aproximações entre as duas áreas, como construções narrativas, são cada vez mais visíveis, pois

*[...] el hecho de que la historia se configure en estructuras narrativas implica que los hechos realmente sucedidos han sido seleccionados por el historiador e inscritos en una trama que los ordena, los jerarquiza y les confiere un sentido (ideológico, político, moral). La narración no copia la realidad, sino que la vuelve inteligible. De este modo la narración histórica y la narración ficcional obedecen a los mismos mecanismos estructurales y solo se diferencian pragmáticamente.*¹⁷ (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 148).

Por sua vez, ao entender a literatura como o reino das infinitas possibilidades e ambiguidades, suas construções discursivas sobre o passado passam a ser relativas. Elas, com frequência, são concebidas como “mentiras” históricas, visto que a literatura, muitas vezes, apresenta uma versão dos acontecimentos que os

¹⁷ Nossa tradução livre: [...] o fato de que a história se configure em estruturas narrativas implica que os fatos realmente sucedidos foram selecionados pelo historiador e inscritos em uma trama que os ordena, os hierarquiza e lhes confere um sentido (ideológico, político, moral). A narração não copia a realidade, senão que a faz se tornar inteligível. Deste modo, a narração histórica e a narração ficcional obedecem aos mesmos mecanismos estruturais e somente se diferenciam pragmaticamente.

próprios historiadores, em seus textos, não conseguem, não podem ou não querem contar, conforme defende Esteves (2010).

Nesse sentido, Mario Vargas Llosa (2002), em sua obra *La verdad de las mentiras*, lembra que os historiadores tradicionais, fiéis às fontes por eles consagradas, não podiam fazer outra coisa que não fosse contar a história sob o prisma da “verdade absoluta”; ao romancista cabia, então, outra tarefa, contrária à “verdade” histórica, pois

[...] *en efecto, las novelas mienten – no pueden hacer otra cosa – pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse encubierta, disfrazada de lo que no es.*¹⁸ (VARGAS LLOSA, 2002, p. 16).

Para o escritor peruano, o que importa não é o caráter realista ou fantástico da ficção, dado que, para ele, “[...] *no se escriben novelas para contar la vida sino para transformarla, añadiéndole algo.*”¹⁹ (VARGAS LLOSA, 2002, p. 17). Da mesma maneira, Aínsa (1997) admite que a “mentira” literária pode também cumprir uma missão, “[...] *la de ser un complemento posible del acontecimiento histórico, su posible metáfora, su síntesis, paradigmática, su moraleja.*”²⁰ (AÍNSA, 1997, p. 111).

De acordo com essa percepção da literatura, Esteves (2010) menciona que as “verdades” da literatura são sempre subjetivas, “verdades” que, na maioria dos casos, não estão de acordo com a versão da história tradicional e, “[...] nesse sentido, a recomposição do passado que a literatura faz é quase sempre falsa, se a julgarmos em termos de objetividade histórica não há dúvidas de que a verdade literária é uma e a verdade histórica é outra.” (ESTEVES, 2010, p. 20).

Em suma, conforme destaca a pesquisadora argentina Inés Santa Cruz (2000), ao nos direcionarmos para os discursos literário e historiográfico, observamos que eles compartilham o mesmo suporte: o relato, que é a única

¹⁸ Nossa tradução livre: [...] com efeito, os romances mentem – não podem fazer outra coisa – mas essa é somente uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que apenas pode se expressar encoberta, disfarçada do que não é.

¹⁹ Nossa tradução livre: [...] não se escrevem romances para contar a vida senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo.

²⁰ Nossa tradução livre: [...] a de ser um complemento possível do acontecimento histórico, sua possível metáfora, sua síntese, paradigmática, sua moral.

maneira de converter uma sucessão de fatos numa história. O relato historiográfico pode exercer sua capacidade de refigurar o tempo sobre uma referência do real. Portanto, o relato da ficção amplia o circuito do histórico porque lhe agrega a manipulação retórica do discurso narrativo, recria fatos e personagens a partir de sua própria visão histórica.

Certamente, a literatura possui a função de, ao valer-se da história, ratificá-la, negá-la, modificá-la ou reinterpretá-la, agregando-lhe, assim, um sentido novo para, desse modo, ressignificar o passado. Essa ressignificação proporciona aos excluídos dos relatos anteriores um espaço de representação e manifestação enunciativa e aos leitores da atualidade outras possíveis concepções dos acontecimentos que lhe são apresentados por perspectivas muitas vezes inusitadas de uma personagem esquecida, apagada ou menosprezada pela seletiva visão que consagrou a versão oficializada dos fatos incorporados ao tecido discursivo da historiografia tradicional. Como bem observa Amado Alonso (1995),

*[...] materia son para la historia los sucesos pasados, recogidos y documentados por la erudición, y la historia les da “forma” al estructurarlos con un sentido; pero la historia es a su vez materia para la poesía, que le da su “forma” peculiar, poniendo en ella un profundo sentido nuevo, más allá de lo particular histórico.*²¹
(ALONSO, 1995, p. 11).

É notável que a história exponha as ações em sucessão cronológica, selecione-as e as organize hierarquicamente; já a criação poética, a partir de seu relato particular, pode expressar, com nitidez e intensidade, os acontecimentos do passado, as personagens e suas vivências por meio de estratégias como as anacronias, as sobreposições temporais, a circularidade temporal, as simultaneidades e outras estratégias de manipulação do relato disponíveis e legítimas para o labor do literato. Para Aínsa (1997), de fato, história e ficção são relatos que pretendem reconstruir e organizar a realidade a partir de componentes como documentos e outras fontes históricas, assim como buscam dar sentido aos

²¹ Nossa tradução livre: [...] os acontecimentos passados são matéria para a história, recolhidos e documentados pela erudição, e a história lhes dá forma ao estruturá-los com um sentido; mas a história, por sua vez, é matéria para a poesia, que lhe dá sua “forma” peculiar, pondo nela um profundo sentido novo, além do particular histórico.

seus discursos, torná-los inteligíveis, graças à escrita que mediatiza a seleção dos fatos.

Para ele, além do espaço comum do relato e dos mecanismos de construção discursivos que compartilham na composição da narrativa, “[...] *en algunos casos es la literatura la que mejor sintetiza, cuando no configura, la historia de un pueblo.*”²² (AÍNSA, 1997, p. 112). Nesse sentido, o discurso ficcional, graças à sua percepção mais ampla dos aspectos da vida cotidiana, alcançada pelas possibilidades desse relato ficcional adentrar-se no público e no privado, enriquece a própria história, pois

[...] *la literatura tolera las contradicciones, la riqueza y polivalencia en que se traduce la complejidad social y psicológica de pueblos e individuos, lo que no siempre sucede en el ensayo histórico, en general más dependiente del modelo teórico e ideológico al que aparece referido.*²³ (AÍNSA, 1997, p. 113).

Destacamos, assim, no campo de produção textual de caráter híbrido de história e ficção, o gênero romance histórico, que, segundo Fleck (2006, p. 37), “[...] aparece como palco de um dos mais significativos encontros entre ambas as áreas.” O romance histórico é, portanto, um texto literário que se vale do discurso histórico precedente na medida em que é próprio de sua essência a conjugação da ficcionalidade, inerente ao romance, e a incorporação de material diverso advindo da construção discursiva da historiografia nas diegeses arquitetadas.

Compreendemos a importância de se abordar os estudos referentes a esse gênero, pois, constatamos, pela leitura dos críticos já mencionados sobre as ressignificações da história, que a literatura consegue, muitas vezes, tornar coerentes fatos históricos que a própria historiografia, por sua decisão de seleção, não consegue definir em sua plenitude, pois a realidade possui várias facetas e o romance pode interpretá-las a partir da imaginação (BURKE, 1997). Sendo assim, o romance histórico, ao permear em seu discurso o diálogo entre as distintas perspectivas de um fato, permite a construção de múltiplas versões de um mesmo

²² Nossa tradução livre: [...] em alguns casos é a literatura a que melhor sintetiza, quando não configura, a história de um povo.

²³ Nossa tradução livre: [...] a literatura tolera as contradições, a riqueza e polivalência em que se traduz a complexidade social e psicológica dos povos e indivíduos, o que nem sempre sucede no ensaio histórico, em geral, mais dependente do modelo teórico e ideológico ao que aparece referido.

passado. Nessa perspectiva, Fleck (2017) aponta que o romance histórico possui, na contemporaneidade, grande interesse por parte dos leitores. Isso ocorre, principalmente,

[...] por essa sua natureza mista, na qual elementos de distintas áreas do saber, como a narratologia, a reconstrução do tempo passado e a reconfiguração de personagens e fatos, convivem sem o intento sumário da distinção, numa perspectiva que oferece ao leitor alternativas multifacetadas de interpretação. (FLECK, 2017, p. 32).

O equilíbrio entre o material histórico e o ficcional, necessário em um romance histórico, promove, assim, a qualidade da obra. No que diz respeito a isso, Mata Induráin (1995) enfatiza que o romance histórico deve apresentar uma proporção adequada de ambas as áreas; mas também, García Gual (2002) expressa que “[...] *lo que configura como obra de arte a la novela es la armónica conjunción de ambas. Pero es muy frecuente que una u otra se imponga y desequilibren el conjunto.*”²⁴ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 23).

Para a escrita do romance histórico, seja ela em qual modalidade for, o mais importante será, sobretudo, primar pela arte, pois, trata-se de uma obra de ficção. Dessa forma, embora trabalhe, essencialmente, com fatos e personagens pertencentes ao passado registrado pela historiografia, o romance histórico deverá ser essencialmente arte literária (FLECK, 2017).

Com relação ao romance histórico e sua trajetória, todavia, não podemos deixar de citar os estudos de Georg Lukács ([1937]1977) – o primeiro teórico a escrever sobre esse gênero em *La novela histórica*, nos anos de 1936-1937. No ensaio, o autor aborda o surgimento e a evolução dessa escrita híbrida, partindo das obras *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), do escocês Walter Scott, sendo a última o embrião revolucionário do próprio gênero.

Lukács (1977) observa de forma perspicaz que há romances de tema histórico considerados “precursores” já nos séculos XVII e XVIII, tanto no território europeu como no asiático. Contudo, assevera que tais formas narrativas anteriores a Walter Scott não tinham em sua essência “[...] *la representación artística fiel de un*

²⁴ Nossa tradução livre: [...] o que configura como obra de arte o romance é a harmônica conjunção de ambas. Mas é muito frequente que uma ou outra se imponha e desequilibrem o conjunto.

*período histórico concreto.*²⁵” (LUKÁCS, 1977, p. 15). Ou seja, primavam antes pela descrição do ambiente e da psicologia das personagens de acordo com a época do romancista.

Também Fleck (2017) ressalva que a coexistência de fatos históricos e elementos ficcionais no mesmo relato já havia aparecido em obras épicas e dramáticas, nas quais não se primou por deslindar suas fronteiras. Essas escritas anteriores ao romantismo não apresentam os aspectos essenciais das produções híbridas de Walter Scott (1771-1832), pois, faltava nelas “[...] a especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e de agir das personagens.” (FLECK, 2017, p. 38). Tal especificidade ocorre no romance histórico, que passa a ser, em toda a Europa e América, um gênero muito popular na época do romantismo. Mata Induráin (1995) lembra que esse pode ser considerado um gênero genuinamente romântico, pois conserva a estrutura da aventura como estratégia para interessar ao leitor, porém, combina-o com cenários históricos, a tal ponto de afirmar que “[...] *la imaginación romántica hizo ser historiadores a los novelistas y novelistas a los historiadores.*²⁶” (MATA INDURÁIN, 1995, p. 24).

Segundo Fleck (2017), a escrita do romance histórico ampliou as relações entre a ficção e a história desde sua origem, promoveu, inclusive, uma vasta discussão no próprio âmbito da história, uma vez que gerou, com a sua abordagem ao passado, uma revisão nos métodos tradicionais. Submetida a diversas realidades e contextos, a modalidade primeira de escrita do romance histórico acabou sofrendo, ao longo dos tempos, inúmeras transformações que, mais tarde, conduziram à ampliação de suas formas expressivas, as quais possuem ideologias, recursos escriturais e linguísticos próprios. Essas escritas híbridas de história e ficção tão diversas são organizadas por Fleck (2017) em uma trajetória de acordo com suas peculiaridades, resultando em distintas fases de expressão pelas quais o gênero tem passado desde as escritas primeiras de Walter Scott. Nesse sentido, distinguem-se três fases nesse percurso:

²⁵ Nossa tradução livre: [...] a representação artística fiel de um período histórico concreto.

²⁶ Nossa tradução livre: a imaginação romântica fez ser historiadores aos romancistas e romancistas aos historiadores.

[...] a primeira é a acrítica – na qual há uma interação dos discursos histórico e ficcional na exaltação dos heróis do passado –, a segunda é a crítica/desconstrucionista – momento de enfrentamento entre o discurso exaltador da história e o desmistificador da ficção –, e a terceira, e mais atual, é a fase crítica/mediativa – na qual prevalece a criticidade na releitura do passado pela ficção, mas ocorre uma mescla entre as características das escritas tradicionais e as desconstrucionistas. (FLECK, 2017, p. 22).

Com base no referido estudo, temos também a divisão das fases em diversas modalidades que as compõem. Assim, segundo Fleck (2017), entre as modalidades acríticas da primeira fase destacam-se o romance histórico clássico scottiano e o romance histórico tradicional; na segunda fase, crítica/desconstrucionista, ganham relevância o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica; e na terceira e mais recente fase, a crítica/mediativa, reúne-se um conjunto denominado de romance histórico contemporâneo de mediação, termo proposto por Fleck (2007) para aquelas escritas que, por um lado, mantém a criticidade, ressignificando o passado por meio do emprego de estratégias escriturais equilibradas entre a tradição e a renovação do gênero, mas, por outro, abandonam o desconstrucionismo e o experimentalismo linguístico e formal, característico da segunda fase dessas escritas híbridas. Diante disso, expomos que tais modalidades e suas características mais relevantes serão abordadas, com maior ênfase, nas próximas subseções.

Hoje, entretanto, ao contrário da primeira modalidade clássica scottiana, os tempos passados não servem apenas para a ambientação de uma diegese voltada a um triângulo amoroso, mas são ressignificados nos romances históricos contemporâneos a fim de se fazer uma releitura crítica dos eventos ou dos protagonistas aludidos, tomando para si um papel mais comprometido com a ideologia de revelar outras perspectivas e outros atores dos acontecimentos que transformaram a vida do homem ao longo dos tempos.

Ao reler criticamente a história, Aínsa (1997) assevera que o romance histórico tem a capacidade de evidenciar, com franqueza e sentido crítico, o que não quer ou não pode fazer a história tradicional que se pretende científica, pois sua intenção primordial é alcançar a objetividade.

Sabemos que a tendência do discurso ficcional é subjetivar o histórico, dando prioridade aos feitos individuais; observamos que sua natureza narrativa chega, muitas vezes, a suprimir as amplas lacunas da história tradicional, por vezes conservadora e preconceituosa, ao dar voz ao que a história negou, silenciou ou perseguiu ao longo de muitos de seus séculos de escrita.

Esse gênero narrativo tem, então, o claro objetivo de desmistificar a história tradicional, a fim de descobrir novas versões. Esteves (1998) assinala, também, que, aos escritores compete a função de buscar uma versão mais justa do passado, concedendo a palavra aos excluídos, oprimidos e vencidos, realizando, assim, uma revisão e uma readaptação das interpretações históricas precedentes.

Nessa perspectiva, o historiador espanhol García Gual (2002), em sua obra *Apología de la novela histórica y otros ensayos*, salienta as particularidades do gênero romance histórico e seu intrínseco valor literário. Para o autor, essa modalidade narrativa proporciona uma visão mais dramática e vivaz do passado em relação àquela realizada pelo historiador, que a vê de forma bastante linear e esquemática. Não se pode negar que o romance é ficção, no entanto, também é inegável que o romancista está a serviço de uma construção poética verossímil²⁷. De acordo com o historiador,

[...] *esa ficción, verosímil, puede ofrecernos una interpretación más real y más viva de los sucesos que la de la historiografía, gracias a la mayor libertad del narrador para enfocar y colocar los sucesos y, en suma, para inventar o reinterpretar personajes.*²⁸ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 12).

Não há dúvidas, como podemos inferir, de que o romancista vale-se de uma liberdade de narração e evocação mais imaginativas do que é possível ao

²⁷ Segundo esclarece Fleck (2017), a verossimilhança foi fator essencial para a escrita da primeira fase da trajetória do romance histórico, a que ele classifica como acrítica, na qual estão congregadas as modalidades do romance histórico clássico scottiano e o romance histórico tradicional. Já na fase crítica/desconstrucionista, pelo alto grau de metaficcionalidade que muitas das obras dessa fase comportam, a verossimilhança deixou de ser alvo dos romancistas, pois, nas modalidades dessa fase, é primordial revelar ao leitor que, sobre o passado, só temos, hoje, discursos. Contudo, na fase crítica/mediadora mais atual, há uma volta à construção verossímil do passado, já que essa modalidade mescla características da primeira fase com outras da segunda fase em suas diegeses.

²⁸ Nossa tradução livre: [...] essa ficção, verossímil, pode oferecer-nos uma interpretação mais real e mais viva dos acontecimentos do que a da historiografia, graças à maior liberdade do narrador para enfocar e expor os acontecimentos e, em síntese, para inventar ou reinterpretar personagens.

historiador. O literato usufrui dessa liberdade, ainda, para situar, no centro de seu relato, figuras cuja escassa importância pública foi motivo para lhes negar a inclusão em uma crônica histórica relevante.

A história tradicional, instaurada pelo alemão Leopold Ranke no princípio do século XIX, ocupa-se, especialmente, dos grandes homens do passado, heróis de feitos admiráveis e dos vencedores de grandes batalhas e desafios; em contraposição, “[...] *la novela puede presentar como protagonistas a gentes del común, individuos cuya vida privada se ve ligada a un tiempo histórico y cuya existencia es arrastrada por el flujo de la historicidad.*”²⁹ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 16).

O romancista, ao atrair a atenção para a vida privada, para os sofrimentos e experiências de indivíduos de categoria mediana, considerados indignos da grande cena trágica e épica heroica privilegiada pela história rankeana, acaba por revelar que esses também compõem a história e, num relato, cujo pacto de leitura requer a participação ativa do leitor, evidenciam-se outras nuances de um mesmo passado já, discursivamente, estabelecido pela historiografia.

As ficções históricas, cada vez mais associadas aos movimentos da nova história, passam a dar visibilidade aos marginalizados para que, assim, os leitores possam engendrar outras versões dos feitos históricos. Ao estar o historiador condicionado às fontes e aos documentos oficiais, esquece-se de homens e mulheres que não figuram nos espaços iluminados do mundo heroico e político. A esse respeito, García Gual (2002) comenta:

*Al margen de la historiografía tradicional, en efecto, quedan incontables hombres y mujeres oscuros, sufridores de los grandes sucesos, raramente actores de los mismos, que el novelista puede rescatar del olvido habitual. Incluso puede dejarse llevar por la tentación justiciera de observar el mundo con los ojos de éstos. Son los perdedores o los sujetos anónimos llevados por el oleaje del decurso histórico. [...] Pero pueden ser protagonistas de una novela [...].*³⁰ (GARCÍA GUAL, 2002, p. 19).

²⁹ Nossa tradução livre: [...] o romance pode apresentar como protagonistas pessoas da vida comum, indivíduos cuja vida privada se vê ligada a um tempo histórico e cuja existência é arrastada pelo fluxo da historicidade.

³⁰ Nossa tradução livre: À margem da historiografia tradicional, com efeito, ficam incontáveis homens e mulheres obscuros, sofridores dos grandes acontecimentos, raramente atores dos mesmos, que o romancista pode resgatar do esquecimento habitual. Inclusive pode-se deixar levar pela tentação

Definitivamente, não é acidental que tantas obras híbridas de história e ficção atuais tenham como protagonistas as mulheres. A tendência de reincorporar vozes marginalizadas no discurso ficcional coincide, perfeitamente, com uma nova corrente de mulheres historiadoras do século XX, que, a partir de uma clara reação à história tradicional, conjuntamente ao movimento da história “vista de baixo” (SHARPE, 1992), prestam maior interesse a figuras históricas submersas no esquecimento.

García Gual (2002) sustenta que há um impulso compensatório em construir romances nos quais se dê palavra às mulheres, habitualmente esquecidas ou silenciadas pelos cronistas antigos. Essa visão feminina da história, por si só, pode oferecer uma defesa ou, inclusive, subverter os valores de cunho masculino impostos socialmente.

Para Ciplijauskaitė, autora de *La novela femenina contemporánea (1970-1985): hacia una tipología de la narración en primera persona* (1994), existem duas formas de romance histórico feminino: uma em que a escritora é uma mulher e outra em que a protagonista é uma mulher. Ciplijauskaitė (1994) dialoga diretamente com os estudos feministas, reverberando que uma crítica literária feminista não é feita apenas por autoras mulheres, mas também, a partir da abordagem que retoma personagens femininas, ou, ainda, que retoma personagens femininas em textos clássicos para evidenciar certa construção postulada em parâmetros centralizadores. As duas formas de romances históricos femininos serão abordadas no *corpus* central de análise de nossa pesquisa, a primeira com a obra de Constance Goddard DuBois (1892) e a segunda com a de Pedro Piqueras (2000).

Ressaltamos que, nas últimas duas décadas do século XX, a proporção de romances históricos escritos por mulheres e sobre mulheres aumentou consideravelmente. Conforme afirma a autora, as causas desse fenômeno são múltiplas, mas o resultado é um grande enriquecimento de perspectivas e vozes, além disso, esse fato está diretamente ligado à entrada da mulher nas mais diferentes estruturas sociais. Por conseguinte, a autora destaca que,

justiceira de observar o mundo com os olhos destes. São os perdedores ou os sujeitos anônimos levados pela onda do decurso histórico. [...] Mas eles podem ser protagonistas de um romance [...].

[...] surge, entonces, la necesidad de explorar las razones del silencio previo, el deseo de mostrar que la mujer tenía su lugar en la sociedad también antes, aunque pasara desapercibida, y que ya entonces lograba vivir su propia vida. [...] Las jóvenes escritoras hacen recordar que la mujer casi no existía como ente oficial; por otra parte, muestran que a pesar de esas condiciones siempre ha habido figuras femeninas excepcionales.³¹ (CIPLIJAUSKAITÉ, 1994, p. 123-124).

Os romances históricos femininos contemporâneos, de modo geral, passam a aclarar e retificar as omissões históricas em relação à mulher. No tocante aos aspectos típicos dos romances históricos femininos, a autora frisa, ainda, que esses se centram na tentativa de circunscrever a mulher na história, porém, à revelia das representações tradicionais, voltados para as motivações interiores, subjetivas, o que demonstra grande afinidade com as novas tendências historiográficas, que preferem não se fixar nos grandes acontecimentos e nas figuras destacadas, contando suas vitórias e derrotas.

Nessa mesma linha de pensamento, em *Reflexiones sobre la novela histórica* (2006), Navarro Salazar une o conceito de romance histórico feminino com o fenômeno do feminismo, afirmando que as mulheres estão buscando formar sua própria identidade, de maneira que, tanto as autoras como as protagonistas femininas, “[...] pueden encontrar sus genealogías en voces de mujeres del pasado.³²” (NAVARRO SALAZAR, 2006, p. 218). Dessa forma, destaca que o problema de construir a identidade individual e coletiva por meio da revisão da história é, provavelmente, o aspecto primordial no novo conceito de romance histórico feminino.

Apesar do indiscutível florescimento do gênero híbrido de história e ficção na América Latina nas últimas décadas do século XX, em *La narrativa histórica de escritoras latino-americanas* (2004), Gloria da Cunha afirma que são insuficientes os estudos críticos literários acerca da produção literária feminina, uma vez que permanecem inexploradas e à margem. Dessa forma, em seu livro, a pesquisadora

³¹ Nossa tradução livre: [...] assim, surge a necessidade de explorar as razões do silêncio anterior, o desejo de mostrar que a mulher já tinha lugar na sociedade também antes, apesar de passar despercebida, e que já então conseguia viver sua própria vida. [...] As jovens escritoras nos lembram que as mulheres quase não existiam como uma entidade oficial; por outro lado, mostram que, apesar dessas condições, sempre houve figuras femininas excepcionais.

³² Nossa tradução livre: [...] podem encontrar suas genealogias em vozes de mulheres do passado.

busca inserir, incorporar e interpretar obras de autoras latino-americanas, com a finalidade de recuperar uma parte da memória literária da América Latina, para o fortalecimento da base crítica-teórica existente.

Segundo Da Cunha (2004), ao mesmo tempo em que há uma “injustiça crítica” em relação às escritoras latino-americanas, há uma extensa discussão sobre a narrativa histórica. Diante disso, o critério de seleção das obras que seriam incluídas no livro obedeceu a dois principais conceitos de classificação: o das narrativas históricas do “nascimento”, imperantes durante o século XIX; e o das narrativas históricas do “renascimento”, instituídas a partir da segunda metade do século XX.

Nessa perspectiva, a narrativa histórica do “nascimento”, no contexto latino-americano pós-independente, “[...] *puede ser definida como la que funda la historia de la nación mediante la recreación del pasado de sus actores dado que toda independencia implica la existencia de una historia propia.*”³³ (DA CUNHA, 2004, p. 14). Para os(as) escritores(as) do “nascimento”, portanto, imitar o esquema clássico criado por Walter Scott não tinha tanta relevância quanto criar uma narrativa que primasse pela construção da história nacional. A narrativa do “renascimento”, por sua vez, tem como premissa

[...] *re-fundar la nación, de re-escribir la historia desde la perspectiva de los distintos actores que la hicieron, o que padecieron silenciosamente sus efectos, de revisar tanto la historia oficial de cada país como la de América Latina, para alcanzar la verdadera independencia del pensamiento.*³⁴ (DA CUNHA, 2004, p. 15).

A partir da segunda metade do século XX, começam a eclodir novas técnicas narrativas e ideológicas, o que contribui para o renascer do romance histórico. Consequentemente, os escritores do “renascimento”, mesmo apegados à narrativa realista, têm como objetivo “[...] *recuperar figuras históricas ignoradas o sucesos*

³³ Nossa tradução livre: [...] pode ser definido como aquele que funda a história da nação recriando o passado de seus atores, pois toda independência implica a existência de sua própria história.

³⁴ Nossa tradução livre: [...] refundar a nação, para reescrever a história da perspectiva dos diferentes atores que a fizeram ou que sofreram silenciosamente seus efeitos, para revisar a história oficial de cada país e a da América Latina, para alcançar verdadeira independência de pensamento.

*históricos olvidados desde perspectivas nuevas.*³⁵ (DA CUNHA, 2004, p. 15). Um elemento também primordial do “renascimento” é a participação ativa do leitor e escritores de grupos minoritários, como o caso das escritoras, para quem “[...] *la literatura se ha convertido en uno de los principales vehículos para alterar esa identidad otrora fijamente establecida en la historia.*³⁶” (DA CUNHA, 2004, p. 16). Segundo tal afirmação, a literatura de autoria feminina segue uma orientação também política, uma vez que permite interferir na ordem social, buscando subverter a posição de inferioridade da mulher ao longo dos anos.

Além disso, Da Cunha (2004) menciona que essas escritoras latino-americanas demonstram-se inclinadas “[...] *por la recreación de la época de la conquista o de la colonia pero no con la voluntad de glorificarla, sino con ánimo de rescatar y destacar aspectos descuidados de la misma.*³⁷” (DA CUNHA, 2004, p. 20). Conforme essa aceção, ambas as obras que compõem nosso *corpus* de análise, *Columbus and Beatriz* (1892), de DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Piqueras, ainda que não sejam obras latino-americanas, buscam recuperar a atuação de uma figura histórica esquecida, alterando, assim, sua posição secundária.

Rompe-se, desse modo, com a des-memória³⁸ de uma história contada apenas pelo prisma masculino, buscando cessar o emudecimento histórico das mulheres. O romance histórico desafia as tradições ao extrair da obscuridade histórica as vivências e as vozes femininas que foram apagadas pelo patriarcado.

³⁵ Nossa tradução livre: [...] recuperar figuras históricas ignoradas ou acontecimentos históricos esquecidos desde perspectivas novas.

³⁶ Nossa tradução livre: [...] a literatura se tornou em um dos principais veículos para alterar essa identidade outrora fixamente estabelecida na história.

³⁷ Nossa tradução livre: [...] pela recriação da época da conquista ou da colônia, mas não com a vontade de glorificá-la, mas com ânimo de resgatar e destacar os aspectos negligenciados da mesma.

³⁸ Cientes estamos que, no campo dos Estudos Culturais, pensadores como Ricoeur (2007), Robin (2001) e Paveau (2013) apontam os diferentes processos de complexificação da ideia de memória, des-memória ou, ainda, a-memória discursiva. No entanto, nesta dissertação, não iremos problematizar o conceito de memória discursiva, uma vez que demandaria uma longa pesquisa de suas reformulações e prolongamentos conceituais. Sendo assim, utilizamos aqui o termo des-memória com o objetivo de aclarar que a memória, em suas mobilizações, supõe, também, o esquecimento que, evidentemente, integra seu funcionamento. Nesse sentido, a des-memória discursiva está a serviço do desligamento de lembranças e inserções no fio memorial do discurso, e isso, de certa forma, ocorreu com a história das mulheres ao longo dos séculos.

Recordar e rememorar a vida passada permite colocar em xeque os ditames do poder, ou seja, sustenta a liberação da representação feminina, aproveitando-se do discurso histórico em diálogo com o discurso ficcional.

Com base nessa breve fundamentação, é importante entendermos que, nos romances eleitos como *corpus* de análise e estudo nesta dissertação, tanto o discurso histórico quanto o ficcional interligam-se para representar e indagar o passado que, segundo a sua perspectiva oficial, não reconheceu Beatriz Enríquez de Harana na vida de Colombo. Essa personagem, portanto, tem sua história resgatada nas obras de Constance Goddard DuBois (1892) e Pedro Piqueras (2000), ganhando o protagonismo necessário para a sua revalorização e inserção nas elipses históricas.

Ao considerar, portanto, que todo texto mantém uma extensa inter-relação com outros textos, para uma interpretação efetiva das obras literárias objetos de estudo, é preciso ter em mente que esse passado já foi elaborado e reelaborado inúmeras vezes por distintos cronistas, historiadores e mesmo romancistas. Surge, desse modo, a necessidade de rever esses discursos precedentes e expor seus aspectos não registrados pelo discurso hegemônico da história tradicional.

Para tanto, na subseção a seguir, abordamos, especificamente, as menções históricas a essa mulher que vivenciou o percurso da peregrinação de Colombo junto à corte espanhola em busca do necessário apoio à realização de sua empreitada. Ela acompanhou, assim, todos os preparativos do “descobrimento” da América, bem como seus eventos posteriores. Foi, ainda, a guardiã do filho primogênito de Colombo – Diego Colombo, filho da portuguesa Felipa Moniz Perestrelo – durante todo o percurso da travessia de Colombo ao Atlântico, e mãe de seu segundo Filho, Fernando Colombo, o primeiro biógrafo de Cristóvão Colombo.

1.1 ESCRITAS À MARGEM: UMA SOMBRA DE COLOMBO

Beatriz Enríquez de Harana (1467-1521) é conhecida historicamente por haver mantido uma relação com Cristóvão Colombo, o homem que protagonizou a aventura do então “descobrimento” da América, transformando o mundo de sua

época e lançando a Europa à conquista de imensos impérios. Além disso, Beatriz também teve com ele um filho, Fernando Colombo, o segundo para ele e o primeiro e único para ela.

Fernando foi o primeiro biógrafo do navegador e se tornou um dos mais famosos homens das letras da sua época. Porém, como se sabe, Beatriz não foi sequer mencionada nos registros sobre a vida de Colombo, feitos pelo próprio filho, permanecendo à sombra de um dos homens mais conhecidos do renascimento espanhol. Assim, os aspectos da vida privada de Beatriz acabaram sendo obscurecidos, já que a maioria dos biógrafos destacam somente a grandiosidade da empresa marítima de Colombo e o teor transformador de seus feitos para a época. Não obstante, temos o encargo de resgatar – mesmo que sejam escassas – as menções a Beatriz nos escritos historiográficos, a fim de compreender a importância de sua presença para a estabilidade e perseverança de Colombo durante o período em que o marinheiro procurou o apoio dos reis católicos à sua empresa inusitada de buscar uma nova via marítima às Índias pela via oeste.

Para abordar as origens de Beatriz Enríquez de Harana e suas relações com Cristóvão Colombo, contamos, a princípio, com os estudos de José de la Torre y del Cerro, investigador dos arquivos cordobeses e autor da obra *Beatriz Enríquez de Harana y Cristóbal Colón* (1933). Segundo relata o autor, Beatriz era filha de Pedro de Torquemada e Ana Núñez de Harana, e tinha um irmão mais velho, que se chamava Pedro. Eram modestos agricultores, residentes da aldeia de Santa María de Trassierra, localizada a quinze quilômetros ao noroeste de Córdoba. Afirma-se que tanto Beatriz quanto Pedro nasceram na referida localidade. Porém, em relação ao nascimento de Beatriz, não se sabe com exatidão a data, que pode ter sido entre 1466 e 1467.

Eram ainda muito crianças quando seu pai, Pedro de Torquemada, veio a falecer, e não há registros sobre a causa de sua morte e o ano em que isso ocorreu. Ana Núñez, ao ficar viúva, decidiu mudar-se, em companhia de seus filhos, para Córdoba, cidade na qual moravam seus irmãos e sua mãe. Pouco tempo depois, em 2 de junho de 1471, ela também faleceu, mas, antes, em testamento, instituiu como principais herdeiros os seus dois filhos. Dessa forma, mesmo órfãos, Beatriz e Pedro não ficaram desamparados financeiramente.

Em seguida, passaram aos cuidados de sua avó Leonor Núñez e de sua tia materna, Mayor Enríquez de Harana, quem educou com muito zelo seus dois sobrinhos, dando-lhes também instrução. A esse respeito, enfatiza De la Torre y del Cerro (1933, p. 55):

[...] *generosa y excelente mujer ésta, que por las señas dio a sus sobrinos buena educación cristiana y a más de ello les hubo de procurar cierta instrucción. Por lo menos la Beatriz Enríquez aprendió a leer y escribir, lo que ya era bastante y aun demasiado para aquella época, en la que esposas e hijas de grandes señores y aun de gente letrada no sabían ni dibujar su nombre en una firma.*³⁹

Essas mulheres – avó e tia – provavelmente cuidaram com todo o esmero da criação e instrução dos dois órfãos, cumprindo com seus deveres de guardiãs, conforme previa a lei naquele tempo. De acordo com Manzano Manzano (1964), autor da biografia *Cristóbal Colón – Siete años decisivos de su vida*, os tutores, por legislação, deviam garantir que aprenderiam boas maneiras, bem como ler e escrever. Nesse sentido, observa a boa educação, formal e moral, que tiveram, de modo que “[...] *Pedro resultó ser un “hombre muy honrado y bien cuerdo”, según informa el padre Las Casas, que lo conoció “muy bien”. Su hermana Beatriz “aprendió a leer y escribir.*⁴⁰” (MANZANO MANZANO, 1964, p. 116). Beatriz difere, portanto, de muitas das mulheres de sua época, pois não era comum que aprendessem a ler e a escrever nas classes sociais menos abastadas.

Com a morte da avó, os dois permaneceram na casa de sua tia materna até o seu falecimento que, conforme consta, ocorreu no dia 12 de maio de 1478. Sua tutela, conseqüentemente, recaiu sobre Rodrigo Enríquez de Harana, outro irmão de Ana Núñez, parente mais próximo dos órfãos naquele tempo. De la Torre y del Cerro (1933) destaca que Rodrigo era homem de relevo social em Córdoba, porém, não possuía boa reputação por estar frequentemente endividado e mudando com

³⁹ Nossa tradução livre: [...] mulher generosa e excelente, quem, por sinal, deu aos sobrinhos uma boa educação cristã e, mais do que isso, lhes deu alguma instrução. Pelo menos Beatriz Enríquez aprendeu a ler e a escrever, o que era suficiente e até demais para aquela época, quando esposas e filhas de grandes senhores e até pessoas alfabetizadas nem sabiam como desenhar seu nome em uma assinatura.

⁴⁰ Nossa tradução livre: [...] Pedro acabou sendo um "homem muito honesto e muito são", segundo o padre Las Casas, que o conhecia "muito bem". Sua irmã Beatriz "aprendeu a ler e escrever".

frequência de domicílio. Portanto, segundo o autor, não era a pessoa mais recomendada para tal função.

[...] *Rodrigo Enríquez de Harana, persona que figuraba mucho en Córdoba, pero cuyas costumbres y modos de proceder no eran los más recomendables para asumir el cargo y llevar la dirección de unos jóvenes que se habían educado bajo otros principios y en más sano ambiente. Pedro, juicioso y honrado, a lo que parece, no quiso aguantarlo y en cuanto pudo se alejó de él y hasta de Córdoba; no así Beatriz, que, como menor de edad, aún se hallaba sometida a la curadería de su tío cuando a ella llegó Colón.*⁴¹ (DE LA TORRE Y DEL CERRO, 1933, p. 55).

O novo tutor de Beatriz e Pedro, conforme registra Manzano Manzano (1964), era, sem dúvida, de inteligência e cultura superiores ao que se podia esperar de um homem de origem humilde. Ademais, possuía grande atrativo pessoal, o que permitiu contrair matrimônios vantajosos e angariar boas relações, especialmente, entre a classe média letrada, à qual pertencia a sua primeira esposa, Constanza de Alarcón. Com ela, teve um único filho, de nome Diego de Harana.

Rodrigo teve uma vida dispendiosa e despreocupada. Em alguns rastros documentados, fica evidente que não apenas consumiu sua própria herança, como, também, as economias e heranças de suas esposas. Como indício de sua conduta desestruturada, Manzano Manzano (1964) relata que, em 9 de agosto de 1477, estando sua vida em perigo devido a uma doença, outorgou seu primeiro testamento, em que institui seu único filho como herdeiro e ordena o pagamento das suas diversas dívidas, dentre elas, a que tinha com sua esposa Constanza. Reestabelecida sua saúde, em 1478, Rodrigo recebeu nova herança de uma tia rica, irmã de seu pai, e, assim, continuou vivendo em Córdoba.

Nesse período, Beatriz já se encontrava na casa de seus tios, Rodrigo e Constanza, vivendo na vizinhança de Santo Domingo. Seu primo Diego casou-se com Constanza de Porras, em 1486. E, por esses anos, de forma não muito precisa,

⁴¹ Nossa tradução livre: [...] Rodrigo Enríquez de Harana, uma pessoa que figurava muito em Córdoba, mas cujos costumes e formas de proceder não eram os mais recomendados para assumir o cargo e liderar os jovens que haviam sido educados sob outros princípios e em ambiente mais saudável. Pedro, criterioso e honesto, aparentemente, não queria tolerá-lo e, assim que pôde, afastou-se dele e até de Córdoba; não é assim Beatriz, que, como menor de idade, ainda estava sob os cuidados de seu tio quando Colombo chegou a ela.

morreu Constanza de Alarcón. Rodrigo, então viúvo, contraiu segundo matrimônio, novamente vantajoso, com Lucía Núñez, “[...] *una solterona, industriosa y rica y quizás algo parienta, que aportó a la sociedad conyugal sus telares de lienzos y paños y varias fincas que había adquirido con las ganancias.*”⁴² (MANZANO MANZANO, 1964, p. 119).

A prova de que Beatriz encontrava-se sob a tutela de seu tio Rodrigo Enríquez de Harana encontra-se em uma cláusula de seu último testamento, outorgado em 31 de julho de 1489, no qual menciona sua sobrinha Beatriz, filha de Pedro de Torquemada, a quem devia prestar contas em relação à administração de seus bens, dos quais haviam sido gastos uma parte para sua manutenção e vestimenta. Nesse mesmo testamento, não menciona o nome de seu irmão, Pedro, que, segundo Manzano Manzano (1964), já havia conseguido se livrar da proteção de seu parente.

No entanto, ao chegar a esse ponto, perguntamo-nos, quando, em que data, aproximadamente, Cristóvão Colombo conheceu Beatriz? Como entraram em contato e iniciaram suas relações íntimas e amorosas? Nada podemos responder de maneira concreta, visto que o próprio De la Torre y Del Cerro (1933) afirma que,

*[...] desgraciadamente, Cristóbal Colón no ha dejado vestigio alguno de su paso por Córdoba en los documentos notariales coetáneos a sus estancias en ella; y a falta de otra mejor prueba hemos de acoger la de indicios, que no es desdeñable en nuestro concepto éste de que figure un genovés emparentado con los Torreblanca amigos de los Harana.*⁴³ (DE LA TORRE Y DEL CERRRO, 1933, p. 56).

Para compreender como se conheceram o estrangeiro e a jovem cordobesa, é preciso recordar, como menciona Manzano Manzano (1964), que Cristóvão Colombo manteve residência na cidade de Córdoba, com algumas interrupções apenas, entre os anos de 1485 e 1487. Como se sabe, sua estadia nesse lugar deu-se, justamente, porque veio oferecer aos reis católicos, Fernando e Isabel, seu

⁴² Nossa tradução livre: [...] solteirona, trabalhadora, rica e talvez meio parente, que contribuiu para a sociedade conjugal seus teares de lona e tecido e várias chácaras que ela adquirira com os lucros.

⁴³ Nossa tradução livre: [...] Infelizmente, Cristóvão Colombo não deixou vestígios de sua passagem por Córdoba nos documentos notariais contemporâneos a suas estadias lá; e, na falta de outro teste melhor, temos de aceitar as evidências, que não são desprezíveis em nosso conceito, as de um genovês parente dos Torreblanca amigos dos Harana.

projeto de inaugurar uma via de navegação ás Índias Ocidentais – Cipango e Cathay (Japão e China) – cruzando o Atlântico, pela rota oeste e, assim, realizar possíveis “descobrimientos” de ilhas e terras firmes asiáticas na parte ocidental do mar oceânico.

Os monarcas encontravam-se empenhados em uma longa e sangrenta guerra contra o reino mouro de Granada e, nesse meio tempo, foram obrigados a residir na cidade, que acabou tornando-se a base das operações de seu exército. Colombo acompanhou os reis espanhóis por diversas cidades, mas, no ano de 1487, manteve-se em Córdoba. Consequentemente, para Manzano Manzano (1964), é lógico supor que o navegante estabelecesse relações, por afinidade de origem e linguagem, com alguns de seus possíveis compatriotas de Gênova, que, por aqueles anos, ali residiam.

Essa possibilidade da origem genovesa de Colombo está embasada em registros históricos de biógrafos como Jacques Heers (1992) e Salvador Madariaga (1947). Segundo Jacques Heers (1992, p. 16), *“La tesis genovesa llegó a imponerse. Se le puede considerar, si bien con muchas reservas, como la más verosímil, la menos “inventada”, la más libre de apasionamento y intenciones ocultas.”*⁴⁴ Madariaga (1947, p. 55), por sua vez, compartilha da mesma acepção da tese genovesa, afirmando que:

*[...] había en Génova una familia de Colombos cuyos nombres de pila coinciden con los del descubridor, sus hermanos y padres, sino que esta familia se componía de tejedores, cardadores y sastres y que dos de los muchachos de ella se dieron a navegar desde la edad púber, se instalaron en Lisboa y descubrieron América de modo que “sus palabras han llegado hasta los confines de la tierra”.*⁴⁵

A esse respeito, considera-se a possibilidade de que Colombo fosse genovês, pois, conforme relata De la Torre y Del Cerro (1933, p. 56),

⁴⁴ Nossa tradução livre: A tese genovesa chegou a se impor. Pode-se considerar, se bem que com muitas reservas, como a mais verossímil, a menos “inventada”, a mais livre de deslumbramento e intenções ocultas.

⁴⁵ Nossa tradução livre: Havia em Gênova uma família de Colombos cujos nomes de origem coincidem com os do descobridor, seus irmãos e seus pais, e esta família era composta por tecedores e alfaiates e que dois dos meninos dela começaram a navegar desde adolescentes, se instalaram em Lisboa e descobriram a América de modo que “suas palavras chegaram até os confins da terra”.

[...] simularse genovés, no siéndolo, le hubiera sido imposible en cuantos puntos estuvo, y mucho menos en la Corte de los Reyes Católicos, a cuyo alrededor tantos compatriotas suyos negociaban. Además, indicios y hasta pruebas existen de que Cristóbal Colón, lejos de rehuir el contacto de los italianos, que la hubieran descubierto, los buscó en todas partes, por necesidad material unas veces en solicitud de su ayuda e influencia, por afinidad espiritual de origen e idioma las más de ellas. Noticia cierta hay de que fue bien visto por los genoveses establecidos en Lisboa; [...] y de que en Sevilla, recomendado por los de Lisboa encontró un buen protector y amigo en el banquero florentino Juanoto Berardí, el cual tal vez lo relacionara, mediante cartas de presentación, con los italianos que habían en Córdoba, tales los genoveses Spíndola, activos comerciantes, muy en contacto con los sevillanos. Pero fuera por mediación de éstos o de otros o de modo directo, lo indudable es que Cristóbal Colón conoció y trató aquí a su compatriota el boticario Leonardo de Esbarroya.⁴⁶

Nesse caso, podemos destacar o nome de Leonardo de Esbarroya, genovês e boticário (farmacêutico) domiciliado em Córdoba. Leonardo possuía uma botica no centro da cidade, ponto estratégico em que todas as pessoas, vindas de diferentes bairros, dirigiam-se para ir aos mercados, lojas e açougues. De la Torre y Del Cerro (1933, p. 57) recorda que, “[...] *la botica de micer Leonardo sería el punto de cita, de reunión y de tertulia de físicos y cirujanos, de amigos y conocidos.*”⁴⁷ Nas reuniões que se faziam na botica de Leonardo Esbarroya, um dos principais participantes era o bacharel em medicina Juan Díaz de Torreblanca, enteado do físico e cirurgião Rodrigo Díaz de Torreblanca, que acompanhou Colombo em sua primeira viagem ao “Novo Mundo”.

⁴⁶ Nossa tradução livre: [...] simular-se genovês, não sendo genovês, teria sido impossível para ele em quantos lugares ele esteve, e muito menos na corte dos monarcas católicos, em torno de quem tantos de seus compatriotas negociavam. Além disso, há indicações e até provas de que Cristóvão Colombo, longe de evitar o contato dos italianos, que a descobririam, procurava-os em todos os lugares, por necessidade material, às vezes a pedido de ajuda e influência, por afinidade espiritual de origem e linguagem a maioria deles. Há certas notícias de que foi bem visto pelos genoveses estabelecidos em Lisboa; [...] E que em Sevilha, recomendado pelos lisboetas, encontrou um bom protetor e amigo no banqueiro florentino Juanoto Berardí, que talvez o relacionasse, por meio de cartas de apresentação, com os italianos que estavam em Córdoba, como os genoveses Spíndola, comerciantes ativos, muito em contato com o povo de Sevilha. Mas foi por meio desses ou de outros ou diretamente, sem dúvida, que Cristóvão Colombo conheceu e tratou aqui seu compatriota, o boticário Leonardo de Esbarroya.

⁴⁷ Nossa tradução livre: [...] a farmácia do senhor Leonardo seria o ponto de encontro, de reunião e conversa de físicos e cirurgiões, amigos e conhecidos.

Tais informações acerca de Leonardo Esbarroya e, também, dos Torreblanca, fazem-se relevantes uma vez que os citados mantinham estreita e antiga amizade com os Enríquez de Harana. A prova dessa amizade constata-se, em 1467, numa escritura de arrendamento de umas terras herdadas de Rodrigo Enríquez de Harana y Constanza de Alarcón, no qual figura como testemunha Juan Díaz de Torreblanca (MANZANO MANZANO, 1964).

É muito provável que Cristóvão Colombo tenha sido apresentado a Rodrigo Enríquez de Harana e ao seu filho Diego, que já era casado, por um de seus compatriotas, Leonardo Esbarroya, ou, ainda, Juan Díaz de Torreblanca. Para De la Torre y Del Cerro (1933), tais relações de amizade caracterizam-se como a versão mais verossímil e lógica de Colombo ter entrado em contato com Beatriz.

Não há até o momento uma data precisa em que Cristóvão e Beatriz conheceram-se e começaram uma relação, porém, de acordo com De la Torre y Del Cerro (1933), é certo que, em 1487, Beatriz, uma jovem de 20 anos, teve uma relação mais íntima com o estrangeiro genovês, de aproximadamente 35 anos de idade. Essa relação aprofundou-se nesse mesmo ano, pois alguns meses depois, em 15 de agosto de 1488, Beatriz deu à luz a um filho, Fernando, fruto de sua relação com Colombo.

Para De la Torre y Del Cerro (1933), foi seu primo Diego de Harana quem os apresentou, o que confirma a teia de relações estabelecidas anteriormente:

*[...] Diego de Harana se hizo, desde luego, gran amigo suyo, y él sería el que lo puso en conocimiento con su prima, al llevarlo a su casa, y él también el que con sus fantásticos relatos acerca de los proyectos del misterioso extranjero despertase en ella el deseo de atraérselo y conquistárselo, para ser luego una gran señora, pues, por su edad y carácter, no es de suponer que Colón la enamorara. En aquella fecha Beatriz andaba por los veinte años, o algo más, [...].*⁴⁸ (DE LA TORRE Y DEL CERRO, 1933, p. 58).

⁴⁸ Nossa tradução livre: [...] Diego de Harana se tornou, é claro, um grande amigo seu, e ele seria quem o pôs em conhecimento com sua prima, ao levá-lo para sua casa, e também ele quem, com suas histórias fantásticas sobre os projetos do misterioso estrangeiro, despertou nela o desejo de atraí-lo e conquistá-lo, para depois ser uma grande dama, porque, devido à sua idade e caráter, não é de se supor que Colombo se apaixonou por ela. Naquela época, Beatriz tinha vinte anos, ou algo mais, [...].

Fica nítido, no excerto anterior, que, para De la Torre y Del Cerro (1933), foi Beatriz quem quis atrair e conquistar Colombo, imaginando que se faria uma grande senhora caso ele fosse próspero em sua empresa. Porém, de acordo com Manzano Manzano (1964), Colombo não possuía, naquela época, nenhum prestígio social, pelo contrário, “[...] *en estos años críticos, Cristóbal Colón es un vulgar aventurero, un quídam, un cualquiera, para la inmensa mayoría de los que le conocieron y trataron; [...]*”⁴⁹ (MANZANO MANZANO, 1964, p. 12).

Os reis Fernando e Isabel, por causa dos múltiplos assuntos de governo e, principalmente, da dura campanha de Granada, pouco estavam dispostos a ouvir o projeto de Colombo. Desse modo, Manzano Manzano (1964, p. 41) ressalva que, “[...] *como ahora y como siempre, cualquiera que se hubiese hallado en las mismas circunstancias del aventurero, habría encontrado idénticas e insuperables dificultades para dialogar directamente con las personas reales.*”⁵⁰ Sete anos passou Colombo na corte argumentando com os técnicos dos reis e importunando os soberanos com suas demandas. Salvo alguns poucos amigos de confiança, ninguém mais acreditava em seu projeto de navegação. Tanto que, de acordo com Manzano Manzano (1964), o próprio Colombo registra em repetidas ocasiões:

[...] *Siete años estuve yo en su Real corte, que a cuantos se fabló de esta empresa todos a una dijeron que era burla; agora fasta los sastres suplican por descubridor*; “*siete años pasé aquí en su real corte, disputando el caso con tantas personas de tanta abtoridad, y sabios en todas artes; [...] nunca en todo este tiempo se halló piloto, ni marinero, ni filósofo, ni de otra ciencia que todos no dijesen que mi empresa era falsa.*”⁵¹ (CRISTÓVÃO COLOMBO *apud* MANZANO MANZANO, 1964, p. 22).

⁴⁹ Nossa tradução livre: [...] nesses anos críticos, Cristóvão Colombo é um aventureiro vulgar, um ninguém, um qualquer, para a grande maioria daqueles que o conheceram e o trataram.

⁵⁰ Nossa tradução livre: [...] como agora e como sempre, qualquer um que se encontrasse nas mesmas circunstâncias que o aventureiro teria encontrado dificuldades idênticas e intransponíveis para dialogar diretamente com as pessoas reais.

⁵¹ Nossa tradução livre: [...] Sete anos eu estive em sua corte real, que quando se falou desta empresa todos diziam ser zombaria; agora, até os alfaiates suplicam pelo descobridor; sete anos passei aqui em sua corte real, discutindo com tantas pessoas de tanta autoridade, e sábios em todas as artes; [...] nunca em todo este tempo se achou piloto, nem marinheiro, nem filósofo, nem de outra ciência que todos não dissessem que minha empresa era falsa.

Desse modo, resulta difícil crer que foi Beatriz quem o enredou e o conquistou para obter, assim, melhores condições financeiras, pois, durante sete anos em terras espanholas, Colombo sofreu muitos altos e baixos, repletos de êxitos e fracassos, de esperanças e desenganos, de inquietudes e aflições e, principalmente, de grande descrença em seu projeto. No entanto, reconhecemos que não nos cabe aqui especular quem seduziu quem, apenas se faz necessário ressaltar outros aspectos da biografia de Colombo, com a finalidade de observar como se constroem os julgamentos históricos referentes à figura feminina, no caso, a respeito da moral de Beatriz Enríquez de Harana.

Não obstante, ao nos voltarmos novamente para o fruto desse relacionamento, Fernando, sabe-se que foi Cristóvão Colombo, com suas idas e vindas a Córdoba, em 1488, quem escolheu o nome do recém-nascido com a finalidade de homenagear o rei católico. Para Manzano Manzano (1964), o costume do genovês, anos depois, de nomear as primeiras ilhas americanas descobertas com os nomes dos membros da família real espanhola, faz-nos suspeitar que também assim o fez em relação ao filho que teve com Beatriz.

Ninguém sabe afirmar por quanto tempo os dois viveram juntos, principalmente porque há uma grande incerteza sobre as datas de viagem e instalação de Colombo em Córdoba. Contudo, não se pode negar que muito se tem debatido acerca desse episódio sentimental na vida do navegante. Para Jacques Heers (1992), “[...] *estas relaciones, ni misteriosas y ni siquiera clandestinas, han hecho correr mucha tinta y despertado la fantasía.*”⁵² (HEERS, 1992, p. 133). Um dos pontos mais retratados refere-se à origem dessa mulher: para alguns, uma jovem humilde, empregada em uma das pousadas em que se hospedou Colombo; para outros, uma herdeira de uma família nobre da cidade, que a renegou após descobrir seu caso amoroso com um aventureiro qualquer.

No entanto, segundo Heers (1992), sabe-se com certeza que Beatriz era filha de Ana Núñez de Harana, pertencente a uma antiga família cristã da região de Córdoba, estabelecida na época da Reconquista, no século XIII, possuidora de certa influência, ambições sociais e políticas. O pai era um simples camponês

⁵² Nossa tradução livre: [...] esses relacionamentos, nem misteriosos, nem mesmo clandestinos, têm feito correr muita tinta e despertado a fantasia.

estabelecido pouco antes entre os novos povoadores do Vale de Guadalquivir. Chamava-se Pedro de Torquemada, sobrenome de uma família de judeus conversos que havia dado à Igreja espanhola o Grande Inquisidor, Cardeal Dom Juan de Torquemada. Provavelmente pela semelhança de nomes, para não manter um parentesco mesmo que distante, Beatriz e Pedro tomaram para si o sobrenome de sua mãe, certamente de maior prestígio. Para o autor, sem dúvida, Beatriz conheceu Colombo na casa de seu irmão Pedro ou de algum dos parentes estabelecidos em Córdoba.

Existe a crença de que tenham contraído matrimônio de forma clandestina e que Colombo escondesse da corte para não dar a conhecer sua união com uma mulher de baixa condição social. Nesse sentido, cabe ressaltar a obra do historiador francês Roselly de Lorgues, *Historia de Cristóbal Colón y de sus viajes* (1858), na qual defende as relações matrimoniais de Colombo com Beatriz, asseverando, inclusive, a origem nobre da família dos Harana. Tal argumento é utilizado, no decorrer da biografia, com o propósito de promover a santificação de Colombo no âmbito da Igreja Católica, constituindo-se fonte de referência no inusitado pedido de beatificação do marinheiro encaminhado à Santa Congregação dos Ritos pelo Papa Pio IX, no século XIX.

*Nosotros que, con el favor de Dios, vamos á acabar con ella, protestamos del modo mas solemne contra tal injuria. Afirmamos que doña Beatriz Enriquez, de Córdoba, era mujer lejitima de Cristóbal Colon, de Jénova. Negamos los amores ilícitos, negamos los detalles que se desprenden de ellos, negamos fuese plebeya, negamos su pobreza, negamos su embarazo cuando llegó el mensaje del rey de Portugal, y negamos la pasion de su marido por ella, como único medio de detenerlo en España. Probémoslo.*⁵³ (LORGUES, 1858, p. 60).

Contudo, o argumento de sua relação oficial não parece muito convincente, visto que Colombo jamais reconheceu esse matrimônio nem sequer ao final de sua

⁵³ Nossa tradução livre: Nós que, com o favor de Deus, vamos acabar com isso, protestamos da maneira mais solene contra esse dano. Afirmamos que a senhora Beatriz Enriquez, de Córdoba, era uma mulher legítima de Cristóbal Colon, de Gênova. Negamos amor ilícito, negamos os detalhes que se seguem, negamos que ela fosse plebeia, negamos sua pobreza, negamos sua gravidez quando a mensagem do Rei de Portugal chegou, e negamos a paixão de seu marido por ela, como o único meio de detê-lo em Espanha. Vamos provar.

vida. Em março de 1502, antes de empreender sua quarta viagem, escreve a seu filho Diego em favor de Beatriz, mas, ao mesmo tempo, refere-se a ela com seu nome de solteira: “[...] *A Beatriz Enríquez hayas encomendado por amor de mí atanto como teníades a tu madre; haya ella de ti diez mil maravedís cada año allende de los otros que tiene en las carnicerías de Córdoba.*⁵⁴” (CRISTÓVÃO COLOMBO, 1502 *apud* VARELA; GIL, 1997, p. 477). Da mesma forma, em 1505, em seu testamento, Colombo declara sua última vontade a Diego:

[...] *E le mando que aya encomendada a Beatriz Enríquez, madre de don Fernando, mi hijo, que le provea que pueda bevir honestamente, como persona a quien yo soy en tanto cargo. Y esto se haga por mi descargo de la conçiencia, porque esto pesa mucho para mi ánima. La razón d’ello non es lícito de la escribir aquí.*⁵⁵ (CRISTÓVÃO COLOMBO, 1505 *apud* VARELA; GIL, 1997, p. 535).

Suas últimas palavras indicam, como podemos observar, certo pesar e remorso por não se haver casado com Beatriz. São expressivas frases de tormento e sentimento de dívida não saldada. Vendo que ela estava em completo desamparo, Colombo mostra-se preocupado pelo seu futuro e trata de aliviar sua triste situação, facilitando os meios econômicos necessários para que pudesse viver honestamente.

Seu filho, Fernando, nascido dessa relação, levou o sobrenome do pai, o que não denota necessariamente que Colombo tenha se casado com Beatriz. Segundo Heers (1992), todos os historiadores da sociedade da época, analisando seus costumes, afirmam que filhos ilegítimos, caso fossem reconhecidos, poderiam desfrutar de todos os benefícios e favores de seus pais: “[...] *todos los hijos (legítimos o ilegítimos) de los nobles pertenecían a la gran familia. Llevaban su nombre, se beneficiaban del prestigio social y de sus privilegios.*⁵⁶” (HEERS, 1992, p. 135). Essa tradição, ao que se consta, era muito antiga na Espanha, uma herança

⁵⁴ Nossa tradução livre: [...] A Beatriz Enríquez seja cuidada por amor a mim e como tinha à sua mãe; pague a ela dez mil maravedís por ano acrescentando os outros que têm dos açougues de Córdoba.

⁵⁵ Nossa tradução livre: [...] E lhe mando que cuide de Beatriz Enríquez, mãe de dom Fernando, meu filho, que lhe garanta que possa viver honestamente como pessoa a quem tenho tanto débito. E isso seja feito por meu descargo de consciência, porque isto pesa muito para minha alma. A razão disso não é lícito de se escrever aqui.

⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] todos os filhos (legítimos ou ilegítimos) dos nobres pertenciam à grande família. Levavam seu nome, beneficiavam-se do prestígio social e de seus privilégios.

das estruturas comunitárias romanas, ou seja, é nobre quem prove ser filho de um nobre.

A esse respeito, Manzano Manzano (1964) assegura que Fernando era filho natural de Cristóvão Colombo, ou seja, de um homem viúvo com uma mulher solteira. Para tanto, cita o historiador contemporâneo mais bem informado da família do “descobridor”, Las casas, “[...] *don Diego era hijo legítimo del Almirante, y, en cambio, Hernando fue su hijo natural.*⁵⁷” (LAS CASAS *apud* MANZANO MANZANO, 1964, p. 123). Em suma, Fernando era filho natural, reconhecido, pois seus pais eram aptos a contrair matrimônio.

Nesse ponto, questionamo-nos, por que Colombo não oficializou sua relação com Beatriz se eram ambos livres e desimpedidos? Alguns autores têm se ocupado em tentar explicar as razões pelas quais o navegante não chegou a oficializar sua relação com Beatriz. Uma delas, segundo De la Torre y Del Cerro (1933), seria a má conduta de Beatriz, a qual, dolorida e indignada pelo abandono, acabou sendo infiel:

*Que Beatriz fué poco fiel a la memoria de su primer amante, casi no ofrece duda; y se explica y debe disculparse, porque su desilusión al ver que se le iba de entre las manos debió de ser tremenda, y es bien sabido lo mal que aconseja el despecho cuando no existe verdadero cariño, y no creemos que se lo tuviera a Cristóbal Colón.*⁵⁸
(DE LA TORRE Y DEL CERRO, 1933, p. 63).

Para Manzano Manzano (1964), De la Torre y Del Cerro, entre outros historiadores, não chegaram a reunir provas irrefutáveis da deslealdade de Beatriz para com Colombo, pelo contrário, produzem um discurso sem comprovações que maculam ainda mais sua honra:

[...] no vacilan en arrojar con ligereza suma sobre su infeliz memoria una nueva mancha, ahondando con ello más y más la herida de su honra. Rebajar así, sin pruebas concluyentes, el honor de esta pobre mujer es acto que no enaltece ciertamente a los autores de tales maledicencias; máxime cuando hoy día puede admitirse, con el

⁵⁷ Nossa tradução livre: [...] Dom Diego era o filho legítimo do almirante e, por outro lado, Fernando era seu filho natural.

⁵⁸ Nossa tradução livre: Que Beatriz foi pouco fiel à memória de seu primeiro amante, quase não há dúvidas; e se explica e se deve desculpar, porque sua desilusão ao ver que se lhe escapava por entre as mãos deve ter sido tremenda e é bem sabido o mal que aconselha a despeito quando não existe verdadeiro carinho, e não cremos que ela tivesse por Colombo.

*mínimo de margen de error, una interpretación del suceso diametralmente opuesta a la patrocinada por los referidos autores.*⁵⁹ (MANZANO MANZANO, 1964, p. 131).

De acordo com Manzano Manzano (1964), as suposições anteriores são apenas hipóteses, completamente gratuitas e desafortunadas. Em todo caso, afirma que o genovês não chegou a normalizar suas relações com Beatriz devido aos obstáculos de ordem legal que encontrou quando, ao voltar de sua primeira viagem, o plebeu “descobridor” de novas terras foi galardoado com o título de *Almirante Mayor* e *Virrey Gobernador*, que o converteu em uma das pessoas mais ilustres da corte espanhola.

Dessa forma, sendo ele um nobre, estava também submetido às restrições matrimoniais vigentes, das quais, casar-se com uma mulher de classe inferior, plebeia, era proibido. A respeito dos anos posteriores à chegada ao continente americano, Manzano Manzano (1964) comenta que,

*[...] de acuerdo con su nueva condición privilegiada los reyes, al regreso de su primer viaje descubridor, le dispensan en Barcelona los máximos honores. A partir de esa fecha el plebeyo extranjero queda equiparado a todos los efectos a los miembros más destacados de la Grandeza castellana, y, por ende, sometido también a las cortapisas que en materia de relaciones con personas de condición inferior o vil les imponían a estos magnates las leyes de aquel tiempo.*⁶⁰ (MANZANO MANZANO, 1964, p. 132).

Não há sombra de dúvida, no entanto, sobre esse relacionamento em Córdoba. Colombo foi acolhido nessa cidade, na primavera de 1486, e, durante meses, conforme as informações obtidas em Jacques Heers (1992), fez ali um círculo de amigos e conheceu Beatriz, com quem viveria a partir de então. A figura de Beatriz, apesar de estar sempre em segundo plano, foi de extrema importância,

⁵⁹ Nossa tradução livre: [...] eles não hesitam em lançar com ligeireza uma nova mancha em sua memória infeliz, aprofundando, assim, a ferida de sua honra. Rebaixar assim, sem evidências conclusivas, a honra dessa pobre mulher, é um ato que certamente não exalta os autores de tais fofocas; especialmente quando hoje uma interpretação do evento diametralmente oposta à patrocinada pelos autores referidos pode ser admitida, com margem mínima de erro.

⁶⁰ Nossa tradução livre: De acordo com sua nova condição privilegiada, os reis, ao retornar de sua primeira viagem de descoberta, concedem a ele as mais altas honras em Barcelona. A partir dessa data, o plebeu estrangeiro é equiparado para todos os fins aos membros mais proeminentes da grandeza castelhana e, portanto, também sujeito às restrições que, em matéria de relações com pessoas de condição inferior ou vil, são impostas a esses nobres as leis da época.

visto que “[...] *al azar de un encuentro y de unos amores – aun cuando existan dudas al respecto – Colón echa raíces en Córdoba, lo cual fue muy significativo en su destino.*”⁶¹ (HEERS, 1992, p.136).

Córdoba, por causa de Beatriz, tornou-se centro das operações colombianas, pois sempre que o navegante não estava seguindo a corte itinerante de Fernando e Isabel, ou buscando o apoio e o favor dos nobres espanhóis ligados aos reis, para ali regressava. Sua relação com ela pode ter contribuído, inclusive, para que ele não se deslocasse para outros reinos europeus para oferecer-lhes seu projeto. O marinheiro deixou essa tarefa a seus irmãos, especialmente Bartolomeu.

Beatriz, pelas circunstâncias e estrato social e étnico-cultural a que pertencia, representava para a sociedade da época, e também ao seu filho jovem e talentoso, Fernando Colombo, que foi educado na corte junto aos filhos dos grandes nobres espanhóis, uma mácula que não deveria nunca ser mencionada. Para o pai, porém, ela representou muito mais do que uma simples aventura amorosa ou consolo em tempos difíceis de solidão e angústia. Beatriz, ainda que nem sempre estivesse fisicamente presente, tornou-se uma constante na vida do navegante, que dela se ocupa até na hora da morte ao, por testamento, encarregar Diego, seu filho com Felipa Moniz Perestrelo, de zelar por sua situação. Nessa perspectiva, Jacob Wasserman (1930) ressalta a importância de Beatriz com as seguintes palavras:

*[...] de ella recibió, sin duda, Colón alientos y cuidados; su corazón fue quizá el único que realmente poseyó en aquel período sombrío, porque en su mismo testamento la recomienda encarecidamente a sus herederos como a persona a la que está muy obligado.*⁶²
(WASSERMAN, 1930, p. 30).

Estas são, pois, algumas das menções e comentários que se fazem sobre Beatriz Enríquez de Harana em escritas de cunho histórico. Entendemos que nem fatalmente vítima, nem excepcionalmente heroína, mas complexa em sua totalidade, é esta mulher perante a história. Contudo, diante de textos, dados e arquivos de

⁶¹ Nossa tradução livre: [...] ao acaso de um encontro e de uns amores – mesmo que haja dúvidas – Colombo se enraíza em Córdoba, que foi muito significativa em seu destino.

⁶² Nossa tradução livre: [...] dela recebeu Colombo, sem dúvida, alentos e cuidados; seu coração foi quizá o único que realmente possuiu naquele período sombrio, porque em seu próprio testamento a recomenda encarecidamente a seus herdeiros como a pessoa a quem está muito obrigado.

diferentes historiadores homens, geralmente marcados por uma relação de forças que jamais favorece o sexo feminino, sua configuração acaba sendo obnubilada por outros tópicos vistos como mais relevantes.

Por considerarmos sua presença imprescindível não apenas na história, mas, também, na literatura, abordamos, a seguir, algumas imagens ficcionais da personagem histórica ao incursionarmos, brevemente, nas diegeses das obras *El arpa y la sombra* ([1979]1994), de Alejo Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes. Nesses romances, nos quais a figura de Beatriz Enríquez de Harana é personagem secundária, buscamos apresentar como se dá a representação ficcional da personagem histórica pela literatura híbrida de história e ficção em suas diferentes modalidades.

1.2 RETRATOS LITERÁRIOS: FIGURAÇÕES DE UMA HEROÍNA INVISÍVEL

A temática referente ao “descobrimento” da América e seu agente mais direto, Cristóvão Colombo, – a “Poética do ‘descobrimento’” – apresenta múltiplas possibilidades de ficcionalização em distintos gêneros e formas literárias⁶³. No entanto, segundo registra Fleck (2008), com o surgimento do romance histórico, no início do século XIX, o papel da literatura em reler a história amplia-se e, por conseguinte, a “Poética do ‘descobrimento’” – categoria centrada nas configurações discursivas ficcionais de Colombo e suas aventuras –, esteve e continua presente nas diferentes produções romanescas desde as manifestações mais românticas às de maior realismo, bem como às de caráter altamente crítico e experimentalista.

⁶³ Para uma dimensão sobre a produção literária a respeito da “Poética do ‘descobrimento’”, sugerimos consultas as seguintes obras, nas quais há intentos de reunião das produções literárias da temática: GÁRATE CÓRDOBA, J. M. *La poesía del descubrimiento*. Madrid: Cultura Hispánica, 1977; NAGY, M. M. *Christopher Columbus in World Literature: an annotated bibliography*. New York; London: Garland Publishing, 1994; OYUELA, C. *Colón y la poesía*. 1.ed., in: *Revista “El Centenario”* tomo IV, Madrid, 1893. 2.ed., in: *Estudios literarios del autor*, tomo IV dos “Anales de la Academia de Filosofía y Letras de Buenos Aires”, 1915. 3.ed., in: *Estudios Literarios*, tomo II, prólogo de Alvaro Melián Lafinur. Buenos Aires: Edição da Academia Argentina de Letras, 1943.

Inserida nesse contexto literário está Beatriz Enríquez de Harana, importante mulher na vida de Colombo, que, conforme mencionamos anteriormente, tornou-se um importante ponto de apoio ao navegante. Nosso objetivo central nesta subseção, portanto, é evidenciar de que maneira a personagem histórica foi inserida na ficção e por ela ressignificada, pontualmente, nas obras: *El arpa y la sombra* (1994), de Alejo Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes.

Ressaltamos que, embora seja representada como personagem secundária, por meio da visão do navegante ou de outro narrador em diferentes níveis e vozes diegéticas, em tais obras há o reconhecimento de Beatriz como parte essencial e integrante da história de Colombo. Nesse sentido, verificamos que o discurso ficcional dá relevância à personagem que, durante séculos, permaneceu na obscuridade.

1.2.1 Imagens de Beatriz Enríquez de Harana sob o desconstrucionismo do novo romance histórico latino-americano: *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier

No romance *El arpa y la sombra* (1994), publicado em primeira edição em 1979, o escritor cubano Alejo Carpentier (1904-1980) recria as origens da história americana e seu “protagonista”: o navegante Cristóvão Colombo. Nessa obra, a última no projeto narrativo de Carpentier, retoma-se o tópico da viagem, signo indissolúvelmente ligado às reflexões do crítico sobre as origens, a cultura e a escrita americanas.

O romance está estruturado em três partes, que Carpentier intitulou: “*El arpa*”, “*La mano*” e “*La sombra*”. A primeira parte recria a proposta de beatificação de Colombo empreendida pelo Papa Pio IX; a segunda está centrada na figura do marinheiro que, do seu leito de morte, relembra sua vida; e a terceira fecha o ciclo da proposta de beatificação de Colombo com o julgamento do processo pela congregação reunida no vaticano para esse fim.

Para Menton (1993), Carpentier é o inaugurador do novo romance histórico latino-americano com a obra *El reino de este mundo* (1949), no qual se ressignifica o processo de independência do Haiti. Entre 1949 e 1979, o escritor reúne uma grande carga de elementos e características peculiares dessa modalidade, materializadas nas obras *El siglo de las luces* (1962), que evidencia certos paralelismos entre a Revolução francesa de 1789 e a Revolução cubana de 1959, e *Concierto barroco* (1974), na qual se fundem todas as artes, fronteiras cronológicas, desaparecem diferenças culturais elitistas e populares, com três personagens históricas importantes como os compositores Vivaldi, Handel e Scarlatti.

Nessas obras, o escritor prima pelo experimentalismo linguístico e formal como expressões inerentes às ressignificações do passado pela ficção. Com grande liberdade de criação, na obra *El arpa y la sombra* (1979), o resultado é uma multiplicidade de novas imagens, tanto do protagonista Cristóvão Colombo como de seus feitos.

Cabe ressaltar, contudo, quais são as características mais recorrentes na modalidade do novo romance histórico latino-americano, para que possamos compreender as estratégias escriturais empregadas por Alejo Carpentier em sua ressignificação do passado, principalmente no que se refere à personagem de extração histórica Beatriz Enríquez de Harana, foco de nossa pesquisa.

O crítico uruguaio Fernando Aínsa (1991), em seu artigo *La nueva novela Histórica Latinoamericana*, apresenta as principais inovações que diferenciam a escrita de romances latino-americanos, na década de 1980, dos demais expoentes do gênero, atrelados à modalidade tradicional. Em seu artigo, Aínsa (1991, p. 82) destaca que a nova narrativa:

[...] se ha embarcado, así, en la aventura de releer la historia, especialmente crónicas y relaciones, ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial.⁶⁴

Os novos romances históricos, segundo registra, têm experimentado um

⁶⁴ Nossa tradução livre: [...] embarcou, assim, na aventura de ler a história, especialmente crônicas e relações, exercitando-se em modalidades anacrônicas de escrita, no pastiche, a paródia e o grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial.

renovado interesse crítico pela história, incorporando o imaginário individual e coletivo do passado à ficção. Nesse sentido, aponta que essa modalidade de romances históricos inscreve-se numa vasta preocupação da narrativa latino-americana contemporânea na busca das identidades por meio da integração das diversas raízes culturais. Essas obras apresentam uma ruptura com o modelo estético tradicional único, pois, de acordo com Aínsa (1991, p. 82),

[...] *las pretenciones de una novela forjadora y legitimadora de nacionalidades (modelo romántico), crónica fiel de la historia (modelo realista) o elaborada formulación estética (modelo modernista), ha cedido a una polifonía de estilos y modalidades expresivas.*⁶⁵

A multiplicidade de expressões presente nos novos romances históricos latino-americanos fundamenta-se, conforme menciona Aínsa (1991), na fragmentação dos signos de identidade nacionais, a partir da desconstrução de valores. Desse modo, torna-se nítido que a desconstrução do discurso historiográfico positivista-hegemônico é uma das principais características da segunda etapa da trajetória do gênero romance histórico, inaugurada com o surgimento dessa modalidade crítica/desconstrucionista no espaço da América Latina.

Para termos uma ideia mais exata da dimensão das transformações operadas por essas escritas no âmbito da produção hispano-americana, listamos, a seguir, as características reunidas por Aínsa (1991), Menton (1993) e Fernández Prieto (2003), as quais foram estudadas por Fleck (2017), que as traduziu ao português e de cujo estudo valemo-nos para mencioná-las.

Nessa perspectiva, Aínsa (1991) revela, em seus primeiros estudos sobre essa modalidade, as dez características diferenciais, entre as décadas de 1970 e 1980, na escrita hispano-americana do gênero híbrido de história e ficção:

1- O novo romance histórico caracteriza-se por efetuar uma releitura crítica da história;

2- A releitura histórica proposta no discurso ficcional impugna a legitimação

⁶⁵ Nossa tradução livre: As pretensões de um romance forjador e legitimador de nacionalidades (modelo romântico), crônica fiel da história (modelo realista) ou elaborada formulação estética (modelo modernista), cedeu a uma polifonia de estilos e modalidades expressivas.

instaurada pelas versões oficiais da história, dando voz ao que ela negou, silenciou ou perseguiu;

3- A multiplicidade de perspectivas assegura a impossibilidade de conseguir o acesso a uma só “verdade” do fato histórico, ou seja, a ficção confronta diversas versões, o que dilui a concepção de “verdade” única;

4- A abolição da “distância épica”, mencionada por Bakhtin (1980, p. 211), que havia no romance histórico tradicional, dá-se pelo emprego do relato histórico em primeira pessoa, dos monólogos interiores e da descrição da subjetividade das personagens, permitindo, assim, uma aproximação do passado de modo dialogante;

5- O novo romance histórico ao mesmo tempo em que se “aproxima” do acontecimento real, distancia-se de forma deliberada e consciente da historiografia oficial pela reescritura irônica e paródica, quando não irreverente, beirando o grotesco, a hipérbole, alçada na criação linguística do anacronismo e do pastiche, rompendo com crenças e valores estabelecidos;

6- Sobreposição de tempos históricos diferentes;

7- A historicidade do discurso ficcional pode ser textual e seus referentes minuciosamente documentados ou, ainda, essa textualidade pode revestir-se das modalidades expressivas do historicismo a partir de uma “pura invenção” mimética de crônicas e relações;

8- As modalidades expressivas dessas obras são muito diversas. Em algumas, as falsas crônicas disfarçam-se de historicismo, configurando-se, paradoxalmente, como metaficções, uma vez que o fantástico reveste-se do realismo, assumindo sua forma. Trata-se de um realismo simbólico e profundamente significativo;

9- A releitura distanciada, carnavalizada ou anacrônica da história, que caracteriza essa nova narrativa, reflete-se numa escrita paródica. Dessa forma, surge um sentido novo, um comentário crítico a respeito do significado peculiar de uma textualidade assumida, no qual a história é vista sob uma visão burlesca ou sarcástica;

10- Esse novo tipo de romance propõe-se à dessacralização do passado mediante a utilização de arcaísmos, pastiches ou paródias, combinados a um sentido agudo de humor.

Com a proliferação de obras que apresentavam várias das características citadas por Aínsa (1991) nas décadas de 70 e 80 do século XX, Seymour Menton lança, também, sua obra *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992* (1993, p. 42-44), que sintetiza as características do novo romance histórico em seis aspectos fundamentais:

1- A subordinação, em diferentes graus, da reprodução mimética de determinado período histórico à apresentação de algumas ideias filosóficas, de modo que as ideias que se destacam são a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta;

2- A distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronias;

3- A ficcionalização de personagens históricas bem conhecidas;

4- A presença da metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação;

5- O uso constante da intertextualidade;

6- A presença dos conceitos bakhtinianos de dialogia, polifonia, carnavalização, paródia e heteroglossia.

O próprio Menton (1993) esclarece, no entanto, que não é necessária a presença de todas as características elencadas acima para que um romance histórico seja considerado integrante da nova modalidade. Na verdade, há obras em que algumas destas características são amplamente visíveis e em outras são mais sutis, bem como é preciso reforçar que tais aspectos não são exclusivos do novo romance histórico latino-americano. Este aspecto leva a crítica espanhola Celia Fernández Prieto (2003, p. 154-159) a ser muito mais concisa ao apontar as características do novo romance histórico latino-americano, que, no seu entender, são apenas duas.

1- Distorção dos materiais históricos (acontecimentos, personagens e cronologia estabelecidos pela historiografia oficial) ao incluí-los na diegese ficcional. Esta característica leva-se a cabo, principalmente, por três procedimentos narrativos: a) proposta de histórias alternativas, apócrifas ou contrafáticas; b) exibição de procedimentos de hipertextualidade; c) a multiplicação de anacronismos, cujo

objetivo é desmontar a ordem “natural” da historiografia;

2- A presença da metaficção como eixo formal e temático mais relevante. Um aspecto que se revela tanto nas técnicas narrativas (metanarração: revelação ao leitor dos artifícios da escrita), como no sentido global do texto. Esta metaficção, ao valer-se dos mecanismos da metanarração, usa-os para questionar ou apagar os limites entre a ficção e a realidade, ou seja, entre a ficção e a história.

Ao comentar sobre o experimentalismo linguístico e formal do novo romance histórico latino-americano, Fleck (2017) descreve e analisa criticamente o romance *El arpa y la sombra* (1994). Conforme aponta, a divisão criada por Carpentier em três partes não é nada ingênua. Essa separação, produzida pelos diferentes tempos, espaços e personagens que as protagoniza, está embasada na figura da Santa Trindade (Pai-Filho-Espírito Santo), sendo o PAI o papa Pio IX, “gerador” do primeiro santo com um pé na Europa e outro na América; o FILHO o candidato a santo Cristóvão Colombo; e o ESPÍRITO seria o próprio candidato a SANTO – em sua condição fantasmagórica na última parte do relato –, uma vez que, nela, a figura da personagem Leão XIII é obscurecida pelas diversas vozes sobrepostas no processo de julgamento da canonização de Colombo aí descrito.

Desse modo, Fleck (2017) ressalta que a estrutura da obra está organizada de tal maneira que representa uma peça de arte barroca – o tríptico iconoclástico –, composta de três partes que se conectam para resguardar a imagem sagrada em seu centro. Nessa perspectiva, menciona que

[...] atitudes escriturais, como as evidenciadas nesse romance, as quais, sem reservas, valem-se das simbologias judaico-cristãs mais representativas – como a figura da Santa Trindade, Pai-Filho-Espírito Santo, que recobrem toda a síntese da crença imposta aos nativos, em grande parte politeístas, da América – para subvertê-las à forma da criação de um modelo estético-artístico romanesco com a clara intenção de deixar transparecer toda a construção ideológica, educativa, formadora e condicionadora do pensamento transplantado às terras colonizadas em uma nova configuração paródica dessa simbologia, expõe o teor crítico da escrita híbrida do novo romance histórico latino-americano e revela, também, o experimentalismo formal dessa releitura do passado. (FLECK, 2017, p. 65).

À vista disso, no primeiro capítulo, denominado “*El arpa*”⁶⁶, temos uma narrativa estruturada em uma perspectiva extradiegética, na qual se imbricam dois tempos cronológicos e dois espaços. O primeiro é a Roma do final da década de 1870, um dia indeterminado em que o papa Pio IX terminava de ler uma proposta de Postulação à canonização de Cristóvão Colombo para apresentá-la perante a Santa Congregação dos Ritos, uma vez que por ele fosse assinada.

Já o segundo espaço-tempo da primeira parte do romance é uma analepse dentro do primeiro na qual se realiza a narração da viagem que fizera o então Pio IX, em sua juventude, para a América Latina, entre os anos de 1823-1824. Essa lembrança volta-se ao tempo quando a personagem ainda era um jovem sacerdote sem a intenção da procura de um santo hispano-americano, mas com o dever de assegurar o poder da igreja nesse território após as primeiras independências.

O segundo capítulo, “*La mano*”⁶⁷, é o central e o mais extenso. Ele é apresentado sob a forma de um monólogo do próprio “descobridor”. À beira da morte, em Valladolid, no ano de 1506, solitário e à espera de seu confessor, o navegante repassa a sua vida. Moribundo, Colombo promete contar tudo aquilo que só ele sabe sobre o passado, detalhes que até mesmo a história desconhece.

É nessa parte, portanto, que Colombo, como narrador, “[...] se dá a conhecer sob uma perspectiva inusitada, revelando-se um ser humano bastante problemático e controvertido.” (FLECK, 2017, p. 64). Na cumplicidade que se estabelece entre o narrador (Colombo) e o ouvinte (leitor), aparecem detalhes sobre sua vida íntima e, conseqüentemente, vai sendo desmistificada a imagem do marinheiro, ou seja, obtém-se, a partir de sua autoavaliação crítica, uma nova configuração da personagem como um sujeito embusteiro, mentiroso, interesseiro, ambicioso, questionando-se, também, a legitimidade de sua “descoberta”.

No entanto, interessa-nos aqui a configuração de Beatriz Enríquez de Harana, sua segunda companheira. Após a narração de suas desventuras como marinheiro, seu casamento por interesse com a portuguesa Felipa Moniz Perestrelo e, após a morte da esposa, dá-se a sua partida para a Espanha. Colombo narra, em tom confessional e sem romantismos, sua relação puramente carnal com Beatriz.

⁶⁶ Nossa tradução livre: A harpa.

⁶⁷ Nossa tradução livre: A mão.

Pero, como sin hembra – aunque para otras cosas – no puede estar el hombre, fue entonces cuando me puse a vivir con la guapa vizcaína que habría de darme otro hijo. De matrimonio no hablamos, ni yo lo quería, puesto que quien ahora dormía conmigo no estaba emparentada con Braganzas ni Medinacelis, habiendo de confesar, además, que cuando yo me la llevé al río por primera vez, creyendo que era mozueta, fácil fue darme cuenta que, antes que yo, había tenido marido. Lo cual no me impidió, por cierto, recorrer el mejor de los caminos, en potra de nácar, sin bridas y sin estribos.⁶⁸ (CARPENTIER, 1994, p. 99).

Nesse trecho, a voz narrativa descreve sua ligação com Beatriz e, nem ao menos, menciona seu nome. A omissão é bastante significativa, uma vez que deixa claro o menosprezo pela mulher e sua objetificação, pois lhe serviu apenas como “*hembra*”, isto é, a fêmea com quem teve relações sexuais e pôde procriar, tendo seu segundo filho, Fernando. A mulher, assim, converte-se em um objeto, um corpo a serviço da satisfação masculina e da procriação.

Observamos nesse relato, além disso, que Beatriz é descrita como “*vizcaína*”, ou seja, de Vizcaya, uma província ao norte da Espanha. Essa informação sobre a personagem contradiz a maioria dos biógrafos de Colombo, que afirmam que ela vivia em Córdoba, no sul da Espanha, uma nítida distorção da história característica do novo romance histórico que impugna a legitimação instaurada pelas versões oficiais. Além disso, a alusão à vizcaína pode ser lida como uma quebra proposital da centralidade do discurso espanhol.

No fragmento identificamos, também, que o navegante confessa que não se casou com Beatriz por ela não possuir uma família de origem nobre, o que não lhe favoreceria em aspectos financeiros, como já havia ocorrido com ele no caso de seu casamento com a portuguesa Felipa Noniz Perestrelo. Colombo acrescenta à falta de nobreza de Beatriz, o fato dela não ser mais virgem, “*mozuela*”, pois, segundo relata, ela já havia tido relações com outro homem. A culpabiliza, portanto, como

⁶⁸ Nossa tradução livre: Mas, como sem fêmea – ainda que para outras coisas – não pode estar o homem, foi então quando comecei a viver com a bela vizcaína que havia de me dar outro filho. De matrimônio não falamos, nem eu o queria, posto que quem agora dormia comigo não estava emparentada com Braganzas nem Medinacellis, havendo de confessar, além disso, que quando eu a levei ao rio pela primeira vez, crendo que era moça, fácil foi me dar conta que antes que eu, havia tido marido. O qual não me impediu, por certo, recorrer o melhor dos caminhos, em potra de nácar, sem rédeas e sem estribos.

sendo uma mulher fácil, com a qual podia relacionar-se “*sin bridas y sin estribos*”, um dos motivos que o levou a não se casar com ela.

Posteriormente, quando se faz nova referência à Beatriz, é o dia do “descobrimento”. Rodrigo Sánchez, um dos marinheiros a bordo é o primeiro em avistar terra firme e, por isso, seria o ganhador da renda anual de dez mil *maravedís* prometida pela corte espanhola a quem primeiro visse terras inusitadas na rota proposta por Colombo. No entanto, Cristóvão apropria-se de tal renda e a deixa para Beatriz. Nesse momento da narrativa, a personagem descreve sobre essa renda: “[...] *me la he apropiado ya en beneficio de mi Beatriz, la guapa vizcaína de quien tengo un hijo sin haberla llevado al altar, y que, desde hace tiempo, en lágrimas padecía mi desapego y mi olvido – desapego y olvido debido al Real Favor [...]*.”⁶⁹ (CARPENTIER, 1994, p. 121). Encontramos informação análoga nos escritos de Colombo que, antes de sua quarta viagem, outorga tal renda a Beatriz.

Somos levados, entretanto, pela manipulação da história empregada pelo narrador, a “aceitar” a explicação dada ao fato de haver cometido um crime ao roubar a renda de dez mil *maravedís* de Rodrigo em benefício de “*mi Beatriz*”, e esta é a primeira vez em que aparece seu nome na narrativa, não ingenuamente. À primeira vista, Colombo busca reparar o dano feito na vida da mulher que lhe deu um filho, e que, por conta de sua ambição e indiferença, sofreu duras penas. Contudo, não podemos deixar de evidenciar a pretensão do narrador em justificar suas falhas, seus crimes, por um “bem maior”.

Já em “*La sombra*”⁷⁰, último capítulo da obra, a narrativa volta ao processo de beatificação de Cristóvão Colombo, na Santa Sé, testemunhada agora por um elemento fastasmagórico, o Invisível, ou seja, o espírito de Colombo. Encerra-se, assim, a estrutura tripartida proposta por Carpentier pela divisão de diferentes espaços, tempos e vozes narrativas. Enquanto na primeira parte temos um narrador extradiegético e na segunda um narrador autodiegético, nessa última, aparece uma polifonia de vozes, confrontando, de forma extremamente carnavalizada, diferentes interpretações da vida de Colombo. Nela, encontram-se distintas figuras históricas

⁶⁹ Nossa tradução livre: [...] apropriei-me em benefício de minha Beatriz, a bela vizcaína de quem tenho um filho sem lhe haver levado ao altar, e que, há tempos, em lágrimas padecia meu desapego e meu esquecimento – desapego e esquecimento devido ao Real Favor [...].

⁷⁰ Nossa tradução livre: A sombra.

como Frei Bartolomeu, Victor Hugo, Júlio Verne, com outras personagens fictícias como o Presidente, o Protonotário, o Advogado do Diabo, entre outros.

Por sua vez, o Advogado do Diabo, em seu discurso, lança mão de todos os erros e crimes cometidos por Cristóvão para desfavorecê-lo. Em consequência disso, cita suas relações não oficializadas com Beatriz como uma das razões que o impedem de ser considerado santo.

[...] lo que se refiere a “sus malas costumbres y a su hijo bastardo”. – Me basta – dice el Abogado del Diablo. – Porque hemos llegado a una de las cuestiones más graves que aquí habrán de considerarse: el de las relaciones ilegítimas del Almirante con una cierta Beatriz que fue – y ello es notorio – algo que, por no afejar la memoria de una mujer, no llamaré su barragana, su concubina, su querida, sino que, usando un delicado vocablo muy gustado por los clásicos españoles, llamaré: “su amigada”.⁷¹ (CARPENTIER, 1994, p. 226).

Podemos contemplar, nesse fragmento, que uma das causas mais preponderantes para que fosse negada a histórica canonização de Colombo foi a não legitimação de seu relacionamento com Beatriz Enríquez. Na voz condenatória da personagem, Beatriz é considerada a “barragana”, a “concupina” de Cristóvão Colombo, que, por não haver se casado com ela, mesmo sendo viúvo, manchou sua imagem.

É nessa ocasião, ainda, que, em favor de Colombo, surge a personagem Postulador Baldi, citando as palavras de Roselly de Lorgues, histórico que escreveu em 1858, sob encomenda, uma biografia de Colombo para o quarto centenário de “descobrimto” e para favorecer o processo de canonização do navegante:

[...] A pesar de sus cuarenta y tantos años, su viudez, su pobreza, su acento extranjero, sus canas, quiso ser compañera suya una joven de gran nobleza y de rara belleza. Se llamaba Beatriz y, en ella, se animaban todas las virtudes y toda la donosura de la mujer cordobesa [...].⁷² (CARPENTIER, 1994, p. 227).

⁷¹ Nossa tradução livre: [...] o que se refere a "seus maus hábitos e seu filho bastardo". - É o suficiente para mim - diz o Advogado do Diabo. - Porque chegamos a uma das questões mais sérias a serem consideradas aqui: a das relações ilegítimas do almirante com uma certa Beatriz que era - e isso é notório - algo que, para não ser feia a memória de uma mulher, não chamarei sua barragana, sua concubina, sua amada, mas, usando uma palavra delicada muito apreciada pelos clássicos espanhóis, chamarei: "sua amigada".

⁷² Nossa tradução livre: [...] Apesar dos quarenta e poucos anos, sua viuvez, sua pobreza, seu sotaque estrangeiro, seus cabelos grisalhos, uma jovem de grande nobreza e de rara beleza queria

Ao enaltecer a figura de Beatriz como sendo uma jovem nobre cordobesa, entrevém em tom irônico o Advogado do Diabo, negando, de modo sarcástico, a construção exageradamente romântica do historiador: “– ¿No sería bueno tener unos violines para acompañar esta enaltecida romanza?⁷³” (CARPENTIER, 1994, p. 227). Ao mesmo tempo, a personagem acusadora retoma a questão dos dez mil *maravedís*, repassados ilegalmente a Beatriz, além do fato de haver escravizado nativos americanos. Em seguida, derrotado, Cristóvão Colombo volta a narrar a partir de seu ponto de vista. Como justificativa por perder a chance de se tornar santo, afirma não haver se casado com Beatriz por fidelidade cavalheiresca para com a rainha Isabel.

Conforme podemos verificar ao longo desse relato, Beatriz, em papel secundário, é apresentada sob a perspectiva dos homens, ou seja, de uma perspectiva hegemônica patriarcal. Configurada de maneira maniqueísta, contraditória, ora se apresenta como a pecadora, a concubina que com um estrangeiro teve um filho sem as convenções da igreja, ora é retratada como a vítima de um homem ambicioso e egoísta, que com ela não se casou para não ser associado a uma mulher humilde. Além disso, temos ainda a representação de Beatriz como uma mulher virtuosa e de origem nobre, imagem esta que acaba por ser desconstruída de forma irônica na sequência.

Na obra *El arpa y la sombra* (1994), embora tenhamos vários aspectos literários inovadores do novo romance histórico latino-americano, Beatriz, como personagem secundária, é configurada seguindo-se os moldes do patriarcalismo dominante. Desse modo, a personagem situa-se de maneira submissa à intelectualidade, à autoridade e à racionalidade do homem. No desenlace da obra, contudo, a indiferença de Colombo para com Beatriz volta-se contra ele, pois um dos maiores motivos históricos de não se haver tornado um santo foi a não oficialização de seu relacionamento com ela.

ser sua companheira. O nome dela era Beatriz e, nela, todas as virtudes e toda a graça da mulher cordobesa.

⁷³ Nossa tradução livre: Não seria bom ter uns violinos para acompanhar este enaltecido romance?

Nesse sentido, podemos afirmar que, nesse exemplar novo romance histórico que desconstrói as imagens heroicas e exaltadoras de Colombo, a configuração de Beatriz, dentro dos parâmetros do patriarcalismo, é meio e forma de aplicar ao marinheiro o “castigo” mais significativo frente a mitificação de sua imagem na historiografia: a não efetivação histórica de sua canonização, devido às suas relações não oficializadas pela igreja com Beatriz.

Na sequência, vejamos como a metaficção historiográfica estadunidense apresenta-nos a imagem de Beatriz.

1.2.2 Beatriz Enríquez de Harana sob a ótica da metaficção historiográfica plena: *The memoirs of Cristopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe

O romance estadunidense *The memoirs of Cristopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe, pseudônimo do escritor nova-iorquino Milton S. Lesser (1928-2008), reconstrói o passado supostamente vivenciado por Colombo, promovendo uma leitura desmistificadora a partir da utilização plena dos recursos metaficcionais associados aos da paródia, da carnavalização e de uma linguagem profundamente irônica.

O relato de Marlowe (1987) explora a subjetividade da personagem do marinheiro, cuja enunciação assume uma perspectiva autodiegética, ou seja, Colombo expressa-se no romance pelas memórias, pelas confissões, pelas leituras que faz de seus textos autobiográficos e de textos escritos após sua morte, gerando novas perspectivas às imagens presentes nos relatos históricos. Tais recursos estilísticos, conforme menciona Fleck (2008), produzem o rompimento com a tradição exaltadora da figura de Colombo na literatura estadunidense marcada na “Poética do ‘descobrimento’” e cultivada nesse espaço desde o século XVIII até a esse momento da publicação da obra de Marlowe (1987, pois

[...] o romance *The memoirs of Christopher Columbus*, de Stephen Marlowe, publicado em 1987, no qual os efeitos de um discurso ficcional sobre o descobrimento, construído a partir da focalização no próprio herói consagrado pela historiografia, rompe com a tradição

clássica do emprego do narrador onisciente sob o qual a personagem Colombo vinha sendo exaltada também pela ficção norte-americana. Essa tradição remonta a 1840, com *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay*, de James Fenimore Cooper e, em parte, estende-se aos nossos dias. (FLECK, 2008, p. 227-228).

Nesse sentido, ao filtrar o material histórico pela consciência de Colombo, valendo-se de procedimentos estéticos autobiográficos e memorialísticos, a obra de Marlowe abre-se para uma multiplicidade imaginativa que possibilita corrigir, negar, esclarecer ou mesmo distorcer as imagens consagradas do navegante propagadas pela história e pela literatura tradicionais. Tal liberdade ficcional assemelha-se ao universo literário hispano-americano, como nas obras *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier, *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo e *Los perros del paraíso* (1983), de Abel Posse, que lhe antecederam. A história de Colombo, contada por ele mesmo, livre dos limites históricos e das caracterizações que lhe foram imputadas, busca registrar os acontecimentos em linguagem mais atual, isto é, a variante linguística do Brooklyn das décadas de 1970 e 1980.

A obra caracteriza-se, segundo a análise de Fleck (2008), como sendo essencialmente metaficcional. Nela, são visíveis além das características renovadoras do novo romance histórico mencionadas por Fernando Aínsa (1988-1991) e Seymour Menton (1993) os princípios da metaficção historiográfica, definidos por Linda Hutcheon (1991), resultando no que o pesquisador classifica como “metaficção historiográfica plena”.

Fleck (2017, p. 96) aponta algumas características que considera primordiais para que um romance contemporâneo possa ser classificado na modalidade da metaficção historiográfica. Dentre eles, destaca seis aspectos comuns às obras críticas/desconstrucionistas híbridas de história e ficção, cuja principal estratégia escritural é a autorreferencialidade:

- 1- Ocorrências do multiperspectivismo, com a presença de distintos fios ou eixos narrativos na diegese;
- 2- Presença de um constante diálogo entre a voz enunciativa do discurso e o narratário/leitor para torná-lo consciente de que está diante de uma construção discursiva;

3- Confluência de história, ficção e diferentes teorias – da leitura, da história, da teoria literária, da linguística, da filosofia – na argumentação ideológica exposta na superfície do romance;

4- Manifestações de personagens e vozes ex-cêntricas também no protagonismo das obras;

5- Incorporação da temática pós-moderna da problematização acerca da impossibilidade de se alcançar, pela discursividade linguística, a “realidade” do passado;

6- Incorporação do passado textualizado na escrita romanesca do presente pelo uso da paródia e das intertextualidades com a finalidade de subverter as versões hegemônicas.

Uma das várias estratégias discursivas presentes na obra de Marlowe (1987) é a presentificação do passado, vista como uma das premissas básicas das metaficções historiográficas. Além disso, destaca-se a manipulação da linguagem e o manejo intencional dos dados disponíveis, que se expressam na voz de Colombo por meio da metatextualidade paródica, rompendo com qualquer noção de “verdade” histórica em benefício das múltiplas versões e interpretações do passado. Nesse fluxo narrativo, ecoam vozes díspares oriundas da filosofia, da história, da literatura, da religião, da mitologia greco-romana, da televisão, entre outras, em anacronismos diversos.

No princípio da narrativa, a voz enunciativa já se revela transgressora e contrária à prática tradicional do gênero biografia:

*I hate the sort of biography that goes: At the age of eight the future Prime Minister (or Whoremonger, or Admiral of the Ocean Sea) had already turned his thoughts to the strife of nations (or sexual intercourse, or sea routes to the Indies).*⁷⁴ (MARLOWE, 1987, p. 6).

Notamos, nesse excerto, o posicionamento contrário do narrador à forma de escrita institucionalizada pela história tradicional. Em seguida, em tom irônico,

⁷⁴ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Detesto o tipo de biografia que diz assim: Aos oito anos de idade o futuro primeiro-ministro (ou traficante de prostitutas ou almirante do Mar Oceânico) já dirigia seus pensamentos para os conflitos entre as nações (ou para o ato sexual, ou para as rotas marítimas para as Índias).

analisa e critica a sua primeira biografia, feita pelo seu segundo filho, Fernando Colombo:

My own son Fernando put it otherwise. Young Fernando, unwilling to spring from the loins of a semi-literate nobody who ran off to sea at fourteen, sent me in his biography (a book I don't recommend) to the University of Pavia to study mathematics, geography and astronomy, so I could become a suitable father for the illegitimate son of the Admiral of the Ocean Sea.⁷⁵ (MARLOWE, 1987, p. 6).

Segundo a voz do narrador, a biografia de Fernando Colombo é uma obra “não recomendada”, sugerindo, num diálogo direto com o narratário/leitor, que os relatos de sua vida foram ali forjados para atender aos interesses do próprio biógrafo, que não queria estar ligado a um pai inculto, visto que, de acordo com o mencionado anteriormente, Fernando era um “homem das letras”.

Em seguida, após tecer duras críticas à sua primeira biografia, o narrador apresenta a sua versão do passado, ou seja, sua origem espanhola e sua ascendência judaica, indo na contramão da maioria dos textos biográficos que ressaltam sua origem genovesa e sua vigorosa fé cristã.

Vão sendo elucidadas, à medida que a memória ficcional se constrói, as muitas interrogações sobre os primeiros anos de vida do marinheiro. Nesse processo, Colombo narra a morte de seus pais e o encontro com o cardeal, futuro papa Alexandre VI, que passaria a cuidar de sua educação. A voz narrativa recorda de alguns detalhes da reputação desse homem da Igreja: *“Like so many illustrious leaders, he had a bad press. But he always treated me well. He loved power and money and women, [...] and beauty and himself in that order.⁷⁶”* (MARLOWE, 1987, p. 14).

Nesse ponto, observamos como a voz de Colombo desautoriza a biografia escrita por seu filho Fernando, afirmando que Roderigo Borgia, o cardeal, deu-lhe

⁷⁵ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Meu filho Fernando já pensa de outra forma. O jovem Fernando, sem a mínima vontade de ter nascido pela força geradora de um João-Ninguém semi-analfabeto que fora para o mar aos quatorze anos, enviou-me em sua biografia (um livro que não recomendo) à Universidade de Pavia para estudar matemática, geografia e astronomia. Assim me tornei um pai adequado para o filho ilegítimo do almirante do Mar Oceano.

⁷⁶ Tradução de Jusmar Gomes (2000): [...] Como muitos líderes ilustres, ele não contava com uma boa imagem, mas sempre me tratou muito bem. Amava o poder, o dinheiro, as mulheres, [...] e a beleza em si mesma nessa ordem.

abrigo e lhe contratou como um simples provador oficial, a fim de evitar envenenamentos. Assim, a voz enunciadora desconstrói a imagem de Colombo como um jovem estudante sério e dedicado, revelando detalhes que, por força da enunciação do “eu”, compartilha parte dos aspectos de sua personalidade que, como vemos, tiveram base na corrupta Roma do século XV. Sua formação, proveniente da vida conturbada do Vaticano, fica evidente nas seguintes advertências que recebeu de seu mentor:

*‘Be audacious,’ Roderigo Borgia always advised me. [...] He also said, humility serves only the defeated. [...] But he also had other advice, other theories. Honor no treaty that becomes a burden. Win your enemies over or crush them. If you cannot be both feared and loved, give up the love.*⁷⁷ (MARLOWE, 1987, p. 18).

Esses conselhos impregnam a personalidade do marinheiro. O sentimento de audácia, a coragem, o empreendedorismo, a perseverança e, em particular, o caráter oportunista, são, segundo o narrador, influências que marcaram o ambicioso “descobridor”, aprendidos e incorporados pelas práticas do ambicioso cardeal Roderigo Borgia⁷⁸, que viria a ser papa e pai dos jovens Juan, Jofré e César Bórgia (imortalizado como o “Príncipe,” da obra de Maquiavel), além de Lucrecia Borgia, considerada a maior envenenadora da história de Roma.

Nesse processo metatextual de comentar e criticar os documentos oficiais, o narrador, de forma transtextual, aponta o que considera disparatado, desconstruindo, assim, as imagens edificadoras existentes sobre o navegante. A esse respeito, Fleck (2008, p. 241) salienta que, na obra de Marlowe (1987),

⁷⁷ Tradução de Jusmar Gomes (2000): “Seja audacioso”, Roderigo Borgia vivia me aconselhando. [...] Ele costumava também dizer que a humildade era boa apenas para os derrotados. [...] Outros conselhos eram: nenhum tratado que se transforme em um obstáculo deverá ser honrado. Vença seus inimigos ou esmague-os. Se você não puder ser, ao mesmo tempo, temido e amado, abra mão do amor.

⁷⁸ O cardeal espanhol Rodrigo Borgia (Xàtiva, 1 de janeiro de 1431 – Roma, 18 de agosto de 1503) – ficcionalizado na obra de Marlowe (1987) – aos 61 anos tornar-se-ia o 214º Papa católico, sob o nome de Alexandre VI. Ele esteve à frente da Igreja Católica no período de agosto de 1492 a agosto de 1503. O papa Alexandre VI teve três filhos e uma filha com sua amante Giovanna Vannozza Dei Cattanei. Entre eles destacam-se César Borgia – que se tornou a figura inspiradora da obra “O Príncipe”, de Maquiavel, e Lucrecia Borgia, uma das mulheres mais controversas da história. Fonte: <<http://viagemitalia.com/ma-fama-lucrecia-borgia/>>. Acesso em: 05 mar 2021.

[...] a metalinguagem é, também, via de diálogo entre as diferentes interpretações que as ações de Colombo despertaram, além de expandir o teor metaficcional do romance, que tece uma rede de relações com outros textos, explicitando o seu esquema de construção discursiva.

Na sequência da narrativa, a voz autodiegética narra a sua versão dos eventos. Para tanto, emprega recursos como o humor, a paródia e a ironia, configurando Colombo de forma carnalizada.

O relato segue destacando como concebe a ideia de sua “Grande Aventura”, e seu casamento com Felipa, com quem tem um filho. Após a grotesca morte de Felipa, Colombo, juntamente com seu filho Diego, direciona-se à corte espanhola para tentar a sorte.

De acordo com o relato, na Espanha, após deixar seu filho, Diego, no mosteiro de La Rábida, Colombo parte para Córdoba, onde os reis estão temporariamente instalados. Ao chegar, consegue um emprego na nova gráfica instalada por três irmãos alemães, de sobrenome Waldseemüller. Esse é o momento em que surge, no romance, a personagem Beatriz Enríquez de Harana.

Segundo o narrador, poucas pessoas naquela época compravam livros por medo da ira de nobres, padres ou políticos. Assim sendo, Beatriz é configurada como uma jovem audaciosa, visto que entra pela porta da frente da gráfica para comprar um livro, ao contrário dos demais compradores, que sempre chegavam furtivamente pela porta dos fundos: *“This young woman, though, had come in the front way with a proud, animated expression on her face.”*⁷⁹ (MARLOWE, 1987, p. 123). Há, portanto, uma tentativa de transcender o retrato de uma figuração feminina subjulgada ou simplificada. A personagem, ainda que via narrador autodiegético, Colombo, recebe um tratamento figurativo atencioso e permenorizado. Ela não é qualquer mulher, ela entra pela “porta da frente”.

Além da personalidade forte de Beatriz, o narrador revela, também, seus atributos físicos, deixando em evidência vários dos aspectos que mais lhe atraíam, dentre eles, sua sensualidade e timidez:

⁷⁹ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Essa moça, entretanto, entrara pela porta da frente com uma expressão de orgulho em seu rosto.

[...] It was, in fact, an attractive face to look at. Her undeniably Iberian eyes, dark, mysterious, reflexively flirtatious (though shy now), her possible Berber lips, full, red, sensuous (though shy now), her conceivably Semitic nose, haughtily high-bridged (though shy now), all clearly indicated the diversity of her Spanish ancestry. She was tall and well-proportioned in an hour-glass sort of way. With her rosy, perhaps Visigoth cheeks and large hands she looked like a farmgirl just come to the city.⁸⁰ (MARLOWE, 1987, p. 123).

As referências à sua aparência denotam não apenas o quanto era apazível aos olhos de Colombo, mas, também, a grande miscigenação de povos de diferentes etnias que constitui a formação espanhola. Além disso, é inegável que os aspectos citados a respeito da beleza de Beatriz (berberes e semíticos), advêm da cultura judaica, fazendo prevalecer os registros históricos sobre sua origem de judia conversa.

No decorrer do romance, os leitores passam a saber que Beatriz é uma jovem camponesa órfã, que havia perdido os pais muito cedo, queimados pela Inquisição. O protagonista descobre que ela ainda não sabe ler e, então, oferece-se para ser seu professor. Nesse ponto, verificamos que a forma como se conhecem, no plano ficcional, difere do discurso histórico, uma vez que suas relações não são estabelecidas pelo primo, Diego de Harana, ou pelo tio de Beatriz, Rodrigo Enríquez de Harana, conforme destaca De la Torre y Del Cerro (1933) e Manzano Manzano (1964). Seus pais, além disso, são vítimas da perseguição perpetrada pela Inquisição. Tanto uma como outra informação são desconstruídas na diegese, a contrassenso das “verdades” registradas pelo discurso histórico hegemônico.

Durante as aulas, nada desprezíveis, começam a ter um relacionamento amoroso. Em seguida, sem necessitar de muito esforço para conquistá-la, Colombo passa a morar em sua casa nas proximidades do gueto judeu, em Córdoba. No entanto, o que se sobressai nesse trecho da obra é a importância de Beatriz no

⁸⁰ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Na verdade, era um rosto bastante atraente para se olhar. Seus inegáveis olhos ibéricos, escuros e misteriosos, reflexivamente dados ao flerte (muito embora estivessem tímidos agora), seus lábios possivelmente berberes, carnudos, vermelhos, sensuais (muito embora estivessem tímidos agora), seu nariz concebivelmente semítico, altivamente empinado (muito embora estivesse tímido agora) – tudo aquilo indicava a diversidade de sua ascendência espanhola. Ela era alta e bem proporcionada como uma ampulheta. Com as róseas maçãs de seu rosto, talvez visigótico, e com aquelas mãos grandes, ela tinha a aparência de uma garota do campo que acabara de chegar à cidade.

consolo dado ao homem, quando esse sofria por não conseguir uma audiência com os reis, Fernando e Isabel:

No wonder they had no time for my Great Venture! I tried to console myself with that thought, but it didn't help. My only real consolation was Beatriz, with whom I took rooms half-way between the Judería or ghetto, [...] Thus I avoided your usual courtship in which the woman sits in comfort inside a grilled window while the man stands outside in all weather proclaiming his love – the old Spanish custom known as eating iron.⁸¹ (MARLOWE, 1987, p. 126-127).

Por conta do aprofundamento da relação, Beatriz, conseqüentemente, ficou grávida, e sua família queria saber se eles se casariam antes do nascimento do bebê. O narrador, nessa ocasião, tece duras críticas à biografia escrita por Washington Irving, em 1827, expondo, de maneira intertextual, que não concorda com as explicações (ou especulações) feitas pelo historiador a respeito dos motivos que o levaram a não se casar com Beatriz:

[...] Take the fellow who flatly said he would leave my 'psychology, motivation and all that' to others. So what does he do, every chance he gets? Probes my innermost thoughts anyway, then presents his insulting speculations not as conjecture or psychohistory but as fact. Simply put, he said I never married Beatriz because it wouldn't be an advantageous match for me, as marrying the daughter of poor old Perestrello had been.⁸² (MARLOWE, 1987, p. 127).

No transcorrer do relato, a identidade de Beatriz é revelada a Colombo pelo seu primo, Diego de Harana, que vai até Colombo para exigir que se case com ela: *"Her father was Pedro de Torquemada and there's only one Torquemada family in Spain, they're cousins, and if you don't do the right thing by her, guess who's coming*

⁸¹ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Não admira que eles não tivessem tempo para minha Grande Aventura! Tentei me consolar com aquele pensamento, mas não adiantou. Meu único consolo era Beatriz, com quem fui morar, a meio caminho entre a Juderia, ou o gueto dos judeus, [...]. Assim, evitei o costume local em que a mulher ficava sentada confortavelmente por trás de uma janela gradeada enquanto o homem ficava do lado de fora, com sol ou com chuva, declarando seu amor – um velho costume espanhol conhecido como “comer ferro”.

⁸² Tradução de Jusmar Gomes (2000): Tomemos, por exemplo, o sujeito que disse, abertamente, que deixaria “minha psicologia, minha motivação e tudo o mais” para os outros. Então o que ele faz em todas as oportunidades? Procura adivinhar meus mais secretos pensamentos e apresenta suas insultuosas especulações, não como uma conjetura ou psico-história, mas como fatos. Simplesmente ele disse que eu jamais me casei com Beatriz porque não seria tão bom negócio quanto o casamento com a filha do infeliz Perestrello.

*to dinner next time?*⁸³ (MARLOWE, 1987, p. 128). O diálogo entre Diego e Colombo, nessa passagem, revela as relações intertextuais estabelecidas no texto, como ecos da biografia escrita por Salvador de Madariaga (1947), quando afirma que

[...] *el padre de Beatriz se llamaba Torquemada. Perfectamente, Torquemada. Ahora bien, este nombre, famoso en los anales de la Inquisición, era el de una familia de conversos que había dado a la Iglesia española al ilustre Cardenal de San Sixto, Don Juan de Torquemada, de quien era pariente por cierto el famoso Inquisidor General; y aunque no basta este argumento para pensar que el padre de Beatriz perteneciese a esta familia, añade no obstante cierta verosimilitud a la hipótesis que haría a Beatriz Enríquez conversa.*⁸⁴ (MADARIAGA, 1947, p. 228-229).

Diante de tal revelação feita por Diego, Colombo se vê obrigado a se casar com Beatriz. Entretanto, o destino reserva-lhe outra sorte, pois, no exato momento em que está sendo “colocado contra a parede” por Diego e seu amigo Juan Sánchez, chega um mensageiro real trazendo uma convocação dos reis católicos para uma audiência. Maravilhados com a possibilidade de servir aos soberanos da Espanha, ambos os interlocutores de Colombo candidatam-se a participar da grande viagem e se esquecem, totalmente, da missão de obrigá-lo a se casar com Beatriz.

Assim, sem considerar os sentimentos ou as necessidades dela, Colombo parte, no dia seguinte, a Sevilha, sem promessas de casamento: “*How I left Córdoba the following morning for the trek north, first assuring Beatriz of my love and my intention to provide for our child.*⁸⁵ (MARLOWE, 1987, p. 131).

⁸³ Tradução de Jusmar Gomes (2000): “- O pai dela foi Pedro de Torquemada e existe apenas uma família Torquemada na Espanha. Eles são primos, e, se você não fizer o que deve ser feito, adivinhe quem virá para jantar da próxima vez?”

⁸⁴ Nossa tradução livre: Acrescenta-se que o pai de Beatriz se chamava Torquemada. Perfeitamente, Torquemada. Pois bem, este nome, famoso nos anais da Inquisição, era o de uma família de convertidos que havia dado à Igreja espanhola o ilustre Cardeal de San Sixto, Dom Juan de Torquemada, de quem era Parente, por certo o famoso Inquisidor Geral; e se não bastasse este argumento para pensar que o pai de Beatriz pertencera a esta família, acrescenta, não obstante, certa verossimilhança à hipótese que faria de Beatriz Enríquez uma convertida.

⁸⁵ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Como parti de Córdoba na manhã seguinte rumando para o norte, depois de assegurar a Beatriz que eu a amava e tinha intenções de dar toda assistência ao nosso filho.

Distante de Córdoba, ainda em suas demandas com os reis, Colombo escreve para Beatriz e recebe a notícia de que seu filho havia nascido: “[...] *Except for his bright, inquisitive blue eyes, Beatriz wrote, he was more a Torquemada-Enríquez de Harana than a Colón.*⁸⁶” (MARLOWE, 1987, p. 135). Em resposta, pede que seu filho seja batizado com o nome de Fernando, a fim de conquistar a afeição do rei: “[...] *Preoccupied with thoughts of royalty, I added, ‘Name the boy Fernando for luck.*⁸⁷” (MARLOWE, 1987, p. 135).

Tendo conseguido o apoio dos reis católicos para a realização de sua viagem pelo mar Oceânico, Cristóvão resolve deixar seu filho Diego sob os cuidados de Beatriz, caracterizada, desse modo, como a mulher que espera, que serve, repleta de instintos maternos e amorosos:

*‘Cristóbal!’ She shouted. She ran at me full tilt and flung herself into my arms. Little Diego kept tugging me, but it was Beatriz with her woman’s instinct who took the initiative. She turned with a motherly smile to the boy, who had backed up shyly against Toothsome.*⁸⁸
(MARLOWE, 1987, p. 155-156).

Colombo havia partido há mais de três anos, deixando-a desamparada e com um filho. No entanto, a atitude exultante de Beatriz representa, de modo significativo, sua conformidade ao sistema vigente da época, a de mulher que espera seu amado incansavelmente, assim como a mítica heroína Penélope. Beatriz sujeita-se ao jugo masculino, independentemente do sofrimento que isso venha a lhe causar, aceitando, sem o menor questionamento, o outro filho de Colombo em sua casa, como se fosse seu.

Apontando para aspectos não mencionados em sua biografia, o protagonista relaciona-se com outra mulher, Petenera Nunes, uma espiã judia. Ao recorrer à

⁸⁶ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Com exceção dos olhos azuis e curiosos, escreveu Beatriz, ele era mais um Torquemada Enríquez de Harana do que um Colombo.

⁸⁷ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Preocupado com pensamentos de realeza, acrescentei: dê ao menino o nome de Fernando, para me dar sorte.

⁸⁸ Tradução de Jusmar Gomes (2000): – Cristóvão! – gritou ela. Correu em minha direção e jogou-se em meus braços. [...] O pequeno Diego continuava me cutucando, mas foi Beatriz, com seu instinto de mulher, quem tomou a iniciativa. Ela virou-se com um sorriso maternal para o menino, que se encolhera timidamente contra a Desdentada. – Puxa, você deve ser meu filho Diego – ela disse. E sabendo que um forte abraço e um beijo barulhento poderiam ser intimidadores, ela se curvou para tocar de leve no rosto e nos lábios dele.

configuração de personagens não advindas do discurso histórico, o narrador diminui a importância de Beatriz em sua vida, deixando-a em suspenso na trama para ressurgir, apenas em momentos pontuais relatados pelo discurso histórico.

Com o retorno de sua primeira viagem, decide ir à casa de Beatriz para rever seus filhos; nesse momento, a voz narrativa ressalta suas mudanças físicas, descrevendo-a como uma mulher gorda e sem modos, o que, para ele, agora uma “lenda viva”, seria inaceitável:

So had Beatriz. Her hour-glass figure was fifteen or twenty minutes more ample. She went; she returned; she passed a platter. I stared in mounting horror at the sticky amber-colored things heaped on it. [...] Beatriz consumed her fourth – or was it her fifth? – blissfully.⁸⁹
(MARLOWE, 1987, p. 243).

Somente quando Colombo anuncia que seu primo Diego havia ficado em uma das ilhas a Oeste, no Forte de Navidad, a espera de mais colonos e suprimentos, que Beatriz demonstra sua raiva e indignação para com Colombo: “‘Then you did abandon them! How could you, Cristóbal? What am I going to tell my uncle?’⁹⁰” (MARLOWE, 1987, p. 245). Nesse momento, Beatriz dá-se conta que, de fato, nunca esteve nos planos de Colombo, e profere: “‘It was foolish of me,’ Beatriz said with a bosom-expanding sigh, ‘to hope I wouldn’t lose you to...all that’.⁹¹” (MARLOWE, 1987, p. 245). Colombo, portanto, compreende que a relação chegou a seu fim e, como motivos, destaca sua nova posição nobre, seus muitos afazeres, que já não poderiam abarcar a simples e humilde cordobesa:

All that – how fraught with significance those two small words! They encompassed Beatriz’s stricken awareness that he had lost our common ground, that she would never again understand the now-legendary figure who had fathered her son; they hinted,

⁸⁹ Tradução de Jusmar Gomes (2000): Beatriz também havia crescido. Seu corpinho que lembrava uma ampulheta estava uns quinze ou vinte minutos mais amplo. [...] Ela foi para a cozinha e voltou com uma travessa de louça. Fiquei olhando com horror crescente para aquelas coisas pegajosas de coloração amarelada empilhadas ali dentro. [...] Beatriz comeu a quarta – ou seria a quinta? – estalando os lábios.

⁹⁰ Tradução de Jusmar Gomes (2000): – Então você os abandonou! Como é que você pôde fazer uma coisa dessas? O que é que vou dizer a meu tio?

⁹¹ Tradução de Jusmar Gomes (2000): – Eu fui uma boba – disse Beatriz, suspirando e aumentando ainda mais seus seios avantajados – em imaginar que não perderia você para... tudo aquilo.

*subconsciously perhaps, at a future in which I would seldom see her.*⁹² (MARLOWE, 1987, p. 245).

Posteriormente, Colombo envia os seus dois filhos para a corte, a fim de usufruir de todas as vantagens e da boa educação como pajens dos reis. Beatriz reaparece em cena quando o navegante decide revê-la, antes de sua terceira viagem, como uma forma de consolo, visto que ela estava há muitos anos sem rever seu filho Fernando e seu enteado Diego e merecia notícias. Quando relata sua passagem por Córdoba a Petenera, Colombo ressalta com certo encargo: “*Pet, believe me, there hasn’t been a thing between us in years. It’s just the decent thing to do, to see her before we sail.*”⁹³ (MARLOWE, 1987, p. 413).

Somente após sua quarta viagem, e em seu leito de morte, que Colombo revê Beatriz, reconhecendo-a, à primeira vista, em seu novo aspecto físico. Novamente, o narrador a caracteriza como a mulher que persiste em seu amor, sem rejeitar o homem que a abandonou diante da glória e da nobreza:

*Big D said, ‘I brought someone to see you,’ I wasn’t seeing so good that morning. She leaned over my bed. An ample woman in black. ‘Cristóbal,’ she said tremulously. She kissed my cheek. ‘This is the first time I’ve ever been north of Córdoba in my whole life.’*⁹⁴ (MARLOWE, 1987, p. 562).

No romance *The memoirs of Cristopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe, temos a oportunidade de deflagrar uma tentativa de reconstrução dessa humilde cordobesa de descendência judia de forma grotesca e carnavalizada. Caracteriza-se, inicialmente, como uma bela e destemida mulher, para depois aproximar-se da figura mitológica de Penélope, uma das mais populares imagens de feminilidade, de mulher que espera pelo amor e, enquanto o espera, pacientemente,

⁹² Tradução de Jusmar Gomes (2000): Tudo aquilo – quanto significado nestas duas pequenas palavras! Elas abrangiam a certeza de Beatriz de que nós havíamos perdido nossa vida em comum, que ela jamais voltaria a entender a agora lendária figura que era o pai de seu filho; elas insinuavam, subconscientemente talvez, um futuro em que eu raramente a veria.

⁹³ Tradução de Jusmar Gomes (2000): – Acredite-me, não há nada entre nós dois há anos. Acho apenas que é uma coisa decente a fazer vê-la antes de nossa partida.

⁹⁴ Tradução de Jusmar Gomes (2000): – Trouxe alguém para vê-lo – disse o grande Diego. Eu não estava enxergando muito bem naquela manhã. Ela se inclinou sobre minha cama. Uma mulher gorda, vestida de preto. – Cristóvão! – falou ela com a voz trêmula, beijando meu rosto. – Esta é a primeira vez que viajo ao norte de Córdoba em toda minha vida.

borda, tece, junta os fios e as cores. Beatriz, por sua vez, enquanto espera, come, ampliando assim a “sua tela”, ou seja, o seu próprio corpo.

Desse modo, Colombo, representado como um homem sedutor, aquele que conquista a mais bela e inteligente das mulheres da Espanha, Petenera Nunes (a lendária Pimpinela Azul), não encontra mais motivos para se manter junto a ela. Além disso, a julgá-la pelas suas limitações, acredita que não possa entender a grandiosidade de sua aventura marítima. Beatriz, desse modo, está condicionada a uma posição inferior perante o homem, considerada incapaz de pensar e agir por si própria de acordo com o pensamento patriarcal dominante na época recriada.

À continuação, vejamos como a representação de Beatriz ocorre nessa modalidade da metaficção historiográfica no âmbito da literatura hispano-americana.

1.2.3 Lembranças de Beatriz Enríquez de Harana evocadas pela metaficção historiográfica em *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos

O escritor paraguaio Augusto Roa Bastos (1917-2005), assim como Alejo Carpentier, desponta entre os escritores hispano-americanos que deram origem à modalidade do novo romance histórico latino-americano, com sua obra *Yo el supremo* (1974) (MENTON, 1993). No entanto, é com seu terceiro romance, *Vigilia del Almirante*, publicado no emblemático ano de 1992, no quinto centenário de “descobrimento” da América, que o escritor passa a ser considerado como uma das grandes figuras da narrativa hispano-americana do século XX.

Nessa obra, temos um relato enriquecido por metáforas, sobreposições temporais, entre outras estratégias escriturais como a polifonia, a paródia, a carnavalização, a dialogia e a intertextualidade, construídas por meio de três fios narrativos distintos, sendo um deles essencialmente autorreferencial. Tal configuração, como aponta Fleck (2017), constitui-se numa legítima metaficção historiográfica.

Para tanto, o autor vale-se de uma intensa liberdade de criação literária, a fim de questionar os acontecimentos que envolveram a empresa “descobridora”, bem

como configurar “[...] um “descobridor” desmistificado, humanizado e inconsciente da grandeza de seu feito [...]” (FLECK, 2008, p. 175).

O tecido narrativo de Roa Bastos, segundo aponta Fleck (2017, p. 197), estrutura-se com base no diálogo entre diferentes vozes, “[...] aliado aos aspectos mais experimentalistas e desconstrucionistas e ao consciente emprego das estratégias metanarrativas [...]” Por esta razão, essa obra pode ser classificada a partir dos pressupostos da metaficção historiográfica, pois, à medida que as distintas vozes ganham forma e consistência na narrativa, “[...] revelam a enunciação de discursos opostos que caminham lado a lado, constituindo um modelo exemplar de metaficção discursiva.” (FLECK, 2017, p. 197). Confrontam-se, assim, no espaço discursivo do romance, diferentes versões sobre o “descobrimento” da América, provenientes de diferentes fontes (registros oficiais e relatos orais), em diferentes fios narrativos.

Esses fios narrativos, afirma Fleck (2017), formam blocos que se contrastam pela presença de diferentes narradores que, em determinados momentos, acabam fundindo-se na construção de um discurso polifônico. No primeiro bloco de capítulos, temos a focalização centrada em Cristóvão Colombo, que reflete sobre a travessia oceânica, já a meio caminho de sua rota. Nesse momento, revelam-se seus pensamentos e seus temores, uma vez que estão presas as caravelas numa espessa camada de algas que os empurra à contracorrente. Essa imobilidade no tempo da enunciação leva o protagonista a uma retrospectiva memorialística. No tempo do enunciado, são narrados os fatos que o auxiliaram a por seu plano de navegação em prática e, à medida que narra suas atividades banais, como a contagem das latitudes, confia o conflito entre seguir as informações de Toscanelli – roubadas em Portugal – ou as do pré-descobridor, o Piloto Anônimo, que – antes de sua morte pelo naufrágio de sua embarcação na ilha da Madeira onde vivia Colombo à época, havia-lhe dado as indicações precisas da rota a ser seguida.

A forma como o narrador estrutura suas recordações deixa em evidência que a diegese está sendo organizada a contratempo, desde sua vigília, do leito de morte de Colombo, estabelecendo intertextualidade com *El arpa y la sombra* (1979), de Carpentier. Entremeio à voz enunciativa do discurso, e se alternando com esta, há

uma segunda voz narrativa, extradiegética, que, de forma profundamente crítica, questiona o passado tal qual fora registrado pela história tradicional.

Acerca das representações ficcionais de Beatriz Enríquez de Harana, temos, nesse romance, algumas passagens, em sua maioria expressas a partir da consciência de Colombo. O protagonista, em dois tempos narrativos, de forma anacrônica, desde a câmara de seu navio (preso entre as algas a meio caminho de sua viagem ao “Novo Mundo” e do seu leito de morte em Valladolid, reescreve suas memórias. Desse modo, começa a expor sua intimidade, trazendo à tona as recordações sobre as mulheres que acompanharam sua história. Dentre elas, realça a figura de Beatriz como aquela de quem se lembra de forma mais especial e sobre quem faz um relato mais extenso:

Las recuerdo y las deseo. A todas y a cada una de ellas, sin juntarlas, diferentes y únicas. Cada una, a su modo, me devuelve la juventud resucitando mi mortalidad carnal. Una de ellas, entre todas, la sevillana Beatriz Enríquez de Arana, sigue siendo para mí, muchos años después de muerta, este paradigma del amor físico.⁹⁵ (ROA BASTOS, 1992, p. 94).

Na ficção de Roa Bastos (1992), Beatriz é caracterizada como um ser extremamente erotizado. A representação da personagem demonstra-se, assim, mais “artística” e menos histórica, ou seja, atende mais às expectativas do plano ficcional. Desse modo, ela é vista como uma bela mulher, capaz de satisfazer o homem em todos os seus desejos, conhecedora da arte de amar, experta nos prazeres do sexo, conforme verificamos no fragmento a seguir:

Su irresistible marea penetra hasta los lugares más recónditos del navío con curiosidad de mujer tomando posesión del lugar que le está reservado para desnudarse. Esto hacía la hermosa Beatriz de Arana, mi mujer, cuando me llamaba, serpenteando ya desnuda sobre el lecho, para nos ayuntar y hacer la bestia de dos espaldas. Conocía por instinto todos los secretos del éxtasis. Me inició y me ejercitó en todos ellos sin decir una sola palabra, sin explicarme ninguna teoría, sin musitar a mi oído promesas de quiméricos placeres. Los daba sin palabras. Se movía y nada más. Hacía pases

⁹⁵ Nossa tradução livre: As recordo e as desejo. Todas e cada uma delas, sem juntá-las, diferentes e únicas. Cada uma, a seu modo, me devolve a juventude ressuscitando minha mortalidade carnal. Uma delas, entre todas, a sevilhana Beatriz Enríquez de Arana, continua sendo para mim, muitos anos depois de morta, este paradigma do amor físico.

*de manos como los ilusionistas y encantadores de serpientes. Y su cuerpo hablaba. ¡Con qué elocuencia, mi Dios!*⁹⁶ (ROA BASTOS, 1992, p. 177).

A tônica da caracterização de Beatriz dá-se pelo reconhecimento de sua importância na vida sexual de Cristóvão Colombo. A princípio, ela é descrita como sua mulher – “*mi mujer*” –, o que denota não apenas uma relação furtiva. Contudo, seu silêncio permanece, pois ressalta, repetidamente, “*sin decir una sola palabra*”, “*sin explicarme*”, “*sin musitar*”, “*Los daba sin palabras*”. O fato de manter-se calada reitera o comportamento mencionado por Michelle Perrot (2005, p. 9), uma vez que “[...] o silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento.”

Apesar disso, a riqueza de detalhes das relações entre Beatriz e Colombo ocorre, como podemos observar, na construção de metáforas e comparações que a transformam em um ser incomum, mítico. Os elementos utilizados na descrição de Beatriz criam, de forma artística, imagens de uma mulher sábia, integrada à natureza em todas as suas formas. Diante dessa figuração, Beatriz é o próprio fluxo da criação: noite, maré, água, vento, chuva, nuvem e verdes prados:

*Era un elemento acuoso y femenino de la naturaleza. Agua de carne y hueso dotada del movimiento de grandes vientos interiores. [...] Después todo su cuerpo llovía a borbotones y los prados verdeaban. Toda ella no era sino el flujo desbordado de la creación. Una mujer verde, un viento marino, espeso de algas, de algos, de gemidos, de risas cantarinas [...]. La mujer es experta en los secretos de su oficio, cuando más ignorante más silenciosa más melodiosa.*⁹⁷ (ROA BASTOS, 1992, p. 177).

⁹⁶ Nossa tradução livre: Sua maré irresistível penetra nos lugares mais remotos do navio com a curiosidade de mulher tomando posse do local reservado para ela se despir. Isso foi feito pela bela Beatriz de Arana, minha mulher, quando ela me chamava, serpenteando já nua sobre a cama, para nos juntar e fazer a fera com duas costas. Ela sabia instintivamente todos os segredos do êxtase. Iniciou-me e me exercitou em todos eles sem dizer uma única palavra, sem explicar nenhuma teoria, sem sussurrar no meu ouvido promessas de prazeres quiméricos. Os dava sem palavras. Se movia e nada mais. Fazia passes de mão como os ilusionistas e encantadores de cobras. E seu corpo falava. Com que eloquência, meu Deus!

⁹⁷ Nossa tradução livre: Era um elemento aquoso e feminino da natureza. Água de carne e ossos dotada do movimento de grandes ventos interiores. [...] Depois todo o seu corpo chovia a jatos e os prados ficaram verdes. Tudo isso era apenas o fluxo transbordante da criação. Uma mulher verde, um vento do mar, espessa de algas, com alguma coisa, com gemidos, com risos cantando [...]. A mulher é especialista nos segredos de seu ofício, quando mais ignorante, mais silenciosa, mais melodiosa.

Ademais, a exemplo de sua configuração nada vitimizada, o narrador relata que foi por ela “iniciado” no êxtase do exercício sexual. Nessa perspectiva, Beatriz passa a ter protagonismo na relação, pois é ela quem “ensina” diferentes e inusitados “métodos” sexuais a Colombo:

Antes del acto carnal, se empeñó en adiestrarme en una extraña gimnasia de cromokinesis. Ayudan mucho los colores en los calores. [...] Los resultados eran maravillosos. El método consistía en concentrar la energía de la mente en las zonas vitales del cuerpo los siete colores del espectro. Puestos en la posición del Gautama, los codos sobre las rodillas y la cabeza entre las manos, ¡Rojo!, decía Beatriz y ambos debíamos poner los dos lóbulos del cerebro en el sexo. ¡Amarillo!, y todo nuestro ser se condensaba en el vientre. ¡Naranja!, y el plexo solar se nos saturaba de misteriosos cosquilleos coloreados. [...] Así, espectrales y luminosos, el arcoíris nos conducía en su barca a nuestras nocturnas auroras boreales. Beatriz estaba hecha de la pasta de las amazonas y las sirenas.⁹⁸ (ROA BASTOS, 1992, p. 178).

Além da mitificação de Beatriz, “feita da mesma massa que as amazonas e as sereias”, temos a incorporação da cromoterapia na tessitura do romance com referência às sete cores e aos sete principais chakras. Isso se torna um interessante elemento na confirmação de que Beatriz não tinha como fé a religião católica. Segundo o artigo “História da Cromoterapia”, do site Portal Educação, esta é uma ciência que emprega a energia luminosa das cores para equilibrar e harmonizar o corpo, a mente, o emocional e o espiritual.

Conforme descrito no site, a cromoterapia surgiu cerca de 3000 a. C., no Egito, onde era utilizada para curar doenças e desenvolver dons espirituais. Na Índia, por sua vez, houve grande desenvolvimento da cromoterapia e de seus princípios energéticos na medicina ayurvédica. A China, em 2700 a.C., já fazia uso das cores tanto na alimentação quanto no diagnóstico de desequilíbrios internos. A

⁹⁸ Nossa tradução livre: Antes do ato carnal, se empenhou em me treinar em uma estranha ginástica de cromokinesis. As cores ajudam muito nos calores. [...] Os resultados foram maravilhosos. O método consistia em concentrar a energia da mente nas áreas vitais do corpo, nas sete cores do espectro. Postos na posição de Gautama, cotovelos nos joelhos e cabeça entre as mãos, vermelho! Dizia Beatriz e ambos devíamos pôr os dois lóbulos do cérebro no sexo. Amarelo! E todo o nosso ser condensava no ventre. Laranja! E o plexo solar nos saturava com cócegas misteriosas e coloridas. [...] Assim, espectrais e luminosos, o arco-íris nos levava em nosso barco a nossas noturnas auroras boreais. Beatriz estava feita da massa das amazonas e das sereias.

Helioterapia (Terapia dos Raios Solares) era bastante utilizada na Grécia e receitada por médicos como Hipócrates (O Pai da Medicina). No Ocidente, durante a Idade Média, a utilização da cromoterapia era somente para iniciados, visto que a Igreja Católica considerava sua prática como bruxaria. Nesse sentido, Beatriz poderia ser considerada uma bruxa, uma mulher além das convenções cristãs do seu tempo.

Na composição das descrições de Beatriz, a intertextualidade mais recorrente que se faz é com o Livro de Gênesis das Sagradas Escrituras, no que se refere à criação de Adão e Eva e ao pecado original. Após observar o corpo de Beatriz, em sua argumentação a respeito dessa passagem bíblica, a voz narrativa chega à seguinte conclusão:

Sin duda Dios hizo la manzana inspirado en el trasero de la mujer para que Eva, no la serpiente, pudiese tentar a Adán, hombre de poca fe y muchos deseos, y llevarlo a la perdición. La serpiente tentadora es un elemento extraño en la heráldica del pecado. La inventaron tal vez los teólogos mal inspirados en la condición serpentina de la mujer. [...] Pienso yo, si no estoy muy errado, que el desjardinamiento inaugural estuvo previsto por el Creador desde el principio. De hecho fue el comienzo de los tiempos para la especie humana.⁹⁹ (ROA BASTOS, 1992, p. 178-179).

Na superfície textual do romance, a discussão ideológica (característica da metaficção historiográfica) sobre a doutrina religiosa da expulsão do paraíso apresenta as ações de Adão e Eva como um plano prévio de Deus e não como um erro humano. Desse modo, mais uma vez, temos a evocação de Beatriz sob o signo do amor físico, da mulher tentadora, mas que é assim por conta da própria criação divina.

Na sequência, o narrador expõe a não oficialização do relacionamento que, segundo relata, não aconteceu porque já haviam tido relações e, também, porque lhe faltavam condições financeiras. Faz-se referência, novamente, ao caráter luxurioso de Beatriz, e aos dez mil maravedís que deixou em seu benefício:

⁹⁹ Nossa tradução livre: Sem dúvida Deus fez a maçã inspirado no traseiro da mulher para que Eva, não a serpente, pudesse tentar a Adão, homem de pouca fé e muitos desejos, e levá-lo à perdição. A serpente tentadora é um elemento estranho na heráldica do pecado. A inventaram talvez os teólogos mal inspirados na condição serpentina da mulher. [...] Penso eu, se não estou muito equivocado, que o desjardinamento inaugural esteve previsto pelo Criador desde o princípio. De fato, foi o começo dos tempos para a espécie humana.

No hubo bodas ni bobadas. Después de lo gozado, el sacramento sobraba y faltaba en condumio. Mi Beatriz Enriquez de Arana tuvo que hacerse cargo de la dirección de las carnicerías de Córdoba [...]. Fray Rodríguez de Fonseca fue la primera persona que por delegación real se ocuparía de los asuntos relacionados con las Indias [...]. Estrenó el cargo, si así se puede decir, con el otorgamiento de la licencia de mi licenciosa Beatriz. Luego, acrescentando sus beneficios, le cedería yo a ella los diez mil maravedíes de recompensa [...].¹⁰⁰ (ROA BASTOS, 1992, p. 182).

Ao finalizar o capítulo, o fluxo de memória de Colombo reflète sobre a lacuna deixada a respeito de Beatriz em sua história. Nisso, menciona:

De aquellas navegaciones salió mi hijo Hernando. En muy distintas circunstancias que los otros. El más inteligente pero sobre todo el más natural... [...] He logrado matar el deseo de la carne. No puedo legar el bien póstumo de un deseo muerto a mis hijos que han mujer e deben evitar la visitación de la lujuria, la fiebre insana de la lascivia pero no hasta la austeridad absoluta. Los excesos siempre son perversos.¹⁰¹ (ROA BASTOS, 1992, p. 182).

Vemos, nesse trecho, a presente metáfora sobre suas relações com Beatriz, ou seja, das “navegações” que acabaram engendrando seu filho “natural”, Fernando. O próprio narrador ironiza sua postura “licenciosa”, ressaltando que nunca lhe faltou o necessário para viver, pois, por meio de sua conduta luxuriosa, conseguiu benefícios com o frei Rodríguez de Fonseca, bem como com o próprio Colombo, ao lhe designar os dez mil maravedís, pensão dos reis católicos – que Colombo usurpou do marinheiro Rodrigo de Triana – assegurada para quem primeiro visse terra além-mar na expedição de Colombo às Índias Ocidentais.

¹⁰⁰ Nossa tradução livre: Não houve casamentos ou bobagens. Após o gozo, faltava o sacramento e o alimento. Minha Beatriz Enriquez de Arana teve que assumir a administração dos açougues de Córdoba [...]. Fray Rodríguez de Fonseca foi a primeira pessoa que, por delegação real, trataria de assuntos relacionados às Índias [...]. Ele abriu o cargo, se assim pode se dizer, com a concessão da licença da minha licenciosa Beatriz. Então, acumulando seus lucros, eu daria a ela as dez mil maravedís como recompensa.

¹⁰¹ Nossa tradução livre: Das aquelas navegações saiu meu filho Fernando. Em circunstâncias muito diferentes dos outros. O mais inteligente, mas principalmente o mais natural... [...] Consegui matar o desejo da carne. Não posso legar o bem póstumo de um desejo morto a meus filhos que têm mulher e devem evitar a luxúria, a febre insana da lascívia, mas não até a austeridade absoluta. Os excessos sempre são perversos.

Delineiam-se, assim, imagens de uma mulher cuja existência é descrita pela perspectiva colombina. Dessa forma, é o homem quem decide revelar sua intimidade, com todos os detalhes, enfocando, principalmente, o lado erótico de Beatriz.

Na construção discursiva da mulher, ressaltam-se metáforas e comparações aludindo à sensualidade, à nudez, ao corpo, à beleza e aos seus gestos, com intensa conotação sexual. No entanto, mais uma vez, temos uma personagem marcada pelo mutismo, que fala apenas pelo corpo, sendo o seu silêncio sinal de sabedoria. Por fim, de acordo com a voz enunciativa, por ser a própria representação da luxúria, decide que sua história deve ser ocultada, a fim de evitar que seus filhos caíssem no mesmo “pecado” da carne.

As configurações de Beatriz nos romances críticos/desconstrucionistas das décadas de 1980 e 1990, até aqui abordados, são, igualmente, ressignificadas pela mais atual modalidade do romance histórico, como, a seguir, veremos.

1.2.4 Retratos mediadores de Beatriz Enríquez de Harana em *La ruta de las tormentas: Diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes

O romance *La ruta de las tormentas: Diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes, nascida em Madrid, em 1985, aborda, conforme revela o título, uma série de aventuras vivenciadas por Fernando Colombo e toda a tripulação durante a quarta viagem empreendida por seu pai, Cristóvão Colombo, ao “Novo Mundo”.

O foco narrativo está centralizado na figura de Fernando Colombo, que se manifesta enquanto narrador autodiegético, relatando a viagem de travessia oceânica em busca do estreito que permitisse chegar às terras de Gran Khan.

Ao subjetivar o material histórico, a empreitada vai tornando-se um grande pesadelo, repleto de tormentas, furacões e doenças deploráveis. Entretanto, o romance não desvela apenas as aventuras dessas personagens, mas desenvolve, também, sua psicologia, pois, conforme avança a narrativa, Fernando alcança sua

maturidade enquanto homem, enfrentando seus medos e suas contradições. A esse respeito, o pesquisador holandês Wouter Van Wiele (2013, p. 6) afirma que

[...] no se puede limitar la novela a una novela de aventuras, sino que se desarrolla también una evolución psicológica dentro de la novela, con atención especial al proceso de madurez de Hernando Colón. Se describen también profundamente las escenas familiares con protagonistas Hernando y Cristóbal, a veces con Beatriz, y las relaciones amistosas entre Hernando y algunos compañeros de la tripulación.¹⁰²

O romance de Paula Cifuentes (2005), por várias razões, as quais elucidamos a seguir, filia-se à terceira fase do romance histórico, na qual se encontram as atuais produções denominadas “romances históricos contemporâneos de mediação”, modalidade mediadora entre a tradição e a renovação concebida por Fleck (2017).

Segundo o teórico, as ocorrências dessa produção surgiram como uma reação aos ditames altamente desconstrucionistas e complexos das produções híbridas do período do *boom* da literatura hispano-americana, por parte dos romancistas do pós-*boom*. Ou seja, os romances históricos contemporâneos de mediação são produções que mostram, primeiramente, uma reação dos romancistas latino-americanos, especialmente da década de 1980, aos “excessos” contidos nas obras do auge do novo romance histórico e da metaficção historiográfica das décadas de 1960 e 1970.

Tais “excessos”, presentes nas obras críticas/desconstrucionistas da segunda fase da trajetória do romance histórico, foram apontadas por Shaw (1995, p. 12), que revela nelas a presença de:

1. excessive elitism and reader-unfriendliness 2. excessive cosmopolitanism and desire for universality at the expense of the here and now in Spanish America 3. excessive emphasis on

¹⁰² Nossa tradução livre: [...] não se pode limitar o romance a um romance de aventuras, mas sim que se desenvolve também uma evolução psicológica dentro do romance, com atenção especial ao processo de maturidade de Fernando Colombo. As cenas de família com os protagonistas Fernando e Cristóvão, às vezes com Beatriz, e as relações amistosas entre Fernando e alguns colegas de equipe também são descritas em profundidade.

*technique, on the supposed mysteriousness of reality, and on the possible inability of language to express it.*¹⁰³

A nova geração de escritores do *pós-boom* deu-se conta que tais romances eram extremamente complexos e, por isso, requeriam um leitor especializado. Esses, então, em suas escritas híbridas de história e ficção, buscaram seguir uma proposta conciliadora entre as características da tradição – modalidades clássica e tradicional do gênero – e a renovação – modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica – para ressignificar o passado de forma crítica, mas não tão desconstrucionista.

Surgiu, desse intento, o romance histórico contemporâneo de medição (FLECK, 2007) que, a partir da década de 1980, ganhou representatividade considerável em todo o campo das ressignificações do passado pela literatura.

Entre suas características, Fleck (2017, p. 109-111) destaca:

- 1- A releitura crítica do passado e a construção da verossimilhança;
- 2- A linearidade cronológica do relato de acordo com as ações do evento histórico;
- 3- A tendência ao foco narrativo único e às perspectivas marginalizadas da história;
- 4- Uso de uma linguagem mais simples, amena e coloquial;
- 5- Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas (paródia, dialogia, polifonia, heteroglossia);
- 6- Presença de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de escritura da obra, sem que essas sejam preponderantes.

Ao amalgamar as características fundamentais de todas as modalidades anteriores e mediá-las, o romance histórico contemporâneo de mediação “possibilita ao leitor orientar-se melhor no tempo, no espaço e na sequência lógica das ações, sem que isso exija dele um esforço exaustivo na reconfiguração da estrutura imaginada”. (FLECK, 2017, p. 113). Além disso, ao valer-se de uma linguagem mais simplificada, essa modalidade aproxima-se da realidade cotidiana do leitor comum,

¹⁰³ Nossa tradução livre: 1. elitismo excessivo e hostilidade ao leitor 2. cosmopolitismo excessivo e desejo pela universalidade às custas do aqui e agora na América hispânica 3. ênfase excessiva na técnica, no suposto mistério da realidade e na possível incapacidade da linguagem para expressá-lo.

mais jovem e menos especializado em estudos teóricos, o que pode favorecer a formação de leitores críticos em nossa sociedade.

Ao partirmos dessa premissa, no romance histórico de Cifuentes (2005), temos a possibilidade de rever alguns dos registros feitos pela historiografia sob um ponto de vista que oscila entre a exaltação e a desconstrução da figura de Colombo, uma vez que busca, assim como a primeira característica dos romances históricos contemporâneos de mediação, realizar uma releitura crítica verossímil do passado. Além disso, sua análise consiste em um estudo enriquecedor a respeito da configuração literária de Beatriz Enríquez de Harana, visto que os acontecimentos que envolvem a última viagem de Colombo à América são narrados a partir de um filtro muito particular, a de seu único filho, Fernando.

A narrativa inicia-se a partir do leito de morte de Fernando Colombo. Dessa forma, no momento de sua vigília, o narrador decide confessar, em diálogo direto e em tom irônico com seu narratário/leitor – que descobrimos ao final ser seu filho não reconhecido –, os eventos mais marcantes de sua vida, revelando, inclusive, seus pensamentos e atitudes mais obscuros.

Assim, seguindo o modelo das singulares escritas de Carpentier (1979) e Roa Bastos (1992), que organizaram a trajetória de vida do protagonista ao revés, da morte para a vida, o narrador, utilizando-se de recursos metanarrativos, relata, no tempo da enunciação:

Escribo porque es lo único que sé hacer en la vida. [...] Los doctores que me visitan ya no intentan ocultar mi mal. Sólo aguardan el momento en que habré de exhalar mi último suspiro [...]. Si preguntas sobre mí, difícil será la persona que no me conozca. [...] Pero no me queda tiempo. El reloj apura sus últimos granos. [...] Dios quiso que viviera lo suficiente para decirte lo que guardé durante tanto tiempo. Lo que escondí incluso a mis más allegados.¹⁰⁴ (CIFUENTES, 2005, p. 19-20).

¹⁰⁴ Nossa tradução livre: Escrevo porque é a única coisa que sei fazer na vida. [...] Os médicos que me visitam não tentam mais esconder minha doença. Eles aguardam apenas o momento em que terei que expirar meu último suspiro [...]. Se perguntar sobre mim, será difícil a pessoa que não me conheça. [...] Mas eu não tenho tempo. O relógio drena seus últimos grãos. [...] Deus queria que eu vivesse o suficiente para lhe contar o que guardei por tanto tempo. O que escondi até dos meus amigos mais próximos.

Por mais que a leitura ficcional do passado seja empreendida mantendo a linearidade cronológica dos eventos, a voz enunciativa do discurso conserva, ao longo da narrativa, um intrincado jogo temporal. Ao promover a manipulação do tempo da narrativa pelo emprego de analepses e prolepses, alternam-se os tempos entre a vigília de Fernando, suas recordações da quarta viagem às Índias (principal tempo narrativo memorialístico), os momentos familiares junto a seu pai e sua mãe, e as lembranças do tempo em que atuava como pajem na corte espanhola.

Por conseguinte, logo após zarparem da Espanha, o narrador recorda que fora ridicularizado pelos tripulantes do navio por conta de sua vestimenta luxuosa, que em nada correspondia aos afazeres de alto-mar. Após ser repreendido pelo pai, Fernando, um adolescente rebelde de 13 anos, descreve, de forma nostálgica e, ao mesmo tempo, desapontada, o amor do pai e a presença da mãe, quando tinha apenas 5 anos:

Recordé, con angustia, cuando todo era diferente, cuando no tenía que pelear por su cariño porque yo era su hijo. Rememoré sus brazos crispándose por debajo de la camisa mientras me sostenía en el aire. En el fogón de esa cocina, Beatriz cocinaba la cena [...]. Mientras yo pintaba en las losas con una tiza blanca, Beatriz y mi padre se hacían arrumacos.¹⁰⁵ (CIFUENTES, 2005, p. 41).

Conforme vemos no fragmento, fica nítido seu ressentimento para com aquela que era sua mãe, pois, na forma como o narrador a menciona, utilizando-se apenas de seu primeiro nome, identificamos o quanto, provavelmente, sentia-se abandonado. Da mesma forma, o narrador menciona o fato de Colombo ter abandonado a ambos, por causa de sua grande ambição por títulos e ouro:

[...] Y la ausencia. Aquella dolorosa ausencia paterna, el vacío de aire que dejó cuando un día ya no volvió, cuando descubrió que había un mundo inmensamente más grande esperándole más allá de aquellas cuatro paredes encaladas. [...] Un mundo que era más amado que todo el cariño que Beatriz le daba y mucho más importante que el afecto de un niño de cinco años que aguardaría su ausencia en vano. Porque ya no habría de volver. Le aguardaban las

¹⁰⁵ Nossa tradução livre: Lembrei-me, com angústia, quando tudo era diferente, quando não tinha que lutar por seu carinho, porque eu era seu filho. Rememorei seus braços se contorcendo sob a camisa enquanto ele me segurava no ar. No fogão da cozinha, Beatriz preparava o jantar [...]. Enquanto eu pintava as coisas com giz branco, Beatriz e meu pai estavam abraçados.

*glorias de los títulos y los oros de América.*¹⁰⁶ (CIFUENTES, 2005, p. 41-42).

Ao buscar estabelecer uma relação mais amistosa com os marinheiros e grumetes do navio, o protagonista começa a escutar suas histórias fantásticas sobre um lugar, uma ilha além das terras criadas por Deus, habitada unicamente por mulheres. Nela, viviam as amazonas, seres perigosos que seguiam suas próprias leis. De acordo com o relato, quando tinham filhos homens, essas mulheres os matavam lançando em um caldeirão com água fervente. Por sorte, quando os meninos conseguiam sobreviver, eram castrados e transformados em escravos.

Tal história desencadeia no narador uma recordação nada agradável em relação à Beatriz, que passa a ser caracterizada como uma mãe egocêntrica: “*Entonces, como si viniera de lejos, muy, muy lejos, me vino el recuerdo repentino de una mujer que abandonó a su hijo. Beatriz...*”¹⁰⁷ (CIFUENTES, 2005, p. 50). A comparação que se estabelece entre Beatriz e as amazonas sanguinárias que matam ou castram seus filhos, acaba por defini-la como uma mulher que não ama seus descendentes.

Nessa perspectiva, a voz de Fernando descreve os lamentos de Beatriz ao vê-lo partir para a corte espanhola para ser criado junto ao filho dos reis. Por outro lado, a voz narrativa a censura por não haver tomado alguma atitude em relação à sua partida:

Observando mis manos en la oscuridad, me pregunté cuánto había de mi madre en mí. Cuánto habría de Beatriz en mí. Y bucéé en una razón que me guiara, que le diera un poco de luz a mi vida de niño y me explicara el porqué de que esa mujer no me quisiese lo suficiente y fuese capaz de abandonarme en brazos que no eran los suyos. ¡Cómo lloraba por las esquinas! – ¡Cristóbal! – gemía –. ¡Vuelve conmigo! Fue aquel triste recuerdo lo único que me legó: su eterno

¹⁰⁶ Nossa tradução livre: [...] E a ausência. Essa dolorosa ausência paterna, o vazio de ar que ele deixou quando um dia ele não voltou mais, quando descobriu que havia um mundo imensamente maior esperando por ele além daquelas quatro paredes caiadas de branco. [...] Um mundo que era mais amado que todo o carinho que Beatriz lhe dava e muito mais importante que o carinho de um menino de cinco anos que aguardaria em vão sua ausência. Porque ele não voltaria. As glórias dos títulos e os ouros da América o aguardavam.

¹⁰⁷ Nossa tradução livre: Então, como se viesse de longe, muito, muito longe, veio-me a recordação repentina de uma mulher que abandonou seu filho. Beatriz...

*gemir. ¡Y cómo poder amarla si no hacía otra cosa!*¹⁰⁸ (CIFUENTES, 2005, p. 51-52).

A figura de mulher desesperada pela perda do marido, conforme a citação, sobressai-se ao de uma mãe que sofre pela perda do filho. Conforme o relato, Beatriz não poderia ser amada ou considerada sua mãe de fato, pois não lutou por ele. Desse modo, passa a ser considerada a culpada de todas as suas misérias, perturbações e falhas:

*Creo hallar en ti a la culpable de mis miserias, de casi todos mis errores. A ti, que fuiste incapaz de anteponte a los deseos de otros y permitiste que te arrebataran a tu hijo y se lo llevaran de tu lado a un mundo que no era el suyo: a aquella hechicera Corte que lo atrapó, como una araña, en su tela de sedas y encajes y que lo envenenó lentamente mientras tú te quedabas como alma en pena, sola rumiando tu desgracia. ¿De verdad, madre, quisiste que todo fuera así? ¿Cómo pudiste permitir que tu hijo creciera alejado de tu compañía? ¿Tal vez, cándida ilusa, creíste en algún momento que de ese modo conseguirías retener a Cristóbal a tu lado, haciéndolo volver?*¹⁰⁹ (CIFUENTES, 2005, p. 52).

Como podemos observar, Beatriz é configurada nesse romance histórico de mediação a partir de um narrador autodiegético, seu próprio filho, que, em seu relato, faz ecoar a visão patriarcal em que a mulher está sempre ligada à culpa, sendo caracterizada como uma mãe imprudente, uma mulher que abandona seu filho a uma vida sem virtudes, repleta de aparências. Nesse sentido, ainda que se evidencie certa criticidade à passividade de Beatriz, sua falta de voz e de

¹⁰⁸ Nossa tradução livre: Olhando minhas mãos no escuro, me perguntei quanto de minha mãe havia em mim. Quanto de Beatriz estaria em mim. E mergulhei por um motivo que me guiaria, que daria um pouco de luz à minha vida quando criança e explicaria o porquê essa mulher não me amava o suficiente e foi capaz de me abandonar em braços que não eram dela. Como chorava pelas esquinas! – Cristóvão! – gemia –. Volte comigo! Essa triste lembrança foi a única coisa que ela me deixou: seu eterno gemido. E como poder amá-la se não fazia outra coisa!

¹⁰⁹ Nossa tradução livre: Acho que encontro em você a culpa das minhas misérias, de quase todos os meus erros. Você, que foi incapaz de se colocar acima dos desejos dos outros e permitiu que eles tirassem seu filho de você e o levassem do seu lado para um mundo que não era dele: para aquela Corte feiticeira que o prendia como uma aranha em seu tecido de seda e renda e que lentamente o envenenou enquanto você permanecia como uma alma sofrendo, ruminando sozinho sua desgraça. Realmente, mãe, você queria que tudo fosse assim? Como você pode permitir que seu filho crescesse afastado de sua companhia? Talvez, delirante, pensou em algum momento que dessa maneira seria capaz de manter Cristóvão ao seu lado, fazendo-o voltar?

posicionamento mais incisivo, nota-se uma tentativa de questionar, ironicamente, a ideologia patriarcal presente nos registros históricos oficiais.

Ao relatar a chegada de seu irmão mais velho, Diego, durante a primeira viagem de Colombo às Índias, a voz de Fernando descreve como Beatriz aceitava as incumbências do navegante, sem questioná-las: “*Acabaron de llamar a la puerta. Fue ella la que abrió. No pareció sorprendida por lo intempestivo de la visita. Y no dijo nada.*”¹¹⁰ (CIFUENTES, p. 60).

As relações de Fernando com Diego, nada amistosas, acabam por revelar sentimentos de inveja, ciúme e ódio no protagonista. Porém, tais sentimentos estendem-se a todos os que, de alguma forma, tinham a atenção e o carinho de seu pai. No decorrer da diegese, a obsessão pelo afeto paterno acaba confundindo-se com um desejo físico, de modo que o protagonista começa a ter impulsos eróticos em relação ao pai. Em uma cena em que Colombo pede para que massageie suas pernas, inchadas pela gota, Fernando transfigura-se em sua própria mãe:

*Temblaba su cuerpo bajo mi contacto. Besos fríos de mujer despechada. Mis manos ascendían y descendían por sus piernas [...]. Beatriz reía gozosa porque ella era yo y yo era ella. [...] Y yo continuaba con mi masaje de amor no correspondido. Intentando contener un cuerpo que no respondía a mis deseos...*¹¹¹ (CIFUENTES, 2005, p. 94).

Vemos, nesse trecho, que o sentimento de amor não correspondido de Colombo para com Beatriz, de forma transmutada, passa a ser também o de Fernando pelo seu pai. Dessa maneira, Beatriz é compreendida, de forma mais profunda, como uma mulher rejeitada, que, incessantemente, assim como seu filho, buscaria a atenção do marineiro. Tais desejos incestuosos transformam-se em um dos maiores tormentos do protagonista durante a viagem, bem como quando cria laços com um dos jovens tripulantes, chamado Alonso, e descobre ser homossexual. Apesar disso, passa sua vida negando e escondendo tais sentimentos.

¹¹⁰ Nossa tradução livre: Acabaram de bater na porta. Foi ela quem abriu. Não pareceu surpreendida pela visita inesperada. E não disse nada.

¹¹¹ Nossa tradução livre: Seu corpo tremia sob o meu toque. Beijos frios de uma mulher desprezada. Minhas mãos subiam e desciam por suas pernas [...]. Beatriz ria alegremente porque ela era eu e eu era ela. [...] E continuei com minha massagem de amor não correspondido. Tentando conter um corpo que não respondeu aos meus desejos...

Após as consecutivas tempestades e a fuga de alguns dos indígenas que estavam presos a bordo, Fernando, em plena frustração e medo de perder seu amigo Alonso, recorda a insatisfação de sua mãe, anos antes, quando Colombo negou a possibilidade de se casarem:

[...] *reviví aquello que, años después, Beatriz se empeñó en denominar “principio del fin”, y que, sin duda, fue comienzo de todo. – Cristóbal – preguntó ella, como si tal cosa, la noche que padre volvió de su primer viaje. [...] ¿cuándo vamos a casarnos? – ¿A que te refieres, Beatriz? – Dijiste que cuando regresaras nos casaríamos. [...] – No, dijiste que cuando pudiese dar estabilidad nos casaríamos, Y no es el caso. Sus majestades ya me han encargado otro viaje... [...] – ¿Otro más? ¿¿Otro más??... ¡Cristóbal! ¡Eres un embustero! ¿Y después de este viaje vendrá otro y otro y otro? ¿Te da igual, no? – No, Beatriz, pero ¡tú ya sabías lo que arriesgabas si te unías a mí! [...] – ¡Ah! ¡Claro! ¡El “señor Almirante” está tan ocupado que no puede hacerse cargo de nadie que no sea él! Pues permíteme recordarte que tienes una familia y que yo soy una desgraciada que está aquí cuidando de un hijo rebelde y de otro idiota que tuviste con otra. [...] – Si es tanta molestia para ti, no te preocupes, yo me ocuparé de los niños. Ni siquiera había mirado hacia atrás al decir esto. Y Beatriz comenzó a llorar desconsoladamente con la cabeza entre las manos.*¹¹² (CIFUENTES, 2005, p. 216-217).

Por meio do trecho exposto, observamos que Beatriz é retratada sem a atitude submissa que lhe era comum em momentos anteriores da narrativa. A explosão de sua voz faz-se carregada de ironia, chamando Colombo de “*señor Almirante*”, o que evidencia sua revolta contra a insignificância com que ela e toda sua família estavam sendo tratados. Chama-o, ainda, de “*embustero*”, um mentiroso, que não cumpre com sua palavra. Contudo, embora o narrador tente compreender a situação vivenciada pela mãe, empenha-se em culpá-la pelo fim do relacionamento,

¹¹² Nossa tradução livre: [...] revivi o que, anos depois, Beatriz insistia em chamar de “o começo do fim” e que, sem dúvida, era o começo de tudo. – Cristóvão – ela perguntou, como se não existisse, na noite em que o pai retornou de sua primeira viagem. [...] quando vamos nos casar? – Como assim, Beatriz? – Você disse que, quando voltasse, nos casaríamos. [...] – Não, disse que, quando pudesse te dar estabilidade, nos casaríamos, e esse não é o caso. Suas majestades já me encomendaram outra viagem ... [...] – Outra? Outra?? Cristóvão! Você é um mentiroso! E depois dessa viagem virá outra e outra e outra? Você não se importa, certo? – Não, Beatriz, mas você já sabia o que arriscava se se juntasse a mim! [...] – Ah! Claro! O “Sr. Almirante” está tão ocupado que ele não pode cuidar de ninguém além de si mesmo! Bem, deixe-me lembrá-lo de que você tem uma família e que sou uma mulher infeliz que está aqui cuidando de um filho rebelde e de outro idiota que você teve com outra. [...] – Se é um incômodo para você, não se preocupe, eu vou cuidar das crianças. Ele nem olhou para trás ao dizer isso. E Beatriz começou a chorar incontrolavelmente com a cabeça entre as mãos.

destacando suas cobranças excessivas e a falta de amor para com ele e seu meio-irmão Diego.

No decorrer das ações da narrativa, a voz de Fernando relata, ainda, a tentativa fracassada de Colombo em começar uma nova comunidade colonizadora nas ilhas caribenhas, a morte fatídica de seus melhores amigos, Alonso e Diego, o motim contra Colombo, estando na Jamaica prestes a retornar à Espanha, bem como um franco diálogo com seu filho, que não foi reconhecido. Em seu discurso final, o narrador revela não estar arrependido por não reconhecer seu próprio filho, pois não pretendia apartar-lhe do mundo das intrigas palacianas e de seu lado obscuro.

Nas reflexões do protagonista em busca de compreender sua história, ocorre um intenso processo de humanização daquele que foi o primeiro biógrafo de Cristóvão Colombo, importante bibliógrafo e cosmógrafo de seu tempo, Fernando Colombo. Desse modo sutil, a perspectiva adotada no romance vai relendo, criticamente, eventos e figuras históricas do passado, incluindo-se a personagem marginalizada Beatriz Enríquez de Harana.

O romance de Cifuentes (2005), no espaço e na sequência lógica das ações, reconstrói a figura de Beatriz sob diferentes matizes, o que deixa transparecer, assim, os sentimentos contraditórios do próprio narrador. Em determinadas ocasiões, ela é descrita como uma mulher subjugada ao poder masculino, assim como em outros momentos é vista como uma mulher de temperamento ácido. Ademais, ora parece lamentar profundamente a perda de Fernando, em imagens de lamento e tristeza, ora é considerada uma mulher sem amor maternal.

Como viemos acompanhando nesta seção, dedicamo-nos a verificar como as obras selecionadas que recriam episódios do “descobrimento” da América desenvolvem projeções da personagem Beatriz Enríquez de Harana em diferentes modalidades de romances históricos. Os romances *El arpa y la sombra* (1994), de Alejo Carpentier, *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe, *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos, e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes, expressam, cada um com sua especificidade, uma releitura crítica do passado,

inserindo, ao longo da diegese, a personagem Beatriz, como uma importante figura na vida de Colombo.

As obras em questão ora reproduzem as estruturas do sistema patriarcal, no qual a mulher mantém seu papel social subjugado à dominação masculina, relegada a um profundo silenciamento, ora questionam e desafiam as tradições ao apresentar novos aspectos na configuração da personagem, embora sua posição na narrativa seja secundária.

Antes de procedermos a análise dos romances *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, vamos, a seguir, procurar evidenciar, de forma sintética, o sistema social espanhol no qual estava inserida a personagem histórica Beatriz Enríquez de Harana na época em que se deram os acontecimentos que constiuem as ações principais da diegese nas obras que compõem o *corpus* desta pesquisa. Tal procedimento, efetuado na segunda seção deste estudo, parece-nos de grande valia para melhor compreender a configuração dessa personagem no espaço artístico da expressão literária em diferentes séculos.

2 BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: A MULHER NO RENASCIMENTO ESPANHOL – RELEITURAS FICCIONAIS DA TRADIÇÃO À MEDIAÇÃO

Nos romances *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, que nesta seção do trabalho selecionamos para uma análise mais criteriosa a respeito das ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana, temos a oportunidade de deflagrar uma tentativa de configuração dessa humilde cordobesa de descendência judaica que, embora pertencente a uma família relativamente respeitada, acaba por integrar o grupo de mulheres discriminadas pela sociedade da época.

Isso se dá por ela se ter unido, sem os atos formais requeridos pela igreja, ao estrangeiro Cristóvão Colombo, com quem teve um filho. Esse fato imputou-lhe mais uma mácula, segundo as convenções da figura de mulher respeitada daquele período: a de mãe solteira. Contudo, em ambas as obras, emana da criação literária o propósito de recuperar suas relações com o “Almirante”, tanto antes como durante e depois dos fatos que o levaram ao “descobrimento” da América, feito histórico em grande parte protagonizado pelo marinheiro a quem ela se dedicou.

Como se sabe, Beatriz foi escamoteada pela historiografia hegemônica, permanecendo à sombra da história do navegante que foi, sem dúvida, bastante conhecido em seu tempo. Sendo assim, a ausência da voz feminina na história pode ser reivindicada pela literatura, uma vez que essa mulher, como protagonista, revela o quanto foi vital na sucessão dos acontecimentos que levaram o marinheiro ao “descobrimento”, cuja glória é direcionada sempre ao empreendedorismo da coroa espanhola e à coragem de Colombo que ousou cruzar as fronteiras do conhecido.

Nas obras em questão, não passam despercebidas as condições sociais e culturais da época retratada. Depreendemos, em se tratando da configuração das personagens mulheres, a reconstrução do comportamento feminino da sociedade espanhola de fins do século XV e início do século XVI. Porém, ambas expressam uma tentativa de repensar mais amplamente a situação e o papel de Beatriz nesse marcante acontecimento, que foi o “descobrimento” da América.

Diante disso, destacamos as palavras de DuBois (1892, p. 07) no prefácio do romance, no qual a romancista menciona o seu propósito de reaver a figura de

Beatriz e sua importância na história: “*The object of this work is to attempt the reparation of an injustice which history has done to a noble and long-suffering woman.*”¹¹³ O tema desse livro, conforme destaca a autora, foi baseado na obra do historiador Roselly de Lorgues (1856), em que se defende a nobreza de Beatriz e sua relação legítima com Colombo. Do mesmo modo, informa-nos Pedro Piqueras (2000, p. 14) na apresentação de sua obra:

[...] *a modo de novela en primera persona, y con un respeto profundo por la Historia y los historiadores, las páginas que siguen son un intento de rescatar la memoria de alguien que vivió de cerca los avatares que rodearon, antes y después, a ese gran viaje a las Indias.*¹¹⁴

Compreende-se, assim, que uma das marcas centrais de ambos os romances é a conformidade do discurso ficcional com os fatos registrados pela historiografia. Embora as obras não deixem transparecer a fase mais recente do feminismo, no qual se revê de forma crítica e se problematiza a condição e o papel da mulher ao longo da história, nelas se estabelece um detalhado panorama das condições de existência das diferentes classes às quais pertenciam as mulheres no momento histórico da sociedade espanhola – o renascimento – recriado pela ficção.

Tal aspecto possibilita-nos, juntamente com a recorrência a alguns estudos históricos, estabelecer algumas das condições prováveis sob as quais possa ter vivido a personagem histórica Beatriz Enríquez de Harana, bem como as demais mulheres presentes nas obras, tais como a rainha Isabel, personagem histórica ficcionalizada em ambas as obras; Teresa, a velha pajem, personagem fictícia na obra de Dubois (1892); e as personagens fictícias Blanca e Ana, amigas de Beatriz, que figuram apenas na obra de Piqueras (2000).

Nesse período do século XV, a mulher permaneceu à sombra, aparecendo somente em casos excepcionais, como o da rainha Isabel, a Católica, e os de outras poucas mulheres de feitos extraordinários. As demais mulheres estavam destinadas

¹¹³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): O propósito deste trabalho é tentar reparar a injustiça que a história cometeu com relação a uma mulher nobre e de prolongado sofrimento.

¹¹⁴ Nossa tradução livre: [...] a modo de romance em primeira pessoa e com um profundo respeito pela história e pelos historiadores, as páginas a seguir são uma tentativa de resgatar a memória de alguém que viveu de perto as vicissitudes que cercaram, antes e depois, a essa grande viagem para as Índias.

ao silêncio, à exclusão e ao descaso, pois o espaço público era quase exclusivamente masculino e à mulher cabia o recato, quando casada, ou reclusa em algum convento, ou, então, transitava às margens do sistema altamente discriminador quando sua situação era semelhante à da jovem Beatriz Enríquez de Harana.

Com relação a essa temática, valemo-nos da teoria exposta pelo historiador espanhol Manuel Fernández Álvarez em sua obra *Casadas, Monjas, Rameras y Brujas: la olvidada historia de la mujer española en el renacimiento* (2002), numa tentativa de explicar os motivos que levaram ao obscurecimento dessa mulher na história tradicional.

Conforme os estudos de Fernández Álvarez (2002, p. 38), “[...] *el Renacimiento en España es semejante a uno de esos monumentos cuyo porte exterior se acoge a las nuevas fórmulas artísticas, mientras que su fábrica interna sigue fiel al magisterio gótico.*”¹¹⁵ Desse modo, o renascimento na Espanha pode ser considerado um movimento, uma fase anunciadora dos tempos modernos, porém com a existência, ainda, de uma forte reverência às épocas passadas e que, segundo ressalta o autor, estaria muito mais vinculado aos tempos medievais do que podiam crer ou admitir os membros da sociedade de então.

No âmbito político, por sua vez, temos a monarquia fundada pelos reis católicos Isabel e Fernando. De acordo com Fernández Alvarez (2002), a monarquia católica perfila-se nos tempos modernos como um Estado supranacional, um poder de mando superior aos Estados, resultando da transferência de soberania operada pelas unidades estatais em benefício da organização comunitária. Nesse Estado, o poder real aspira ao absolutismo dentro do domínio que considera como seu e, como ressalta o estudioso, a política e a economia se verão frequentemente com as mãos atadas pela moral.

Em vista disso, podemos questionar: que valor esta sociedade atribuiu à mulher, tanto na corte como na vida cotidiana das cidades? Conforme o panorama proposto por Fernández Álvarez (2002), a mulher se enquadraria em distintos modelos como, por exemplo, as mais honoráveis, que seriam a mulher casada ou a

¹¹⁵ Nossa tradução livre: [...] o renascimento na Espanha é semelhante a um desses monumentos cujo porte exterior acolhe as novas fórmulas artísticas, enquanto que sua construção interna segue fiel ao magistério gótico.

freira, bem como os outros modelos que caíam no mundo dos marginalizados: a mãe solteira, a criada, a judia conversa, a árabe, a cigana e a escrava, sem esquecermos aquelas que se enquadravam nos setores considerados malditos, ou seja, as rameiras e as bruxas.

Com relação ao valor da mulher nesse ambiente renascentista espanhol, se nos reportamos novamente a Fernández Álvarez (2002, p. 77) na intenção de situarmos melhor a personagem Beatriz nesse sistema, vemos que existiam, para a mulher

[...] dos valoraciones distintas, porque hay dos varas de medir también distintas: frente a las damas encumbradas (las grandes señoras de la Corte), las mujeres sencillas de la vida corriente. Frente a la rendida admiración, el brutal desprecio.¹¹⁶

Compreendemos, conforme a citação acima, que a mulher dos centros urbanos era valorizada de forma muito desigual. A mulher, nesse âmbito, move-se em dois planos muito diferentes, ou seja, frente ao setor da corte está o resto da sociedade, no qual se acha muito mais sujeita ao controle ideológico e moral, marcado pela poderosa instituição moral da Igreja. A não ser essa mulher de sangue nobre, a todas elas cabia o espaço do lar, visto que somente ali estavam em seus domínios.

Fernández Álvarez (2002, p. 77), de modo a caracterizar esses padrões estabelecidos pela sociedade, acrescenta que a mulher pertencente à corte é extremamente idealizada, pois: “[...] estamos ante un fenómeno del gótico tardío, ante un fruto que deja su huella en una literatura que hace furor: las novelas de caballerías.¹¹⁷” A mulher, nessa época, era vista na literatura como a musa dos cavaleiros andantes, aparecendo como ideal de perfeição e, sob todos os aspectos, idealizada. À imagem de Oriana de *Amadís de Gaula*, portanto, a mulher deveria ser uma dama, isto é, um ser precioso, símbolo de toda uma formosura e ternura. Logo, reconhecemos que as qualidades que encontramos nesta, que seria a mulher

¹¹⁶ Nossa tradução livre: [...] duas valorações distintas, porque existem dois modos de medir também distintos: frente às damas enaltecidas (as grandes senhoras da Corte), as mulheres simples da vida corrente. Diante da rendida admiração, o brutal desprezo.

¹¹⁷ Nossa tradução livre: [...] estamos diante de um fenómeno gótico tardio, diante de um fruto que deixa sua impressão em uma literatura que causa furor: os romances de cavalaria.

perfeita para a época, são mais morais do que físicas, ou seja, qualidades como a alta linhagem, a doçura de trato, de bons costumes, e, sobretudo, com graça natural para falar sobre todas as coisas.

No entanto, salvo alguns poucos casos de grandes mulheres da corte, que, de certa forma, tinham mais privilégios, pouca estima era dada à mulher naqueles tempos. Tal discriminação vai, conforme Fernández Álvarez (2002) aponta, desde a negação dos estudos até a possibilidade de se divertir.

Quanto ao estudo, não se via mais que meninos e rapazes nas escolas. E quanto à diversão, não há maiores exemplos do que ambientes como as tabernas e as cantinas, locais que somente homens frequentavam para beber, jogar cartas, servidos pelas mulheres que, por necessidade, trabalhavam nesse ambiente. Consequentemente, a mulher era considerada “[...] *un ser torpe, origen de constantes preocupaciones y, por añadidura, inferior al hombre.*”¹¹⁸ (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 105).

Dentro do ambiente que cabia à mulher, ou seja, a casa, sabe-se que, no renascimento espanhol, mantém-se a estrutura familiar tradicional como a dos séculos anteriores. O que ocorria dentro desse âmbito era quase sagrado, e, simultaneamente, o que ocorria à margem dele era repudiado, como filhos ilegítimos, por exemplo.

Nesse sentido, Fernández Álvarez (2002) ressalta que à mulher honrada somente cabiam dois destinos: a de casada, ou a de freira; fora disso, somente lhe restava o desprezo. A estrutura familiar, nesse período, era como se fosse um “reino em miniatura”, o processo que seria natural para a formação da família era rechaçado por aquela sociedade. Os pais consideravam não só um direito, mas um dever ajustar o casamento de seus filhos. Dentro dessa estrutura familiar,

[...] la esposa ha de ser sumisa a su marido, pero este deja en sus manos el gobierno del mundo doméstico, de forma que a ella le queda encomendada la doble tarea del cuidado de los hijos y del gobierno de la casa. Era un reparto de funciones, una división de actividades: el mundo exterior, para el hombre, [...] y el mundo

¹¹⁸ Nossa tradução livre: [...] um ser lerdo, origem de constantes preocupações e, além disso, inferior ao homem.

*interior del que se desentendia el marido, dejándolo en manos de su esposa.*¹¹⁹ (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 116).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que estamos frente ao que seria o matrimônio ideal. À mulher, conforme assevera o autor, cabia o papel de governante da casa, o que significa, na escala da servidão, um pouco acima das criadas e dos sofridos escravos.

Além disso, Fernández Álvarez (2002, p. 119) rotula a mulher casada que seguia esses padrões como “*la perfecta casada*”¹²⁰. Esta perfeição, conforme traz o autor, consiste em realizar perfeitamente seu papel como mulher da casa, em seus quatro setores: suas relações com o marido, a educação dos filhos, o governo da casa e velar pela economia doméstica. Ironicamente, ademais, ressalta uma das qualidades da “*perfecta casada*”, que seria a de “[...] *poner buena cara al marido infiel, con la consigna de pasar por altos sus aventuras, como si no existiesen.*”¹²¹ (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 120). Em suma, ela deveria ser complacente com seu marido, sempre fiel e com bom semblante, entre submissa e apaixonada; com caráter firme frente aos filhos, vigilante com o serviço e com o capital, sem se esquecer, obviamente, de uma de suas principais obrigações, a de ser boa parideira de filhos varões.

A condição de “*perfecta casada*” era um sonho perseguido por todas as mulheres solteiras da época, pois era o evento que as ascendia à classe de respeitadas mulheres casadas. Como consta na obra de Piqueras (2000), a rainha Isabel, sim, poderia ser chamada de “*perfecta casada*”, pois é descrita pela voz enunciativa de Colombo como o exemplo de integridade moral, religiosidade e fidelidade: “*Bueno, su expresión es la de una mujer bondadosa, confiada... Tiene su*

¹¹⁹ Nossa tradução livre: A esposa precisa ser submissa a seu marido, porém este deixa em suas mãos o governo do mundo doméstico, de forma que a ela está encarregada a dupla tarefa do cuidado dos filhos e do governo da casa. Era uma repartição de funções, uma divisão de atividades: o mundo exterior, para o homem, [...] e o mundo interior o qual desconhecia o marido, deixando-o nas mãos de sua esposa.

¹²⁰ Nossa tradução livre: a perfeita casada.

¹²¹ Nossa tradução livre: [...] aparentar felicidade ao marido infiel, com a ordem de passar por alto suas aventuras, como se não existissem.

*rostro algo de monjil. Es muy devota, persona de misa diaria y de largas pláticas con sus confesores.*¹²² (PIQUERAS, 2000, p. 56).

A configuração generosa e, ao mesmo tempo, justa, revela-se também perceptível na obra de DuBois (1892), aspectos que se desvelam por meio de uma fala da rainha, quando decide punir um de seus cavalheiros da ordem, Dom Garcia, por manchar a honra de Beatriz: *“As a woman I demand satisfaction for a woman”, she exclaimed. “Let not Don Garcia de Silva think that he can with impunity lightly jest away a noble lady’s reputation, – one, too, whom he pretends to have honored with his love.*¹²³” (DUBOIS, 1892, p. 97).

Nessas circunstâncias, outro drama vivenciado pela mulher faz-se relevante: o estigma da mulher solteira. Essa, sim, era um peso para a família, um problema enquanto jovem e atrativa, mas que, passados os anos, se convertesse em uma “solteirona”, tornar-se-ia apenas em uma sombra, que “[...] *cuando raya en los cuarenta y cinco o los cincuenta años, se mira en el espejo, se siente desplazada de la vida, y tiende este amargo lamento: ¡Y me moriré sin haberlo probado!*¹²⁴” (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 135). Essa mácula tornava-se ainda mais pesada se esta, provando da vida amorosa, viesse a engravidar fora de um casamento.

Uma vez grávida, a mulher solteira maculava toda sua família. Se não conseguissem ocultar a criança, abandonavam-na às altas horas da noite na frente de uma igreja qualquer ou na porta de alguma mansão. Como podemos notar, era muito próprio da época a existência de mães solteiras, e essas representavam uma infâmia tal que manchavam toda uma linhagem, pois, como bem salienta Fernández Álvarez (2002, p. 136): *“El honor familiar descansa en la pureza de la mujer, pero la fama del hombre, en su fortuna ante las demás mujeres.*¹²⁵”

¹²² Nossa tradução livre: Bom, sua expressão é a de uma mulher bondosa, crédula... Tem seu rosto algo de monjil. É muito devota, pessoa de missa diária e de demoradas práticas com seus confesores.

¹²³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Como mulher que sou, ordeno uma solução para com a figura da mulher. Ó, não deixemos que Dom Garcia pense que possa manchar impune, com uma brincadeira, a reputação de uma mulher... mulher essa, inclusive, que ele finge ter honrado com seu amor. Provou-nos hoje que é incapaz de reconhecer a sacralidade do amor.

¹²⁴ Nossa tradução livre: [...] quando chega aos quarenta e cinco ou aos cinquenta anos, se olha no espelho, sente-se descontente com a vida, e tende a este amargo lamento: E morrerei sem ter provado!

¹²⁵ Nossa tradução livre: A honra familiar está na pureza da mulher, porém a fama do homem, em sua sorte com as outras mulheres.

Guardava-se a pureza da mulher, pois, nela, recaía a honra da família; e ao homem, ao contrário, permitia-se toda sorte de liberdades, principalmente, porque desejavam aproximar-se do mito da figura de Don Juan, de Tirso de Molina, que se popularizava cada vez mais naqueles tempos.

Tal fato pode ser exemplificado pelo seguinte excerto, da obra de DuBois (1892), em que Beatriz é repreendida por estar conversando com um estranho, podendo manchar a honra da família:

*“Doña Beatriz,” called the woman, anxiously, “your father is expecting us! Let us make haste! Don Francisco came with me...” “To see with my own eyes my undoing!” interrupted the old man, in a voice hoarse with rage. “So, my pretty Señorita, you receive your lovers by secret appointment in the very shelter of the church! Go back to your father, and tell him I will have none of you!”*¹²⁶ (DUBOIS, 1892, p. 18-19).

Sendo assim, as solteiras, se perdessem sua virgindade e fossem mães solteiras, eram difamadas e, frequentemente, acabavam rameiras. Com relação à mulher rameira, o autor ressalta que, apesar de entrarem outras considerações e outros fatores em jogo, a prostituição servia como uma solução penosa, mas, ao mesmo tempo, inevitável para muitas mulheres que se viam em estado de miséria. Isto é, a mulher convertia-se em rameira muitas vezes por não lograr outra forma mais digna de sobreviver.

Beatriz não se converteu em uma rameira, entretanto, a sociedade como um todo a via desse modo, devido às convenções morais da época. No relato de Piqueras, ao receber uma carta, após muito tempo sem notícias de Colombo, a voz enunciativa de Beatriz profere: *“Creo que se aclara mi papel. Los murmuradores tendrán razón al final y Cristóbal, el navegante, me habrá convertido en su ramera abandonada.*¹²⁷” (PIQUERAS, 2000, p. 156).

¹²⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): - Doña Beatriz – a mulher falou em voz alta, ansiosa – o seu pai nos espera! Tenha pressa! Dom Francisco está me acompanhando... – Para ver com meus próprios olhos a minha ruína! – o velho interrompeu sua voz áspera por causa da fúria. – Ora, ora, señorita, você recebe seus amantes em encontros secretos ao lado da própria igreja! Corra para o seu pai e diga a ele que não mais a desposarei.

¹²⁷ Nossa tradução livre: Creio que fica claro o meu papel. Os murmuradores terão razão por fim e Cristóvão, o navegante, converteu-me em sua rameira abandonada.

Outro exemplo de “solteirona” na obra de DuBois é a personagem Teresa, governanta na casa dos Harana. O fato de essa personagem ser velha e solteira revela seu profundo desapontamento em relação ao casamento de Beatriz: “*No feasting, no dances, no bull-fights*”, she claimed. “*Never before was an Enríquez wedded like a simple peasant-girl. And your bridegroom has no jewels to give you, though that seems to trouble him little, for his thoughts are ever among the stars.*”¹²⁸ (DUBOIS, 1892, p. 48). Nesse trecho, fica nítida a decepção de Teresa em relação à simples cerimônia, que não se realizaria conforme suas expectativas.

Na obra de Piqueras (2000), é Ana, a amiga e criada de Beatriz, a solteirona, que serve de ama para Fernando e Diego quando esses ficam aos cuidados dela. Mais velha e já sem esperanças de se casar, a personagem, em um diálogo com Beatriz, depois da notícia da morte do navegante, profere as seguintes palavras:

[...] *Beatriz... Has amado y has sido amada. Ya sabemos que se acabó y que el dolor de la pérdida ocupó muy pronto el lugar del placer. Pero fuiste amada. ¿Sabes lo que eso significa? Yo nunca tuve un amor. Y no conozco a otras personas, salvo a ti, que amaran y fueran amadas. Yo nunca matrimonié, ya lo sabes...*¹²⁹ (PIQUERAS, 2002, p. 187-188).

Além de estar solteira, ou, como prefere Fernández Álvarez (2002), ser uma “solteirona”, Beatriz era uma judia conversa. Ao estabelecer um relacionamento nada convencional com Cristóvão Colombo, um estrangeiro, também provável judeu converso, e dele ter um filho, Beatriz vai afastando-se cada vez mais dos valores da sociedade da época que discriminavam a mulher que não fosse casada, solteira casta e pura, de família renomada, à espera de um pretendente ou religiosa.

Assim, a jovem passa, pelas opções de vida que fez, a transitar nas zonas mais desprezadas da preconceituosa sociedade espanhola da época. Nesse ponto, ao se referir às judias conversas, Fernández Álvarez (2002, p. 252) ressalta a

¹²⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): - Sem jantar, sem dança, sem lutas – exclamou. – Nenhuma Enríquez chegou a se casar assim, como uma aldeã. E o seu noivo nem jóias tem para te dar, embora isso pareça incomodá-lo um pouco. Vejo que ele está sempre distante.

¹²⁹ Nossa tradução livre: Beatriz... Amou e foi amada. Já sabemos que acabou e que a dor da perda ocupou muito cedo o lugar do prazer. Porém, foi amada. Sabe o que isso significa? Eu nunca tive um amor. E não conheço outras pessoas, salvo você, que amaram e que foram amadas. Eu nunca casei, já sabe disso...

intolerância religiosa da época com relação ao cristão novo: “*El cristiano nuevo – y obsérvese la carga peyorativa del vocablo nuevo – va a vivir en un ambiente enrarecido, dando lugar a una tensión no solo religiosa, sino también social, política y hasta me atrevería a decir que económica.*”¹³⁰

Partindo do pressuposto de que essas conversões seriam forçadas e até mesmo falsas, como na maioria dos casos depois do Decreto de Alhambra, dos reis católicos em 1492 – documento este que oficializou a expulsão dos judeus da Espanha –, o papel da judia conversa, de acordo com Fernández Álvarez (2002), era o de manter sua religião em segredo, em seus ritos e costumes. Por muito tempo, a impressão que se tinha era a de que a diferença era mais religiosa do que étnica, e que aquele que se convertia ficava livre da ira popular.

Como conversos, aumentavam cada vez mais suas chances de ascender socialmente, de modo que os judeus espanhóis deram-se conta de que, se assim o fizessem, poderiam ingressar naquela sociedade, inclusive, na alta nobreza e no alto clero. Em vista de todos os motivos de ódio e até mesmo de inveja que se polarizavam contra o judeu, era natural que, com o tempo, tal sentimento também recaísse sobre o cristão novo. No entanto, ainda que a mulher seguisse a religião católica como era previsto, acusavam-na por judaizar, verbo que ganhou peso na época e que marcou profundamente a discriminação da mulher judia conversa.

Ao tratar da questão da mulher judia conversa, em Piqueras (2000) também encontramos a personagem fictícia Blanca, amiga de infância de Beatriz, que visita sua casa para lhe ajudar na costura de alguns bordados. Blanca era filha de judeus conversos, sua família havia abraçado a religião Católica. Entretanto, conta o narrador que seu tio Rubén e todos de sua família, por causa de um delator, foram submetidos a grandes torturas e levados à fogueira pela Inquisição. Além disso, seu irmão, também delatado, passou por grandes atrocidades, mas não foi condenado à fogueira. Em um capítulo todo dedicado a essa personagem judia conversa, “*Clavada en mi corazón*”¹³¹, o narrador ressalta as torturas e atrocidades feitas pela Inquisição no século XV, momento no qual se insere a obra: “*Blanca temblaba como*

¹³⁰ Nossa tradução livre: O cristão novo – e observe a carga pejorativa do vocábulo novo – vai viver em um ambiente sufocante, dando lugar a uma tensão não só religiosa, mas também social, política e até me atreveria dizer econômica.

¹³¹ Nossa tradução livre: Cravada em meu coração.

*una flor movida por el viento, como si un espectro invisible le hubiera anunciado tremendos presagios. No supe reaccionar.*¹³² (PIQUERAS, 2000, p. 65). Aliás, Blanca também era solteira, porém, mesmo não sendo tão jovem, ainda estava à espera de um pretendente.

Em linhas gerais, em se tratando do cotidiano da mulher no renascimento espanhol em suas diversas condições – tanto as mais honoráveis quanto as que viviam à margem da lei como as ciganas, as árabes, as rameiras, ou mesmo as que terminavam na fogueira da inquisição condenadas por bruxarias –, com todos esses contrastes, com todas essas limitações, eram elas que mantinham, em grande parte, a estrutura social da época.

Assim é o caso de Beatriz Enríquez de Harana que, mesmo na sombra em que lhe tocou viver, espaço no qual foi humilhada, ocultada e ofendida, muito da estabilidade e perseverança de Colombo durante o período em que buscou o apoio dos reis católicos veio, de certa forma, da presença dessa mulher em sua vida.

A existência de Beatriz merece destaque nos romances de DuBois (1892) e Piqueras (2000), os quais, a seguir, abordamos de maneira mais detalhada, para verificar como se dá, neles, a leitura da história pela ficção e a ressignificação dessa mulher, que foi testemunha privilegiada de uma época de grandes transformações.

2.1 *COLUMBUS AND BEATRIZ* (1892), DE CONSTANCE GODDARD DUBOIS: VISÕES DE UMA ESCRITORA SOBRE UMA MULHER INVISÍVEL

O romance *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois, de acordo com as pesquisas de Fleck (2008), inaugura a escrita de autoria feminina no tocante à “Poética do ‘descobrimento’” da América. Segundo o teórico, não há registros nas pesquisas já realizadas no âmbito dessa temática que evidenciem a produção de romances históricos voltados especificamente às personagens cruciais envolvidas com os fatos relevantes de 1492 – escritos por uma mulher – antes da obra de DuBois, em 1892. Isso faz com que essa obra torne-se um importante marco para a literatura híbrida de história e ficção que trata das releituras do

¹³² Nossa tradução livre: Blanca tremia como uma flor movida pelo vento, como se um espectro invisível a tivesse anunciado tremendos presságios. Eu não sabia como reagir.

passado pela literatura nessa vasta seara de ações e personagens que habitam o passado que uniu a Europa à América.

Constance Goddard DuBois (1869-1934), nascida em Ohio (EUA), dedicou-se a escrever ficção histórica quando jovem e, posteriormente, interessou-se pela situação dos autóctones americanos, sobre os quais desenvolveu relevantes estudos etnográficos. Ficou conhecida, principalmente, por sua pesquisa a respeito dos povos Luiseño e Diegueño, nativos do sul da Califórnia, com a obra *The Religion of the Luiseño Indians of Southern California* (1908). Embora seja reconhecida no campo da etnografia, o grau de alcance da ficção da escritora e sua fortuna crítica são, conforme nossas pesquisas, praticamente inexistentes, um dos motivos pelos quais nos interessa a abordagem à sua obra nesta dissertação, visto que se trata de uma novidade para os estudos da crítica literária, inclusive àquela voltada à crítica feminista, principalmente na América Latina.

De acordo com Fleck (2008), que cita *Columbus and Beatriz* (1982) como um marco das escritas de autoria feminina sobre o “descobrimento” da América, ainda que esse romance não tenha tido o mesmo respaldo da crítica que tiveram as pesquisas de DuBois sobre os povos originários californianos, ele representa, de modo geral, um olhar distinto sobre as personagens e a época na qual se deu o feito de Colombo, ao eleger como protagonista, junto do navegante, a figura histórica de Beatriz Enríquez de Harana, como elementos centrais da figuração romanesca. DuBois (1892), como veremos a seguir, incita-nos a refletir, muito antes do movimento da história das mulheres, iniciada nas décadas de 70 e 80 do século XX (SCOTT, 1992), sobre a necessidade de que se reivindique a importância da figura feminina no curso histórico da humanidade.

Não podemos nos esquecer, entretanto, que durante o século XIX, o conjunto de obras estadunidenses que recria a figura de Cristóvão Colombo o mantém em um alto pedestal – tradição herdada de toda uma produção lírica dos poetas estadunidenses mais relevantes do século XVIII¹³³, uma poesia mitificadora da

¹³³ Conforme aponta Fleck (2008, p. 622-63), “enquanto nos séculos XVI e XVII a saga de Colombo constituía tema de poetas e dramaturgos, especialmente os europeus, no século XVIII, os estadunidenses fazem do marinheiro o protagonista de seus versos. Entre estes está Philip Morin Freneau, para quem, de acordo com os registros de Stavans (2001, p. 59), Colombo foi a figura histórica favorita, pois Freneau o celebrou em seus versos como o “pai fundador da República”. Philip

imagem de Colombo. Esse discurso enaltecedor e apologético anterior amplifica-se, ainda mais, no período do quarto centenário do “descobrimento” da América, ano em que se publicou a obra de DuBois (1892). Dessa forma,

[...] ao se aproximar o período das comemorações do quarto centenário da primeira viagem de Colombo à América, os romancistas estadunidenses, em especial, utilizam-se desse passado histórico como pano de fundo para narrar suas histórias românticas. Nem na Espanha, nem em outros países da América tal tipo de produção romanesca – voltada à celebração das ações de Colombo – ocorre nesse período. Assim, são os romancistas estadunidenses que consagram, na narrativa do romance histórico, a figura do herói a partir das décadas que antecipam o quarto centenário do descobrimento da América e, em especial, no ano da efeméride. Consolida-se, pois, o espaço privilegiado da ficção voltada ao “descobrimento”, bem como a configuração heróica de Cristóvão Colombo no romance norte-americano. (FLECK, 2008, p. 62).

Influenciados, possivelmente, pela entusiástica biografia de Colombo, escrita por Washington Irving, em 1827, a corrente estadunidense laudatória das ações do “descobridor”, advinda de poetas como Freneau (1772), Barlow (1807) e Whitman (1855), celebrava-o como um agente direto na formação de novas nações, como um exemplo de determinação e bravura, como homem sábio e eloquente, servo fiel de Deus e dos monarcas espanhóis, alinhando-se, assim, ao discurso histórico eurocêntrico e hegemônico.

Segundo Fleck (2008), ao gerar imagens do passado protagonizado por Colombo, os romancistas do período concernente às comemorações do quarto centenário do “descobrimento” da América, principalmente na literatura estadunidense, passam a conceber os feitos do colonizador como benéficos aos

Freneau dedicou a Colombo vários poemas e, entre os mais famosos, estão “*Columbus to Ferdinand*” (1770), “*Discovery*” (1772), “*The rising glory*” (1786), “*The picture of Columbus: the Genoese*” (1788), os quais retratam Colombo como o máximo herói, uma ponte entre o “Velho” e “Novo Mundo”; um homem íntegro e de apurado raciocínio, a quem o poeta confere atributos quase divinos. Os poemas podem ser encontrados em FRENEAU, P. *The poems of Philip Freneau, poet of the American Revolution*. Ed. Fred Lewis Pattee. Princeton. N. J.: The N. J. University Library, 1902-1907. No século XIX, o mesmo entusiasmo pela figura de Colombo, mostra-se, por exemplo na produção lírica de Joel Barlow (1807) e Walt Whitman (1855), que dedicou a Colombo, em sua obra *Leaves of grass*, o poema “*Prayer of Columbus*”, no qual o marinheiro, já velho e cansado, declama seu próprio sermão ante a face de Deus. A primeira edição desta obra se deu em 1855, pela editora New American Library, de Nova York.”

povos americanos, constituindo uma tradição de exaltar o passado por ele vivenciado. Tal tradição nasce, não apenas pelos inúmeros romances¹³⁴ que evocam imagens heroicas de Colombo e suas “façanhas”, mas também, pela ausência de leituras críticas do passado que confrontou os europeus e os autóctones do nosso continente, nas letras hispano-americanas da época.

Fleck (2017) ressalta como precursora da tradição romanesca de consagração, exaltação e mitificação de Cristóvão Colombo, a obra *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper. Nela, o autor busca demonstrar a determinação e a persistência do navegante em realizar seu objetivo de cruzar o Atlântico à procura de uma nova rota para as Índias, enfatizando, ainda, suas qualidades morais e intelectuais.

Nas últimas décadas do século XIX, o romance histórico, após cumprir, na América, a função de gerar identidades nacionais junto às demais expressões literárias, começa a fazer uma reprodução mimética do discurso histórico edificador do passado de Colombo, promovendo a fusão do herói ficcional ao modelo de homem presente na escrita híbrida de história e ficção de caráter didatizante. A esse respeito, Fleck (2008, p. 84) menciona:

A característica essencial para a produção de romances históricos nesse período relaciona-se com a recriação meticulosa da diegese espaço-temporal na qual as ações narradas ocorrem. Isso faz com que a ordenação e a sucessão dos acontecimentos arrolados na trama sigam a sequência dada pelo discurso histórico que as precedeu, gerando uma imagem do real em toda a sua multiplicidade e fragmentação, comandadas por um narrador quase sempre extradiegético.

¹³⁴ Junto ao romance histórico clássico scottiano *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper – que inaugura as expressões romanescas da “Poética do ‘descobrimento’” – podemos destacar, no espaço geográfico, histórico e cultural dos Estados Unidos da América, no século XIX, os romances tradicionais *Columbia: a story of the discovery of America* (1892), de John R. Musick e *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois como expressões da prosa tradicional estadunidense no contexto das celebrações do IV Centenário do “descobrimento” da América. Essas produções do século XIX terão um impacto marcante na tradição literária romanesca estadunidense no século XX, tornando esse espaço um reduto de celebrações ao marinheiro até o ano de 1987 quando se publica *The memoirs of Christopher Columbus*, de Stephen Marlowe, obra crítica/desconstrucionista metaficcional que rompe com essa tradição exaltadora do “descobrimento” no espaço geográfico histórico e cultural dos Estados Unidos da América.

No período de escritas romanescas híbridas com caráter realista, Fleck (2017) destaca as obras *Columbia* (1892), de John R. Musik e *The road to Granada: a story of adventure in the days of the Moorish wars in Spain* (1931), de Arthur Strawn entre as produções estadunidenses de teor mítico-exaltador em relação à figuração romanesca de Colombo. Nelas, dá-se continuidade às intenções apologéticas das obras anteriores, ressaltando a configuração heroicizada de Colombo como o modelo de *self-made-man*, que, num futuro bastante próximo, faria dos Estados Unidos outra potência imperialista. Inexiste reflexão crítica com relação às consequências trágicas das ações de Colombo nessas obras e, tampouco, são privilegiadas as visões a partir das margens.

Além disso, o que se verifica nesse conjunto de obras é o ajuste do tempo da diegese à temporalidade horizontal e cronológica do acontecer histórico, juntamente à utilização de personagens e fatos extraídos dos registros oficiais não apenas como “pano de fundo”, mas como elementos principais, filiados à exaltação do passado. A partir disso, surge a modalidade de romance histórico tradicional. Conforme destaca Fleck (2017, p. 49):

[...] a passagem do romantismo ao realismo-naturalismo exerceu forte influência na constituição de uma nova modalidade de romance histórico, pois as características fundamentais do romance histórico tradicional, que seguiu a da clássica scottiana, ajustam-se, em certa medida, aos padrões da escrita realista-naturalista em voga na época do surgimento dessa modalidade.

A obra de DuBois (1892) segue, de certa forma, as mesmas estratégias utilizadas por outros romancistas do período realista, que constituem o romance histórico tradicional. Contudo, antes que passemos a elencar as principais características que regem essa modalidade, para uma melhor compreensão e análise da obra em questão, parece-nos necessário proceder a uma breve digressão, a fim de apresentar o esquema estrutural – inaugurado por Walter Scott, em 1814, com a obra *Waverley* – que compunha o romance histórico clássico scottiando. Essa modalidade foi a precursora da tradicional e, dentro de seus paradigmas, escreveu-se o primeiro romance histórico sobre o “descobrimento” da América, a citada obra de James Fenimore Cooper, *Mercedes of Castile: or the voyage to Cathay* (1840).

Para Mata Induráin (1995), Fernández Prieto (2003), Márquez Rodríguez (1991) e Fleck (2017), o romance histórico, desde sua gênese, com *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), de Walter Scott, teve imediata aceitação, de modo que estas e outras obras do escritor escocês foram amplamente traduzidas e imitadas em diferentes nações, pois, suas propostas narrativas “[...] *estimularon a otros escritores a intentar realizar en relación a la historia de su nación lo mismo que él había hecho en relación a Escocia o a Inglaterra.*”¹³⁵ (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 85). Nesse contexto, o propósito do romance histórico era

[...] *satisfacer una demanda social, un deseo de conocer el pasado de la nación, que la historiografía no estaba aún en condiciones de cumplir. La novela histórica ocupó ese vacío y en ella el público lector encontró respuesta a su sed de conocimientos de historia. De ahí el éxito fulgurante que alcanzaron las obras de Scott y la proliferación de seguidores en las diversas naciones de Europa.*¹³⁶ (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 90).

Os escritores passaram a buscar as raízes de sua identidade cultural no passado, localizado, principalmente, na Idade Média, período em que se forjaram as diferentes nações europeias. No entanto, a fascinação por esse tempo pretérito desencadeia um discurso positivista, marcado por uma perspectiva idealizadora que ressalta a desordem da contemporaneidade em contraposição à ordem social e religiosa medieval. A imagem criada acerca do medievo, legada fundamentalmente por Scott, não julga como opressivas as instituições religiosas e sociais daquele período, pelo contrário, estão carregadas de cenários majestosos, de castelos e monastérios, torneios entre cavaleiros, amores, intrigas e suspenses, numa atitude nitidamente nostálgica.

Nesse sentido, destacamos as quatro características fundamentais que regem a estrutura de quase todos os romances clássicos scottianos, segundo Márquez

¹³⁵ Nossa tradução livre: [...] estimularam a outros escritores a tentar realizar, em relação à história de sua nação, o mesmo que ele havia feito em relação à Escócia ou à Inglaterra.

¹³⁶ Nossa tradução livre: [...] satisfazer uma demanda social, um desejo de conhecer o passado da nação, que a historiografia não estava ainda em condições de cumprir. O romance histórico ocupou esse vazio e, nele, o público leitor resposta a sua sede de conhecimentos da história. Daí o êxito fulgurante que alcançaram as obras de Scott e a ploriferação de seguidores nas diversas nações da Europa.

Rodríguez (1990) – traduzidas, por sua vez, nos estudos de Fleck (2017, p. 44) – e resumidamente apresentadas nesta dissertação:

1- A presença de um “pano de fundo” histórico real, mais ou menos distante do romancista, no qual se apresentam figuras históricas bem conhecidas que, ao longo da diegese, conservam sua configuração de acordo com a época recriada;

2- Ao “pano de fundo” sobrepõe-se uma trama ficcional, centro da narrativa, na qual os protagonistas puramente ficcionais vivenciam suas aventuras, seguindo, além disso, a ideologia dominante daquele período;

3- Mantendo-se dentro dos padrões e princípios do romantismo, a grande maioria das obras de Scott e de seus seguidores apresenta na trama ficcional uma história de amor problemática, relatada por um narrador heterodiegético, podendo ter um desfecho feliz ou trágico;

4- A trama ficcional é o principal componente da obra, o contexto histórico “real” serve como ambientação, como marco espaço-temporal da diegese, na qual as personagens de extração histórica são secundárias e as puramente ficcionais são as protagonistas, não havendo, portanto, uma releitura crítica da época renarrativizada na ficção.

Apesar da influência inegável que Walter Scott exerceu, não somente na Europa, mas também na América, não demorou para que sua “receita” fosse cedendo lugar a novas possibilidades. Entre seus próprios admiradores havia escritores de grande renome, tais como Flaubert, Manzoni, Tolstói, Victor Hugo, Vigny, Balzac, Stendhal, entre outros, que, a sua maneira, buscaram inovar essa modalidade narrativa: “[...] *cada uno de estos novelistas algo aportaba a la evolución del género, y de esa manera se fueron configurando tendencias y orientaciones dentro del concepto general de la novela histórica.*”¹³⁷ (MÁRQUEZ RODRÍQUEZ, 1991, p. 32). Foram essas diferentes contribuições, expostas em diversas obras de muitos autores europeus bem reconhecidos que proporcionaram o aparecimento da segunda modalidade do gênero: o romance histórico tradicional, não havendo, assim, uma obra específica na qual se condensem essas transformações, pois elas são frutos de uma trajetória.

¹³⁷ Nossa tradução livre: [...] cada um destes romancistas alguma coisa contribuía para com a evolução do gênero, e, dessa maneira, foram se configurando tendências e orientações dentro do conceito geral do romance histórico.

Como podemos verificar, nessa trajetória do romance histórico, todos esses romancistas, de diferentes nações e culturas, contribuíram, de alguma forma, para o surgimento de traços distintivos ao modelo clássico scottiano, compondo, assim, a modalidade tradicional do gênero.

De acordo com Fleck (2017), com relação às transformações ocorridas nos rumos do romance histórico no século XIX, que promoveram a passagem da modalidade clássica à tradicional, é preciso ressaltar as obras de autores como Alfred de Vigny, que, em 1826, publicou a obra *Cinq Mars*, na qual os eventos da história não apenas servem como “pano de fundo”, mas se tonam o eixo central da narrativa; e a obra anônima da Literatura Mexicana, *Xicoténcatl* (1826) – a primeira produção híbrida de história e ficção nos moldes do romance histórico na América Latina – que já é marco crítico inicial das grandes rupturas que o gênero sofreria no espaço latino-americano, no século seguinte, quando surge a segunda fase, crítica/desconstrucionista, como possibilidade da literatura ressignificar o passado.

Fleck (2017) comenta, também, sobre a importância de Victor Hugo que, em princípio, foi tradutor e imitador de Walter Scott, mas que agrega um novo elemento ao romance histórico europeu: a coletividade. Além desses romancistas, o pesquisador menciona o romance *Salammbó* (1862), de Gustave Flaubert, que introduz importantes inovações ao gênero ao situar as ações do romance na Cartago antiga e não na Idade Média, mas com ideias e ideologias da sociedade francesa da época da escrita do romance, fazendo do anacronismo uma das estratégias relevantes do gênero. E salienta, também, que, em Flaubert, encontramos uma das principais características do romance histórico, ou seja, a reconstrução minuciosa de uma época do passado, uma espécie de arqueologia que serve como marca de verossimilhança, componente básico dos romances históricos tradicionais.

Na sequência, Fleck (2017) destaca outra transformação realizada na trajetória do gênero, dessa vez por Liev Tolstói, em seu clássico *Guerra e paz*, publicado entre 1864 e 1869, no qual o modelo scottiano pouco se manifesta. Dentro dos padrões do realismo, a diegese pensada por Tolstói acaba opondo-se aos registros historiográficos, provocando um questionamento do sentido do porvir e, também, uma profunda reflexão sobre a existência humana.

Com excessão desse romance de Tolstói, da obra destacada de Alfred de Vigny – *Cinq Mars* (1826) – e da obra mexicana de autor anônimo, *Xicoténcalt* (1826) – na qual se questiona a violência e a exploração espanhola em terras americanas por meio de uma perspectiva marginalizada –, a grande maioria das obras do mesmo período não possui uma intenção crítica e desconstrucionista da história, não podendo essas obras, à época, constituir, conforme menciona Fleck (2017), uma modalidade à parte.

Amado Alonso (1984), por sua vez, também alude ao processo de decadência do romance histórico nos moldes scottianos. Segundo afirma, os autores de romances históricos pretendiam reunir a fruição estética com o informativo, porém, esse objetivo não foi totalmente alcançado porque tomaram da história a parte arqueológica e “[...] *aplicando su esfuerzo a la representación artística y vivaz de estados culturales pretéritos, no crearon dentro de estos estados vidas individuales en auténtico crecimiento, funcionando y a la vez henchidas de sentido.*”¹³⁸ (ALONSO, 1942, p. 28).

Por mais que os romancistas recriassem, poeticamente, estados culturais antigos que julgavam ser mais propícios que o seu, para Amado Alonso (1984), a atitude informativa, ou o tom didatizante, como menciona Fleck (2017), foi uma trava quase sempre invencível, posto que os escritores declaravam, explicitamente, a vontade de recriar, nas modalidades clássica e tradicional do romance histórico, o “espírito de uma época”. Diante disso, esse gênero – que se tornou rapidamente universal – tropeçou em pleno apogeu. Isso se deu, segundo o crítico, porque os romancistas “*no crearon dentro de estos estados vidas individuales en auténtico crecimiento, funcionando*” como mostra a citação acima exposta. Além disso, o autor destaca que o leitor, pelo pacto de leitura que se supunha dessas obras, sentia-se decepcionado ao identificar “falhas” na prometida reconstrução mimética do passado nessas obras romanescas.

O romance histórico tradicional diferencia-se do modelo clássico de Walter Scott ao recriar uma passagem histórica em primeiro plano, renarrativizando, pela arte poética romanesca, os eventos do passado já consignados no discurso

¹³⁸ Nossa tradução livre: [...] aplicando seu esforço à representação artística dos estados culturais pretéritos, não criaram dentro destes estados vidas individuais em autêntico crescimento, funcionando e, por sua vez, cheias de sentido.

historiográfico. Além disso, na modalidade tradicional, a arte literária não procura alterar nem o curso da história, nem sua ideologia ou seu discurso, corroborando, assim, as versões da história hegemônica, podendo, contudo, nesse contexto artístico, tais versões serem narradas em primeira pessoa.

Desse modo, Fleck (2017, p. 50-51) descreve as seis principais características dessa modalidade, que, juntamente com a clássica scottiana, faz parte da fase acrítica do gênero. Resumimos, abaixo, as premissas da modalidade tradicional do romance histórico, propostas na obra de Fleck (2017). Nessa modalidade, insere-se a obra de Constance DuBois (1892) que, na sequência, abordamos neste estudo:

1- O “pano de fundo” histórico, constituinte fundamental da modalidade clássica, desaparece, e o evento histórico e seus protagonistas passam a ser o eixo central da diegese do romance;

2- A escrita ideológica do romance histórico tradicional comunga com o discurso histórico tradicional hegemônico, exaltando e/ou mitificando heróis do passado como modelos para os sujeitos do presente;

3- As ações narradas na diegese dos romances tradicionais seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos recriados pela ficção, dando a impressão de que o tempo é ininterrupto e incontestável, alinhando-se, desse modo, à corrente positivista da historiografia;

4- As narrações em primeira pessoa, homo ou autodieéticas, passam a ser mais recorrentes do que a visão heterodieética do modelo clássico, rompendo com a distância épica entre o fato narrado e sua recepção, o que possibilita a subjetivação do material histórico e a acentuação da verossimilhança na obra;

5- Ensinar a versão histórica hegemônica do passado ainda prevalece na modalidade do romance histórico tradicional. Consequentemente, há um acentuado didatismo e, muitas vezes, a sobreposição de elementos históricos incluídos na diegese à livre imaginação, uma vez que o conteúdo histórico ganha o aval de uma perspectiva individualizada, ancorada no foco narrativo escolhido como voz enunciativa do discurso;

6- Centraliza-se a atenção em personagens bem conhecidas, que passam a se sobrepor às puramente ficcionais. O relato ficcional reelabora o passado

registrado pela história em tons efusivos, consagrando, assim, a versão perpetuada pelo discurso historiográfico e a exemplaridade dos heróis do passado aos leitores do presente.

Inserida nesse contexto, da modalidade tradicional das escritas híbridas de história e ficção, está a obra de DuBois (1892). Nela, busca-se representar o discurso histórico oficializado de maneira mimética, além de figurarem nela, como protagonistas, personagens bem conhecidos e consagrados pela história. Todavia, na mesma obra, desponta um dos elementos estudados na atual crítica feminista, isto é, a incansável luta das mulheres por resgatar personagens históricas femininas negligenciadas pelo discurso histórico hegemônico que, propositadamente, registrou apenas as glórias masculinas.

A obra de DuBois (1892), assim como as demais produções de autoria feminina ao longo dos tempos, “[...] pode ser lida como um discurso de duas vozes, contendo uma estória dominante e uma silenciada.” (SHOWALTER, 1994, p. 53). Desse modo, no prefácio da obra, evidencia-se tal intenção na releitura do passado:

*It is not the reputation of Columbus that is at stake. History, while accepting his offence, has readily excused it, – ‘He was a man of his time’, forsooth; but the beautiful young Beatriz Enriquez, whose life linked to his was undoubtedly a sad one, should be delivered from unmerited reproach; and the open-minded student of history as well as the enthusiastic champion of slandered innocence should unite in rendering a tardy justice to her memory.*¹³⁹ (DUBOIS, 1892, p. IX).

A força motriz desse romance romântico é revelada nessa passagem. A autora apresenta, aqui, o seu profundo desejo de reparar a reputação de uma mulher que, segundo ela, foi injustiçada pela história ao ser tratada como uma “simples amante” do consagrado navegante Cristóvão Colombo. Nessa perspectiva, ao nos direcionar, primeiramente, aos elementos paratextuais, mais especificamente, aos pré-textuais, vemos que o prefácio da obra cumpre com sua função de comunicar uma informação, uma intenção ou mesmo uma interpretação,

¹³⁹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Não é a reputação de Colombo que está em questão. A História, ao mesmo tempo em que admite seu erro, prontamente o justifica, – ‘Ele era um homem do seu tempo’, atenua; mas a bela jovem Beatriz Enríquez, cuja vida ligada à dele foi sem dúvida muito triste, deveria ser libertada de reprovações não merecidas quanto ao fato de não haver se casado; e o estudante de história, de mente aberta, assim como o entusiasta da inocência difamada, deveriam unir-se para fazer justiça, mesmo que tardia, à sua memória.

pois esse enunciado autoral “[...] consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (GENETTE, 2009, p. 145), no qual vemos uma das “duas vozes”, mencionadas por Showalter (1994), no espaço autoral do prefácio – enunciando desde o universo não-ficcional – as intenções da ficção.

Nesse caso, a romancista, em suas palavras iniciais, cria expectativas e compromissos, condicionando, inclusive, o pacto de leitura a ser efetuado. Logo, direciona o olhar do leitor para a importância da personagem histórica Beatriz Enriquez de Harana como sujeito partícipe da história. Tal atitude escritural feminina, nessa temática e a essa época, pode ser considerada pioneira, pois confere protagonismo a uma personagem frequentemente ignorada ou tacitamente aceita na principal corrente histórica já em 1892, um século antes de Jim Sharpe (1992) teorizar sobre a “história vista de baixo”, que trata de produzir conhecimentos históricos a partir do ponto de vista de homens e mulheres vistos como comuns até então, aliados do centro de interesse da historiografia tradicional.

Constance Dubois, ao escrever seu romance no contexto das celebrações do IV centenário dos eventos históricos de 1492, seguramente não era ignorante da produção exaltadora da lírica e da prosa precedentes em seu país. Consciente de que nelas a figura de Beatriz Enríquez de Harana não havia sido representada, arquiteta seu projeto literário-estético com a finalidade de dar visibilidade a esta personagem de extração histórica ignorada tanto na historiografia quanto nas expressões da “Poética do ‘descobrimento’” cultivadas assiduamente em seu espaço geográfico e histórico.

Com relação aos processos de narração da obra de Dubois (1892), no tempo da narrativa, temos uma linha de ação constitutiva que segue, de modo cronológico, a ordem dos eventos reproduzidos no relato. Estruturalmente, a obra está dividida em vinte e oito capítulos que, de maneira bastante linear, acompanham os registros históricos desde a chegada de Colombo a Córdoba, seu relacionamento com Beatriz, as intrigas e decepções vividas pelos protagonistas, a realização das “façanhas” do “descobrimento”, e, por fim, o momento trágico da morte de Colombo.

Na ficção de DuBois (1892), a estrutura do “pano de fundo” histórico – integrante primordial da diegese dos romances clássicos scottianos – desaparece, e o evento histórico e seus protagonistas, focalizados na narrativa ficcional, constituem

o eixo único do romance, característica basilar da modalidade tradicional. Contudo, a instância enunciativa do discurso, apresenta-se em nível extradiegético e em voz heterodiegética, aspecto pertencente à modalidade clássica scottiana, não seguindo completamente a tendência de muitos dos demais escritores da época, que primavam por narrações em primeira pessoa, com vozes enunciadoras homo ou autodiegéticas. Desse modo, o narrador, pela voz individualizada de uma personagem, buscava imprimir à diegese a subjetivação do material histórico, apresentando as emoções, os pensamentos, as crenças e os valores dessa personagem, detalhando, pormenorizadamente, todas as suas ações.

Como protagonistas da diegese novelesca, DuBois (1892) cria, seguindo o modelo romântico, um triângulo amoroso. Contudo, em se tratando de um romance histórico marcado pela tendência tradicional, a complicada relação amorosa é vivenciada por duas personagens históricas bem conhecidas: Cristóvão Colombo e Beatriz Enríquez de Harana, cujos nomes também se tornam o título da obra *Columbus and Beatriz*, como ocorria, geralmente, nos romances históricos clássicos, com relação aos títulos daquelas obras que se voltavam às nomeações das personagens puramente ficcionais.

As personagens de extração histórica na modalidade do romance histórico tradicional, conforme evidenciamos, mantêm, ao longo da diegese, a essência da configuração que lhes fora atribuída pelo discurso histórico. Embora não compactue com a grande maioria das biografias escritas sobre Cristóvão Colombo, no que tange, exclusivamente, à sua ligação com Beatriz, DuBois (1892) mantém-se atrelada, de maneira mimética, a uma das biografias mais controversas sobre Colombo, a de Roselly de Lorgues, conforme explicita a autora no prólogo: “*The motif of this book was gained from Roselly de Lorgues’s Life of Columbus, which has been, for the most part, closely followed in the relation of facts and the sequence of events.*”¹⁴⁰ (DUBOIS, 1892, p. IX).

Como já mencionamos anteriormente, o historiador Roselly de Lorgues promove, em sua escrita encomendada, a figura de Colombo para contribuir, no século XIX, com o projeto da canonização do marinheiro. Para tanto, defende o

¹⁴⁰ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): O tema deste livro foi baseado em *Life of Columbus*, de Roselly de Lorgues, que, na maior parte, foi seguido de perto para a relação de fatos e a sequência de eventos.

casamento entre Beatriz e Colombo como um evento indiscutível. Nesse sentido, a ficção, em seu discurso edificador, une-se à história para exaltar as figuras consagradas do passado, ressaltando suas qualidades e ações, sem alterar o curso dos eventos que renarrativiza.

No primeiro capítulo, “*In the cathedral*”¹⁴¹, o narrador apresenta o cenário de um tempo antigo e exótico que rememora a Espanha medieval, mas que, cronologicamente marcado, passa-se no ano de 1486, época em que chegou Colombo a Córdoba. A estratégia utilizada, nesse caso, tem a intenção de reconstruir o passado de maneira verossímil, numa organização espaço-temporal cronológica:

*CORDOVA, on an August day, dazzling with sunshine, palpitating with heat, seemed to a stranger who trod its streets one afternoon in the year 1486, a city of the dead, so deserted were its thoroughfares. An ox-cart laden with country produce passed now and then, with straining ropes and loud creaking axles, making an unwonted noise on the clean, rough-paved streets.*¹⁴² (DUBOIS, 1892, p. 13).

A grandiosidade dos elementos retomados do passado é uma das principais características utilizadas pelo romance histórico tradicional, que pretende recriar os acontecimentos pretéritos da maneira mais realista possível. Dessa forma, o romance apresenta toda uma gama de informações sobre esse espaço cordobês, oportunizando a aproximação do leitor com os elementos espaço-temporais reconstruídos na diegese, a fim de que se sinta imerso nesse contexto no qual a descrição, como se pode ver no excerto a seguir, tem papel primordial:

Its vast caverns of shade, its countless pillars and arches, suggested a forest turned to stone. Its vistas stretching in every Direction gave the idea of infinite extent. The ranks of gleaming pillars of porphyry

¹⁴¹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Na catedral.

¹⁴² Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): CORDOVA, num dia de agosto, resplandecendo ao sol, palpitante com o calor, parecia ao estranho que atravessava suas ruas numa tarde do ano de 1486 uma cidade fantasma, tão deserta se fazia. Carros de boi carregados de produtos agrícolas iam e vinham, a cada pouco, com as cordas firmes e eixos que estalavam e produziam um ruído pouco comum nas ruas limpas e de pavimentação irregular.

*and many-colored marble might lead the worshipper's footsteps through an endless round of adoration.*¹⁴³ (DUBOIS, 1892, p. 14).

Ainda no primeiro capítulo, o primeiro encontro entre Beatriz e Colombo ganha especial descrição. A voz narrativa conta, com riqueza de detalhes, a chegada de um navegante estrangeiro a Córdoba, que decide entrar na catedral para fazer uma oração. Conseqüentemente, a autora opta por descrever Beatriz de maneira análoga a Colombo, formando imagens divinizadas das personagens históricas. Em sua semelhança espiritual, a voz narrativa descreve como almas gêmeas que se refletem pela sua compatibilidade na fé cristã, pois tanto ela quanto ele são caracterizados como fieis servos de Deus e de Nossa Senhora. A configuração de Beatriz como mulher virtuosa é tanta, que esta passa a ser comparada, pelas vestes que usa, à própria Virgem Maria:

*By de same shrine, not far from him in the shadow of a pillar, a young girl knelt in prayer as fervent as his own had been. Her dark blue mantle had slipped from her shoulders, and lay upon de pavement. Her enveloping veil was thrown back, disclosing a youthful face of wonderful beauty, in spite of the sorrow that forced tears from her eyes.*¹⁴⁴ (DUBOIS, 1892, p. 14-15).

No transcorrer das ações da diegese, Beatriz ouve a voz de Colombo e para ele direciona o seu olhar. Diante da figura do navegante, segundo relata o narrador, a personagem fica envolta em encantamento e veneração: *“The young girl rose with a look of wonder and reverence fixed upon the man, whose face in its mild benignity was like that of a picture saint, and whose vigorous manly form expressed energy*

¹⁴³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Suas vastas cavernas obscuras, seus incontáveis pilares e arcos sugeriam uma floresta transformada em pedra. O panorama, estendendo-se para todos os lados, rendia a ideia de extensão infinita. As fileiras de pilares de pórfito cintilantes e o mármore de diversas cores teriam o poder de guiar os passos do fiel a uma volta sem fim de adoração.

¹⁴⁴ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Ali no mesmo santuário, não muito longe, à sombra de uma coluna, uma jovem moça ajoelhava-se em prece tão fervorosa quanto tinha sido a sua. Um manto azul-escuro escorregara de seus ombros, assentado no chão. O véu de proteção estava caído para trás, expondo um jovem rosto de cativante beleza, a despeito da tristeza que tirava lágrimas de seus olhos.

*and strength.*¹⁴⁵ (DUBOIS, 1892, p. 15). Em seguida, Beatriz explica ao estrangeiro, que lhe inspira confiança pelos seus fios grisalhos e por seu semblante imponente, o motivo de seu estado melancólico:

*“I was praying that the Blessed Virgin would grant me escape from a hateful marriage,” she said in a faltering voice. “For my father’s sake I would obey him in everything but this. I cannot respect Don Francisco, who is old, decrepit, selfish, jealous, and tyrannical. It would be a mockery to take the solemn vows. Yet my father’s will is strong, and I am weak and young. The Blessed Virgin alone can help me.*¹⁴⁶” (DUBOIS, 1892, p. 16).

No trecho exposto, a personagem descreve-se como fraca e jovem, ao contrário de seu pai, que é descrito como forte. Dessa forma, o discurso narrativo reforça os ideais patriarcais, nos quais o ser feminino é subordinado ao masculino ou tratado como inferior. A personagem, contudo, está configurada de tal modo que se evidencia, mesmo que sutilmente, que ela não aceita totalmente essa submissão, e, embora demonstre respeito pelo pai, sua atitude é de alguém que questiona esse sistema.

Cabe ressaltar, que os primeiros textos literários produzidos por mulheres se mostram retraídos no sentido de representar e discutir as relações de gênero, reiterando os padrões dominantes. Por muito tempo, as representações de personagens femininas na literatura foram realizadas seguindo os estereótipos culturais da época, que eram, como exemplifica Zolin (2009, p. 226), “[...] o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam.” Às mulheres escritoras, por consequência, foi-lhes incutida tal ideologia, pois, “esse modo de pensar é perpetuado não só por homens, mas também pelas próprias mulheres.” (ZOLIN, 2009, p. 226).

¹⁴⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): A jovem garota se levantou com um olhar de admiração e reverência fixado sobre o homem, cujo rosto, em sua bondade suave, era como de um santo num quadro, e cuja forma masculina vigorosa expressava energia e força.

¹⁴⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Eu estava rezando para que a Virgem Maria me libertasse de um casamento detestável. – ela foi dizendo, a voz hesitante. – Para o bem de meu pai, eu o obedeceria em tudo, menos nisso. Não consigo respeitar Dom Francisco, que é velho, decrepito, egoísta, ciumento e tirânico. Seria escárnio fazer os votos solenes. A vontade de meu pai, entretanto, é forte, e eu sou fraca e jovem. Só a Virgem Maria pode me ajudar.

A esse respeito, Showalter (1994) afirma que, durante quase todo o século XIX, a escrita literária feminina repetiu os padrões tradicionais ainda vigentes na sociedade, ou seja, os masculinos. Em vista disso, quando analisamos a figuração da protagonista na obra de DuBois (1892), conseguimos averiguar que a maneira como está caracterizada corrobora, em grande parte, o patriarcalismo reinante tanto aquele do período histórico recriado (1486-1506) quanto o do contexto em que a obra foi produzida (1892). Porém, não podemos deixar de evidenciar nuances de hesitação da personagem, com relação à sua total submissão frente às figuras masculinas.

Ao partirmos dessa premissa, no desenrolar das ações da diegese, Beatriz e Colombo conversam em frente à catedral sobre seu infeliz noivado com um velho senhor rico de Córdoba, Dom Francisco Hernández, que chega no exato momento em que ambos se olhavam apaixonados. Teresa, a pajem de Beatriz, suplica-lhe que controle seu orgulho e peça perdão ao noivo pelo ocorrido. No entanto, a protagonista responde furiosa: *“I have nothing to explain,” she said. [...] “I have offended in nothing”, said Beatriz, simply. “He should ask my pardon for his unjust suspicions.” She walked toward the gateway with the movement of a queen.*¹⁴⁷ (DUBOIS, 1892, p. 19).

O fato de a personagem ter se enfurecido com as suspeitas de traição por parte do futuro marido e de sua pajem e de se enfrentar, nesse momento, com eles sem ceder ao que era conveniente à época, não confere ao romance um tom de escrita de crítica feminista, de protesto ou de questionamento de sua própria condição. DuBois segue sua ideologia de buscar revelar como essa personagem – recriada na ficção – enfrentou-se com situações complicadas ao longo de sua existência na Espanha da época das lutas pela Reconquista. A cena descrita é a responsável por desencadear na diegese uma discussão acalorada entre os dois homens, e esse fato leva Dom Francisco a ter um mal súbito e morrer. Isso abre caminho para as investidas de Colombo, mas, também, causa remorsos à personagem Beatriz.

¹⁴⁷ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Não tenho nada a explicar. [...] – Não o ofendi por motivo algum. – Beatriz disse, com simplicidade. – Ele é que deveria pedir perdão a mim por suas suspeitas injustas. Foi, então, em direção aos portões, movimentando-se como uma rainha.

Como resultado, Beatriz encontra-se perturbada pela ideia de que o estrangeiro possa ter matado Dom Francisco, e, com medo de confirmar suas suspeitas, deseja não ir ao funeral de seu falecido noivo, sentindo-se culpada por haver implorado em oração para que seu casamento não se concretizasse. À medida que a voz enunciativa, que enuncia desde uma perspectiva extradiegética, revela os pensamentos e as angústias da protagonista, desvela-se, também, a condição vivenciada por Beatriz, subjugada aos valores de seu tempo:

Beatriz lived a secluded life, her father being of late unwilling that gay society of the city by which she was admired and courted; poverty being his plea for withdrawing her from it, together with the invalid state of his health, which demanded the sacrifice of her time and strength in his service. She had never known the careless freedom of a happy girlhood; nor, among her many admirers, had she found one who could teach her the meaning of love. Her father contrived that the expression of their feelings should be limited to a distant homage of compliments, looks, and sighs; and Beatriz, having neither vanity nor coquetry, was quite unmoved by this. Friendship was her highest ideal. If she could have admired and respect Don Francisco, she would have been willing to become his wife.¹⁴⁸ (DUBOIS, 1892, p. 25).

No trecho exposto, o narrador caracteriza a personagem como uma mulher sofredora, predicado inerente a uma boa esposa naquele período histórico. De acordo com Fernández Álvarez (2002), a primeira qualidade admirada em uma mulher, segundo os moralistas, não era a beleza, nem a honestidade, e sim seu aspecto de sofrida: “*Sufrida por qué y para qué? Naturalmente, para aguantar con buen rostro las intemperancias de su marido cuando salía bravo.*¹⁴⁹” (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 144). Nesse caso, o narrador vai construindo o caráter sofrido

¹⁴⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Beatriz levava uma vida isolada, seu pai há muito tempo de má vontade quanto a deixá-la envolver-se livremente com a frívola sociedade corrente, por quem era admirada e cortejada. A pobreza era o argumento que usava para afastá-la do convívio, assim como o seu delicado estado de saúde, que dela exigia sacrifício de tempo e o emprego de força a serviço dele. Ela nunca conhecera a liberdade irresponsável de uma alegre menineza, nem tampouco, entre seus vários admiradores, deparara-se com um que pudesse ensiná-la o significado do amor. Seu pai inventara que a expressão de sentimentos deveria limitar-se a um distante conjunto de elogios, às aparências, e aos suspiros. E Beatriz, destituída de traços de vaidade ou coqueteria, mal era tocada por isso. Se tivesse conseguido admirar e respeitar Dom Francisco, ela poderia ter desejado tornar-se sua esposa.

¹⁴⁹ Nossa tradução livre: Sofrida por quê e para quê? Naturalmente para aguentar, com bom semblante, as intemperâncias do marido quando este ficava bravo.

da personagem, conjugando-a ao período renarrativizado, com a finalidade de antecipar ao leitor como ela, no futuro, suportará os sofrimentos que lhe serão infligidos pelo então adorado marinheiro.

Ao se desenvolverem as ações da narrativa, a jovem cordobesa confirma que o estrangeiro não havia matado Dom Francisco e recebe uma visita inesperada sua, que, conforme revela o título do capítulo subsequente, “*An offer of marriage*”¹⁵⁰, vem para pedir sua mão em casamento a Dom Fernando Enríquez, seu pai. O patriarca da família, conforme o relato, havia esbanjado toda a riqueza que possuíam em experiências com alquimia. Tal era sua ambição, que aceitou considerar a proposta matrimonial de Colombo para com sua filha, sem nem ao menos consultá-la: “*Placing himself first, as he always did in such considerations, Enríquez did not consult the probable wishes of his daughter, or consider that the younger man would be more likely to win her heart.*”¹⁵¹ (DUBOIS, 1892, p. 34-35).

DuBois (1892) expõe, desse modo, como eram arranjados, à época, os casamentos, sem que a vontade da mulher fosse levada em conta. A esse respeito, Fernández Álvarez (2002) afirma que os pais consideravam não somente um direito, mas um dever, regular o casamento dos filhos. Os “pais casamenteiros”, desse modo, “[...] *no solo mandaban plenamente sobre sus hijos, sino que también decidían sobre quiénes iban a ser los padres de sus nietos.*”¹⁵² (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 130). As mulheres não tinham permissão de escolher, e o arranjo de casamento não era baseado no amor, mas, sim, no valor monetário. Nesse quesito, a personagem, apesar de não ter sido questionada sobre sua vontade, tem “sorte” por estar afetivamente ligada ao futuro esposo.

Após conquistar a confiança de Dom Enríquez com a possibilidade de infinitas riquezas, ganhando, assim, seu passe livre, Colombo decide pedir a mão de Beatriz:

¹⁵⁰ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Uma proposta matrimonial.

¹⁵¹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Colocando-se em primeiro lugar, como sempre fazia em considerações tais, Dom Enríquez não se importou em consultar os desejos de sua filha, ou no mínimo em considerar que homens mais novos talvez tivessem mais chances de ganhar seu coração.

¹⁵² Nossa tradução livre: [...] não apenas mandavam plenamente em seus filhos, mas, também, decidiam sobre quem iam ser os pais dos seus netos.

“Do you think, Beatriz, that a woman of youth and beauty could learn to love me? What would she answer me should I ask her to be my wife?” Beatriz attempted no reply. “You are the only woman I could wish to wed,” continued Colon. “You are free from frivolity and selfishness; you are gentle and patient, religious, and capable of noble emotion. [...] Your tender heart will not refuse this solace to one who needs your companionship and love. You will not say me nay.”¹⁵³ (DUBOIS, 1892, p. 37).

De acordo com o fragmento anterior, constatamos que Beatriz é inquirida de modo imperativo por seu pretendente. Nessa perspectiva, o discurso narrativo busca reconstituir, de modo bastante verossímil, aspectos de um passado repressor em que o casamento era um acordo entre homens, e a mulher era, ao mesmo tempo, doada e recebida, como um ser passivo.

Na voz da própria personagem Colombo, pelo uso do discurso direto, o narrador revela, nesse trecho destacado do romance, qual era, à época, o ideal de mulher buscado em uma sociedade patriarcal para tornar-se “a perfeita casada”: jovem, bela, não frívola, não egoísta, gentil, calma e, principalmente, religiosa. “Calma”, no sentido de submissa; “religiosa” como condição atrelada à moralidade vigente, abnegação em servir, não contestadora.

Em seguida, o discurso narrativo, pela instância narrativa extradiegética, vai reiterar essas palavras da personagem ao descrever as qualidades de Beatriz, que, como boa futura esposa, vivia para servir ao pai e ao irmão, uma vida de subserviência que Colombo admira: *“This was not the impassioned wooing of a youthful lover, but it appealed to Beatriz’s life-long habit of self-sacrificing devotion to interests other than her own.”¹⁵⁴* (DUBOIS, 1892, p. 38). Tal descrição, somada aos atributos anteriores, contribui à configuração estereotipada da personagem, que passa a ser a mulher anjo, pura e dócil, capaz de se sacrificar pelo outro sem nunca pensar em si mesma.

¹⁵³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Por acaso consideras, Beatriz, que uma mulher jovem e bela poderia aprender a me amar? Qual resposta concederia, caso eu pedisse sua mão em casamento? Beatriz nem tentou responder. – Tu és a única mulher com quem desejo me casar – Colombo prosseguiu. – Tu és livre de frivolidades e do egoísmo. É gentil e calma, além de religiosa, e capaz de nobres emoções. [...]. Seu calmo coração não há de negar este consolo para aquele que precisa de sua companhia e amor. A mim não farás recusas.

¹⁵⁴ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Não se tratava da investida apaixonada de um jovem amante, mas apelava ao longo hábito que Beatriz tinha de devoção abnegada aos interesses alheios em detrimento aos próprios.

Após ouvir tantos elogios, a personagem decide com ele se casar. No entanto, uma forte oposição forma-se na família dos Enríquez de Arana, que não viam com bons olhos tal união:

*Beatriz's love seemed to all others a strange infatuation. When Don Fernando after some deliberation gave his consent to the Italian's suit, and announced his choice of a husband for his daughter, a storm of opposition arose in the noble family of the Enriquez de Arana. The bridegroom was a widower without rank, or fortune. His future was most unpromising; his only means of support being the making of charts and maps, which furnished a precarious income not sufficient to maintain a wife and family in the necessities of life.*¹⁵⁵ (DUBOIS, 1892, p. 40).

Conforme justifica o narrador, Beatriz fazia parte de uma família nobre da época, portanto, seus parentes mais próximos não aceitavam o fato de um homem, estrangeiro e pobre, fazer parte da sua linhagem. O romance de DuBois (1892) obedece, assim, às proposições de Roselly de Lorgues (1858, p. LXII-LXIII) que afirma: “[...] ¿qué era él con respecto a España? Un jeógrafo extranjero, sin apoyo, viudo, cargado con un hijo, copiante de libros, y haciendo mapas para ganarse la vida. [...] confiesan todos los historiadores, Beatriz era de una familia ilustre.”¹⁵⁶ Consequentemente, na diegese, não apenas os familiares mostraram-se contrários, mas, também, um de seus pretendentes mais apaixonados, o jovem Garcia da Silva, personagem ficcional que aparece como a terceira ponta desse complicado romance.

O narrador, então, relata sobre um grande baile e banquete realizado por Rodrigo de Arana, personagem que detinha o respeito da sociedade cordobesa. Cabe ressaltar que DuBois (1892) segue as proposições de Roselly de Lorgues (1858) com relação a Rodrigo Enríquez de Arana, que afirma ser o irmão mais velho

¹⁵⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): O amor de Beatriz parecia aos outros uma paixão estranha. Quando, após certa deliberação, Dom Fernando deu consentimento ao pedido de Colombo, e anunciou que escolhera um marido para sua filha, uma tempestade de oposição se formou na nobre família dos Enriquez de Arana. O noivo era um viúvo sem calão, mocidade ou fortuna. Seu futuro era de grande incerteza, e seus únicos meios de sobrevivência eram a confecção de documentos e mapas, o que lhe rendia um salário precário, insuficiente para manter uma esposa e uma família nas necessidades da vida.

¹⁵⁶ Nossa tradução livre: [...] O que era ele em relação à Espanha? Um geógrafo estrangeiro, sem sustento, viúvo, carregado com um filho, copiante de livros e fazendo mapas para ganhar a vida. [...] todos os historiadores confessam, Beatriz era de uma família ilustre.

de Beatriz, e não o seu tio materno, como posteriormente mencionam De la Torre y Del Cerro (1933) e Manzano Manzano (1964).

Na festa tão aguardada, Beatriz faria uma aparição pública pela primeira vez após o período de luto. No decorrer da noite, Garcia consegue sentar-se ao lado dela. Não conseguindo convencê-la de desistir de seu noivo, relata a profecia feita por um astrólogo mouro, chamado Ben Hamet, sobre seu futuro infeliz ao lado de Colombo:

“I see a road where the two walk hand in hand. A little crevice hidden by flowers divides them. [...] The chasm becomes a gulf, boundless and bottomless. In it are clouds and lightnings, and dark shapes that change so rapidly that the eye cannot recognize them. I do but catch a glimpse of gliming swords, chains, and golden throne. The sword flashes from the hand of the Italian, and it pierces the heart of the beautiful woman.”¹⁵⁷ (DUBOIS, 1892, p. 46-47).

É pela visão dessa personagem que se prenuncia, metaforicamente, o abandono e o sofrimento que Colombo causará a Beatriz, ao partir em busca da realização de sua empresa marítima. Os tormentos que serão vivenciados pela personagem, no decorrer da narrativa, são anunciados nas imagens construídas a partir do uso de termos como “precipício”, que denota a distância entre os dois, e em expressões como “nuvens e trovões e formas obscuras”, que podem ser compreendidas como as mudanças drásticas em seus destinos, decorrentes do “descobrimento”. Além disso, destacam-se elementos como “trono dourado”, que, de modo indireto, caracterizam a ascensão de Colombo pelos títulos de nobreza, que o distanciarão de Beatriz, bem como pelo vocábulo “espada”, que, nesse caso, simboliza o sofrimento que causará à esposa.

Na mesma noite, ao chegar a sua casa, a jovem noiva rejeita os presentes de Garcia trazidos por Teresa, demonstrando-se, de acordo com as expectativas de Colombo, uma mulher íntegra e sem vaidades: *““Traitor!” cried Beatriz, in a tone vibrating with indignant emotion. [...] “Dost thou think I could place my hand in that of*

¹⁵⁷ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Vejo uma estrada onde os dois caminham de mãos dadas. Uma pequena fissura coberta por flores os divide. [...] A lacuna se transforma num precipício vasto e sem fundo, onde se espalham nuvens e trovões e formas obscuras que, por mudarem tão depressa, não deixam que os olhos as reconheçam. Posso, sem dúvida, visualizar, de relance, o reluzir de espadas brilhosas, correntes, e um trono dourado. A espada, então, refulge nas mãos do italiano, indo perfurar o coração da bela moça.

my husband, and receive his marriage vows, if on the night before I had accepted a gift and a love-letter from another?”¹⁵⁸ (DUBOIS, 1892, p. 49).

Momentos como esse na narrativa confirmam o objetivo central expresso no prefácio autoral da obra, de não apenas resgatar a personagem do ocultamento histórico, mas de reparar sua posição enquanto mulher nobre e decente, criando-se, na ficção romanesca, uma imagem enaltecida da personagem, seguindo uma das principais premissas do romance histórico tradicional, que é exaltar e/ou mitificar figuras históricas do passado, com a intenção de aclamar suas qualidades e valores como modelo para o leitor do presente. Tal heroificação com vistas à criação de modelos de conduta é direcionada, geralmente, para homens, e não para mulheres, cuja reputação fora maculada pelo discurso historiográfico precedente, e esse aspecto é o que diferencia a escrita de DuBois na composição de um romance histórico tradicional, ainda no século XIX, dentro da “Poética do ‘descobrimento’”.

No capítulo seguinte, “*The mendicant friar*”¹⁵⁹, temos a descrição do casamento entre Beatriz e Colombo, representado como um evento no qual praticamente toda a sociedade cordobesa esteve presente. Ao retratar a união religiosa das personagens, a ficção traz à tona a possibilidade dessa oficialização conjugal.

Dessa forma, contrariando o que afirmam diversos biógrafos de Colombo, o primeiro romance escrito por uma mulher acerca da temática do “descobrimento” da América busca extrair das margens esta personagem, reposicionando-a como a esposa do navegante e não como sua concubina:

The marriage service took place in the cathedral, attended by priests and acolytes, and by a throng of the friends and acquaintances of the bride, although her father and younger brother alone represented her family. It was a grief to Beatriz that her husband should be thus slighted by her relatives; but Colon was unconscious of the intended affront, or indifferent to it. The two Geraldinis were at his side, and many young nobles of the court were present, who had been drawn

¹⁵⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Traidora! – Beatriz exclamou, num tom que vibrava com indignação. [...] Você acredita que eu poderia dar minhas mãos ao meu marido, e dele receber os votos matrimoniais, se na noite anterior eu tivesse aceitado o presente e a carta de amor de outro homem?

¹⁵⁹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): O monge mendicante

*to the wedding by curiosity and the fame of the bride's beauty.*¹⁶⁰
(DUBOIS, 1892, p. 51).

A celebração, de acordo com o narrador, contou com vários dos familiares de Beatriz, amigos e conhecidos, entre eles, pessoas bem quistas na sociedade da época como os irmãos Geraldini, ambas personagens de extração histórica que atuavam na corte espanhola na época de Cristóvão Colombo. Alexandre e Antonio Geraldini eram favorecidos pela rainha Isabel, de modo que seus nomes estão ligados à “descoberta” da América. Por essa razão, a ficção se alinha ao discurso histórico, no que concerne à afirmação de Roselly de Lorgues (1858) quando menciona:

*Mientras Colon vivió no se sospechó de la naturaleza de sus relaciones con Beatriz Enriquez, ni fué puesta á cuestion de tormento la legitimidad de su segundo hijo; que la idea de semejante acusacion no se ocurrió nunca á sus enemigos. Despues de su muerte, nadie se ocupó de semejante cosa: ningun autor contemporáneo la menciona, ni jamás se ha propalado en ninguna historia española, cuando á España mejor que á Italia correspondía el conocimiento de la situacion civil de Colon. En Italia misma, durante mas de trescientos años, no se encuentra tal imputacion, y no solo los historiadores no acusan á Colon de relaciones clandestinas, sino que hablan formalmente de su casamiento: tanto es esto cierto, que el mas grave de todos, el mismo Tiraboschi dice, que casó en segundas nupcias con Beatriz Enriquez.*¹⁶¹ (LORGUES, 1858, p. LXI).

¹⁶⁰ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): A cerimônia do casamento aconteceu na catedral, com o auxílio de padres e coroinhas e, também, de uma multidão de amigos e conhecidos da noiva, embora somente o pai e o irmão em si representassem a família. Para Beatriz, era um desgosto que seus familiares desprezassem de tal forma seu marido. Colombo, contudo, não estava ciente da afronta, ou, no mínimo, a ela era indiferente. Os dois integrantes da família Geraldini estavam agora ao lado dele, e vários jovens, nobres da corte, marcavam presença, atraídos para o casamento tanto por curiosidade quanto pela fama da beleza da noiva.

¹⁶¹ Nossa tradução livre: Enquanto Colombo viveu não se suspeitou da natureza de sua relação com Beatriz Enríquez, nem foi posta em questão a legitimidade de seu segundo filho; que a idéia de tal acusação nunca ocorreu a seus inimigos. Depois de sua morte, ninguém se preocupou com tal coisa: nenhum autor contemporâneo a menciona, nem jamais foi propagada em qualquer história espanhola, quando a Espanha melhor do que a Itália foi informada da situação civil de Colombo. Na própria Itália, por mais de trezentos anos, nenhuma acusação desse tipo é encontrada, e não apenas os historiadores não acusam Colombo de relações clandestinas, mas falam formalmente de seu casamento: tanto isso é verdade, que o mais grave de todos, o próprio Tiraboschi diz, que casou com Beatriz Enriquez em um segundo casamento.

No término da cerimônia, o narrador descreve a aparição de alguns monges mendicantes e, entre eles, um que se mantinha encapuzado, para quem Colombo exigiu que Beatriz entregasse seu anel de noivado. Embora se sentisse contrariada, Beatriz obedece ao marido e entrega o anel ao pedinte, e, nessa parte do relato, evidencia-se, novamente, a inflexibilidade de Colombo e a submissão de Beatriz, mesmo que, em seu interior, questionasse a atitude do marido: “*Beatriz bent her head as humbly as if her father confessor were chiding her for a neglect of her spiritual interests. She felt that prayer and penance must atone for the stubborn resistance her heart still offered, though her will was submissive.*”¹⁶² (DUBOIS, 1892, p. 53-54).

Seguidamente, durante a festa de casamento, Colombo expressa sua felicidade ao amigo Geraldini (não se especifica qual dos dois irmãos), enfatizando, porém, o propósito maior de sua vida: “[...] *only one greater triumph can I conceive, – the first touch of my foot upon that Western shore!*”¹⁶³ (DUBOIS, 1892, p. 55). Na fala da personagem, conquistar a costa ocidental parece-lhe uma realização acima do amor, deixando Beatriz em segundo plano: ““Never,” he answered, “shall love eclipse duty.””¹⁶⁴ (DUBOIS, 1892, p. 55). Em outro ambiente da casa, enquanto isso, Beatriz mostra-se consciente do seu abandono, lamentando-se com seu irmão mais novo, Pedro: “*Her voice faltered. ““He longs to go, Pedro,” she added; “he longs to leave me.”*”¹⁶⁵ (DUBOIS, 1892, p. 57).

Tal leitura conduz à questão de que Beatriz foi negligenciada pelas ambições do marido, uma vez que ela é descrita como uma jovem noiva abandonada. Este aspecto é reiterado pelo discurso proferido pela personagem Pedro, que se revoltou com a situação da irmã, dado que, para ele “[...] *he was unworthy to possess, since*

¹⁶² Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Beatriz manteve-se cabisbaixa, como se o padre com quem costumava se confessar estivesse a censurá-la pela negligência para com os seus deveres espirituais. Percebeu que suas orações e penitências estariam fadadas a pagar pela teimosa resistência que seu coração demonstrava, embora seu comportamento ainda fosse submisso.

¹⁶³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): “– [...] só posso conceber um único triunfo maior que este: a efetivação do meu primeiro passo na costa ocidental!”

¹⁶⁴ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Nunca há o amor de ofuscar o dever. – declarou.

¹⁶⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): A voz da jovem vacilou. – Óh, Pedro, é desejo dele partir – continuou, – é desejo dele me abandonar.

*he counted its claims as nothing compared to those of his ambition.*¹⁶⁶ (DUBOIS, 1892, p. 62).

O discurso do romance, na intenção clara de “resgatar” uma imagem digna da personagem Beatriz, volta-se a aspectos algumas vezes mencionados nos registros sobre Colombo que evidenciam a sua ambição e o seu desejo de fama acima de tudo. Tais aspectos do caráter do marinheiro, nas escritas exaltadoras – entre elas a famosa biografia de Colombo escrita pelo estadunidense Washington Irving ([1827] 1987) –, são retratadas como “força de vontade”, “determinação”, “perseverança”, mas, aqui, são vistas como “indiferença”, “falta de consideração”, “descaso” e “egoísmo”.

Por conseguinte, observamos a partir da fala da personagem Teresa, a velha pajem, a mesma indignação: ““*Does he think he can wear a beautiful young bride like a glove to be cast off at pleasure?*” she cried. [...] “*and love and marriage with him do but fill up an idle time. It is a sin and a shame!*”¹⁶⁷ (DUBOIS, 1892, p. 63). É conveniente sublinhar que, à proporção que a protagonista tenta esconder seu abatimento, ficam nítidas as críticas das demais personagens em relação ao descaso de Colombo para com a esposa. É, pois, desse modo – valendo-se do discurso direto –, que a voz enunciadora do discurso romanesco emite seus juízos sobre a personagem Colombo, mantendo a imagem de Beatriz intacta como boa esposa, submissa e resignada, como se requeria à época de parte de uma esposa ideal. Pelo coro de vozes das personagens secundárias evidencia-se, na escrita híbrida de história e ficção, a crítica à postura e aos procedimentos do marinheiro com relação à Beatriz.

No romance, além disso, faz-se referência ao mito de Penélope, ao descrever a situação em que se encontra a personagem: “*Beatriz sat alone one day in an upper turreted chamber, busy with her needle, which often paused suspended in her*

¹⁶⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): [...] o marinheiro era destituído de mérito, já que a ele pouco lhe importavam as alegações do amor se comparadas àquelas que as ambições requeriam.

¹⁶⁷ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Será que ele pensa que pode desgastar uma jovem noiva como uma luva e depois despachá-la ao bel prazer? – dizia estridente. [...] E amor e casamento com esse homem não passa de viver ao deus-dará. É um pecado, uma vergonha.

*fingers, while her gaze was far away in dreamy abstraction.*¹⁶⁸ (DUBOIS, 1892, p. 63). A linguagem utilizada pelo narrador imprime à configuração da personagem um tom melancólico, pois, ao tecer e esperar pelo marido, perde-se absorta em seus pensamentos, que, segundo constata, são sonhos puramente abstratos.

Na construção de imagens carregadas de desencanto, a narrativa faz nova referência à mitologia grega, desta vez, a Eros e a Psiquê. Quando o narrador faz essa menção, o leitor compreende que Beatriz pode ser comparada a Psiquê, divindade que representa a alma humana, que, após ser purificada por paixões e desgraças, está preparada para desfrutar da verdadeira e pura felicidade. Sendo assim, Garcia vai até sua casa para negociar um objeto de grande apreço, o seu anel de noivado. Ela, então, descobre que ele era o monge mendicante encapuzado, para quem havia dado tal objeto. Nesse momento, a personagem coopera para a desilusão de Beatriz, afirmando que a figura entalhada no anel de madeira representava Psiquê sendo abandonada por Eros, e completa: *“She holds out detaining arms to the fleet god in vain.*¹⁶⁹ (DUBOIS, 1892, p. 66). Em troca do anel, que considerava um talismã, Beatriz entrega um de seus braceletes de ouro, ordenando-lhe que saísse de sua casa.

Em um estado de profunda tristeza, a personagem volta para seu quarto e analisa, novamente, o anel que acreditava ser a representação de um anjo descendo em direção a uma donzela, como em seu primeiro encontro com Colombo na catedral. Nesse instante, a jóia passa a ter um novo significado: *“Now she saw that the maiden’s gesture was one of despair, and that the winged visitor was taking flight. It was as if a baleful enchantment had been cast upon the things she loved.*¹⁷⁰ (DUBOIS, 1892, p. 67). Contudo, na configuração romanesca, essa desilusão instaurada após o casamento não abala o espírito confiante da personagem Beatriz, que continua defendendo o marido, mesmo após as críticas de toda a família.

¹⁶⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Beatriz sentava-se só, certo dia, numa saleta turriforme no alto da casa, a trabalhar com a agulha, que com frequência parava suspensa entre seus dedos enquanto seu olhar olhava fixo, muito distante, em sonhadora abstração.

¹⁶⁹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): A apaixonada em vão estende para o alto os braços ao Deus que dela foge.

¹⁷⁰ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Enxergava agora, entretanto, que a expressão da donzela era uma de puro desespero, e que a figura alada fugia em direção oposta. Era como se um maligno sortilégio tivesse sido lançado sobre o objeto amado.

Na sequência, o romance relata a histórica audiência de Colombo com o Conselho de Salamanca, sendo esse duramente questionado em todas as suas pretensões e teorias. Em tal audiência nada ficou decidido, em função da posição contrária de Fernando de Talavera, o prior do Prado. Ao aguardar em outra sala a resolução de sua petição para uma audiência especial com os reis, inicia-se um novo conflito na narrativa, quando dois jovens amigos de Garcia da Silva questionam a fidelidade de Beatriz, afirmando que a mesma o presenteou com um belo bracelete. O navegante, mesmo enciumado e enfurecido, defende a honra de sua esposa: ““*The lady who is my wife is above the mention of idle tongues.*”¹⁷¹” (DUBOIS, 1892, p. 72). Finalizada a cena de ciúmes, surge outra personagem de extração histórica, Francisco Ximenes de Cisneros, arcebispo de Toledo, regente do trono de Castela e inquisidor-geral, que, com seu discurso persuasivo, busca convencer Colombo a ingressar à Ordem Franciscana e se tornar um religioso. Colombo, de acordo com o narrador, sabia da importância e influência política que tinha o arcebispo, e ficou fortemente tentado a aceitar sua oferta.

A narrativa de DuBois (1892) busca, desse modo, trazer à memória do leitor no período das comemorações do IV centenário do “descobrimento”, uma série de ações – historicamente comprovadas de Colombo – que depõem, em certa medida, contra as imagens heroificadas e exaltadoras do marinheiro. Entre elas, estão as artimanhas engendradas entre ele e outras personagens históricas para conseguir, a qualquer custo, o apoio dos monarcas espanhóis. Frente a essas ações, explicita-se, no discurso ficcional, a imagem de um homem negligente para com os mais próximos a ele, como é o caso da jovem Beatriz.

No oitavo capítulo da obra o título “*Light and shadow*”¹⁷² enuncia o teor do discurso da narrativa que apresenta relatos de momentos de felicidade das personagens, como o esclarecimento da intriga gerada por Garcia da Silva e o nascimento de Fernando, mesclados a momentos de angústia e tristeza, como a chegada da temida peste negra na cidade de Córdoba.

¹⁷¹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Aquela que é minha esposa está acima das menções de bocas sujas.

¹⁷² Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Luz e escuridão.

Nesse sentido, a romancista promove uma releitura minuciosa do passado histórico, acentuando uma das principais características da tendência tradicional das escritas híbridas de história e ficção: a verossimilhança. Esse discurso verossímil da ficção garante ao texto a credibilidade aos fatos narrados. Além disso, a descrição da peste contribui para que se construa uma imagem divinizada de Colombo, que decide assumir os votos como Terciário da Ordem de São Francisco, vestindo-se modestamente para servir as pessoas doentes e pobres: “*Colon, in his gray Franciscan garb, was among the most devoted, going about among the sick and dying, hardly taking time to eat or sleep.*”¹⁷³ (DUBOIS, 1892, p. 84). O discurso edificante da figura de Colombo, como um devotado e humilde franciscano, proferido pela voz do narrador, cria a “justificativa perfeita” para o abandono de Beatriz, uma vez que seu chamado espiritual e seu desejo por chegar as Índias via oeste tornam-se muito maiores do que o próprio casamento.

Na sucessão dos acontecimentos arrolados ao relato ficcional, a personagem Garcia da Silva cria nova intriga entre o casal protagonista, dando a pulseira de Beatriz para uma dama da corte, protegida da rainha. Colombo conta à soberana a chantagem feita por seu inimigo para conseguir tal pulseira e ela exige que seja reparada a reputação de sua esposa diante dos escândalos gerados. Mais uma vez, surge o clérigo Francisco Ximenes, que, frente à conturbada situação, adverte a Colombo que um dia ele terá que escolher entre o amor e a vida sacerdotal: ““*One day, Cristoval Colon, thou wilt accept to forsake either thy love or thine ambition. The paths will diverge, and Heaven will not smile on both.*” He left the room with a grave farewell. His last words had the ring of prophecy.”¹⁷⁴ (DUBOIS, 1892, p. 103). Essa estratégia de reforçar a vocação do navegante para o sacerdócio é várias vezes repetida, a fim de fixar a abnegação necessária à resolução dos projetos estabelecidos.

¹⁷³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Colombo, vestido com seu fato franciscano cinzento, estava entre os mais devotados, indo de lá para cá entre os doentes e moribundos, mal tomando pausas para comer ou dormir.

¹⁷⁴ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Chegará o dia, Cristóvão Colombo, em que terás de sacrificar ou o teu amor ou a tua ambição. Hão de se dividir estes dois caminhos, e o Paraíso não pode sorrir para os dois. Deixou o recinto com um aceno sombrio. As últimas palavras que dissera tinham um cunho por demais profético.

Em seguida, o romance apresenta toda uma gama de informações sobre Colombo e suas ações, como a participação na guerra contra os mouros nas cercanias de Baza, a sua viagem a Granada para uma audiência especial com a rainha, de modo que, toda essa parte do relato, que consiste em cinco capítulos, evidencia o discurso laudatório, exaltador e mitificador de Colombo, postura literária bastante comum no século XIX por parte dos escritores estadunidenses. Assim, em parte, o romance de DuBois também apresenta essa intenção didatizante de ensinar a história hegemônica ao leitor, contudo, faz isso desde uma perspectiva ideológica que busca dar, nesse contexto histórico das ações e acontecimentos renarrativizados pela ficção, relevância a uma personagem feminina.

Entremeio à descrição puramente histórica, é conveniente destacar alguns trechos que evidenciam o perfil materno de Beatriz. Verificamos que a personagem, nessa parte da narrativa romanesca, está configurada como uma mãe muito dedicada, segundo os moldes modernos¹⁷⁵, ou seja, com ternura e intimidade para com seu filho, numa nítida valorização da criança, diferentemente do que se esperava de uma mãe naquele período histórico recriado na ficção, como podemos evidenciar no seguinte fragmento do romance:

*The little fellow trotted toward her with both hands held high in the air. Beatriz caught them and kissed them on the wet palms; then she rolled up the sleeves, and held him for a moment while she kissed his mouth, eyes, and hair. Fernando cried out half impatiently, though he was used to impetuous caresses.*¹⁷⁶ (DUBOIS, 1892, p. 116).

De acordo com Fernández Álvarez (2002, p. 142), entre as qualidades de uma perfeita casada estava a obrigação de educar os filhos de maneira rígida. Dessa forma, a maternidade exigia “[...] *carácter firme ante los hijos, más bien*

¹⁷⁵ As psicólogas brasileiras Moura e Araújo (2004), em seu estudo sobre a naturalização de conceitos e práticas relacionadas à maternidade e aos cuidados maternos na Europa e no Brasil, revelam que, durante um longo período, não foi permitido que a mulher se apegasse demais aos filhos, principalmente porque eram poucas as possibilidades de sobrevivência, devido à alta taxa de mortalidade infantil, cerca de 25% dos nascidos vivos.

¹⁷⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Disparou o infante em direção a ela com ambas as mãos para o alto. Beatriz pegou-as e beijou as palmas úmidas. Ajeitou, então, as mangas e por um instante o deteve em seus braços, até dar-lhe um beijo na bochecha, nos olhos e na cabeça. O Fernandinho protestou, um pouco impaciente, embora já tivesse se acostumado aos carinhos impetuosos.

*severa que tierna y bondadosa, a fin de enderezarles en sus principios.*¹⁷⁷ Diante das demonstrações de afeto de Beatriz, sua cunhada, a personagem Antonia, casada com Rodrigo, a recrimina pela falta de rigidez: ““*The child is dabbling his arm up to the elbow in the fountain,*” – she exclaimed. “*It should not be permitted.*”¹⁷⁸ (DUBOIS, 1892, p. 116). O romance, dessa maneira, busca demonstrar que, para a personagem Beatriz, o carinho, o cuidado e os consentimentos dados ao filho que ela teve com o marinheiro estavam acima das convenções da época, mesmo que isso lhe causasse incômodos com os familiares.

Posteriormente, a voz narrativa mostra que se inicia uma discussão entre as personagens sobre a ausência de Colombo, sua falta de amor para com Beatriz e o filho, de modo que Rodrigo tenta convencê-la a deixar o italiano e a entrar em um convento, para minimizar a desonra da família: ““*Forsake the Italian who has forsaken thee,*” – answered her brother. [...] “*If thou dost choose to seek peace in a convent, thou mightiest become a prioress. [...] This is the path of honor, dignity, and such happiness as remains for thee.*”¹⁷⁹ (DUBOIS, 1892, p. 119).

A esse respeito, podemos recobrar o drama das mulheres solteiras no período renascentista espanhol, tratadas como um peso para a família. Estas mulheres, com ou sem vocação, eram enviadas pela família para os conventos, que, como registra Fernández Álvarez (2002, p. 209), “[...] *tenían una finalidad concreta en su origen: ser refugio para las doncellas pobres y, por lo tanto, solución para los cabezas de familia sin medios económicos suficientes.*¹⁸⁰”

Na diegese de DuBois (1892), Beatriz Enríquez de Harana é configurada como a esposa fiel e paciente de Cristóvão Colombo. No entanto, ao passo que é negligenciada pelo marido, passa a ser comparada com uma viúva, e a ideia de enviá-la para o convento parece ser a única solução encontrada por sua família para

¹⁷⁷ Nossa tradução livre: [...] caráter firme perante os filhos, mais severa que terna e bondosa, a fim de endereçar-lhes em seus princípios.

¹⁷⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Mas ele está afundando o braço até o cotovelo na fonte – exclamou. – Vocês deviam proibir este menino de fazer isso.

¹⁷⁹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): -- Largue o Italiano que largou você primeiro – propôs o irmão. [...] Se o que quiser for a paz de um convento, pode até se tornar sacerdotisa. [...] Tal é um caminho para a honra, a dignidade e a felicidade que te restam, minha irmã.

¹⁸⁰ Nossa tradução livre: [...] tinham uma finalidade concreta em sua origem: ser refúgio para as donzelas pobres e, portanto, solução para os cabeças da família sem meios econômicos suficientes.

não cair na desonra, solução esta que Beatriz se recusa a aceitar, mas que, posteriormente, irá assumir para si como uma forma de mitigar seu sofrimento.

Na continuação do discurso ficcional, temos o término da guerra contra os mouros e sua expulsão, assim como a dimensão exaltadora da personagem Colombo cujas ações amplificam-se, sendo igualado, inclusive, a São Cristóvão em sua fé e servidão a Cristo.

A composição literária avança até o momento histórico em que Colombo tenta negociar sua empresa com os soberanos, mas seu pedido acaba sendo revogado. Quase sem esperanças, porém, constantemente apoiado por Beatriz, ele é convocado a uma audiência com a rainha Isabel, que decide financiar a viagem às Índias com os recursos do seu reino de Castela. Observamos, portanto, que, em grande parte da narração arquitetada pela romancista, há uma clara comunhão entre as perspectivas histórica e ficcional, com objetivo não apenas de “ensinar” a versão hegemônica da história ao leitor, mas de incutir nele a ideologia apologética frente às ações do marinheiro. Tal construção discursiva está estritamente alinhada à produção romanesca híbrida de história e ficção comum à época da produção do romance. Assim, o romance de DuBois (1892) não procura desconstruir a imagem mitificada de Colombo, mas erigir a de Beatriz ao lado dela.

Poucos dias depois da partida de Cristóvão do porto de Palos, Beatriz recebe em sua casa o enteado, Diego Colombo, trazido por um monge, conforme a linearidade dos eventos históricos retomados pela ficção nas narrativas tradicionais. O filho mais velho do navegante fica admirado pela aparência jovem de Beatriz, que o recebe afetuosamente. Contudo, a personagem fica sabendo pelo monge de uma promessa feita pela rainha a Colombo, de levar Diego e Fernando para trabalharem, sob seu comando, como pajens do Príncipe João. Perante a notícia inesperada, revolta-se: ““*My Fernando shall never leave me*”, *exclaimed Beatriz*.¹⁸¹” (DUBOIS, 1892, p. 159). A indignação da personagem e desfaz-se, entretanto, ao ser censurada pelo próprio pai, Dom Enríquez, que ressalta os benefícios para a família caso a soberana cumprisse com sua promessa: ““*Few honors and emoluments have*

¹⁸¹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – O Fernandinho nunca vai sair de perto de mim! – exclamou Beatriz.

*come to our house of late. At the rumor of one thou dost star and fret as at some new misfortune.*¹⁸² (DUBOIS, 1892, p. 159).

A protagonista, na maneira como está delineada, não parece enxergar uma saída para a situação em que se encontra, visto que é mulher num ambiente de total dominação masculina e, além disso, faz parte de uma classe social menos abastada. Apesar de constatar um hiato entre o que havia planejado ao lado de Colombo e sua atual condição, não se recusa a manter o papel para o qual fora “destinada”, não tendo qualquer tipo de enfrentamento com o outro para não criar confronto. Logo, não reage diante dos acontecimentos, vendo sua realidade como a única possível e existente. A virtuosidade das ações de Beatriz no romance de DuBois (1892) reflete as palavras de Taís Franciscon (2017, p. 12), ao comentar que as escritoras, no século XIX, eram

[...] especialmente pressionadas a produzir romances morais, sob o risco de entrarem para a lista de autoras a serem aniquiladas ou extirpadas, nas palavras duras de Burney, as romancistas que foram bem-sucedidas na tarefa de instruir seus leitores ao caminho da virtude passaram a ser recomendáveis para a leitura no oitocentos.

Nessa perspectiva, DuBois (1892) reconhece a necessidade de incursionar por uma direção mais subjetiva da história, sem interferir, essencialmente, na sequência dos fatos registrados pela versão hegemônica, ao suscitar o “descobrimento” da América no início do capítulo subsequente:

*The history of the great Admiral's first Voyage has been often told by abler pens. Every child is familiar with its details; and of all its varied fortunes only two periods of supreme importance concern this story, as they alone left an indelible impress upon the life of its hero.*¹⁸³ (DUBOIS, 1892, p. 168).

¹⁸² Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Pouquíssimas honras e lucros chegaram para nossa família ultimamente. E ao mínimo rumor de uma você se sobressalta e reclama como se o azar tivesse chegado.

¹⁸³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): A história da primeira viagem do grandioso almirante foi frequentemente narrada por mãos mais hábeis. Os detalhes são familiares a qualquer criança. E, entre todas as suas variadas fortunas, apenas dois períodos de suprema importância relacionam-se a esta história, pois sozinhos deixaram uma marca permanente na vida do herói que se fez protagonista.

Nesse fragmento, a voz enunciativa deixa transparecer a “duplicidade” de vozes presente no discurso ficcional (SHOWALTER, 1994), ao revelar a consciência dessa voz enunciativa sobre a importância da temática aludida no romance para a sociedade estadunidense, ao mencionar que “*Every child is familiar with its details* [qualquer criança está familiarizado com os seus detalhes]”, em clara alusão aos conhecimentos provenientes do discurso histórico tradicional – que sempre excluíram Beatriz do “cenário glorioso” de 1492 – sobre esse passado recriado na literatura.

A voz narrativa relata, com pormenores, dois eventos que pressupõe de maior relevância para a narrativa, ou seja, as duas fortes tempestades enfrentadas por Colombo e sua tripulação no retorno da primeira viagem à América. Conseqüentemente, no discurso romanesco, evidenciamos que as tempestades mudaram não apenas a rota dos navios, mas o rumo da história de Colombo e Beatriz: ““*But de keenest torment is the thought of the sorrow I shall cause a gentle, trusting heart,*” said Colon. “*Beatriz Enriquez has been to me a faithful wife...*”¹⁸⁴ (DUBOIS, 1892, p. 182). A maior das tempestades, conforme descreve Colombo, no entanto, foi a decisão de abandonar sua esposa.

Ao receber a notícia do regresso do marinheiro, Beatriz fica exultante de alegria. Porém, nas palavras de Rodrigo, o relato ficcional sugere críticas ao reconhecimento exclusivo da figura de Colombo. Desse modo, o discurso da narrativa assevera, ironicamente, a maneira como as pessoas passaram a enaltecê-lo: ““*No one is much regarded in the matter save the Admiral himself – said Rodrigo. “To hear the talk of the people, thou wouldst think him a demi-god.*”¹⁸⁵ (DUBOIS, 1892, p. 185). Nessas palavras, a romancista sintoniza o sentimento de indignação perante o apagamento de personagens presentes naquele contexto histórico.

A protagonista recebe a tão esperada carta de Colombo, na qual o navegante anuncia o voto feito para com a ordem franciscana diante dos perigos enfrentados no mar. Nesse momento da narrativa, Beatriz revolta-se, porém, compadece-se do

¹⁸⁴ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – A maior tormenta, porém, é pensar no sofrimento que poderei inculir num coração gentil e confiante – contrapôs Colombo. – Beatriz Enríquez me tem sido uma esposa muito fiel...

¹⁸⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Ninguém recebe tanto reconhecimento nessa história, a não ser o próprio almirante – informou Rodrigo. – Se pudesse ouvir o que as pessoas andam dizendo, você pensaria que falam de um semideus.

marido novamente. Em seguida, ao terminar de ler a carta, ainda muito abalada, recebe a notícia de que seu pai falecera. No entanto, sofre inúmeras críticas sobre seu marido, como as de sua cunhada Antonia, que imprimem à narrativa imagens de um Colombo egoísta e ambicioso:

*“Thou canst not stop my mouth,” said Antonia. “I declare it to be a crying shame that Colon’s wife is not now at his side. Now that he sits in the presence of kings, she too should be honored, and her family with her, the more so since an Enriquez stooped low to marry the wool-comber’s son. Thus does good fortune change a man. I can never forgive him.”*¹⁸⁶ (DUBOIS, 1892, p. 204).

Nessa e em outras passagens semelhantes, a voz narrativa – ao valer-se do uso do discurso direto, dando voz às personagens secundárias do romance – deixa transparecer a sua própria postura, já enunciada no prefácio da obra, frente à invisibilidade de Beatriz que, na especificidade dos eventos que envolveram a culminação da figura de Colombo, sofreu completo abandono, mesmo que o genovês tenha tido, como sugere o narrador, as melhores e mais nobres intenções.

De acordo com o relato de DuBois, na noite anterior à partida de seu filho para viver na corte espanhola, a voz enunciadora descreve Beatriz a contemplar seu anel de noivado, refletindo sobre sua insatisfatória vida matrimonial: *“She took it off now, and held it in her hand while she reviewed the events of her wedded life, – the brief seasons of happy, united home life, and the long, painful, oft recurring partings, each of which had seemed more cruel than the last.”*¹⁸⁷ (DUBOIS, 1892, p. 219-220). Na tendência exposta pela escrita romanesca de DuBois (1892), verificamos a tônica da configuração da personagem que, ao longo da narrativa, é constantemente delineada como a “mulher perfeita” da época do renascimento espanhol, capaz de suportar todas as adversidades.

¹⁸⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Tu não me podes calar a boca! – Tonha desafiou. – Declaro que é uma vergonha lastimosa que a esposa de Colombo não possa ficar ao lado dele agora! Agora que ele se senta na presença de reis, ela também deveria receber as honrarias, junto com a família, ainda mais depois que um Enriquez se rebaixou tanto a ponto de casar-se com o filho de um tecelão. Veja como pode a boa fortuna mudar um homem. Nunca hei de perdôá-lo.

¹⁸⁷ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Foi então que retirou-o, e manteve-o numa mão enquanto revia os eventos de sua vida de casada – as breves temporadas de vida caseira com união e felicidade, e as longas, dolorosas e repetidas ausências cada uma das quais parecendo mais cruel que a anterior.

Além do abandono do marido, Beatriz sofre com o tratamento indiferente do filho, que aparenta estar bem acostumado à vida da nobreza: “*“Fernando puts on the airs of the court,” said Diego, scornfully, noticing Beatriz’s disappointment. “He thinks himself already a grande of Spain.*”¹⁸⁸ (DUBOIS, 1892, p. 266). A atitude arrogante de Fernando é desaprovada pelo irmão mais velho, que critica seu caráter esnobe. Por outro lado, Beatriz continua a tratá-lo com todo o carinho e afeto, sem repreendê-lo.

Na sequência do relato constatamos que se iniciam as conspirações contra Colombo, incitadas indiretamente pelo antagonista, Garcia da Silva. No retorno de sua terceira viagem, Colombo vem acorrentado. Beatriz fica sabendo do ocorrido por terceiros. Porém, mesmo sabendo que havia sido libertado pela rainha, por não receber retorno de suas cartas, a personagem sente-se mais uma vez esquecida: “*“I am forgotten,” thought Beatriz. “Useless in the hour of his degradation, as unnoticed in the time of this triumph.*”¹⁸⁹ (DUBOIS, 1892, p. 272). Embora se sinta à margem de todos os acontecimentos que envolvem a vida de Colombo, permanece apoiando-o, reafirmando, mais uma vez, a escolha da autora em caracterizá-la como a esposa paciente e fiel.

Na sequência das ações narradas, algum tempo depois desse incidente, prestes a realizar a quarta e última viagem à América, juntamente com o filho Fernando, o romance trata do momento em que Colombo escreve seu testamento, no qual insere uma cláusula encomendando a Beatriz uma renda anual, sem mencionar os detalhes de sua relação. Observamos que a diegese faz menção à carta/testamento anterior à quarta viagem, em nítida conformidade com os registros históricos oficiais. O que o leitor nota, portanto, é o fato de a literatura estar fazendo uso de um documento histórico para tornar a ficção mais plausível. O que se verifica, na releitura verossímil do passado pela ficção, é que a romancista não aproveita a oportunidade para questionar ou esclarecer pontos da biografia de Colombo que geraram, segundo seu próprio ponto de vista, especulações e injustiças para com a figura de Beatriz.

¹⁸⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – O Fernando absorveu os ares da corte – Diego zombou, ao perceber a decepção da mãe. – Ele já se considera um grande da Espanha.

¹⁸⁹ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Caí no olvido, Beatriz pensou. Inútil em seu momento de degradação, igualmente invisível quando do seu sucesso.

Ao explorar as prerrogativas da ficção, a autora, ao invés de se apoiar no campo das possibilidades, opera no campo do sucedido. Desse modo, em se tratando de um romance histórico tradicional, ela dá seguimento à tendência literária estadunidense ao cultivar a imagem heroica e cristã de Colombo e, ao mesmo tempo, expondo, de igual modo, uma imagem idealizada de Beatriz, defendendo a honra da jovem cordobesa com quem ele teve seu segundo filho.

No desenlace da obra, ao se unirem as duas personagens no leito de morte de Colombo, o amor, superior ao ressentimento, faz com que Beatriz o perdoe. Assim, Colombo falece em paz. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a imagem idealizada de Beatriz constrói-se, nessa obra, como um reflexo da dimensão heroica que Colombo adquiriu ao longo dos séculos. Durante todo o percurso do relato, quase que de maneira repetitiva, DuBois (1892) demonstra a determinação e a persistência de Beatriz em permanecer leal a Colombo, apresentando-a como a mulher sofredora do período do renascimento espanhol, aquela que tudo suporta.

Passamos, a seguir, à análise de *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), outra significativa obra dedicada à temática do “descobrimento”, sob a perspectiva e o ponto de vista de Beatriz Enríquez de Harana. Em sua articulação discursiva, verificamos o emprego de várias estratégias escriturais que estabelecem um amálgama entre as modalidades tradicionais com outras desconstrucionistas, apresentando uma releitura crítica do passado, típica em um romance histórico contemporâneo de mediação.

2.2 COLÓN A LOS OJOS DE BEATRIZ (2000), DE PEDRO PIQUERAS: O PASSADO DE COLOMBO NUMA PERSPECTIVA ESPANHOLA CRÍTICA/MEDIADORA

A obra *Colón a los ojos de Beatriz* (2000) recria o período da peregrinação de Cristóvão Colombo pela corte espanhola em busca de apoio a seu projeto de navegação rumo ao Oriente, cruzando o Atlântico, em uma diegese que alcança o tempo até após a sua morte. Tal reconstrução ficcional dos eventos vividos pela personagem Colombo, na história oficial de sua vida, dá-se sob a perspectiva e o ponto de vista de Beatriz Enríquez de Harana.

A obra foi escrita pelo espanhol Pedro Piqueras, nascido na cidade de Albacete, em 6 de maio de 1955. Atualmente, desempenha a função de apresentador e diretor de notícias do programa *Telecinco News* de segunda a sexta-feira, às 21h, no canal privado *Telecinco*. Durante sua vida, Piqueras construiu uma carreira bastante sólida. É licenciado em Ciências da Informação pela *Universidad Complutense de Madrid* e trabalhou, predominantemente, nos meios midiáticos como jornalista no *Diario Pueblo*, dirigente de redação na *Radio Exterior de España* e *Radio Nacional de España*, e como apresentador de telediários na *RTVE*, *Antena 3* e *Tele 5*.

Em sua carreira, de modo geral, não se encontram outras referências à profissão de romancista, a não ser a obra que analisamos nesta dissertação. Por esse motivo, em suas palavras, proferidas em uma entrevista ao *Periódico de Aragón* (2006), Piqueras não se vê como um escritor, mas, sim, como um jornalista: “*Soy periodista y no soy escritor. Aunque si un día dejara de ser periodista, sí que me dedicaría a escribir, con tiempo.*”¹⁹⁰ No entanto, seu interesse por navegar e sua fascinação pelo “descobridor” levaram-no a escrever esse romance, além de considerar Beatriz a personagem ideal para descrever sua história, pois, segundo ele, “*estoy convencido de que Beatriz es una de las personas que mejor conoció a Colón.*”¹⁹¹ (EL PERIÓDICO DE ARAGÓN, 2006). A respeito da relação entre Colombo e Beatriz, personagens de extração histórica ressignificadas em sua obra, declara: “*Colón es un hombre muy rico en todos los sentidos, aunque en cuanto a sus relaciones con Beatriz, era simplemente un hombre de su tiempo.*”¹⁹² (EL PERIÓDICO DE ARAGÓN, 2006).

Colón a los ojos de Beatriz (2000), por variadas razões, filia-se ao romance histórico contemporâneo de mediação, modalidade proposta por Fleck (2017), na qual há uma confluência entre as características preponderantes das modalidades tradicional e desconstrucionista, conforme já mencionamos anteriormente.

¹⁹⁰ Nossa tradução livre: Sou jornalista e não escritor. Se bem que se um dia deixasse de ser jornalista, me dedicaria a escrever, com tempo.

¹⁹¹ Nossa tradução livre: Estou convencido de que Beatriz é uma das personagens que melhor conheceu Colombo.

¹⁹² Nossa tradução livre: Colombo é um homem muito rico em todos os sentidos, embora, quanto às relações com Beatriz, fosse simplesmente um homem de seu tempo.

Antes da configuração dos heróis e suas “façanhas”, esta modalidade mais atual, quando se pensa numa sucessão das diferentes modalidades de escrita híbrida de história e ficção que, nos dias de hoje, convivem simultaneamente, busca representar as personagens históricas periféricas, excluídas ou marginalizadas pela historiografia (FLECK, 2017). Por conseguinte, nossa intenção é refletir, principalmente, sobre a importância das leituras da história pela ficção, já que, nelas, há a possibilidade de ressignificar o passado, utilizando-se de visões excluídas do discurso hegemônico, além de nelas ser possível uma revelação da participação e da importância das mulheres nos eventos históricos em que elas estiveram inseridas.

Nessa perspectiva, os olhos e a voz de Beatriz transmitem, por meio de técnicas narrativas selecionadas, as impressões de alguns dos mais importantes eventos históricos da humanidade e, especialmente, da história da Espanha ainda com tendências medievais, caminhando para o renascimento, que acaba incluindo em seus domínios grande parte do continente americano. Sob a ótica e as lembranças de Beatriz, como narradora em nível intradieético e em voz autodieética, remontam-se ambiente e atmosfera, hábitos e costumes dessa época.

Além de fatos corriqueiros, são descritos eventos históricos relevantes nesse ato de recordar o passado. As falas da narradora, bem como as proferidas pelas demais personagens, estão imbuídas de um discurso que ressalta a importância de nomes significativos na história da Espanha, especialmente os dos reis Fernando e Isabel e outras personagens de extração histórica próximas a eles, ao passo que, também, revela o convívio íntimo de Beatriz e Colombo.

Como podemos observar, a leitura ficcional do passado empreendida no romance de Piqueras (2000), de acordo com a segunda premissa dos romances históricos contemporâneos de mediação mencionada por Fleck (2017), busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, a fim de assegurar o avanço das ações históricas renarrativizadas e garantir verossemelhança ao relato.

Estruturalmente a obra compõe-se de “Agradecimientos”, “Prólogo” e vinte capítulos, enumerados do segundo ao penúltimo. Em linhas gerais, o romance começa a narrar os acontecimentos do passado a partir do momento em que a

personagem protagonista e voz enunciativa do discurso já está na evidência da morte, fato que destaca, na diegese, o presente da narrativa.

Em seguida, essa voz inicia uma retrospectiva memorialística pela qual traça a sua trajetória, de maneira linear, ao lado de Colombo para, no final, voltar ao presente da narrativa, em seus últimos instantes de vida. Assim, o narrador retrata a trajetória da personagem ao revés, da morte para a vida, a metáfora da vigília que consiste em repassar episódios marcantes da existência, um momento de confissão, característica típica da metaficção historiográfica – o tempo cíclico –, que de modo mais equilibrado aparece, também, nas obras híbridas de história e ficção de caráter crítico/mediador.

O romancista, por não haver detalhes sobre a relação afetiva das personagens nas diversas biografias de Colombo, conseguiu manter-se dentro do campo da verossimilhança, criando, a seu modo e conforme sua imaginação, muitos dos possíveis segredos que a história preferiu não apresentar. Dessa maneira, o romance proporciona ao leitor uma nova forma de ver o homem e os feitos por ele realizados, bem como, por meio da resignificação ficcional, possibilita conhecer um pouco mais da cotidianidade vivenciada pela segunda companheira de Cristóvão Colombo.

Nesse sentido, verificamos que o romancista opta por evidenciar uma perspectiva “vista de baixo” (SHARPE, 1992), pois privilegia uma visão “ex-cêntrica” (HUTCHEON, 1991) da história, a de uma mulher humilde e judia-conversa, ou seja, a cordobesa Beatriz Enríquez de Harana, cuja visão e voz possibilita-lhe promover, de maneira indireta e ponderada, uma releitura crítica do passado pela ficção.

No prólogo, ainda espaço reservado ao autor, vê-se uma rápida retomada dos feitos realizados por Colombo e sua relação com Beatriz. O autor comenta, nesse paratexto, que é possível supor que os fatos históricos referentes ao “descobrimento” da América talvez não tivessem ocorrido da mesma forma sem a presença de personagens secundários, como é o caso de Beatriz.

A relação de Colombo com ela pode ter contribuído para que ele não se deslocasse para outros reinos europeus em busca de apoio para seu projeto, pois, de acordo com o autor: “[...] *el navegante decide quedarse en Córdoba junto a Beatriz, con la que en 1488 tiene un hijo, Hernando. Esa ciudad se convierte en*

*centro de las operaciones colombinas, en punto de referencia del descubridor.*¹⁹³” (PIQUERAS, 2000, p. 14). Contudo, em consequência da fama e das muitas ocupações posteriores ao “descobrimento”, Colombo afasta-se de Beatriz, e seu filho é levado à corte para ser educado junto aos infantes e descendentes nobres.

Sobre essa condição de abandonada, ressalta Piqueras (2000, p. 14): “[...] *la soledad y la pobreza persiguen a la que fue compañera del descubridor.*”¹⁹⁴. Ao propor estas análises e interpretações dos fatos históricos constituintes da diegese, o autor busca evidenciar, pelo discurso analítico que adota, a importância de Beatriz Enríquez de Harana para os feitos alcançados por Cristóvão Colombo, de acordo com os registros dos biógrafos já mencionados: Jacob Wasserman (1930), Salvador de Madariaga (1947) e Jacques Heers (1992), dentre outros.

Piqueras (2000) manifesta, nesse mesmo prólogo, inclusive, seu respeito profundo pela história e pelos historiadores, de modo que afirma serem as páginas da obra uma tentativa de resgatar a memória de alguém que viveu de muito perto os grandes acontecimentos que rodearam a vida de Cristóvão Colombo.

Seu objetivo maior, como podemos depreender de suas palavras, não será o de questionar ou de criticar, de forma direta, a história, mas, sim, o de tentar recriar um fato histórico do modo mais fiel possível, dando voz a quem a história emudeceu.

Acerca desse processo de elucidar suas intenções na introdução da obra, procedimento adotado por Piqueras, a teórica Fernández Prieto (2003, p. 171) comenta que “[...] *el autor se vale entonces de los prólogos y epílogos para defender la autonomía y los derechos de la ficción, la intencionalidad estético-literaria de su discurso, y a la vez para declarar sus fuentes historiográficas.*”¹⁹⁵. Esses são espaços escriturais autorais utilizados com eficiência pelo romancista/jornalista espanhol. Esse esclarecimento de intenções e das fontes por ele consultadas não ocorre somente no prólogo, mas, também, nos “*Agradecimientos*” e nas epígrafes que iniciam os capítulos da obra.

¹⁹³ Nossa tradução livre: [...] o navegante decide ficar em Córdoba junto de Beatriz, com quem, em 1488, tem um filho, Fernando. Essa cidade se torna o centro das operações colombinas em ponto de referência do descobridor.

¹⁹⁴ Nossa tradução livre: [...] a solidão e a pobreza perseguem a que foi companheira do descobridor.

¹⁹⁵ Nossa tradução livre: O autor se vale então dos prólogos e epílogos para defender a autonomia e os direitos da ficção, a intencionalidade estético-literária de seu discurso, e, por vezes, para declarar suas fontes historiográficas.

Assim, a obra de Piqueras, antes de se abrir ao mundo ficcional, dá espaço para que o autor mencione a colaboração de algumas pessoas, principalmente no processo de leitura de capítulos e de indicações de documentos relacionados a Beatriz Enríquez de Harana, aos tratamentos médicos na Idade Média, à história judaica da Espanha, de Colombo e seu entorno, além de outras fontes historiográficas que contribuíram para a construção do romance, como monografias, artigos, entre outros escritos e documentos, que, na tessitura escritural, garantem a construção daquela que é considerada a primeira característica do romance histórico contemporâneo de mediação: a verossimilhança (FLECK, 2017), aspecto dessa modalidade mais recente herdado das escritas clássicas e tradicionais.

Ao partir dessa introdução, iniciamos a análise das técnicas e estratégias narrativas utilizadas na obra de Piqueras (2000) para recriar as relações que sua personagem teve ao lado do marinheiro durante o tempo mais decisivo de sua jornada, bem como com relação ao mundo que a cerca.

Nesse universo ficcional, buscamos, também, elucidar como se constroem as imagens de Beatriz por meio do discurso da arte romanesca calcado no uso dos signos linguísticos e da linguagem metafórica. Dessa forma, no tempo da enunciação, o romance se abre com a descrição da protagonista, em seu leito de morte, esperando seu confessor:

*Son las seis de la tarde. El confesor se retrasa. Siempre tardan aquellos a quienes se necesita con urgencia. Por la ventana entran los últimos rayos de sol, y espero. Estas cuatro paredes tan blancas, tan desnudas, van a ser mi última morada.*¹⁹⁶ (PIQUERAS, 2000, p. 15).

No trecho acima, verificamos a pobreza e o abandono em que se encontra a personagem na descrição das paredes, “tão brancas, tão nuas”. Além disso, o leitor pode compreender que se faz uma alusão à morte, visto que a cor branca possui essa simbologia segundo o *Dicionário de símbolos*¹⁹⁷; mas é possível, também,

¹⁹⁶ Nossa tradução livre: São seis da tarde. O confessor se atrasa. Sempre se atrasam aqueles de que se necessita com urgência. Pela janela entram os últimos raios de sol, e espero. Estas quatro paredes tão brancas, tão desnudas, vão ser minha última morada.

¹⁹⁷ Fonte: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/branco/>>. Acesso em: 13 jan 2021.

estabelecer uma ligação dessas palavras à sua própria figuração na história, apagada, “sem cores”.

Beatriz Enríquez de Harana, como voz enunciativa do discurso, em sua agonia final, decide confessar seus pecados e olhar sem rancor e sem ódio para o passado: “*Es tiempo de confesar los pecados, de mirar atrás sin resquemor, sin odio.*”¹⁹⁸ (PIQUERAS, 2000, p. 15). Tal revisão do passado, já anunciada pela narradora, ao empregar uma singela analepse, enquadra-se dentro de uma das características mediativas: a manipulação temporal em suas manifestações mais elementares: retrocessos ou avanços no tempo da enunciação (analepses e prolepses), cujo objetivo é, nesse caso, localizar o leitor no tempo e no espaço narrativo (FLECK, 2017). Em seguida a narradora afirma:

*Bendita sea la memoria que nos permite entornar los ojos y eliminar contornos oscuros del pasado. Benditos sean también aquellos recuerdos amables, esas imágenes rescatadas de tanta inmundicia como tuve que sufrir, de tantas soledades.*¹⁹⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 15).

Observamos, a partir da citação, que a narradora estabelece, desde o princípio, sua intenção de filtrar as informações mais amáveis e felizes retidas na memória. Porém, ao reviver sua história, também recorda os sofrimentos e solidões pelas quais teve que passar. Temos, assim, uma Beatriz melancólica que oscila, como narradora do discurso, entre a exaltação e a desconstrução do passado que vivera ao lado de Colombo. Para tanto, a técnica que se utiliza é o relato das memórias da personagem, como se expressa na citação a seguir:

Hay quien llega al mundo y tiene una vida plena de dicha. Yo vine para llorar, para estar sola. Pero no quiero pensar en ello, no. Quiero retener otros momentos; aquellos que merecieron la pena, aquellos que recreados, vestidos y adornados hacen del pasado un tiempo feliz. Intento hacer recuento de mis actos, de mi paso por este

¹⁹⁸ Nossa tradução livre: É tempo de confessar os pecados, de olhar para trás sem rancor, sem ódio.

¹⁹⁹ Nossa tradução livre. Bendita seja a memória que nos permite entornar os olhos e eliminar contornos escuros do passado. Benditas sejam aquelas recordações amáveis, essas imagens resgatadas de tanta imundície como tive que sofrer, de tantas solidões.

*mundo, mientras escucho los siseos de la estancia contigua.*²⁰⁰
(PIQUERAS, 2000, p. 16).

Essa atitude da narradora de evitar os momentos amargos e de reter os que recriados, vestidos e adornados, fazem do passado um tempo feliz, revela uma posição idealizada e não crítica do passado. Contudo, embora o seu discurso carregue, ao longo da narrativa, uma visão romântica, revela: “[...] *siempre estuve cerca de la gloria mundana como quien observa la danza tras unas cortinas.*”²⁰¹ (PIQUERAS, 2000, p. 17). Por meio da utilização do recurso da metáfora, a personagem mostra-se consciente quanto à posição que a história relegou-lhe, como alguém oculto, que sempre esteve à margem, “por trás das cortinas”. Transparece-se, assim, uma crítica com relação ao silenciamento histórico infligido à voz da mulher, em especial a da personagem Beatriz, que viveu junto com Colombo – celebrado pelo discurso tradicional da história – todos os avatares de sua empreitada em busca da realização de seu maior projeto: encontrar um caminho às Índias Ocidentais pela via oeste, usando o oceano Atlântico como via para isso.

Nesse fluxo de suas memórias, Beatriz imprime, também, as primeiras descrições sobre seu relacionamento com Colombo: “*He sido la mujer, que no esposa, de un hombre grande, tenaz, ambicioso, bondadoso, cruel, esquivo y cariñoso a veces.*”²⁰² (PIQUERAS, 2000, p. 17).

Relativizar o caráter do herói, por meio do emprego de antíteses, é também uma forma que a narrativa romanesca híbrida de história e ficção crítica/mediadora encontra para desmistificar as personagens históricas e estabelecer uma crítica ao passado cosignado na historiografia. No nosso caso, observamos a um Colombo mais humano e contraditório sendo configurado no romance de Piqueras. Além disso, o leitor pode verificar que o discurso narrativo retrata a personagem Beatriz

²⁰⁰ Nossa tradução livre: Há quem chega ao mundo e tem uma vida plena de felicidade. Eu vim para chorar, para estar só. Porém, não quero pensar nisso, não. Quero reter outros momentos; aqueles que valeram a pena, aqueles que recriados, vestidos e adornados fazem do passado um tempo feliz. Tento recontar meus atos, meus passos por este mundo, enquanto escuto os sussurros da estância contígua.

²⁰¹ Nossa tradução livre: [...] sempre estive perto da glória mundana como quem observa a dança por detrás das cortinas.

²⁰² Nossa tradução livre: Fui a mulher, que não esposa, de um homem grande, tenaz, ambicioso, bondoso, cruel, esquivo e carinhoso, às vezes.

como a amante, e não como a esposa de Colombo, estando em conformidade com grande parte dos historiadores tradicionais.

Podemos inferir, contudo, a importância do papel dessa mulher na vida do navegante e a consciência que a personagem demonstra ter do espaço que nela ocupa:

*Le di un hijo y compañía, cuando no sosiego y ánimos. Le di caricias y desvelos y me sentí de sobra pagada con una mirada, con una sonrisa, con un gesto. Fui prudente como un cuerpo etéreo al que se llama y viene, al que se despide y va. Estuve cuando fui deseada y desaparecí cuando así él lo quiso.*²⁰³ (PIQUERAS, 2000, p. 17).

Tal descrição está em consonância com a condição vigente da mulher do renascimento espanhol, retratada nos estudos já mencionado de Fernández Álvarez (2002). Como podemos verificar nas passagens acima, à Beatriz, de origem humilde e possivelmente cristã nova, não era permitida a livre circulação nas esferas que, então, passou a transitar Colombo, ou ter voz ou direito de se manifestar como a mulher e mãe do seu filho que era.

Embora a visão de Beatriz, como personagem na ficção e voz enunciadora, mantenha-se atrelada à historiografia, seu discurso deixa desvelar, por meio da linguagem simbólica que utiliza, o modo como foi explorada pelo marinheiro, pois esteve ao seu lado quando ele a necessitou, e foi descartada quando o mesmo alcançou seus objetivos.

No capítulo seguinte, “*Un navegante entre nosotros*”²⁰⁴, faz-se um panorama daquele que será o grande contexto espaço-temporal da obra de Pedro Piqueras: um tempo de ocultação, de intolerância religiosa e de terríveis assaltos contra judeus e árabes na tentativa de limpar o sangue e de unificar a religião do Estado espanhol, regido por Fernando e Isabel, no final do século XV. De tal modo, o narrador observa que aqueles eram tempos de se ver primeiro, observar com atenção e de reagir – por último – com toda a cautela.

²⁰³ Nossa tradução livre: Dei-lhe um filho e companhia, quando não tinha sossego e ânimo. Dei-lhe carícias e cuidados e me senti bem paga com um olhar, com um sorriso, com um gesto. Fui prudente como um corpo etéreo que se chama e vem, que se despede e vai. Estive quando fui desejada e quando assim ele o quis.

²⁰⁴ Nossa tradução livre: Um navegante entre nós.

Em tais circunstâncias, e em meio à tamanha exaltação castelhana com a possibilidade de derrotar Boabdil, o último dos soberanos mouros que ainda reinavam na Espanha, esperava-se da maioria dos cidadãos e, principalmente, dos judeus conversos, como no caso de Beatriz, a atitude de “[...] *participar de la esperanza en la victoria y ocultar – en lo posible – diferencias que tal vez pudieran ser materia de enojo*²⁰⁵” (PIQUERAS, 2000, p. 20), enfatizando, assim, o temor existente em todas as camadas não cristãs ou cristão-novas com relação à Inquisição.

Destacam-se, nesse ponto da narrativa, também, as origens de Beatriz. Relata-se que esta foi criada por um tio distante, Rodrigo Enríquez de Harana, tendo seus pais, Pedro de Torquemada e Ana Nuñez, morrido ainda quando era muito pequena. A narradora menciona, além disso, o fato de ter ocultado seu sobrenome paterno por causa da má fama que tomava entre conversos e judeus pelas terríveis decisões de um outro Torquemada, Dom Tomás, Grande Inquisidor de Castela, que, provavelmente, era seu parente. Ou seja, são aspectos biográficos da personagem histórica que encontram ressonância, também, nas hipóteses exploradas com certo tom de realismo pelo romancista.

Tais dados, utilizados no discurso da narradora, a fim de retratar o ambiente em que se deram os principais fatos que conduziram ao “descobrimento” da América, imprimem à obra híbrida de história e ficção um tom de autenticidade aos eventos renarrativizados no romance, relevante aspecto de mediação empregado no discurso ficcional presente na escrita de Piqueras.

Seguindo o enredo, a narradora relata que a primeira notícia obtida sobre Cristóvão foi dada por seu primo Diego, que o havia encontrado em várias ocasiões em torno das conversas que ocorriam no armazém de Leonardo Esbarroya, em Córdoba, o que demonstra que o romance segue os documentos históricos, principalmente as proposições de José De la Torre y Del Cerro (1933).

Nesses encontros, o navegante dizia ser genovês e proprietário de uma farmácia. Nesse caso, como maneja dados historicamente incertos, a voz enunciativa do discurso introduz a questão da identidade de Colombo, utilizando-se

²⁰⁵ Nossa tradução livre: participar da esperança na vitória e ocultar – no possível – diferenças que talvez pudessem ser matéria de ira.

da locução verbal “dizer chamar-se”. Esta possibilidade da origem genovesa de Colombo, expressada na voz da narradora, está baseada, como temos visto, em registros históricos de biógrafos como Jacques Heers (1992) e Salvador de Madariaga (1947).

Em decorrência das primeiras notícias trazidas por seu primo Diego, o que lhe despertou curiosidade e interesse com relação às idéias e à eloquência que diziam ter o navegante, ocorre o primeiro encontro entre Beatriz e Colombo. Ao avistá-lo de uma certa distância, a protagonista descreve suas primeiras impressões daquele que seria o homem de sua vida: “*Era hombre sagaz y con trazas de persona refinada por más que sus padres fueran, como después supe, humildes tejedores de la ciudad de Génova.*”²⁰⁶ (PIQUERAS, 2000, p. 23). Segundo o relato, o encontro ocorre em um torneio celebrado na cidade de Córdoba, em homenagem aos reis católicos que passavam por ali com sua corte itinerante.

Nesse torneio, aparece o estrangeiro cuja estampa de elegância e refinamento deflagra-se no discurso da narradora, além de seu incrível dom de se aproveitar das oportunidades, ao se sentar no banco logo abaixo das infantas para acompanhar a disputa e, logicamente, marcar seu rosto entre a corte. Dessa forma, evidencia-se, pelo jogo de imagens criadas pela narradora, a sagacidade, a astúcia e a disposição do navegante em estar sempre voltado para aqueles que poderiam apoiar-lhe na execução de seu projeto.

A partir desse dia, Beatriz e Colombo começam a se encontrar diariamente. Diego torna-se o mensageiro do casal, mesmo que não visse com bons olhos tal relacionamento. No transcorrer do relato, Colombo, afirmando estar doente, pede que Beatriz leve para ele um remédio preparado na botica de Esbarroya. Beatriz, preocupada, decide ajudá-lo, levando o preparo à pousada em que ele se encontra hospedado.

Nessa ocasião, Colombo consegue seduzi-la: “*Hizo que me entregara en el modo en que yacen los casados.*”²⁰⁷ Após alguns encontros amorosos, a personagem afirma sem remorsos ou vitimização: “*Pasaron algunos días de aquello*

²⁰⁶ Nossa tradução livre: Era homem sagaz e com traços de pessoa refinada por mais que seus pais fossem, como soube depois, humildes tecedores da cidade de Gênova.

²⁰⁷ Nossa tradução livre: Fez que me entregasse do modo como fazem os casados.

*y lejos de arrepentimiento sentí un repetido deseo de llegarme hasta su lecho.*²⁰⁸ (PIQUERAS, 2000, p. 29).

A Beatriz de Piqueras (2000), pelo relato de suas experiências, não segue os padrões de comportamento impostos às mulheres naquele período histórico. Nesse romance, o relacionamento não é, em nenhum momento, idealizado ou platônico, pelo contrário, é vivido de modo bastante intenso e carnal, o que poderia ser mal visto perante a sociedade, uma vez que não estavam necessariamente comprometidos. Apesar de aparentemente apaixonada por Colombo, tal sentimento não impede que Beatriz venha a notar, posteriormente, as falhas que o amado apresenta no decorrer da diegese.

Ao se voltar para a questão dos judeus – motivo bastante recorrente durante a narrativa –, Beatriz acentua seu temor quando Blanca, sua amiga de infância, relata o caso de uma família de sobrenome *Colom* ou *Colón*, que foi perseguida pela Inquisição em Valência, acusada de judaizar mesmo sendo conversa e tendo afirmado publicamente ser devota da fé cristã, deixando em alarme a protagonista. Como vemos, essas digressões servem para recriar a atmosfera tensa e problemática na qual se deram os importantes acontecimentos que, em consequência, coincidiram com a “descoberta” do “Novo Mundo”, além de evocarem, desse mesmo modo, a ascendência judaica do navegante.

É necessário assinalar, também, que tal informação comentada pela narradora está devidamente fundada nos estudos de Madariaga (1947, p. 249-250), que afirma que, mesmo as mudanças de nome de Colombo (Colombo, Colom, Colón, Colomo), explicam-se pelo fato de considerar perigoso chamar-se *Colón*, nos reinos de Fernando e Isabel, posto que a Inquisição de Valência, em 1461, e a de Castela, em 1489, condenaram conversos judaizantes que se chamavam Colom.

Madariaga (1947, p. 250) também afirma a possibilidade de que os reis conheçam a ascendência judaica de Cristóvão Colombo, mas que jamais mencionaram sua nacionalidade apesar do número relativamente alto de documentos oficiais e de cartas assinados ou autorizados por eles para ou sobre

²⁰⁸ Nossa tradução livre: Alguns dias se passaram e, longe de me arrepender, senti um desejo repetido de ir para sua cama.

Colombo. Por outro lado, isso mostra, mais uma vez, que Piqueras (2000) mantém-se atento aos detalhes das fontes por ele consultadas.

Ainda sobre a atuação da Inquisição da Espanha, Colombo diz-se inquieto com algumas coisas que estavam ocorrendo, porém, a imagem que se transmite é a de um homem consciente desse momento histórico, lúcido acerca de suas origens, causas e consequências, mas que não se alarma. Isso se evidencia no discurso do marinheiro ao buscar tranquilizar sua já amante Beatriz:

– *No temas y observa en silencio. Piensa que esta nación está mudando por dentro y que lo hace muy rápidamente. Piensa que lo que está ocurriendo aquí no es muy distinto a lo que sucede en Francia o en Inglaterra. Los cambios parecen duros. Bueno... son duros y también lo son sus consecuencias inmediatas. Toda Europa busca una pureza de sangre, de raza, de religión, y si me apuras, los rigores de la reina castellana son tenidos por suaves en París, Burdeos, Venecia o en Rotterdam, donde tan a gala tienen estar libres de judíos y musulmanes.*²⁰⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 38).

Embora se efetivem, no discurso romanesco de Piqueras, menções às ações drásticas da Inquisição espanhola da época, o relato ficcional não procura problematizar tal evento histórico, mas esse trecho da obra serve como elemento para se pensar na ascendência judaica das personagens. Nas palavras recordadas de Colombo por Beatriz, o discurso da narradora busca respaldo na compreensão do outro sobre os “rigores” da rainha espanhola frente à Inquisição, já que, segundo comenta Colombo, esses eram “suaves” se comparados às atitudes de outros líderes políticos da época.

Beatriz, ainda temerosa, adverte: “*Después de hablar con Blanca – continué – y de recordar el sermón de aquel cura siento miedo por ti y por mí.*”²¹⁰ (PIQUERAS, 2000, p. 38). Ao demonstrar que Beatriz está preocupada com as ações da Inquisição que poderiam voltar-se não somente a ela, mas, também, a Colombo, o

²⁰⁹ Nossa tradução livre: – Não tema e observe em silêncio. Pense que esta nação está mudando por dentro e que faz isto muito rapidamente. Pense que o que está ocorrendo aqui não é distinto do que acontece na França ou na Inglaterra. As mudanças parecem duras. Bom... São duras e também o são suas consequências imediatas. Toda a Europa busca uma pureza de sangue, de raça, de religião, e se não me lembro, os rigores da rainha castelhana são tidos por suaves em Paris, Bordéus, Veneza ou em Roterdão, onde a gala tem que estar livre de judeus e muçulmanos.

²¹⁰ Nossa tradução livre: Depois de falar com Branca – continuei – e de recordar o sermão daquele padre, sinto medo por ti e por mim.

discurso ficcional acaba, pois, confirmando a suposição histórica da ascendência judaica de ambos.

Notamos, no diálogo entre eles, que, apesar de bastante problemática a situação em que se encontra a Espanha – tomada pelas perseguições da Inquisição – ela não é a única a vivenciar esta realidade, citando-se, também, países como a França e a Inglaterra. Quanto a essa questão, o romance é bastante cauteloso ao manejar dados históricos, preferindo, como temos visto, manter-se ausente de uma posição mais radical quanto à história e aos fatos que marcaram, principalmente, a nação espanhola.

Por ser uma narrativa na qual a focalização não é poliperspectivista, pois limita-se somente à visão de Beatriz, a narradora evidencia, também, certas restrições no momento de abordar os fatos históricos, pois se pode, sob esta perspectiva, narrar apenas o que, de fato, a personagem presenciou. Assim, no relato ficcional sobre a entrevista de Colombo com os reis católicos, ocorrida historicamente na cidade de Córdoba, a protagonista narra que, avisada por seu primo, pode assistir a proposta de navegação de Colombo.

Mais uma vez, ressaltam-se as qualidades de homem determinado e firme em suas decisões, ao se descrever no relato que, em seu turno, o navegante rompeu com o protocolo ao olhar de frente e alternativamente o rei Fernando e a rainha Isabel para expor seu projeto. Suas palavras, conforme relata a narradora, foram recebidas com murmúrios, risadas e gracejos, de forma que isso levou Colombo a pensar que seu projeto não teria o desejado respaldo.

Todavia, a imagem de Dom Fernando, como um amante da navegação, da aventura, observada pelas palavras do conselheiro real – a personagem Luis de Santángel –, devolvem a Colombo a esperança, quando esse conselheiro afirma-lhe que suas ideias e sua eloquência haviam despertado o interesse do rei, garantindo-lhe, também, que intercederia por ele nesta ocasião.

Na tessitura do romance, vemos menções sempre elogiosas feitas aos nobres espanhóis e aos reis, gerando uma imagem idealizada, exaltadora e conservadora das virtudes dos mesmos, como, por exemplo, no episódio que sucede à primeira entrevista de Colombo com os monarcas.

Narra-se, assim, na sequência, que o rei, no dia seguinte, pediu um exemplar da Geografia de Ptolomeu e outros das viagens de Marco Pólo, pois “[...] *tal fue el interés que aquel encuentro había despertado en el monarca aragonés, nunca ajeno a cuantos avances se producían por cuenta de la navegación y de la observación de las estrellas que en el cielo hay.*”²¹¹ (PIQUERAS, 2000, p. 49). Em decorrência, Colombo, na narrativa, encontra-se em Alcalá de Henares, onde aguarda uma nova entrevista com os reis, dessa vez em particular, sobre seus projetos de navegação. Esses eventos, reconstituídos pelas digressões da narradora, são historicamente comprovados, e, servem, ademais, como promotores do avanço da narrativa.

Conforme podemos constatar ao longo da leitura do romance, a diegese também se organiza de acordo com as idas e vindas de Colombo a Córdoba. A crescente solidão da protagonista, decorrente das muitas viagens de Colombo, vai ser justificada pelo narrador ao ressaltar o empenho maior do navegante em seguir os reis em todas as cidades por onde passam.

De acordo com o relato, vemos que Colombo, ao retornar de uma de suas viagens com a corte espanhola, explica a Beatriz o motivo de sua ausência: “[...] *me he convertido en la sombra de los reyes. Les he seguido a todos aquellos lugares a los que con su corte fueron. [...] Durante este tiempo he sido un cortesano más y hasta he recibido pagos por cuenta de la reina [...].*”²¹² (PIQUERAS, 2000, p. 55).

Conforme enseja o relato, mesmo persistente em seu projeto, o marinheiro vê-se como um cortesão a mais dos reis, o que, em consequência, desconstrói seu caráter heróico e sua importância no processo do “descobrimento”. Na leitura do romance de Piqueras constatamos que, no processo de construção/desconstrução da história pela ficção, evidencia-se uma transferência do heroísmo maior para o Estado espanhol e seus reis, Fernando e Isabel, em detrimento do potencial heróico da personagem Colombo, alvo maior dos investimentos críticos da obra.

A propósito dessa transferência de heroísmo, em seguida, na voz da própria personagem Cristóvão Colombo temos a imagem enaltecida dos reis e suas

²¹¹ Nossa tradução livre: [...] tal foi o interesse que aquele encontro havia despertado no monarca aragonês, nunca estranho aos muitos avanços que se produziam por conta da navegação e da observação das estrelas que existem no céu.

²¹² Nossa tradução livre: [...] me converti na sombra dos reis. Segui eles por todos os lugares aos quais com sua corte foram. [...] Durante este tempo fui um cortesão a mais e até recebi pagamentos por conta da rainha [...].

atitudes frente aos planos de navegação. Segundo a personagem, o rei Fernando é um bom soberano, homem guerreiro, de bons gostos, forte e, sobretudo, culto. No diálogo estabelecido entre Colombo e Beatriz, inclusive, o navegador menciona o rei como um bom aliado seu: “*Creo que puede ser un buen aliado como también puede serlo la reina.*”²¹³ (PIQUERAS, 2000, p. 56).

Entretanto, esta visão de mútua admiração que se apresenta na obra de Piqueras faz-se totalmente adversa ao que registra, por exemplo, Alcebiades Delamare (1936, p. 73), quando menciona que: “[...] o próprio rei Fernando de Aragão não o tolerava. Isabel, a Católica, fascinada pelos seus planos, é que em parte amainava a oposição passiva do rei e a antipatia secreta da Corte aos projetos do estrangeiro”. Ao tratar das relações entre o rei e Colombo, fica nítido o discurso edificante quanto à figura dos reis, pois, como vemos nos registros históricos, esta não se constituiu desse modo.

Além da alusão elogiosa a traços do caráter do rei, ressalta-se, na sequência, a integridade moral da rainha. A curiosidade expressa por Beatriz em saber como são os reis, nesse ponto da narrativa, permite que o navegante teça novos comentários exaltadores. Como podemos averiguar na passagem exposta a seguir, destaca-se, no relato de Colombo a Beatriz, a posição da rainha como representante de Estado frente a um projeto e não a de uma mulher frente a um homem: “*Doña Isabel es... la reina. No la miro pensando que hembra fuera. [...] Como mujer es un ser lejano para mi; como reina, en cambio, es más cercana de lo que nadie pueda imaginar.*”²¹⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 56).

Somada a esta visão, cria-se a imagem de mulher perfeita, de expressão santa e de atitudes devotas à fé católica – valores que, para a época, eram fundamentais e se ancoram na perspectiva defendida por Fernández Álvarez (2002), a respeito da mulher pertencente à corte, extremamente idealizada, que representa a perfeição em suas qualidades morais e físicas.

Contudo, ao tratar do relacionamento entre a soberana e o marinheiro, registra Wassermann (1930, p. 43 - 44) que “[...] *en casi todas las cartas de Colón a*

²¹³ Nossa tradução livre: Creio que pode ser um bom aliado como também pode ser a rainha.

²¹⁴ Nossa tradução livre: Dona Isabel é... a rainha. Não a vejo como mulher. [...] Como mulher é um ser distante para mim; como rainha, no entanto, é mais próxima do que alguém possa imaginar.

*la reina vibra a escondidas un tono de emoción que va dedicado más a la mujer que a la princesa*²¹⁵, o que desmistifica os contornos cristalizados da rainha defendidos pelo romance de Piqueras que, em oposição a várias outras produções ficcionais que o antecederam, entre eles o romance *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier e o conto escrito por Salman Rushdie, em sua obra *East. West.* (1994), intitulado “*Cristóvão Colombo e rainha Isabel de Espanha consumam seu relacionamento*”, que supõem, inclusive, relações amorosas entre a soberana e o marinheiro.

Embora o relato de Pedro Piqueras volte-se às vivências de uma personagem histórica relegada às margens dos registros oficiais, estabelecendo sua filiação às escritas críticas ficcionais sobre o passado, não podemos deixar de identificar, no mesmo relato, também aqueles aspectos que o separam das obras críticas/desconstrucionistas do âmbito hispano-americano, pois persistem na obra momentos de exaltação às personagens históricas espanholas, como é o caso dos reis católicos. Eles, na narrativa crítica/desconstrucionista do novo romance histórico ou da metaficção historiográfica, recebem tratamentos paródicos, carnavalescos e grotescos como qualquer outra personagem da diegese. Segundo Larios (1997, p.134),

[...] *por esta “incredulidad” postmoderna la nueva novela histórica abandona los perfiles marmóreos de los héroes (Simón Bolívar), [...] las desavenencias de los descubridores (Cristóbal Colón, Hernando de Magallanes), la intocabilidad de los reyes (Isabel la católica, Felipe II) [...].*²¹⁶

Nesse sentido, um dos elementos primordiais na constatação de que o romance de Piqueras, por vezes, corrobora o discurso historiográfico tradicional é o uso, na obra ficcional, de trechos biográficos, históricos ou de textos clássicos nas epígrafes. Assim ocorre, por exemplo, no início do quarto capítulo, “*En manos de clérigos y sabios*”²¹⁷, no qual se apresenta uma descrição enaltecida dos reis

²¹⁵ Nossa tradução livre: [...] em quase todas as cartas de Colombo para a rainha vibra à escondidas um tom de emoção que vai dedicado mais à mulher que à princesa.

²¹⁶ Nossa tradução livre: Por essa “incredulidade” pós-moderna, o novo romance histórico abandona os perfis marmóreos dos heróis (Simón Bolívar), [...], os desvios dos descobridores (Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães), a intocabilidade dos reis (Isabel, a católica, Felipe II).

²¹⁷ Nossa tradução livre: Em mãos de clérigos e sábios.

Fernando e Isabel, escrita por Hernando del Pulgar (Toledo, 1436 - [?], 1493), historiador e cronista castelhano, autor da *Crónica de los Señores Reyes Católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón* (1481-1490):

“Era esta reyna de mediana estatura, bien compuesta en la proporción de sus miembros, muy blanca é rubia, los ojos entre verdes é azules, la cara muy fermosa é alegre. Era católica é devota, facia limosnas secretas en lugares debidos. Aborrecía extrañamente sortilegios é adivinos é todas personas de semejantes artes é invenciones.” “Este rey era home de mediana estatura, bien proporcionado en sus miembros. Los ojos rientes. Era de buen entendimiento, é muy templado en su comer é beber. De su natural condición era inclinado a fazer justicia, é también era piadoso. Sus rentas gastaba en las cosas de la guerra y estaba en continas necesidades. Amaba mucho a la reyna, su muger, pero dábase a otras mugeres.” Hernando del Pulgar.²¹⁸ (PIQUERAS, 2000, p. 50).

A epígrafe explorada pelo autor, como vemos nas análises anteriores, não suscita uma reflexão crítica no interior do texto, pelo contrário, efetiva o que Fernández Prieto (2003, p. 175) afirma ao dizer que “[...] *no es infrecuente encontrar en novelas históricas contemporáneas epígrafes que anuncian aspectos temáticos o señalan algunas claves de lectura*²¹⁹”. Sendo assim, as descrições históricas selecionadas pelo romancista apontam para uma organização dos acontecimentos e a configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa, principalmente dos reis católicos, induzindo o leitor a nelas encontrar uma chave de leitura que remete à própria construção enaltecida dessas personagens.

As epígrafes encontram ressonância na construção diegética de tal modo que, no discurso proferido pela personagem Cristóvão Colombo, mantém-se os mesmos traços físicos e morais da rainha de Castela: *“Es muy blanca y rubia. Y sus ojos claros, no muy grandes, resultan alegres por más que no sea mujer dada a*

²¹⁸ Nossa tradução livre: Era esta rainha de estatura mediana, bem composta na proporção de seus membros, muito branca e loira, os olhos entre verdes e azuis, o rosto muito bonito e alegre. Era católica e devota, dava esmolas secretas em lugares devidos. Se aborrecia com sortilégios e adivinhos e todas as pessoas de semelhantes artes e invenções. Este rei era de estatura mediana, bem proporcional em seus membros. Os olhos risonhos. Era de bom entendimento e muito moderado em seu comer e beber. De sua condição natural era inclinado a fazer justiça, e também era piedoso. Gastava suas rendas nas coisas da guerra e estava em constante necessidade. Amava muito a rainha, sua mulher, mas foi dado a outras mulheres.

²¹⁹ Nossa tradução livre: [...] não é infrequente encontrar em romances históricos contemporâneos epígrafes que anunciam aspectos temáticos ou assinalam algumas chaves de leitura.

*esparcimientos. Es muy devota, persona de misa diaria y de largas pláticas con sus confesores.*²²⁰ (PIQUERAS, 2000, p. 56). O discurso paratextual elogioso e mitificador dos reis católicos presentes nas epígrafes da obra de Piqueras é, asism, incorporado à tessitura ficcional de forma evidente como se pode observar no fragmento citado.

Genette (2009) explica as diversas funções que podem cumprir as epígrafes num texto, ressaltando que “a presença ou a ausência de epígrafe assinala por si só, afora pequena margem de erro, a época, o gênero ou a tendência de um escrito.” (GENETTE, 2009, p. 144). A epígrafe, esclarece, é uma breve citação que se coloca em destaque, frequentemente, no início da obra ou em parte dela. Para tanto, utiliza a metonímia do “exergo” para a epígrafe, isto é, a compreensão de que a citação se localiza na borda do texto.

Ao detalhar a trajetória histórica do uso das epígrafes, o crítico recorda que essa prática tem início na França, no século XVIII, e se torna muito popular através do romance gótico. Walter Scott, um dos autores citados como exemplo, imita o costume da narrativa gótica inglesa, ao citar, em algumas de suas obras de maior repercussão, como em *Ivanhoé* (1819), fragmentos em prosa ou em verso atribuídos a autores conhecidos (Homero, Shakespeare, Warton, entre outros).

Esses fragmentos são colocados no começo de cada capítulo, sem que se estabeleça relação com o seu conteúdo. No caso dos romances históricos, tanto Scott quanto seus seguidores usavam as epígrafes com a pretensão de “[...] *marcar sus lazos con la tradición de la narrativa épica antigua y de los romances de caballerías, con las leyendas y los cuentos de transmisión oral, y con las preferencias narrativas románticas.*”²²¹ (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 174).

Na obra de Piqueras (2000), os dados históricos citados no início de cada capítulo pelas epígrafes são, proporcionalmente, inseridos na diegese, mantendo, nela, em certos momentos do relato, a intenção de “ensinar” a história tradicional aos leitores e de promover a exaltação tendenciosa daquelas “personagens

²²⁰ Nossa tradução livre: Ela é muito branca e loira. E seus olhos claros, não muito grandes, são alegres, embora ela não seja uma mulher dada ao entretenimento. É muito devota, pessoa de missa diária e de longas conversas com seus confesores.

²²¹ Nossa tradução livre: [...] marcar seus laços com a tradição da narrativa épica antiga e dos romances de cavalaria, com as lendas e os contos de transmissão oral, e com preferências narrativas românticas.

admiráveis”, bem como das ações por elas efetuadas, que sua carga histórica tradicional deixa transparecer. Só não podemos considerar esse romance um exemplo da modalidade tradicional do gênero²²², pois a obra apresenta algumas inovações quanto às marcas subjetivas introjetadas por um discurso “ex-cêntrico” (HUTCHEON, 1991), ao valer-se de uma perspectiva feminina da história, o que a diferencia da escrita canônica tradicional. Vemos essa vertente crítica da obra como uma diferença operada pelos mecanismos de mediação, seguramente usados de forma inconsciente pelo autor, sistematizados, teoricamente, por Fleck em 2017.

Nesse processo, verificamos que, desde a perspectiva do colonizador, muitas vezes, torna-se difícil, até mesmo impraticável, desmistificar os consagrados “heróis” nacionais. A respeito da escrita tradicional de romances históricos, podemos recobrar as considerações de Milton (1992) sobre os procedimentos adotados pela grande maioria dos romancistas espanhóis em relação à “Poética do ‘descobrimento’”:

Neles, a história ocupa o primeiro plano, enquanto os componentes ficcionais servem como substrato que deflagra a reconstituição da verdade dos acontecimentos. Eles vão ao encontro, sem desvios, dos dados fornecidos pela historiografia, o que lhes permite não apenas falar da história com intenção de veracidade, mas ocupar o lugar reservado ao discurso histórico e defender, desde esse posto que lhes é alheio, teses que, amparadas em severas pesquisas, são consideradas expressão da realidade dos fatos. (MILTON, 1992, p. 184).

Ao analisar os romances espanhóis *En busca del Gran Kan* (1958), de Vicente Blasco Ibañez, e *No serán las Indias* (1988), de Luisa López Vergara, Milton (1992) aponta para a prática exaltadora nos discursos ficcionais referentes ao “descobrimento” na literatura espanhola, numa nítida filiação à modalidade tradicional do romance histórico, até fins do século XX.

Já a obra *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, apesar de cultivar imagens heroicas consagradas pelo discurso histórico oficial, estabelece vínculos com os pressupostos do romance histórico contemporâneo de mediação,

²²² O romance de Piqueras foi lido por Fleck (2004) como parte do *corpus* de análise de sua dissertação, defendida na UNESP/Assis-SP, e, naquele momento, foi considerado, justamente pelos aspectos que acima expusemos, como pertencente às vertentes tradicionais do gênero frente a outras produções romanescas da “Poética do ‘descobrimento’” inseridas no contexto de escrita híbrida de história e ficção do início do século XXI no âmbito da literatura hispano-americana.

pois apresenta matizes históricas mais voltadas a evidenciar as vivências de personagens não sacralizadas pelo discurso historiográfico tradicional. Entretanto, a criticidade presente na obra espanhola em análise é muito menos acentuada que nas obras críticas/desconstrucionistas da temática produzidas no contexto hispano-americano. É fácil detectar pela leitura cuidadosa da obra que as críticas são unilaterais, direcionadas eminentemente à figura de Cristóvão Colombo e, por outro, é nítida a preservação das imagens exaltadoras e mitificadoras dos monarcas e representantes do poder registradas nos escritos da época reconstruída.

Diante dessa dicotomia, em que arte romanesca da “Poética do ‘descobrimento’” mescla visões enaltecedoras a outras que visam a humanizar as personagens históricas heroizadas, promove-se uma nova forma de encarar e compreender o passado. Assim, a literatura consegue, como menciona Fleck (2005, p. 283),

[...] mostrar imagens dissimuladas de uma alteridade artisticamente composta nas visões oblíquas destes homens que carregam consigo estigmas de um passado que não elegeram para si, pois são, como nós, apenas consequências, ou vítimas, de tal evento. A ficção serve novamente para que o homem, além de se expressar livre de qualquer restrição, possa expor feridas ainda abertas nas consciências daqueles que buscam sua identidade. Feridas causadas, quiçá, pela ignorância de desconhecer o metal que fere, ou talvez pela vontade de impor uma visão ou crença, mas que, abertas, expostas, buscam uma cicatrização lenta, garantindo-lhes um futuro menos doloroso.

Por meio da reconfiguração ficcional de Beatriz Enríquez de Harana, é possível rever as relações de poder e “verdade” nos registros históricos, uma vez que, neles, privilegiava-se tão somente as ações masculinas, ou seja, os cenários públicos, políticos e de guerra. Ao optar por essa via – essa perspectiva e voz enunciativa –, o autor promove certa leitura crítica do passado ao deixar transparecer as feridas de uma mulher que foi visivelmente negligenciada social e historicamente.

Dando sequência à análise da obra, notamos que o relato aborda um novo encontro entre as personagens Beatriz e Blanca, no capítulo “*Clavada en mi*

*corazón*²²³, o qual proporciona à narradora retomar as questões judaicas na diegese e, principalmente, as atrocidades causadas pela Inquisição no século XV. Além disso, temos a descrição de como a Inquisição atuava em seus interrogatórios e quais eram suas técnicas para conseguir que os acusados confessassem judaizar, mesmo sem serem realmente culpados:

*Primero los abofeteaban para que reconocieran leer la Biblia de los judíos y pretender devolver a la herejía a muchos de los que la habían abandonado. Después, y en caso de no conseguir la deseada confesión, los colocaban en tornos que estiraban el cuello y los nervios y músculos a los que se atan los huesos de nuestro cuerpo.*²²⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 66).

Nessas passagens, vemos o teor crítico da obra que, contudo, deixa ao leitor a maior responsabilidade de se perguntar sobre os motivos ou as justificativas para tais atos, eximindo-se disso o discurso ficcional. Desse modo, a visão da narradora fica circunscrita aos fatos que sua amiga vivencia e aos medos que isso lhe incute, sem que se busque discutir criticamente as causas e consequências dos atos narrados ou de se posicionar ideologicamente frente às ações conjuntas da igreja e do Estado espanhol à época.

Passadas umas semanas desse encontro, a narradora relata que soube pela esposa de um agente do Santo Ofício que o irmão de Blanca não seria submetido ao auto de fé, mas que seria vigiado constantemente para se notar se ele ou a família eram ou não judaizantes.

As ações dos reis católicos – apoiadores incondicionais da Inquisição que, por sua vez, dava-lhes o aval da soberania deles sobre os territórios unificados após a expulsão dos últimos mouros da Península Ibérica, com a tomada de Granada, em 1492 –, a princípio, não são questionadas. O que se observa, no entanto, é uma tentativa de conquista do aval da verossimilhança na reconstrução do contexto histórico vivido pela personagem, uma característica recorrente da modalidade de

²²³ Nossa tradução livre: Cravada em meu coração.

²²⁴ Nossa tradução livre: Primeiro os esbofeteavam para que reconhecessem ler a Bíblia dos judeus e pretender devolver a heresia a muitos dos que a haviam abandonado. Depois, e em caso de não conseguir a desejada confissão, os colocavam em máquinas de tortura que esticavam o pescoço e os nervos e músculos que atam os ossos de nosso corpo.

romance histórico contemporâneo de mediação, atrelada, ainda, às premissas da fase tradicional da escrita híbrida de história e ficção.

Entretanto, ficam nítidas na diegese as atrocidades cometidas pela Igreja Católica e pelos reis espanhóis, mesmo que indiretamente. Tais relatos, por sua vez, constituem as experiências e os anseios da protagonista, que se mostra constantemente temerosa, não apenas pelo futuro da amiga e de seus familiares, mas pelo seu e o do próprio Colombo.

Somente no capítulo seis, no entanto, que o relato distancia-se um pouco do cerco histórico, ao narrar fatos não mencionados pela historiografia, mas plausíveis, acerca do cotidiano das personagens, ou mesmo na recriação do ambiente da época. Nesse capítulo, a protagonista, em sua manifestação discursiva, trata de explicar como entrou na vida adulta e como estava sendo explorada e deixada de lado por Colombo, justo no momento mais difícil de sua vida:

*Yo sí hecho de menos al navegante mientras pienso en esta relación que se hace más intensa de mi parte sin que vea, de la suya, otro interés que el de buscar placer o el de encontrar consuelo y afecto cuando, abatido, vuelve con un fracaso a la espalda. [...] Más que nunca antes he tenido el presentimiento de estar embarazada y sola.*²²⁵ (PIQUERAS, 2000, p. 73-74).

A personagem relata que, ainda morando na casa de seus tios e se encontrando com Colombo na pousada onde se hospedava em Córdoba, comentou com os seus familiares sobre o seu relacionamento com o navegante. Tal decisão não repercutiu de forma muito positiva, de tal modo que seus tios acharam mais conveniente que ela saísse daquela casa, o que a personagem acatou, como era de se esperar.

Assim, o romance retrata a condição marginalizada que passou a vivenciar a personagem, sem dote e expulsa de casa, visto que ela não fugia aos valores e costumes vigentes da época. A esse respeito, Fernández Álvarez (2002, p. 161-162)

²²⁵ Nossa tradução livre: Eu realmente sinto saudades do navegante enquanto penso nessa relação que se faz mais intensa de minha parte sem que veja, da sua, outro interesse que o de buscar prazer ou o de encontrar consolo e afeto quando, abatido, volta com um fracasso nas costas. [...] Mais que nunca tive o pressentimento de estar grávida e sozinha.

menciona qual era a visão dos moralistas: “*El honor familiar descansa en la pureza de la mujer.*”²²⁶

Retoma-se, nesse mesmo capítulo, a questão da vida dos judeus na Espanha de 1492. Isso se dá pela descrição da matança do porco. De acordo com a narradora, essa celebração era realizada, antes, somente no entorno da família, mas que, com tantos judeus conversos, tornou-se praticamente uma tradição e uma festa para os amigos e para toda a vizinhança. Trata-se, conforme explicita, “[...] *de que muchos vean y sean testigos de cómo los cristianos nuevos comen aquello que las leyes judaicas tenían por norma prohibido.*”²²⁷ (PIQUERAS, 2000, p. 81).

Sobre essa nova tradição, também, a personagem chega a declarar, com certo tom de ironia, sua posição crítica em relação às atitudes da rainha: “*Los pobres cerdos son, al fin, de esa manera, las víctimas por la conversión que tanto desea nuestra buena reina doña Isabel.*”²²⁸ (PIQUERAS, 2000, p.81). São os porcos, como podemos depreender do discurso da narrativa, quem pagam a pena pelo desejo da “boa” rainha Isabel. Beatriz, como personagem ressignificada pela ficção, demonstra, mais uma vez, ter consciência de estar inserida em um contexto social extremamente hostil.

Na sequência do relato, com a menção de um novo retorno de Colombo a Córdoba, a narrativa pode se ocupar mais uma vez de assuntos pertinentes à história. Desse modo, relata-se que Beatriz vê Colombo, depois de vários meses em que esteve perseguindo a corte por outras terras, dubitativo e nervoso. O motivo de tamanha inquietação se dá pela chegada de uma carta do rei João de Portugal, com a finalidade de retomar as conversações sobre seu projeto.

Em relação a essa carta, fica nítido que a inserção de alguns trechos desse documento na obra – feita em português da época e logo traduzida para o espanhol – busca dar o respaldo da autenticidade, da veracidade do discurso histórico ao relato ficcional. O narrador ressalta, também, que Colombo não tinha a intenção de ver novamente o rei de Portugal, pois não confiava nele.

²²⁶ Nossa tradução livre: A honra familiar descansa na pureza da mulher.

²²⁷ Nossa tradução livre: de que muitos vejam e sejam testemunhas de como os cristãos novos comem aquele que as leis judaicas tinham proibido por lei.

²²⁸ Nossa tradução livre: Os pobres porcos são, ao fim, dessa maneira, as vítimas pela conversão que tanto deseja nossa boa rainha dona Isabel.

Revela a personagem que, tendo exposto seus planos e confiado alguns de seus segredos de navegação ao rei, soube que esse havia enviado caravelas para chegar ao ocidente sem que ele soubesse e que eles voltaram, como soube depois, “[...] *muertos de miedo para confirmar al rey lo que él deseaba escuchar: que nada había al occidente de Lisboa y que yo era sino un iluso visionário, un loco.*”²²⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 92). Segundo o narrador, esse foi o motivo de sua vinda à Espanha –, hipóteses mencionadas, também, nos estudos do biógrafo Jacob Wassermann (1930, p. 38):

Uma tradição duvidosa nos informa que El-rey Dom João tripulou, às escondidas, um navio e o mandou provido com os planos e mapas do genovez, sob pretexto de levar provisões às ilhas do Cabo Verde, a uma viagem de descobertas. Mas os navegantes voltaram, sem ter alcançado coisa alguma, afirmando que os tufões no mar agitadíssimo formavam barreiras intransitáveis. Este procedimento desleal por parte da côrte portugueza sensibilizou Colombo fazendo-o abandonar Portugal e dirigir-se á Hespanha.

Diante disso, Colombo tranquiliza Beatriz quanto à alusão que a carta faz a problemas de justiça que teria em Portugal: “– *No te preocupes – dijo –, no he huido de la justicia, sino de la injusticia.*”²³⁰ (PIQUERAS, 2000, p. 87). Beatriz interessa-se pelo conteúdo da carta e começa a fazer inúmeras perguntas ao navegante, que não reage bem à sua intromissão. Então, a voz da narrativa autoreferencial reflete criticamente sobre a atitude do marinheiro: “*Estoy segura de que él habría preferido que callara y que simplemente escuchara con atención y con los ojos abiertos de par en par.*”²³¹ (PIQUERAS, 2000, p. 89). A personagem, nesse caso, pela linguagem metaficcional que emprega, sobressai-se ao papel de mulher silenciada em virtude do patriarcalismo, uma vez que à mulher, ainda mais à época de Beatriz, cabia apenas o silenciamento e o subjugamento social (PERROT, 2005).

Explica Colombo a Beatriz, em seguida, que seus negócios de navegações estavam embasados não só em relatos de marinheiros portugueses, mas em suas

²²⁹ Nossa tradução livre: [...] mortos de medo para confirmar ao rei o que ele desejava escutar: que nada havia ao ocidente de Lisboa e que eu era senão um iludido visionário, um louco.

²³⁰ Nossa tradução livre: – Não te preocupes – disse –, não fugi da justiça, e sim da injustiça.

²³¹ Nossa tradução livre: Estou certa de que ele preferiria que me calasse e que simplesmente escutasse com atenção e com os olhos abertos de par em par...

próprias descobertas nas praias de Porto Santo, de pedaços de madeira lavrada que eram, em absoluto, arte de outras culturas.

Relata-se que, com esses dados e os de Geografia de Ptolomeu, Colombo havia desenhado um mapa com os limites e as distâncias precisas do mundo. Desse modo, afirma-se a existência dos documentos de navegação de Colombo supostamente roubados em Portugal, razão pela qual poderia ser condenado. A respeito desse fato mencionado no romance de Piqueras (2000), Madariaga (1947, p. 334) aponta que Colombo havia fugido de Portugal “[...] *porque el rey Don Juan no había querido escucharle, y se había llevado copia de los documentos de Toscanelli, que para la Corona portuguesa eran estrictamente secretos*.²³²”. A narradora reafirma, assim, sua posição de não alterar os dados e hipóteses mencionados pela história que lhe fora relatada por Colombo.

Na sequência, descreve-se o nascimento de Fernando Colombo. Nesse ponto da narrativa, temos uma Beatriz que não se sente exultante ou realizada com a maternidade, ao invés disso, sente o evento como um fardo, contrariando a ideologia patriarcal dominante de que a mulher somente se completa ao se tornar mãe. Nesse sentido, o autor busca seguir uma tendência contemporânea e pós-moderna de autoria feminina ao desestabilizar a legitimidade da representação ideológica e tradicional da mulher na literatura canônica. Como bem aponta Zolin (2009, p. 106), “a noção de representação, nesse sentido, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais.” Sendo assim, Fernando, de acordo com a narradora, parece estar doente, ou ainda, não gostar de estar próximo da mãe:

El niño llora sin parar. Dice mi tía que es signo de buena salud. Lo mismo cree Ana, nuestra buena vecina, que desde ahora pasará mucho tiempo en casa para ayudarme en la cría del pequeño. A veces tanto llanto se me hace insoportable y pienso si no estaremos desoyendo un quejido por enfermedad o dolor como tal vez quiera, en ese modo, comunicarnos. Tal vez sean temores de primeriza, como dicen, pero me intranquiliza que solo deje de gritar cuando alguien lo sostiene en brazos... Lo mecen andando y se duerme,

²³² Nossa tradução livre: [...] porque o rei Dom João não quis escutá-lo, e levou cópia dos documentos de Toscanelli, que, para a Coroa portuguesa, eram estritamente secretos.

*pero cuando lo tienden a mi lado, sobre la cama, vuelve con más fuerza que antes a sus llantos y gemidos. Creo que voy a terminar con los nervios destrozados si la criatura sigue sin dejarme dormir, como por el momento hace.*²³³ (PIQUERAS, 2000, p. 96).

Por sua vez, contrariando a figuração de Beatriz como uma mãe atormentada e nervosa, narram-se os muitos cuidados que o navegante demonstrava por ela e pelo filho, cultivando a conhecida imagem de bom pai, extremamente zeloso, tanto que o vemos louvado na voz enunciadora: “[...] *tenía el navegante un sentimiento paternal más allá de lo que era costumbre entre los castellanos.*”²³⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 99).

Nesse sentido, o romance busca retratar as imagens já consagradas das personagens, selecionando, principalmente, aquelas que as edificam para, mais uma vez, avalizá-las. Esse jogo de exaltação e desconstrução da personagem de Colombo, é permanente ao longo da narrativa. O discurso oscila, assim, entre a tradição e a renovação, o que pode ser compreendido como uma estratégia característica do discurso literário nos romances da nova tendência mediadora entre a tradicional e o desconstrucionismo (FLECK, 2017).

Cabe ressaltar, além disso, que Colombo escolhe o nome do filho em homenagem ao rei: “*Hernando, como el rey.*”²³⁵ (PIQUERAS, 2000, p. 97). Ao relatar o batizado cristão de Fernando, o discurso narrativo demonstra mais uma vez a admiração pelos reis espanhóis. Entretanto, o entusiasmo emitido pela protagonista com relação ao pai de seu filho logo se esvaece, e ela, que já sonhava com uma família unida e aos moldes da época, recorda-se da posição em que se encontra na vida do navegante: “*Primero su aventura, después sus hijos y sus hermanos y*

²³³ Nossa tradução livre: A criança chora sem parar. Minha tia diz que é um sinal de boa saúde. O mesmo acredita Ana, nossa boa vizinha, que a partir de agora vai ficar muito tempo em casa para me ajudar a criar o pequeno. Às vezes, tanto choro me parece insuportável e penso se não estamos ignorando uma reclamação de doença ou dor como talvez queira, desse modo, nos comunicar. Talvez sejam medos de mãe de primeira viagem, como dizem, mas me incomoda que ele só pare de gritar quando alguém o segura nos braços ... Balançam-no enquanto caminha e ele adormece, mas quando se deitam ao meu lado, na cama, ele volta mais forte do que antes aos seus gritos e gemidos. Acho que vou acabar com os nervos em frangalhos se a criatura ainda não me deixar dormir, como faz no momento.

²³⁴ Nossa tradução livre: [...] tinha o navegante um sentimento paternal mais além do que era costume entre os castelhanos.

²³⁵ Nossa tradução livre: Fernando, como o rei.

*seguidamente los reyes y quienes ayuda pudieran prestarle. Y más atrás, yo misma.*²³⁶ (PIQUERAS, 2000, p. 101).

Com a rendição de Granada e, conseqüentemente, com a viagem de Colombo às Índias, a narrativa prossegue, destacando o obscurecimento de Beatriz. É nessa parte da diegese que a personagem demonstra seu sentimento de abandono e de profunda tristeza perante as atitudes de Colombo: “*Nunca antes había experimentado esta sensación de abandono, de dramático apartamiento, de ausencia.*”²³⁷ (PIQUERAS, 2000, p. 116).

Diante da ameaça da viagem de Colombo separá-los de uma vez por todas, vemos que os ânimos de Beatriz somente se renovam quando este lhe pede para cuidar de seu filho mais velho, Diego Colombo, durante a viagem. Vale ressaltar que o marinheiro preocupa-se em deixar os irmãos juntos por considerar boa essa aproximação dos seus filhos, e não, exatamente, por considerar a protagonista importante em sua vida.

Esperançosa, a protagonista, novamente, vislumbra a possibilidade de que Colombo viesse a se casar com ela na volta de sua longa viagem, revelando, assim, uma visão idealizada ao ansear por um futuro feliz ao lado do homem que ama, mas que não corresponde às suas expectativas. Contudo, quando Cristóvão Colombo regressa de sua viagem, a realidade é outra.

Como em todos os momentos que evocam feitos históricos, a narradora é fiel no modo como descreve o retorno do navegante. Quando chega, enfim, a notícia do regresso de Colombo, divulgada em toda a Europa pela impressão da carta que ele escreveu aos reis católicos ainda em Lisboa, a Espanha toda louva e presta homenagens ao marinheiro. Missas são realizadas em todas as partes e, com toda a celebridade, é anunciada a novidade do “descobrimento” de terras ao oeste, por Cristóvão Colombo.

Passadas algumas semanas do alvoroço causado pela notícia do regresso do marinheiro, chega, por fim, uma carta de Colombo a Beatriz, escrita com frieza, conforme relata a narradora: “*Carta bien breve con petición de excusas y ni una sola*

²³⁶ Nossa tradução livre: Primeiro sua aventura, depois seus filhos e seus irmãos e seguidamente os reis e quem ajuda pudesse prestá-lo. E mais atrás, eu mesma.

²³⁷ Nossa tradução livre: Nunca antes experimentei esta sensação de abandono, de dramático afastamento, de solidão.

*muestra de afecto hacia mí.*²³⁸ (PIQUERAS, 2000, p. 156). Beatriz depara-se com um homem que já não é o mesmo que conheceu, uma experiência sintetizada no modo como Colombo assina a mensagem: “[...] *con esas siglas y ese nombre en latín, que no habría reconocido a quien la envió de no ser porque era suya la mano que la pluma empujaba y que sus letras me eran de tiempos antes conocidas.*”²³⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 156).

Diante da indiferença expressa por Colombo, sua confiança em constituir uma família cai por terra e, por conseguinte, podemos notar uma visão não tão adornada e engrandecida do navegante, que nos é apresentada, no momento de desilusão, com tom de revolta:

*Creo que se aclara mi papel. Los murmuradores tendrán razón al final y Cristóbal, el navegante, me habrá convertido en su ramera abandonada. [...] Merece el fuego del infierno ese hereje egoísta, este embustero que siempre obró para sí y que jugó con quien le dio su amor y que ahora, desesperada, ve cómo él se aleja quizá entre brazos más nobles, pero menos dulces, menos tiernos para consigo que los míos.*²⁴⁰ (PIQUERAS, 2000, p. 156).

No avanço da narrativa, a narradora descreve uma curta visita de Colombo à sua família. Ao vê-lo chegar, a personagem repara as mudanças decorrentes de sua grandiosa “façanha”, como a esplendorosa riqueza de vestimenta e a compostura refinada que aportava agora como um dos mais altos nobres: “*Venía ricamente vestido, con jubón de seda y calzas de lana clara. [...] Era otro en la vestimenta y en el gesto.*”²⁴¹ (PIQUERAS, 2000, p. 159).

A protagonista demonstra compreender, assim, os motivos pelos quais possa

²³⁸ Nossa tradução livre: Carta breve, com pedido de desculpas e nem uma só amostra de afeto para comigo.

²³⁹ Nossa tradução livre: [...] com essas siglas e esse nome em latim, que não reconheceria a quem a enviou a não ser porque era sua a mão que movia a pluma e que conhecia suas letras há muito tempo.

²⁴⁰ Nossa tradução livre: Creio que ficou claro o meu papel. Os murmuradores terão razão por fim e Cristóvão, o navegante, converteu-me em sua rameira abandonada. [...] Merece o fogo do inferno esse hereje egoísta, este farsante que sempre agiu para si e que brincou com quem lhe deu seu amor e que agora, desesperada, vê como ele se distancia quiçá em braços mais nobres, porém menos doces, menos ternos para consigo que os meus.

²⁴¹ Nossa tradução livre: Vinha ricamente vestido, com casaco de seda e calças de lã clara. [...] Era outro na vestimenta e no gesto.

ter sido abandonada, ou seja, que os títulos de nobreza que o marinheiro adquirira tornavam sua relação inviável perante a sociedade da época, como menciona Manzano Manzano (1964).

No diálogo que se estabelece entre eles, a narradora ressalta a maneira como Colombo, impassível, agradece-lhe por ter cuidado de Diego e Fernando enquanto esteve fora: *“Ya en frente a mí, me miró a los ojos. Soltó a los niños y me dio un abrazo que hubiera querido más cálido. – Gracias, Beatriz, gracias por tus esfuerzos y por haber cuidado de los pequeños de la forma en que lo has hecho.”*²⁴² (PIQUERAS, 2000, p. 160).

Na diegese, menciona-se, também, como reagiram um frente ao outro nesse encontro após seu regresso do “Novo Mundo”, evidenciando que, agora, a relação tomava outros rumos: *“Dimos esos pasos como dos desconocidos a quienes el destino obliga a estar juntos en un determinado momento de sus vidas, sin que nada tengan en común.”*²⁴³ (PIQUERAS, 2000, p. 160).

Desse modo, constatamos que o discurso narrativo justifica as atitudes pouco louváveis de Colombo com relação à Beatriz e seus filhos, recorrendo à grandeza de seus feitos, o que podemos verificar nas palavras do navegante: *“[...] tengo órdenes precisas de los reyes para la partida. Hoy soy menos dueño de mí y de mi tiempo que cuando contigo compartía casa y lecho y los triunfos me eran aún lejanos.”*²⁴⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 163).

A protagonista, ao constatar que Colombo não pretendia instalar-se em Córdoba conforme esperava, num diálogo entre eles, pergunta-lhe se deveria ficar novamente esperando sua volta juntamente com Fernando e Diego. Nesse momento, o navegante afirma taxativamente: *“– No, mis hijos no se quedarán aquí.”*²⁴⁵ (PIQUERAS, 2000, p. 163). Beatriz não podia negar o que oferecia

²⁴² Nossa tradução livre: Já na minha frente, olhou-me nos olhos. Soltou os meninos e me deu um abraço que eu queria mais quente. – Obrigado, Beatriz, obrigado por teus esforços e por ter cuidado dos pequenos da forma como fez.

²⁴³ Nossa tradução livre: Demos esses passos como dois desconhecidos a quem o destino obriga a estar juntos num determinado momento de suas vidas, sem que nada tenham em comum.

²⁴⁴ Nossa tradução livre: [...] tenho ordens precisas dos reis para a partida. Hoje sou menos dono de mim e de meu tempo que quando compartilhava contigo casa e leito e os triunfos ainda eram distantes para mim.

²⁴⁵ Nossa tradução livre: – Não, meus filhos não ficarão aqui.

Colombo, pois Fernando passaria a viver na corte, seria instruído e educado juntamente com os filhos do rei, o que, para ele, seria muito bom. Sendo assim, assente com tal separação, enquanto ressalta, a causa do discurso convincente do navegante:

*Las palabras fluían por la boca del navegante. En Dulce encantamiento, fui llevada por la senda que marcó e incluso firmé una carta, que apenas leí, por la que declinaba en su favor los derechos de la educación del pequeño.*²⁴⁶ (PIQUERAS, 2000, p. 164).

Dessa forma, somos testemunha, mais uma vez, da eloquência e da persuasão de Colombo ao convencer as pessoas pelo uso das palavras. Assim, movendo-se sempre dentro do campo da verosimilhança, a narradora ressalta que Colombo pensava, também, em prover seu sustento:

*[...] me prometió que más adelante me haría llegar un documento para que pudiera hacer efectivos los rendimientos de los alquileres de las carnicerías de Córdoba, que la corona le traspasaba como uno de los pagos por el descubrimiento.*²⁴⁷ (PIQUERAS, 2000, p. 165).

Como o relato, no seu intento de reconstrução da época, não deixa de seguir a cronologia dos fatos históricos marcantes, registra-se, também, a morte do infante Dom Juan, sentida por todo o reino. Nesse ponto da narrativa, podemos verificar que Beatriz pensa que, estando morto aquele a quem seu filho servia, havia esperanças de recuperá-lo. Confiança vã, pois logo recebeu uma carta de um dos professores do jovem Fernando, dizendo o quanto consolo encontrava a rainha tendo Fernando como pajem próprio.

A personagem Beatriz, estando novamente desiludida, mostra-se, pela primeira vez, profundamente enraivecida em não poder rever seu filho: “– *Qué dureza en sus palabras. ¿No tengo derecho acaso a ser la madre que fui y que soy*

²⁴⁶ Nossa tradução livre: As palavras fluíam pela boca do navegante. Em doce encantamento, fui levada pela senda que marcou e inclusive assinei uma carta, que apenas li, pela qual declinava em seu favor os direitos da educação do pequeno.

²⁴⁷ Nossa tradução livre: [...] me prometeu que mais adiante me chegaria um documento para que pudesse fazer efetivos os rendimentos de Córdoba, que a coroa lhe traspassava como um dos pagamentos pelo descobrimento.

*en tanto que mi hijo vive y no es finado como el de la reina? Mi hijo vive, Ana, y a mí me impiden ser su madre.*²⁴⁸ (PIQUERAS, 2000, p. 170).

Seguindo a história de maneira linear, narra-se que Beatriz é informada da morte de Colombo por uma carta enviada por seu filho Diego, que cita o pedido que fizera seu pai de que se encarregasse dela depois de sua morte. Diante dessa notícia, a personagem confessa: *“Ni una sola lágrima escapó de mis ojos, secos de tanto sufrimiento.*²⁴⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 185).

A narrativa, em seguida, contempla fatos históricos ainda vivenciados por Beatriz, como as mortes da rainha e do rei, a guerra das Comunidades, a Revolta dos Encobertos, bem como a passagem de seu filho Fernando para os serviços de Dom Carlos e as instabilidades do reino espanhol após a morte dos reis católicos.

Por fim, surgem os problemas de saúde de Beatriz, que acaba acamada, sempre acompanhada de Ana, sua criada, passando a um estado de debilidade completa. Nesse ponto, há o retorno de Beatriz ao momento em que se encontrava no princípio da narrativa, o que demarca o último capítulo da obra: *“Adiós, Córdoba, adiós”*²⁵⁰.

De volta ao presente da narrativa, Beatriz recebe o golpe final que, como vemos, vem da Igreja pelas palavras do sacerdote confessor: *“– Debes pedir perdón por haber vivido en pecado. Por concebir un hijo sin el Santo Sacramento del matrimonio y por arrastrar en vida esa deshonra e insulto para la iglesia. Dios, que te ve en esta hora, está dispuesto a perdonarte.*²⁵¹ (PIQUERAS, 2000, p. 213).

Beatriz, diante das palavras acusadoras do sacerdote, profere: *“– No puedo, Padre. No puedo arrepentirme – acerté en decir en voz baja.*²⁵² (PIQUERAS, 2000, p. 215). Desse modo, o discurso da narrativa assume uma postura crítica perante a atitude imposta pelo sacerdote, ao se negar, diante dos ritos considerados solenes

²⁴⁸ Nossa tradução livre: – Que dureza em suas palavras. Não tenho direito acaso de ser a mãe que fui e sou, pois que meu filho está vivo e não morto como o da rainha? Meu filho está vivo, Ana, e me impedem de ser sua mãe.

²⁴⁹ Nossa tradução livre: Nenhuma só lágrima escapou de meus olhos, secos de tanto sofrimento.

²⁵⁰ Nossa tradução livre: Adeus, Córdoba, Adeus.

²⁵¹ Nossa tradução livre: – Deves pedir perdão por ter vivido em pecado. Por conceber um filho sem o Santo Sacramento do matrimônio e por arrastar na vida essa desonra e insulto para a Igreja. Deus, que te vê nesta hora, está disposto a te perdoar.

²⁵² Nossa tradução livre: – Não posso, Padre. Não posso me arrepender – acertei em dizer em voz baixa.

pela igreja católica, a os obedecer cegamente e se arrepender.

A protagonista somente consegue expressar o que sente nesse último esforço e, ao que tudo indica, não foi entendida pelo sacerdote. Na hora da morte, realiza o seu desejo expresso no início da retrospectiva, o de rever seu filho Fernando e o amor de sua vida, Cristóvão Colombo: “*No respiro. Me muero... Señor, mi Hernando. Cristóbal.*”²⁵³ (PIQUERAS, 2000, p. 218).

Em suma, *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras, busca, por meio de uma perspectiva da mulher, ou seja, utilizando-se da visão e da voz de Beatriz Enríquez de Harana – personagem excluída do espaço privilegiado da historiografia –, relatar, pelo fluxo de memória da protagonista, sua história de amor e desilusão com Cristóvão Colombo.

Ao analisar os propósitos expressos pelo discurso autoral, presentes no prólogo da obra, entendemos as atitudes da protagonista, cuja configuração vê-se atrelada ainda à importância dada aos registros históricos oficiais sobre a vida de Cristóvão Colombo e mesmo à condição sócio-histórica da mulher naquele período.

Apesar dessa submissão aos modelos exaltadores de heróis nacionais, típica do discurso ficcional espanhol sobre a temática do “descobrimento”, há na obra de Piqueras uma reordenação e seleção dos fatos por um viés de caráter pessoal e subjetivo, voltado a uma perspectiva normalmente excluída, inclusive, dessa produção narrativa: a visão feminina sobre os importantes fatos históricos que revolucionaram o mundo. Isso garante à obra uma reformulação da história, embora não haja uma crítica direta às ações do Estado espanhol – personificado na narrativa nas personagens dos reis católicos, Fernando e Isabel – e nem à Igreja como promotora das atrocidades da Inquisição.

Contudo, o ponto de vista escolhido gera imagens de Beatriz sob uma perspectiva ignorada pelo discurso oficial, e tal prerrogativa é apontada nos pressupostos da modalidade de romance histórico contemporâneo de mediação, apresentado por Fleck (2017, p. 105), ao afirmar que “[...] essa tendência mais atual efetua uma leitura crítica do passado, principalmente, pela instalação de um foco narrativo centrado em visões deliberadamente excluídas dos registros históricos hegemônicos.”

²⁵³ Nossa tradução livre: Não respiro. Estou morrendo... Senhor, meu Fernando. Cristóvão.

Dessa forma, objetivamos evidenciar em que modalidades do romance histórico estão vinculadas as obras de DuBois (1892) e Piqueras (2000), apontando seus processos de aproximação e distanciamento, visto que são duas expressões literárias separadas por mais de um século de publicação (XIX – XXI).

Em sua atitude de revisitar o passado, ambos os autores optam por dar protagonismo a quem a história hegemônica anulou. Sendo assim, parece-nos relevante entender como esses romances atuam na construção de textos que se projetam entre a tradição e a mediação no conjunto de escritas híbridas de história e ficção que se voltam à “Poética do ‘descobrimento’”.

Na sequência deste texto, buscamos tecer algumas considerações do entrecruzamento discursivo entre as obras *Columbus and Beatriz* (1892), de DuBois, e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Piqueras, a fim de estabelecer como essas obras procedem à ressignificação do passado de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura.

2.3 ENTRECruzAMENTOS DISCURSIVOS: OS CAMINHOS DA TRADIÇÃO À MEDIAÇÃO – IMAGENS RESSIGNIFICADAS DE BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA

A leitura dos romances históricos selecionados para este estudo comprova que as produções ficcionais eleitas são compatíveis com as realidades em que elas se apresentam, surgem do diálogo entre uma voz contemporânea e a voz da história oficial, pelas quais se entrecruzam o passado e o presente, possibilitando-nos renovar as imagens desse passado, numa tentativa de ressignificar o já dito.

Ao compor o *corpus* central de nossa pesquisa, as obras *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras viabilizam, por meio do trabalho comparativo, um estudo enriquecedor a respeito da configuração de uma personagem “ex-cêntrica” (HUTCHEON, 1991) do período do “descobrimento” da América. Sendo assim, a literatura comparada favorece a investigação das obras dentro do sistema de que fazem parte, pois, transpondo a abordagem tradicional das fontes e influências, podemos estabelecer um diálogo entre os romances selecionados, assegurando as

especificidades que os caracterizam com relação ao contexto histórico-cultural de onde surgiram.

Nessa linha de pensamento, concordamos com Coutinho (2008, p. 32) em relação à prática de comparar autores, atualmente, na América Latina, ao afirmar que “[...] o texto segundo não é mais o “devedor”, mas também o responsável pela revitalização do primeiro, e a relação entre ambos, em vez de unidirecional, adquire sentido de reciprocidade, tornando-se, em consequência, mais rica e dinâmica.” No campo do comparatismo latino-americano, portanto, a visão de mundo eurocêntrica é tensionada, levando em conta a heterogeneidade e a pluralidade das distintas literaturas existentes. Torna-se visível, conseqüentemente, que a literatura comparada em nosso continente busca “[...] o estabelecimento de um diálogo em pé de igualdade entre essas diversas literaturas, assegurando a transversalidade própria da disciplina.” (COUTINHO, 2008, p. 35).

Ao partirmos dessa concepção, recordamos que Beatriz Enríquez de Harana, segundo os relatos históricos já mencionados, foi uma cordobesa de origem humilde e órfã, que cresceu na casa do tio materno, onde conheceu o navegante. A jovem sabia ler e escrever, educação pouco comum às mulheres de sua época e condição. Em 1488, de sua relação com Colombo, deu à luz a Fernando, que, posteriormente, converteu-se em cosmógrafo e biógrafo de seu pai.

Em 1492, quando o navegante iniciou sua viagem, Beatriz cuidou de seu enteado Diego Colombo, filho que Cristóvão teve com sua primeira esposa, a portuguesa Felipa Moniz Perestrelo. Apesar de sua proximidade e relação, Colombo nunca se casou com Beatriz em razão dos eventos que se sucederam depois de 1492 e a diferença de classe e condição entre eles: Beatriz, uma plebeia; Colombo, recém-agraciado com título de nobreza. Em consequência, nem sequer é mencionada na biografia que Fernando, seu próprio filho, escreveu do pai.

É nesse vazio que se interpõe a ficção, em razão da ausência de referentes discursivos sobre essa personagem, que só recentemente foi recuperada com um pouco mais de ênfase pela historiografia em autores como José De la Torre y Del Cerro (1933) e Manzano Manzano (1964). A literatura, assim, encontra seu espaço de liberdade e criação, seja para certificar as imagens e interpretações já existentes, seja para confrontar discursos e realidades históricas, confirmando as palavras de

André Trouche (2006, p. 44), ao afirmar que se transfere “à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica.”

Nessa perspectiva, o romance de DuBois, *Columbus and Beatriz* (1892), inserido no final do século XIX, compatibiliza-se às escritas híbridas de história e ficção do primeiro grande grupo, em que “[...] a ficção se une à história para a exaltação do passado e dos sujeitos já consagrados pela historiografia.” (FLECK, 2017, p. 21). Porém, nele se encontram vislumbres de criticidade por buscar dar visibilidade a uma mulher ignorada pelos registros históricos tradicionais. Já o romance de Piqueras (2000), produzido já no século XXI, pertence ao segundo grupo de romances históricos, no qual as produções “[...] enfrentam-se com o discurso hegemônico da história e buscam a desconstrução da verdade única e absoluta com a qual o passado foi registrado.” (FLECK, 2017, p. 21). Essa obra, contudo, também apresenta inclinações ao tradicionalismo ao incorporar textos históricos nas epígrafes e corroborá-los, em certa medida, na tessitura do romance.

Apesar de manifestarem alguns traços em comum, os romances em questão revelam intenções distintas no tratamento dado ao material histórico e às personagens por eles reconfiguradas, bem como pelas estratégias escriturais utilizadas – por um lado, temos a obra de DuBois, como um exemplo da modalidade tradicional e, por outro, a obra de Piqueras, como representante da modalidade mediadora de romance histórico.

Como já afirmamos, elas ganham destaque no processo de reler o passado do “descobrimento” da América, porque recriam de maneira protagônica, pelo discurso romanesco, uma personagem histórica excluída dos registros oficiais, dando-lhe a presença e a importância em um domínio quase sempre reservado aos homens. Olhar, por meio da ficção, de forma crítica e reflexiva, o passado feminino, possibilita-nos compreender o presente de forma mais ampla e elucidativa, pois, conforme Michelle Perrot (2007, p. 11) afiança:

[...] toda história é história contemporânea: tem um compromisso com o presente, ou seja, interroga o passado tomando como referência questões que fazem parte de nossa vida, como a existência de desigualdades de gênero, os significados das aparências, as manifestações da sexualidade, a luta por direitos, o papel da família, do Estado e das religiões no cotidiano das pessoas, as dificuldades e possibilidades de acesso à cultura, entre outras.

Antes de introduzirmos as características fundamentais de cada uma dessas obras, suas aproximações e distanciamentos, vale ressaltar que são produtos de linguagem, construções discursivas sujeitas às condições de produção que as cerceiam. Por essa razão, é preciso enfatizar a separação histórica entre elas, um total de 108 anos, no qual a abordagem dispensada por romancistas e historiadores ao passado muito se alterou, principalmente, depois da revista francesa *Annales*, publicada no início do século XX.

Houve, nesse período, grandes mudanças no conceito de história e no modo como a ficção dela se aproxima, e a principal delas, não apenas nas diferentes correntes históricas, mas também no âmbito da criação literária, é a tendência em focalizar feitos cotidianos e personagens “comuns”, em detrimento dos grandes eventos e figuras conhecidas da história. Desse modo, para verificar a configuração de Beatriz Enríquez de Harana nas obras que constituem o *corpus* do presente estudo, é preciso alocá-las, também, dentro da trajetória do romance histórico, uma vez que, entre uma e outra produção, passamos por grandes transformações no gênero.

Para Fleck (2017), numa linha sucessiva, o romance histórico percorre três distintas fases, e cinco modalidades, entre sua aparição e o surgimento de outras variações. Na primeira fase, encontram-se as modalidades acrílicas (romance histórico clássico e romance histórico tradicional). Na segunda, as modalidades críticas/desconstrucionistas (novo romance histórico latino-americano e metaficção historiográfica). E na terceira e última fase, temos a modalidade crítica/mediadora (romance histórico contemporâneo de mediação).

Como salientamos anteriormente, essa forma de escrita configura-se como uma manifestação romanesca própria e singular a partir do romantismo; sua primeira e básica denominação se produz na Escócia, abrangendo outros territórios da Grã-Bretanha, como a Inglaterra e a Irlanda, por exemplo, pela mão do romancista Walter Scott, em 1814.

O romance histórico, em sua modalidade clássica, apresenta-se, no primeiro momento, conforme explicita Fernández Prieto (2003), como uma proposta original que revitaliza a ficção ocidental, tanto em sua forma como em sua temática,

principalmente, porque o texto adquire aspectos da vida privada das personagens, revelando seus sentimentos e seus projetos, a partir de um exercício de imaginação do autor, apoiado em extensas pesquisas que sedimentam essas elucubrações.

Contudo, não demorou para que, entre os admiradores de Scott, surgisse aqueles que buscaram inovar essa modalidade narrativa (FLECK, 2017). Na transição entre a modalidade clássica do romance histórico ao tradicional são verificáveis alterações como a exaltação da vida coletiva, mudanças na ambientação histórica da Idade Média para outros tempos passados, um discurso impregnado pela ideologia do presente, personagens históricos consagrados em primeiro plano, entre outros aspectos. Tais alterações, promovidas por conceituados escritores nas últimas décadas do século XIX, passaram por uma forte influência do período realista-naturalista, mantendo o gênero romanesco fiel à reconstrução minuciosa de uma época do passado.

Nesse contexto, insere-se a escritora estadunidense Constance Goddard DuBois (1892), a qual recria, no plano ficcional, o relacionamento entre Colombo e Beatriz, valendo-se de uma voz heterodiegética que focaliza, de forma onisciente, não apenas as ações do marinheiro genovês, mas também de sua segunda companheira, a jovem cordobesa propositalmente excluída nos registros oficiais.

Ao levar em consideração que o século XIX não ofereceu à mulher, histórica e socialmente, outro espaço que o reduzido à atenção do homem na retarguarda de sua atuação, o romance de DuBois, publicado no ano do IV centenário do “descobrimento” da América (1892), embora seja elaborado com base em um discurso aliado na exaltação do passado, torna-se um trabalho pioneiro e instigante pela força de sua audácia em construir um novo lugar para a mulher dentro do mundo masculino dominante da época.

Para compreender melhor o momento histórico-cultural em que surge a obra de DuBois (1892), podemos citar o artigo intitulado *Feminismo e literatura no final do século XIX: escritos de autoria feminina nos Estados Unidos*, no qual Priscilla Pellegrino de Oliveira (2020) comenta que a preocupação com as questões femininas começa a figurar na escrita literária estadunidense somente a partir da primeira metade do século XIX, em decorrência da Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789-1799). As sociedades

norte-americana e europeia passaram a reivindicar por mais liberdade, estimulando, indiretamente, a organização dos movimentos feministas na luta pelo sufrágio e por igualdade entre homens e mulheres, “[...] o que ecoou em romances, contos e ensaios sobre a questão do descontentamento feminino em relação à sua posição inferiorizada na sociedade da época.” (OLIVEIRA, 2020, p. 99).

Oliveira (2020) ressalta, ainda, que até o fim do século XIX, a situação das mulheres era conflitante, porque havia na sociedade ocidental a chamada “verdadeira” feminilidade, ou seja, “[...] a valorização da pureza, da fé, da domesticidade e da submissão da mulher.” (OLIVEIRA, 2020, p. 100). A vida doméstica não deveria sofrer interferência da esfera pública, bem como as mulheres tinham uma educação formal mínima ou inexistente. No que se refere à questão do estado civil, a mulher solteira tinha mais direitos que a casada, embora fosse estigmatizada como a “solteirona”. A casada, por sua vez, tinha uma média de sete filhos, aos quais ela deveria se dedicar exclusivamente. De modo geral, elas não tinham nenhuma representatividade na legislatura e nem direito ao voto. Como consequência, “[...] poucas mulheres com certo privilégio econômico, social e educacional questionavam o *status* da mulher na sociedade.” (OLIVEIRA, 2020, p. 101).

Para Showalter (2009), a década de 1850 é considerada como a década do renascimento literário e político das mulheres, por ter sido um momento de agitação e organização das mesmas. Nessa década, o gênero literário dominante nos Estados Unidos era o romance, e era ele quem, de forma mais efetiva, influenciava tanto a cultura quanto a opinião pública. Dessa forma, as romancistas tinham mais espaço e oportunidades que as poetisas, considerando que o prosaísmo do romance doméstico era muito popular na época.

Posteriormente, durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), de acordo com Oliveira (2020), outras prioridades fizeram com que a literatura e as discussões sobre o gênero escasseassem. A guerra produziu uma mudança do sentimentalismo para o realismo, deslocando os assuntos domésticos para temas mais variados sobre a sociedade, autoexpressão e engajamento político.

Com o fim da guerra, o ativismo feminino fortaleceu-se nos Estados Unidos, sobretudo na formação de associações de ajuda formadas por mulheres pela

abolição da escravatura. Outras discussões somaram-se à pauta feminina, de modo que “[...] passaram a reivindicar então o direito a uma carreira profissional, o controle sobre seu próprio corpo, melhores salários, assim como a questionar a carga de trabalho doméstico.” (OLIVEIRA, 2020, p. 104). Por conseguinte, o romance passa a funcionar como uma manifestação de várias questões feministas, expressas, a princípio, de maneira utópica. Obras mais críticas como *O despertar* (1899), de Kate Chopin, que aborda a busca da personagem principal, Edna, por sua emancipação pessoal e sexual, foram altamente censuradas e expostas a severas críticas. Apesar disso, conforme menciona Oliveira (2020, p. 111),

[...] a literatura feminista do fim do século XIX objetivava uma tomada de consciência da sociedade no sentido de considerar a mulher um ser humano completo que deveria ser tratado de igual para igual. Além disso, caberia não só aos homens, mas às próprias mulheres buscarem essa liberdade de pensamento através de seus atos, o que as escritoras faziam a partir da literatura.

Dubois (1892), pelo trabalho emancipatório da escrita, busca resgatar uma personagem histórica feminina em um movimento que, conforme já mencionamos, somente terá seu auge nos anos 70-80 do século XX, devido ao advento da nova história. Como podemos observar, sua escrita vê-se influenciada pela primeira onda do feminismo, ao questionar, de maneira bastante singela, algumas das convenções do século XV com relação à condição da mulher e sua posição na história. Porém, a autora adapta-se às narrativas mais tradicionais, incorporando ao texto as técnicas e os padrões perpetrados pelas correntes literárias estadunidenses que se irmanam ao discurso histórico hegemônico na exaltação e glorificação de figuras consagradas.

O contexto de produção da obra de Piqueras, *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), diverge do primeiro grupo de produção de romances históricos, no qual se aplica o romance de DuBois (1892), não somente pela distância cronológica, mas, principalmente, porque, em sua essência, uma perspectiva a partir das margens é privilegiada. No tocante às obras que se referem ao período do “descobrimento” da América, Piqueras solidariza-se com escritas híbridas latino-americanas que desconstruem o discurso hegemônico da história ao promover uma releitura crítica do passado, visto que não se restringe aos heróis sacralizados como a única visão

possível de conceber, sentir, analisar e registrar os acontecimentos. Beatriz Enríquez de Harana, como voz enunciadora do discurso, mostra outros ângulos dos fatos perpetrados pela perspectiva eurocêntrica excludente.

Nessa circunstância, a produção de romances históricos críticos, surge dentro do movimento de renovação da escrita romanesca latino-americana e, nesse contexto, como mencionamos anteriormente, a crítica, de modo geral, aponta o ano de 1949, com a obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, juntamente com *Yo el supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos, como obras que inauguraram o que a crítica hispano-americana denominou como o “novo romance histórico latino-americano” (AÍNSA, 1991).

O romance histórico, com matriz estabelecida pelo escocês Walter Scott e amplamente praticada na Europa do século XIX, recebe na América, nos séculos XX e XXI, novas configurações que sustentam sua vitalidade duradoura até os dias atuais, como ocorre com os exemplos do novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993; FERNÁNDEZ PRIETO, 2003) e, mais recentemente, com o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017).

Com as transformações ocorridas na América Latina, o gênero iniciado por Scott passou a se enfrentar com o discurso histórico hegemônico, a fim de desconstruí-lo em sua totalidade por meio de profundas distorções impulsionadas pelo uso de técnicas escriturais como a paródia, a dialogia, a heteroglossia, a intertextualidade, a carnavalização, os anacronismos, entre outros recursos. Nesse mesmo movimento, surgiram, na contemporaneidade, outras formas de narrativa que buscam apresentar versões do passado na abordagem de personagens esquecidas, marginalizadas e/ou silenciadas. Exemplos do primeiro caso são o novo romance histórico e a metaficção historiográfica e, do segundo, o romance histórico contemporâneo de mediação.

O efeito dessas transformações não se limitou ao nosso continente como um fenômeno localizado. A escrita híbrida latino-americana de história e ficção ressoa pelo Atlântico e, como um dos muitos outros exemplos que podemos citar, tomemos o caso da obra *Vigilia del Almirante* (1992), do paraguaio Augusto Roa Bastos. Segundo Bernardo Gasparotto (2008), *Vigília* é um marco no contexto das

produções hispano-americanas referentes à temática do “descobrimento”, pelo motivo de que

[...] nela se ve o ápice da utilização de estratégias narrativas que vinham sendo empregadas nas obras anteriores até o ponto de constituir-se em uma metaficção historiográfica. Mediante sua obra, Roa Bastos se torna um dos porta-vozes da população da América Latina, dando voz ao explorado, reforçando a ideia defendida pela Nova História, que tem entre seus principais representantes Jaques Le Goff (1978), Hayden White (1994) e Peter Burke (1992). (GASPAROTTO, 2008, p. 14).

Dessa forma, esse romance de Roa Bastos, ao direcionar um olhar extremamente crítico e desconstrucionista sobre Colombo e os fatos ligados à chegada dos espanhóis ao continente americano, torna-se uma espécie de síntese da visão latino-americana sobre o assunto. Na análise da obra paraguaia, Gasparotto (2008) observa que, após a publicação de *Vigilia* – metaficção historiográfica por excelência –, foram produzidas no contexto da “Poética do ‘descobrimento’” somente romances históricos de mediação, modalidade que se tornou tendência na literatura hispano-americana contemporânea e que alcançou, também, espaços geográficos, históricos e culturais bem conservadores.

Esse fenômeno, assim, também pode ser identificado na Espanha onde, como aponta o estudioso, há uma mudança na perspectiva tradicionalmente adotada pelos romancistas para tratar do assunto, ou seja, até a década de 90 do século XX, Cristóvão Colombo, a frota espanhola e os reis católicos eram motivos de exaltação, representados conforme atesta a historiografia. Ainda assim, após a publicação de *Cartas del fin del mundo* (1998), do espanhol José Manuel Fajardo, a proposta de tratamento do tema passa por considerável transformação, apresentando, por sua vez, a visão do evento e as ações predatórias dos espanhóis no “Novo Mundo”, segundo a perspectiva de um tripulante que participou da empresa “descobridora”. A análise comparada de *Vigilia del Almirante* (1992) e *Cartas del fin del mundo* (1998), empreendida por Gasparotto (2008), revela como essas obras passaram a produzir um diálogo entre a literatura da metrópole e a da colônia.

O estudo indica, a exemplo de Fajardo, que, desde a década de 1980, a produção da modalidade mediadora pode ser encontrada não apenas na América.

Na Espanha, dentro da “Poética do ‘descobrimento’”, podemos tomar como exemplo a obra de Piqueras, *Colón a los ojos de Beatriz* (2000). Nela, o romancista segue a trajetória iniciada no contexto do pós-*boom* latino-americano, quando grande parte dos escritores passou a abandonar estruturas excessivamente complexas, para adotar uma narrativa mais verossímil e com uma linguagem fluida.

Essas produções mais atuais buscam reunir certas características marcantes dos romances históricos tradicionais com várias das características do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica. A nova modalidade, ou seja, o romance histórico contemporâneo de mediação, surge desse entrelaçamento, caracterizado, principalmente, pelo retorno da linearidade e da verossimilhança, por um lado e, por outro, pelas ressignificações críticas do passado ancoradas em visões periféricas, silenciadas, marginalizadas pela historiografia tradicional. (FLECK, 2008).

Na obra de Piqueras (2000), portanto, há o desejo de se repensar o passado por meio de uma voz enunciativa do discurso que, por ser autodiegética e ex-cêntrica, deixa transparecer sua visão pessoal dos acontecimentos, evidenciando, assim, o que afirma Hutcheon (1991, p. 122), ao discorrer que o romance histórico ‘pós-moderno’ “[...] reinsere os contextos históricos como sendo significantes, e até determinantes, mas, ao fazê-lo, problematiza toda a noção de conhecimento histórico.” Desse modo, o romancista, ao explorar uma nova visão do “descobrimento” da América, valendo-se da voz enunciativa de Beatriz, possibilita ao leitor questionar o discurso histórico hegemônico.

Sobre essa estratégia escritural contemporânea, Fleck (2017, p. 126) menciona:

Essa massa de sujeitos anulados pelo discurso historiográfico ressurgiu das cinzas do passado para exercer o protagonismo na arte da escrita literária contemporânea. Trata-se de um papel que, seguramente, não muda o passado, mas, irremediavelmente, modifica o presente e pode levar a transformar o futuro pela aprendizagem crítica que de sua escrita e leitura emana.

O autor de *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), apesar de inserir trechos históricos no tecido romanesco sem alcançar a transcendência dos mesmos, ousa na tentativa de inserir uma nova visão da história, promovendo a criticidade,

principalmente, com relação às imagens consagradas de Cristóvão Colombo. A obra de Piqueras não busca, a princípio, promover uma mudança nos eventos recriados, entretanto, questiona, em algumas passagens, a eficiência das ações do marinheiro, e deixa transparecer, indiretamente, o tratamento desumano e violento dos reis Fernando e Isabel, e da Igreja Católica, contra aqueles sujeitos de fé judaica. Inclusive, a resignificação literária de Beatriz, nesse contexto, demonstra como a literatura espanhola está procurando dar uma nova direção aos discursos excludentes propagados por cronistas e historiadores tradicionais.

Embora seja obra de autoria masculina, também podemos pensar, ainda, a produção de Piqueras (2000) em outro âmbito da escrita ficcional contemporânea: a da crescente autoria feminina. Para Alvaro Salvador (1995), desde os anos 60, uma série de obras de mulheres estourou no cenário continental e internacional com uma força desconhecida, promovendo, assim, uma contribuição valiosa e original para a chamada literatura do “pós-*boom*”.

Em matéria publicada no jornal *El País*, em 2017, intitulada *El otro ‘boom’ latinoamericano es femenino*, a autora Paula Corroto chama a atenção para o crescimento de livros publicados por escritoras latino-americanas cujo reconhecimento vem por meio de prêmios e críticas favoráveis, que sugere a existência de um “outro *boom*” ou um “*boom*” na literatura feminina.

Recordamos as palavras da crítica literária Biruté Ciplijauskaitė (1994), ao observar que o romance feminino contemporâneo não é realizado apenas por autoras mulheres, mas, também, por personagens femininas criadas por autores homens. Ela ressalta, também, que o romance histórico tornou-se, nas últimas décadas do século XX, uma faceta notável da nova narrativa feminina, que passou a reivindicar para si também este setor.

A popularização de romances históricos femininos coincide com toda uma escola de mulheres historiadoras que escreveram um número incontável de monografias sobre figuras que haviam sido deixadas no esquecimento. As romancistas, bem como alguns escritores homens que se interessam pela temática feminina, mostram o mesmo entusiasmo em revalorizar o que se havia perdido, dando preferência, nesse processo, para a narração em primeira pessoa, o que é visível, por sua vez, na obra de Piqueras (2000).

Para Ciplijauskaitė (1994), esta é a inovação mais importante nesse campo: a transmissão da história desde uma perspectiva subjetiva, feminina, não levada em conta antes, dando atenção à vida interior mais que aos acontecimentos públicos. Com relação à expressão feminina, acrescenta:

*La historia sigue siendo el eje estructural, pero es historia filtrada por una conciencia individual. La concentración en lo subjetivo permite ramificaciones tangenciales, invita a remozar y ampliar la temática considerada como histórica. En narraciones sobre temas históricos no se puede hablar de procedimientos estilísticos que pertenezcan exclusivamente a este grupo. Es precisamente el entrever los discursos lírico, psicoanalítico e irónico, con epifanías que llevan a la concienciación, lo que añade interés particular a estas novelas.*²⁵⁴ (CIPLIJAUŠKAITĖ, 1994, p. 27).

As causas desse fenômeno, segundo a crítica, devem-se a múltiplos fatores, porém, o resultado é um mostruário de novas vozes, e está diretamente relacionado com a entrada e a afirmação da mulher nas estruturas sociais mais variadas, o que influenciou na busca por explorar as razões do silêncio prévio, a fim de mostrar que a mulher possuía seu lugar na sociedade, ainda que passasse despercebida.

Analisados os contextos das obras que compõem nosso o *corpus* central, é possível estabelecer algumas semelhanças e divergências. No que corresponde à intenção que as move, fica nítida a vontade de ambos os escritores em dar protagonismo a Beatriz. Contudo, divergem em sua ressignificação do passado, utilizando diferentes vias na configuração da personagem.

Em DuBois (1892), segundo o narrador heterodiegético, Beatriz une-se a Colombo em uma relação guiada por um sentimento superior. Os protagonistas são a síntese de todas as virtudes humanas e divinas, símbolos do amor e da abnegação completa. No início da diegese, podemos verificar o teor da idealização desse relacionamento: “[...] *such virtue endures from that companionship that we can never be as strangers to each other. A celestial tie binds our souls. Both faces*

²⁵⁴ Nossa tradução livre: A história ainda é o eixo estrutural, mas é história filtrada por uma consciência individual. A concentração no subjetivo permite ramificações tangenciais, convida-nos a renovar e ampliar o tema considerado histórico. Nas narrativas sobre temas históricos não é possível falar de procedimentos estilísticos pertencentes exclusivamente a este grupo. É justamente o vislumbre de discursos líricos, psicanalíticos e irônicos, com epifanias que levam à consciência, que agrega particular interesse a esses romances.

*glowed with emotion which a spectator could not interpret.*²⁵⁵ (DUBOIS, 1892, p. 18). Na sequência das ações, concretizando a intenção inicial da autora, Beatriz e Colombo casam-se, com a bênção não apenas da Igreja, mas da própria Virgem Maria.

Já na obra de Piqueras (2000), Beatriz, como voz enunciadora do discurso, rememora o passado em seu leito de morte, quando muito jovem conheceu um marinheiro determinado e destemido com o qual passou a viver, sem nenhum receio, uma intensa aventura amorosa. Nesse ato de reconstruir suas vivências, o discurso romanesco evidencia: *“He vivido en la soledad y temo que moriré sola también, con el recuerdo de Cristóbal [...] [...] Estuve cuando fui deseada y desaparecí cuando así él lo quiso.*²⁵⁶” (PIQUERAS, 2000, p. 16-17). Por meio do trecho exposto, a narradora revela o abandono e a negligência sofridos ao longo de sua vida, demonstrando consciência, também, de sua invisibilidade histórica ao retratar seu desejo de reencontro com Colombo em outro plano: *“Sería la pequeña, la minúscula victoria de quien fue la derrota en una historia de triunfos.*²⁵⁷” (PIQUERAS, 2000, p. 18).

À medida que comparamos as ressignificações de Beatriz nos romances em estudo, constatamos, na obra de DuBois (1892), que a dimensão heroica de Colombo na historiografia tradicional estende-se à configuração ficcional da personagem Beatriz. Conforme evidenciamos anteriormente, ambos são recriados e adornados como figuras representativas da fé cristã. A religião é idealizada como o lugar de refúgio para essas duas personagens, que nela se apoiam em todas suas decisões. Beatriz, no entrelaçamento de aspectos históricos, ficcionais e religiosos, passa a ser representada como esse lugar de acalento para a alma cansada de Colombo. Tais características são verificáveis no seguinte fragmento:

²⁵⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): [...] a virtude de nosso companheirismo não mais permitirá que sejamos estranhos um para o outro. Um laço divino une nossas almas. Ambos os rostos brilharam de emoção, que não poderia ser interpretada por um observador.

²⁵⁶ Nossa tradução livre: Vivi na solidão e temo que morrerei sozinha também, com a recordação de Cristóbal [...]. [...] Estive quando fui desejada e desapareci quando assim ele quis.

²⁵⁷ Nossa tradução livre: Seria a pequena, a minúscula vitória de quem foi a derrota em uma história de triunfos.

Her mind was relieved. Words of denial were unnecessary. Heart spoke to heart. The blessing of the Virgin's smile had made their friendship strange and unearthly, but real and abiding. [...] There was a radiant spirituality about her that appealed to his own deep religious sense, [...]; his own bereaved state, and his need of a woman's sympathy to bind the wounds which fate inflicted, and to console him for the disappointments he foresaw in a tedious course of supplication at the Court of Spain, - all pointed unmistakably, he believed, to a path which Heaven had marked out for him to follow.²⁵⁸ (DUBOIS, 1892, p. 28-29).

Nesse sentido, a obra de DuBois (1892) recupera a personagem do ponto mais obscuro e esquecido da história, recompensando seu apagamento ao lhe conferir uma família nobre, porém humilde, e um caráter fiel e respeitável segundo os moldes da época, indo de um ponto ao outro no que tange à idealização da personagem. Em vista disso, depreendemos que a configuração de Beatriz encontra-se no mesmo patamar de exaltação da figura de Colombo, dos reis católicos e da cristandade, efervescentes naquele ano da comemoração do IV centenário da primeira viagem do navegante europeu ao “Novo Mundo”.

Por outro lado, em *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), o romancista busca imprimir, pelas falas e pensamentos da narradora, as impressões, os sentimentos e opiniões possíveis de uma mulher que conviveu intimamente com Cristóvão Colombo, sem dele ter recebido o apoio e o carinho de que tanto necessitava.

Dessa forma, a narradora, ao resgatar as imagens desse passado, demonstra ter consciência de sua posição inferior na sociedade e na vida do navegante, principalmente quando este, ao retornar de sua viagem às Índias, é agraciado com um título de nobreza e não a procura para lhe contar de sua conquista.

Beatriz passa a ser, na obra de Piqueras (2000), um modelo de personagem histórica menos privilegiada, por representar uma classe de mulheres menosprezadas por uma sociedade estratificada e preconceituosa. A esse respeito, constata a protagonista:

²⁵⁸ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Seu espírito estava aliviado. Palavras de negação se faziam desnecessárias. Pois coração falava a coração. A benção do sorriso de Maria fizera de sua amizade algo estranho e sublime, porém real e permanente. [...] Havia, em torno a ela, uma radiância espiritual que se assemelhava ao próprio senso religioso dele, [...]; o seu próprio estado desolado, e a necessidade da simpatia feminina para curar os ferimentos infligidos pelo destino, para servir de consolo às decepções que previa chegarem, após um tedioso período de súplicas na Corte Espanhola – todos nitidamente apontando, de acordo com suas crenças, a um caminho traçado pelos céus que ele deveria percorrer.

*Esbarroya me despidió con un apretón de manos. Sentí la fuerza de su afecto, pero de vuelta a la calle, en la oscuridad de la noche, caminé recordando sin parar la frase escuchada antes de entrar en San Lorenzo: "Aquí tiene hijo y barragana." ¿Podría el Almirante de Castilla, el descubridor de las Indias Occidentales, tener hijo bastardo y mantenida?*²⁵⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 155).

Forma-se, pela maneira como as protagonistas foram configuradas, um painel substancial da realidade da mulher na sociedade espanhola do século XV e XVI, na qual sua existência via-se atrelada a segmentos bastante rígidos: ou lhe cabia o papel de “perfecta casada²⁶⁰” ou de “monja reclusa²⁶¹”, caso contrário, eram discriminadas e marginalizadas, vistas como a “*ramera*²⁶²” (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002).

A princípio, os relatos estudados, ao apresentarem suas ressignificações de Beatriz, assemelham-se ao ratificar a ideologia patriarcal quando a descrevem como uma mulher submissa aos domínios masculinos, pois, ao longo das diferentes diegeses de cada uma delas, a personagem age de forma, muitas vezes, passiva, não enfrentando de modo contundente a sua realidade e as injustiças sofridas. Entretanto, averiguamos que Beatriz está atrelada a diferentes classes de mulheres nas duas obras, conforme a categorização apresentada pelo historiador Manuel Fernández Álvarez (2002).

Diante disso, em se tratando dos tipos de mulher existentes na Espanha renascentista, ao confrontar as obras, observamos que a primeira está construída seguindo os moldes da “*perfecta casada*”, enquanto a segunda pode ser vista como a concubina, ou ainda, a “*ramera*”.

Prevalece, em DuBois (1892), uma Beatriz enaltecida pelas virtudes da boa esposa: “*The beauty and nobility of his wife’s character were newly revealed to him.*

²⁵⁹ Nossa tradução livre: Esbarroya se despediu de mim com um aperto de mão. Senti a força do seu carinho, mas de volta à rua, na escuridão da noite, caminhei constantemente relembando a frase ouvida antes de entrar em San Lorenzo: "Aqui está filho e concubina." O almirante de Castela, o descobridor das Índias Ocidentais, poderia ter um filho bastardo e concubina?

²⁶⁰ Nossa tradução livre: perfeita casada.

²⁶¹ Nossa tradução livre: freira reclusa.

²⁶² Nossa tradução livre: prostituta, meretriz.

*Each day deepened the confidence existing them.*²⁶³ (DUBOIS, 1892, p. 37). Verificamos, assim, que, como a “*perfecta casada*”, a personagem está configurada como uma mulher nobre, sempre fiel e submissa ao marido, inviolável em seu caráter e fé cristã, embora a confiança que Colombo tinha pela esposa fosse colocada constantemente à prova por seu adversário, Garcia da Silva.

Já na produção de Piqueras (2000), Beatriz figura uma mulher que, sem os pudores requeridos pela sociedade espanhola da época, torna-se a amante de Cristóvão Colombo, vivendo, assim, o papel de concubina do navegante, ao contrário da obra de DuBois. Além disso, a protagonista de Piqueras apresenta-se como judia conversa, “cristã-nova”, e, apesar de sentir-se católica, relata a insegurança de uma classe sempre sob suspeita, constantemente ameaçada pela Inquisição. A isso, soma-se seu relacionamento com um provável judeu. Nesse ponto, a narradora temerosa relata: “*El navegante dice que también le inquietan algunas cosas que están ocurriendo, pero me pide que no me ocupe en tales cuestiones, que nada ha de pasar porque él es cristiano.*”²⁶⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 37).

Como resultado das escolhas da protagonista, de acordo com a diegese, ela passa a fazer parte das classes desprestigiadas da sociedade espanhola renascentista. Muito diferente de DuBois, Piqueras retrata Beatriz em sua condição de marginalizada.

No que tange à configuração de Beatriz enquanto mãe, evidenciamos, novamente, duas composições díspares. O narrador, em DuBois (1892), insere a informação sobre a existência de Fernando, de maneira abrupta, logo após o retorno de Colombo das cercanias de Málaga, onde esteve com os reis durante a disputa contra os mouros pela rendição da cidade: “*Beatriz was radiante in the proud joy of a Young mother. Her husband’s longed-for return filled her cup of happiness to the brim. When he sat opposite his beautiful wife with his baby on his knee, Colon felt*

²⁶³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Tanto a beleza quanto a nobreza do caráter de sua esposa novamente lhe estavam às vistas. Cada dia novo aprofundava a confiança que existia entre ambos.

²⁶⁴ Nossa tradução livre: O navegante me disse que também lhe inquietam algumas coisas que estão acontecendo, mas me pede que não me ocupe de tais questões, que nada irá acontecer porque ele é cristão.

*that he was secure from evil fortune.*²⁶⁵ (DUBOIS, 1892, p. 81). Dessa forma, averiguamos que o discurso enaltece a maternidade de Beatriz, destacando esse momento como o de maior felicidade e realização pessoal para a protagonista, culminado pela chegada do marido.

Além disso, confere-se à personagem protagonista a imagem de mãe afetuosa, atenciosa, capaz de doar-se completamente ao filho. Desse modo, com um novo afastamento de Colombo, Fernando torna-se o centro das atenções de Beatriz, como podemos averiguar no seguinte excerto: “*“Thou lovest thy mother, dost thou not?” she asked, as she released him. “Yes, indeed; and I love my father too,” he answered in broken baby accents.*”²⁶⁶ (DUBOIS, 1892, p. 116). O carinho que a personagem expressa pelo filho é tanto que isso passa a ser motivo de crítica para seus familiares, que não concordam com a criação que ela lhe dá.

A maneira como Piqueras retrata Beatriz, por sua vez, opõe-se claramente à imagem de boa mãe criada pela escritora oitocentista. Inicialmente, a voz enunciativa do discurso nos descreve seu temor e seu profundo desejo em não estar grávida:

*Allí, arrodillada y mirando de frente al Christo, sentí una mezcla de temor y escalofrío. Más que nunca antes he tenido el presentimiento de estar embarazada y sola... Un calor, un ardor de hoguera ascendió desde el pecho incendiando mi rostro. Y pedí nerviosa al Santísimo. Rogué por ello; rezé porque no fuera cierto un tal pensamiento, para que no castigara nuestro amor con un fruto cuyo momento no debía ser, todavía, llegado.*²⁶⁷ (PIQUERAS, 2000, p. 74).

Do ponto de vista da protagonista do romance, ser mãe não estava em seus planos, principalmente porque Colombo encontrava-se em Sevilla, não tinha

²⁶⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): Beatriz irradiava a alegria orgulhosa que era própria de uma mãe jovem. O tão desejado retorno de seu marido completou até a borda a sua taça de felicidade. Quando sentou-se, com o neném no colo, em frente à sua linda esposa, Colombo pôde sentir que estava protegido da má sorte.

²⁶⁶ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Meu bebê ama a mamãezinha, não ama? – disse Beatriz, soltando o pequeno. – Amo, sim. E também amo meu papai. – respondeu Fernando, num tom entrecortado de criança pequena.

²⁶⁷ Nossa tradução livre: Ali, ajoelhada e olhando de frente para o Cristo, senti uma mescla de temor e calafrio. Mais do que nunca tive o pressentimento de estar grávida e sozinha... Um calor, um ardor de fogueira subiu pelo meu peito, deixando meu rosto em chamas. E pedi nervosa ao Santíssimo. Roguei por isso; rezei para que não fosse certo tal pensamento, para que não castigasse o nosso amor com um fruto cujo momento não devia ser, ainda, chegado.

endereço nem uma renda fixa e, além disso, a personagem percebia cada vez mais que seus sentimentos não eram correspondidos na mesma medida pelo navegante: “[...] *pienso en esta relación que se hace más intensa de mi parte sin que vea, de la suya, otro interés que el de buscar placer [...]*.²⁶⁸” (PIQUERAS, 2000, p. 73).

Com o nascimento de Fernando, a maternidade transforma-se em um pesadelo para Beatriz, que não consegue acalmar o choro do filho. Sente-se sozinha e despreparada, chegando a afirmar seu completo esgotamento: “*Creo que voy a terminar con los nervios destrozados si la criatura sigue sin dejarme dormir, como por el momento hace.*”²⁶⁹ (PIQUERAS, 2000, p. 96).

Por sua vez, em ambas as narrativas a imagem paterna de Colombo é idealizada, sendo descrito como um pai bastante afetuoso para Fernando. Porém, concomitantemente, é representado nas duas obras como um pai ausente, deixando Beatriz sozinha na criação do filho. Por meio da voz da personagem Antonia, esposa de Rodrigo, DuBois deixa transparecer o quanto Beatriz encontra-se abandonada pelo marido, após Fernando declarar que ama o pai: ““*Poor child!*” *said Antonia. “He knows not he says; though it is true that a man can be at the same time a good father and a bad husband.*”²⁷⁰ (DUBOIS, 1892, p. 116).

A narradora de Piqueras, por sua vez, ressalta a ausência de Colombo na criação do filho, ao relatar como teve que buscar, por conta própria, o auxílio necessário quando este se encontrava doente: “*Quería que estuviera a mi lado. Quería que su influencia ante tantos amigos cordobeses pudiera servir para que a nuestro hijo no le faltara medicina alguna.*”²⁷¹ (PIQUERAS, 2000, p. 105). Após cinco dias lutando pela vida do filho, consegue que Colombo retorne para ajudá-la. Fernando começa a reestabelecer sua saúde, de modo que, melancólica, narra: “*Aquella enfermedad había procurado la presencia de Cristóbal en nuestra casa.*

²⁶⁸ Nossa tradução livre: [...] penso nessa relação que se torna mais intensa da minha parte sem ver, da parte dele, nenhum interesse que não seja a busca do prazer [...].

²⁶⁹ Nossa tradução livre: Acho que vou acabar com os nervos em frangalhos se a criatura continuar a não me deixar dormir, como faz por agora.

²⁷⁰ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Menino desmiolado! – Antonia opinou. – O tadinho nem sabe o que está falando... embora seja fato que um homem possa ao mesmo tempo ser bom pai e mau esposo.

²⁷¹ Nossa tradução livre: Queria que estivesse ao meu lado. Queria que sua influência com tantos amigos cordobeses pudesse servir para que a nosso filho não faltasse remédio nenhum.

*Ése fue uno de los períodos de más cercana y amable convivencia entre nosotros.*²⁷² (PIQUERAS, 2000, p. 107). Notamos, pela expressão da carência de Beatriz, o quanto Colombo apenas se fazia presente em momentos inevitáveis.

Na leitura que procedemos das obras, destacamos outra semelhança: a caracterização da protagonista como a mulher que sofre um severo abandono afetivo e material. Em seu romance, DuBois retrata este abandono, constantemente, pela voz de outras personagens que representam sua família. Na voz de Antonia, sua cunhada, esse aspecto torna-se ainda mais visível:

*“Thou knowest right well that thou art and hast been most shamefully neglected,” said Antonia. [...] “If he loved thee, would he not remain at thy side? What call has he to fight the king’s battles? He leaves thee without support, to the charity of thy relatives; while he is at one time a Franciscan, then a soldier, then, as he plans, a sailor for the Indies. The beauty will fade like a flower which he has plucked and flung away.”*²⁷³ (DUBOIS, 1892, p. 116).

Ao passo que o marinheiro, ao longo da narrativa de DuBois, configura-se como o sujeito-devoto, a “ovelha” obediente que se submete às vontades divinas, também ficam evidentes, na construção discursiva do “Almirante”, suas atitudes egoístas para com aquela que era sua esposa e mãe de seu filho na diegese. Beatriz, por outro lado, não aceita a opinião dos familiares que a incitam a se separar do marido imprudente e por ele permanece sempre à espera, como no mito de Penélope.

Em contrapartida, o romance de Piqueras contempla o aspecto da mulher abandonada pela visão e voz da própria protagonista, que se encarrega de evidenciar a negligência sofrida ao relatar que, para ela, ficava cada vez mais claro que cumpria apenas o papel de concubina abandonada do navegante, chegando a declarar: *“Merece el fuego del infierno este hereje egoísta, este embustero que*

²⁷² Nossa tradução livre: Essa doença procurou a presença de Cristóbal em nossa casa. Esse foi um dos períodos de convivência mais próxima e amigável convivência entre nós.

²⁷³ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Ah, queridinha, você sabe bem que foi, e continua estando, abandonada, o que é uma desgraça – asseverou Antonia. [...] – Se ele realmente te amasse, será que ele não ficaria de vez com você? Que obrigação é essa de ficar nas batalhas com o rei? Te largou, sem ajuda, para a caridade da parentaiada velha, ao passo em que ele fica trocando de profissão... uma hora franciscano, depois soldadinho e, ainda, conforme ele quer, marinheiro para as Índias. Mas me ouça bem, a beleza que você tem vai murchar, como uma flor que ele arrancou e jogou fora.

siempre obró para sí [...].²⁷⁴ (PIQUERAS, 2000, p. 156). Nesse sentido, Beatriz expressa uma intensa epifania, descrevendo Colombo como um homem que age apenas pelo seu interesse próprio, não se importando com os sentimentos alheios, mesmo que estes sejam de alguém que lhe ofereceu amor e cumplicidade.

Ao reconfigurar, ficcionalmente, os acontecimentos históricos, os romancistas dão foco a distintos aspectos do passado espanhol, de modo que o ambiente recriado determina também a construção discursiva das personagens. No caso da escritora estadunidense, descreve-se com maior detalhamento a peste negra, epidemia que se alastrou pela Europa Ocidental, provocando a morte de milhares de pessoas também na cidade de Córdoba, evento este verificável segundo os registros históricos.

No intento de criar a verossimilhança, estratégia fundamental nos romances históricos tradicionais, a peste surge na diegese para, assim, forjar a imagem santa de Beatriz, que decide enfrentá-la, ajudando desconhecidos enfermos trajada com as vestes franciscanas: *“Thou dost look like Saint Elizabeth of Hungary with thy gray and thy roses,” said Bartholomew.*²⁷⁵ (DUBOIS, 1892, p. 283). Para se ter uma ideia exata desse recurso, nos estudos de Fernández Prieto (2003, p. 155), a autora registra que *“[...] la narrativa histórica tradicional no iba más allá y mantenía lo metanarrativo al servicio del logro de un efecto de verosimilitud de la historia narrada. Es decir, no sólo no la cuestionaba sino que más bien la certificaba, la avalaba.*²⁷⁶”

Acerca da ambientação eleita por Piqueras, observamos a escolha por retratar as vicissitudes da classe judaica, constantemente perseguida pela sociedade e mais ainda pela Inquisição, como uma tentativa de, não apenas garantir a verossimilhança na construção da diegese, também característica dos romances históricos de mediação, mas de traçar e confirmar as origens de Beatriz enquanto judia conversa. Desse modo, é somente quando a personagem Colombo ausenta-se

²⁷⁴ Nossa tradução livre: Esse herege egoísta merece o fogo do inferno, esse mentiroso que trabalhou para si [...].

²⁷⁵ Tradução inédita de Martins e Fleck (2010-2011): – Você realmente se assemelha à Santa Elizabete da Hungria com as tuas vestes de cor cinza e as tuas rosas – Bartolomeu cotejou.

²⁷⁶ Nossa tradução livre: [...] a narrativa histórica tradicional não ia mais além e mantinha o metanarrativo a serviço de conquistar um efeito de verossimilhança da história narrada. Isto é, não apenas não a questionava, como também a certificava, a glorificava.

de Córdoba – quando a narradora não consegue relatar dados e fatos por ela vivenciados sobre Colombo, já que não os está presenciando – que a obra busca recriar o ambiente histórico intranquilo em que se movia a protagonista, podendo, assim, distanciar-se um pouco da premissa mimética da recriação histórica.

Assim, a reconstrução da época em seus hábitos, valores e costumes, além da fase de unificação do Estado espanhol com a expulsão dos muçulmanos e também a atuação da Inquisição contra os judeus, constituem-se em elementos marcantes nesses momentos da obra de Pedro Piqueras (2000).

Ao traçar um panorama geral das duas obras, no entanto, constatamos que o discurso romanesco adotado na primeira obra de autoria feminina sobre o “descobrimento” da América busca sempre focalizar as qualidades morais da protagonista, dando ênfase ao seu caráter firme e resignado. A constância desses aspectos de sua personalidade, ao longo dos altos e baixos que sofre na diegese novelesca, merece a atenção do narrador, que faz de tais aspectos o material discursivo do romance.

A partir da análise das estratégias escriturais utilizadas pela autora, averiguamos que *Columbus and Beatriz* (1892) segue o esquema tradicional de romances históricos, unindo as personagens numa relação amorosa sublime, guiada por um sentimento superior à compreensão alheia. Em síntese, Beatriz, como personagem protagonista do primeiro romance sobre o “descobrimento” da América de autoria feminina, congrega em si todas as virtudes esperadas para uma mulher do período renascentista espanhol, bem como da “verdadeira feminilidade” esperada para as mulheres oitocentistas.

A obra de DuBois (1892), embora pertença ao primeiro grupo dos romances históricos existentes, aqueles que exaltam o passado histórico ao irmanar-se com o discurso historiográfico tradicional, possui uma característica peculiar para o contexto histórico em que se insere: a de oferecer lugar de destaque a uma personagem feminina de extração histórica, um destaque proporcionado apenas pela arte romanesca, visto que, para a história hegemônica, o grande ator foi sempre Cristóvão Colombo.

Na obra, o evento histórico recriado e seus protagonistas deixam de fazer parte do “pano de fundo” para constituir o eixo único do romance. Beatriz, assim,

passa a ser valorizada pelo romance histórico tradicional ao dividir o espaço protagônico com o consagrado “Almirante”, por meio de um discurso que exalta/mitifica ambas as personagens pela aclamação de suas qualidades e ações.

Prevalece, portanto, a linearidade cronológica dos acontecimentos históricos retomados na ficção, com a nítida intenção de não apenas inserir Beatriz nesse contexto, mas de ensinar história ao leitor na sobreposição dos elementos históricos na tessitura da narrativa.

Já a protagonista de Piqueras, apesar de não se submeter totalmente aos padrões sócio-históricos e culturais da época em que se passaram os episódios narrados, não foge, em seu discurso ficcional, aos acontecimentos históricos que magnificam a imagem dos reis católicos e, quanto a Cristóvão Colombo, vemos que, por essa voz enunciadora do discurso, está configurado, em algumas partes da narrativa, com certo tom de desilusão e desencanto, fazendo com que apareçam alguns traços negativos de sua personalidade, recaindo sobre ele a grande incidência do teor crítico do relato.

Verificamos, assim, que mesmo tendo o romancista eleito uma perspectiva excluída da história – Beatriz Enríquez de Harana –, não é proporcionada à personagem, na escrita contemporânea, livrar-se totalmente do silenciamento em que sempre esteve condenada. Ou seja, sua ação, no decorrer do romance, é dotada de mudez, de aceitação e conformismo em relação ao seu papel na vida e na história de Colombo, apesar de demonstrar plena consciência de seu papel periférico na vida do consagrado marinheiro.

Cabe ressaltar que, apesar do teor crítico estar voltado muito mais para um processo crítico de leitura por parte do leitor no ato receptivo da obra, são visíveis os recursos escriturais que o configuram como sendo um romance histórico contemporâneo de mediação.

Dentre esses recursos destacam-se: a construção da verossimilhança ao adotar uma narrativa linear ajustada à cronologia dos eventos históricos, ou seja, o fluxo de memória da protagonista na reconstrução de seu passado ao lado do navegante; a linguagem simples e acessível, próxima ao leitor hispano-falante; a manipulação temporal da narrativa com o uso de analepses singelas, uma vez que o presente da narrativa parte da agonia final de Beatriz para, então, descrever os

acontecimentos que envolveram sua juventude; o discurso irônico, graças à utilização de metáforas e antíteses, principalmente ao descrever Colombo e, também, para revelar suas impressões sobre seu papel restrito na história; por fim, a utilização de uma visão deliberadamente excluída dos registros históricos hegemônicos, neste caso, de uma mulher.

Efetuar uma leitura das obras *Columbus and Beatriz* (1892) e *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), com o propósito de averiguar a ressignificação ficcional de Beatriz Enríquez de Harana, permitiu-nos estabelecer – pelo contexto em que se inserem, pelas ideologias que permeiam a relação da ficção com a história, pelas técnicas escriturais utilizadas para efetuar a releitura do passado e pela linguagem empregada nos romances –, a quais modalidades do gênero híbrido de história e ficção pertencem essas duas produções. No entanto, além da classificação dessas obras, ao compará-las, constatamos que tanto a história quanto a ficção são feitas de seleções e exclusões, constituem-se pelo que recusam e ignoram, bem como pelo que aceitam e legitimam.

Nessa perspectiva, instaura-se, pela escrita de DuBois (1892) e Piqueras (2000), um processo de reconhecimento da atuação da mulher na história, antes e sempre silenciada pelo discurso machista e tradicional eurocêntrico. Assim, a história unívoca e hegemônica passa a ser reescrita. As releituras híbridas de história e ficção aqui apresentadas, a estadunidense e a espanhola, demonstram que é por meio do universo ficcional que a mulher pode ganhar o protagonismo em eventos marcantes do passado.

Dessa maneira, observamos que, na construção de textos entre a tradição e a renovação, diferentes ângulos, vivências, reações e participações ao longo dos eventos históricos sempre foram ocultados, escamoteados ou, simplesmente, negados pelos detentores do poder político, econômico ou mesmo do conhecimento da escrita.

Ao partirem de vazios e silêncios, os romancistas, embora não possuam uma fortuna crítica extensa, recriam o passado com liberdade e imaginação, apontando o que poderia ter ocorrido além do que registram os historiadores. Assim, Beatriz, enquanto protagonista das narrativas abordadas, ganha o espaço de representação

para expressar, ainda que na arte ficcional, suas possíveis vivências de uma história propositalmente incompleta e parcial.

Pelo poder da escrita romanesca e pela leitura crítica das obras, torna-se possível promover a desterritorialização do imaginário, espaço vital da formação ideológica de um povo, habilmente conquistado pelo colonizador no âmbito latino-americano. Tal movimento somente se concretiza porque “[...] encontram-se disponíveis, hoje em dia, uma multiplicidade de novas visões, outras vozes, diferentes e inusitadas versões dos fatos passados, consignadas na escrita híbrida de história e ficção.” (FLECK, 2017, p. 19).

Diante das “verdades absolutas” do discurso histórico positivista, constatamos que as obras aqui apresentadas contribuem à descolonização ao propiciar a independência imaginativa e a reflexão crítica. Assim, a expressão literária pode, de forma especial, contribuir para a recuperação do passado, produzindo a conscientização do presente e auxiliando a refletir sobre o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance histórico é um gênero que, apesar de ter nascido no início do século XIX, no contexto do romantismo europeu, pode ser considerado atual, pois apresenta uma vasta gama de expressões na atualidade que revelam aspectos específicos do contexto sócio-histórico em que se insere. A partir dessa constatação, independente da denominação que se atribua às suas diferentes manifestações, como todo gênero, renova-se, revitalizando-se em cada etapa do desenvolvimento da literatura e em cada criação individual, revitalizando-se no tempo e no espaço de sua produção e recepção.

No âmbito da produção de escritas híbridas de história e ficção na América, muitos dos romancistas têm se voltado para a temática da “Poética do ‘descobrimento’”, cuja produção romanesca iniciou-se em 1840, com a obra *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay*, do estadunidense James Fenimore Cooper e se estende ao século XXI em uma série de romances que revelam as mais atuais características do gênero.

Esse romance inaugural da temática do “descobrimento” da América escrito por Cooper (1840) é, como apontamos, uma consequência das produções líricas e dramáticas dos séculos anteriores que, em especial nos Estados Unidos, celebraram o marinheiro como herói, como um enviado de Deus para fundar a nação americana, entre outras configurações exaltadoras e mitificadoras atribuídas àquele que se considerou o máximo heróis dos feitos importantes do ano de 1492, tempo em que se iniciou o processo de colonização da América pela Espanha, em seguida por Portugal e outras nações europeias colonizadoras.

Buscamos, nesse sentido, promover, ao longo desta pesquisa, a análise de distintas representações ficcionais de uma figura histórica “invisível” nesse vasto panorama de escritas historiográficas e ficcionais voltadas, quase sempre, à glorificação dos reis católicos – Isabel e Fernando – e ao marinheiro que cruzou o Atlântico em 1492, ou seja, nosso interesse nesse âmbito é pela personagem Beatriz Enríquez de Harana (1467-1521), companheira de Colombo no período em que ele viveu os percalços da busca de apoio a seu projeto na Espanha, a fim de

abarcam uma perspectiva plural de sua importância no período do “descobrimento” da América.

Embora tenha sido minimizada ou excluída pelo discurso histórico hegemônico, a personagem é recriada pela literatura como figura secundária em várias obras, como as que analisamos em nossa primeira seção. São elas: *El arpa y la sombra* (1994), de Alejo Carpentier; *The memoirs of Christopher Columbus* (1987), de Stephen Marlowe; *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos; e *La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón* (2005), de Paula Cifuentes.

Nessas obras de cunho crítico, verificamos que as produções das décadas de 1980 e 1990 apresentam os fortes traços críticos/desconstrucionistas que inauguraram a segunda fase do gênero por meio das produções hispano-americanas inseridas no contexto da nova narrativa latino-americana, iniciado em 1940, cujo apogeu deu-se nas décadas de 1960 e 1970, no *boom* da literatura latino-americana. Já após essa fase, as obras da temática do “descobrimento”, especialmente após a publicação de *Vigilia de Almirante* (1992), de Roa Bastos, passam a se valer de estratégias escriturais que combinam algumas das mais recorrentes na fase inicial – acrítica – com algumas daquelas praticadas presentes nas modalidades críticas/desconstrucionistas.

Desse modo, as produções mais contemporâneas, como as do século XXI que aqui abordamos, constituem o grande conjunto da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, cuja teorização foi feita por Fleck (2007; 2017).

Nesta pesquisa, verificamos que, apesar das obras híbridas de história e ficção da segunda fase da trajetória do romance histórico constituírem-se como obras que expressam uma releitura crítica/desconstrucionista do passado, muitas vezes, comungam, em certa medida, da ideologia patriarcal no que se refere à configuração ficcional de Beatriz, mantendo-a, de certa forma, em um profundo silenciamento, subjugada à dominação masculina, também no plano ficcional. Em tais obras reproduzem-se, assim, os estereótipos mencionados por Zolin (2009), ora apresentando Beatriz como a mulher sedutora, perigosa e imoral, ora como a mulher indefesa e incapaz, a vítima seduzida por Colombo.

Contudo, essa ficção crítica/desconstrucionista, ancorada na escrita paródica, carnavalesca, até grotesca aplicada à configuração da personagem, busca, igualmente, dar à mulher – na nossa pesquisa materializada na personagem de extração histórica Beatriz Enriquez de Harana – o seu lugar de destaque na história como sujeito partícipe das ações que ingressaram nos anais da historiografia.

Dessa primeira abordagem à ficcionalização da personagem em romances que a configuram como personagem secundária, chegamos à delimitação de analisarmos a primeira obra da “Poética do ‘descobrimento’”, *Columbus and Beatriz*, produzida no contexto do romantismo dos Estados Unidos, em 1892, por Constance Goddard DuBois e outro romance já produzido no século XXI, *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), do espanhol Pedro Piqueras.

Desse modo, esta pesquisa voltou-se, na segunda seção, às representações da companheira de Colombo no primeiro romance histórico escrito por uma mulher sobre o “descobrimento” da América, no final do século XIX – *Columbus and Beatriz* (1892), de Constance Goddard DuBois –, e a uma obra contemporânea, de autoria masculina, do universo literário espanhol – *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), de Pedro Piqueras – que, aos poucos, começa a lançar olhares críticos sobre o seu passado colonizador.

Ao estarem separados por mais de um século, os dois romances estudados nos possibilitaram verificar a continuação de uma temática – o “descobrimento” da América – e as propostas que nela se fizeram para trazer ao conhecimento de leitores, de diferentes épocas e espaços geográficos, a importância que teve a personagem Beatriz Enriquez de Harana nos eventos até hoje celebrados por muitas comunidades e que deram origem à colonização da América.

A escritora estadunidense, mantendo-se dentro dos parâmetros tradicionais do romance histórico, vigentes em sua época ao produzir um romance que se insere nos momentos de comemorações do IV centenário da primeira viagem de Colombo à América.

Assim, ela cria um relato acríptico em relação aos registros históricos que consignaram à posteridade a versão canônica tradicional dos eventos de 1492 que celebram as ações dos reis católicos na Reconquista, o empreendedorismo da Espanha no financiamento do projeto de navegação rumo às Índias Ocidentais via

oeste, a bravura e a audácia do marinheiro Cristóvão Colombo ao atravessar o Atlântico e se deparar com terras inusitadas.

Junto a esse painel edificante de ações e personagens recriado na ficção de forma bastante verossímil e fundamentada nos escritos precedentes, DuBois agrega, na mesma medida, uma configuração literária de Beatriz Enriquez de Harana que a enaltece, a eleva ao nível de “perfecta casada”, mulher exemplar à época. Tal estratégia não desestabiliza as imagens dos agentes diretos das ações de 1492, antes reiteradamente exaltadas, mas, também, coopera para que a mulher passe a ser vista como agente histórico relevante e de igual modo fundamental como foram os homens, consagrados nos escritos historiográficos tradicionais.

Pedro Piqueras, ao escrever seu romance, *Colón a los ojos de Beatriz* (2000), no início do século XXI, já é, supostamente, conhecedor das vertentes da nova história e, assim, opta por evidenciar uma versão do passado a partir de uma “visão vista de baixo”, conforme expressa Jim Sharpe (1992).

Por meio dessa visão da voz enunciativa da personagem de extração histórica que vivenciou junto ao marinheiro a sua empreitada por busca de recursos à efetivação de seu projeto na Espanha o romance consegue estabelecer um panorama bastante rico da situação da mulher nesse contexto histórico espanhol nos anos prévios à Reconquista e os desenlaces desse fato na sequência histórica, entre eles aqueles que levaram à travessia do Atlântico por Cristóvão Colombo em 1492.

Ao optar por uma narrativa conduzida por uma voz autodiegética e não heterodiegética como é o caso de *Columbus and Beatriz* (1892), o relato de Piqueras, além de se afirmar como verossímil, tem premissas subjetivas capazes de revelar pormenores da vida de Colombo que os documentos históricos não puderam manejar. Dessa perspectiva subjetiva romanesca surgem as imagens do marinheiro que, em muitas ocasiões, contrapõem-se ao já dito pela historiografia, gerando, assim, o teor crítico da obra.

Esse teor crítico da obra, contudo, não é extensível a todo o discurso e a todas as personagens, revelando traços de tradicionalismo ainda presentes nessa obra, entre eles, a manutenção das imagens consagradas dos reis católicos e o discurso condescendente, de certa forma, às medidas da Inquisição apoiadas pelos

reis espanhóis à época. Diferencia-se assim, essa obra das críticas /desconstrucionistas do âmbito latino-americano que se recusa a manter “*la intocabilidad de los reyes (Isabel la católica, Felipe II)*” (LARIOS, 1997, p. 134). A manutenção das imagens dos monarcas espanhóis na obra de Piquera assenta-se, entre outras estratégias, na inserção de trechos consagrados de autores relevantes do âmbito da historiografia como epígrafes de início de capítulos do romance e, dessa ação paratextual, evidenciamos a extensão e a incorporação desse discurso no próprio tecido narrativo do romance.

Com relação à Beatriz, o romance histórico contemporâneo de mediação de Piqueras destaca a dedicação da jovem ao marinheiro e aos seus filhos, sendo submissa e resignada na maioria das vezes em que se vê abandona e menosprezada pelo próprio Colombo. A consciência com a qual a personagem protagonista elucida o seu lugar no universo de Colombo e a percepção daquilo que a sociedade pensa dela é destacável, pois serve, igualmente, para evidenciar o quanto a mulher, mesmo sendo consciente de seu apagamento, foi submetida ao silêncio e à abnegação no renascimento espanhol.

Desse modo conseguimos mostrar como o romance histórico, independente da modalidade a qual ele pertence, pode ser uma via para ressignificar fatos e personagens do passado a partir das construções discursivas ideológicas que se lançam a, por exemplo, revelar o espaço de atuação de mulheres nos acontecimentos marcantes da história.

Constance Goddard DuBois, em 1892, e Pedro Piqueras, em 2000, atingiram, com suas obras híbridas de história e ficção – uma pela modalidade tradicional e outra pelo romance histórico contemporâneo de mediação –, seus intentos de, pela arte romanesca, propiciar um espaço de existência mais visível e público à esquecida Beatriz Enriquez de Harana. Resta-nos, pois, fazer essas imagens circularem na sociedade para que muitos dos traços de colonialismo ainda imperantes em nossa atualidade, que seguem submetendo muitas mulheres à invisibilidade, possam ser gradativamente superados.

Assim, pelo entendimento das ressignificações do passado pela ficção podemos dar outros e novos sentidos também a nossa existência hodierna e melhor

planejar nosso futuro, ressignificando atitudes, hábitos, costumes e tradições do presente.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. In: **Plural**, México, n. 240, p. 82-85, 1991.

AÍNSA, F. Invención literaria y “reconstrucción” histórica en la nueva narrativa latinoamericana. In: KOHUT, K. (Ed.). **La invención del pasado: la novela histórica en el marco de la posmodernidad**. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997.

ALONSO, A. **Ensayo sobre la novela histórica**. Madrid: Gredos, 1987.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de estética** (a teoria do romance). Trad. Aurora Fornodori Bernardini *et al.* São Paulo: Unesp/Hucitec, 1980.

BARROS, J. D. Considerações sobre o paradigma positivista em História. In: **Revista Historiar** - Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011). Sobral-CE: UVA, 2010.

BARTHES, R. **O rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BURKE, P. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Xamã, 1997.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo – fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARPENTIER, A. **El arpa y la sombra**. 18. ed. México: Siglo Veintiuno, 1994.

CERDEIRA, P. de L. **Luz que vem do interior: a guerra civil argentina ganha um novo capítulo em *Como vivido cien veces***. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

CIFUENTES, P. **La ruta de las tormentas: diario de a bordo de Hernando Colón**. Madrid: Ediciones Martínez Roca, S.A. Grützmacher, 2005.

CIPLIJAUSKAITĖ, B. **La novela femenina contemporánea** (1970-1985). Hacia una tipología de la narración en primera persona. Barcelona: Anthropos, 1988.

CORROTO, P. El otro “boom” latinoamericano es femenino. In: **El País**. 14 de agosto 2017. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2017/08/13/actualidad/1502641791_807871.html. Acesso em: 05 fev 2021.

COUTINHO, E. **Literatura comparada na América Latina**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

COUTINHO, E. A literatura comparada e o contexto latino-americano. In: **Raído**. Dourados, MS, v. 2, n. 3, p. 21-31, jan./jun. 2008.

DE LA TORRE Y DEL CERRO, J. **Beatriz Enríquez de Harana y Cristóbal Colón**. Madrid: Compañía Iberoamericana de Publicaciones, 1933.

DELAMARE, A. **Christovão Colombo**: Perfil psicologico de Xristo-Ferens. Rio de Janeiro: Pimenta de Melo, 1936.

DUBOIS, C. G. **Columbus and Beatriz**. Chicago: A. C. McClurg and Company, 1892.

ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (org). **Estudos de literatura e estética**. São Paulo: Arte & Ciência (UNESP – FCL Assis), 1998, p. 125-158.

ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo** (1975-2000). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M. **Casadas, monjas, ramerás, y brujas**: la olvidada historia de la mujer española en el Renacimiento. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. **Historia y novela**: poética de la novela histórica. 2. ed. Barañáin (Navarra): EUNSA, 2003.

FLECK, G. F. **Imagens metaficcionalis de Cristóvão Colombo**: uma poética da hipertextualidade. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2005.

FLECK, G. F. Perspectivas americanas da poética do descobrimento: El último crime de colón (2001), de M. L. Levinas. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**. Brasília, n. 16, p. 36-48, 2006.

FLECK, G. F. **O romance, leituras da história**: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

FONSECA, R. M. O Positivismo, “Historiografia Positivista” e História do Direito. In: **Argumenta**. Jacarezinho, n. 10, p. 143-166, 2009.

FRANCISCON, T. Mulheres e romances, gêneros perigosos: ideias oitocentistas sobre leitoras e autoras de romances no Reino Unido. In: **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia- MG, v. 30, n. 1 – Jan./Jun. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Amanda/Downloads/36632-Texto%20do%20artigo-166470-3-10-20171031%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Amanda/Downloads/36632-Texto%20do%20artigo-166470-3-10-20171031%20(2).pdf). Acesso em: 12 jan 2021.

GARCÍA GUAL, C. **Apología de la novela histórica y otros ensayos**. Barcelona: Península, 2002.

GASPAROTTO, B. **Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: uma leitura de Vigilia del Almirante (1992) e Carta del fin del mundo (1998)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2008.

GENETTE, G. **Discurso da Narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, s/d.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GIL, J.; VARELA, G. **Cristóbal Colón: Textos y documentos completos**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

HEERS, J. **Cristóbal Colón**. Trad. José Esteban Calderón y Ortiz Monasterio. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

HUTCHEON, L. **Poética dos pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IRVING, W. **Vida del almirante Cristobal Colón**. Trad. José García Villata & N. Fernández Cuesta, Madrid: Istmo, 1987.

LOBO, L. Literatura e história: uma intertextualidade importante. In: DUARTE, Constância lima; DUARTE, E. de A.; BEZERRA, K. da C. **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Coleção mulher e Literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2002, v. 1.

LORGUES, R. **Historia de Cristóbal Colon y de sus viajes (Tomo I)**. Trad. Mariano Juderias. 2. ed. Espanha: Eduardo Gautier Editor, 1858.

LUKÁCS, G. **La novela histórica**. Trad. Jasmin Reuter. 3. ed. México: Era, 1977.

MADARIAGA, S. de. **Vida del muy magnífico Señor Cristóbal Colón**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1947.

MANZANO MANZANO, J. **Cristóbal Colón: siete años decisivos de su vida (1485-1492)**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1964.

MARLOWE, S. **The memoirs of Christopher Columbus**. London: Jonathan Cape, 1987.

MARLOWE, S. **As memórias de Cristóvão Colombo**. Trad. Jusmar Gomes. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 2000.

MÁRQUES RODRÍGUEZ, A. **Historia y ficción en la novela venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: VÁRIOS. **La novela histórica: teoría y comentarios**. Barañáin: EUNSA, 1995.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina – 1979-1992**. México DF: Fondo de cultura Económico, 1993.

MILTON, H. C. **As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1992.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAUJO, M. de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**. [online]. 2004, vol.24, n.1, pp.44-55. ISSN 1414-9893. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso em: 16 dez 2020.

NAVARRO SALAZAR, M. T. **Mujer e identidad en la narrativa histórica femenina**. Reflexiones sobre la novela histórica. José Jurado Morales. Cádiz: Servicio Publicaciones UCA, 2006.

NITRINI, S. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

O'GORMAN, E. **La invención de América**. Investigación acerca de la estructura histórica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir. México: Lecturas Mexicanas, 1984.

OLIVEIRA, P. P. de. Feminismo e literatura no final do século XIX: escritos de autoria feminina nos Estados Unidos. In: **Revista Coralina**. Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 98-114, jul./2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Amanda/Downloads/10045-Texto%20do%20artigo-39218-1-10-20200709%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Amanda/Downloads/10045-Texto%20do%20artigo-39218-1-10-20200709%20(1).pdf). Acesso em: 03 fev 2021.

PARREÑO, M. Pedro Piqueras debuta en la novela con un relato histórico. In: **Zaragoza: el Periódico de Aragón**, 2 julio 2006. Disponível em:

http://www.elperiodicodearagon.com/noticias/gente/pedro-piqueras-debuta-en-novelacon-un-relato-historico_259624.html. Acesso em: 12 jan 2021.

PASTOR, B. **Discurso narrativo de la conquista de América**. Havana: Casa de las Américas, 1983.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. In: **Revista de História das Ideias**, 21 (33-57) Coimbra, 2000.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da História com a Literatura. In: NODARI, Eunice; PEDRO Joana Maria; LOKOI, Zilda Gricoli (orgs.). **História: Fronteiras**. Vol. II. São Paulo: Humanitas, p. 819-831, 1999.

PIQUERAS, P. **Colón a los ojos de Beatriz**. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 2000.

RIVAS, L. M. La novela intrahistórica y el caribe hispánico en la ficción femenina. In: **ESTUDIOS**. Revista de Investigaciones Literárias y Culturales. Caracas, n. 18, p. 103-124, 2001.

ROA BASTOS, A. **Vigilia del Almirante**. Asunción: RP Ediciones, 1992.

SALVADOR, A. El otro boom de la narrativa hispanoamericana: los relatos escritos por mujeres en la década de los ochenta. In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. XXI/ 41, 1995, p.165-175.

SANTA CRUZ, Inés. **Novela histórica y literatura argentina**. Rosario/Argentina: Editorial Fundación Ross, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SHOWALTER, E. **A jury of her peers: American women writers**. London: Hachette Digital, 2009.

TROUCHE, A. **América: história e ficção**. Niterói: EdUff, 2006.

UNZUETA, F. **La imaginación histórica y el romance nacional en Hispanoamérica**. Lima – Berkeley: Latinoamericana Editores, 1996.

VARGAS LLOSA, M. **La verdad de las mentiras**. Buenos Aires: Alfaguara, 2002.

WASSERMAN, J. **Cristóvão Colombo: o Don Quixote dos mares**. Trad. Dr. Zoran Ninitch. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1930.

WEINHARDT, M. Considerações sobre o romance histórico. In: **Letras**, Curitiba. n. 43, p. 11-23, 1994.

WHITE, H. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: USP, 2001.

WIELI, W. V. **La representación de la feminidad en dos novelas históricas españolas: un análisis histórico-literario de la imagen de Beatriz Enríquez de Arana, amante de Cristóbal Colón, en La ruta de las tormentas (2005) de Paula Cifuentes y Colón. A los ojos de Beatriz (2000) de Pedro Piqueras**. Dissertação (Mestrado em Línguas e Literatura: Alemão-Espanhol). Universiteit Gent. Holanda, 2013.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.